



New York Times & USA TODAY Bestselling Author

CANDACE CAMP

Audácia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Audácia

(Impulse)

Candace Camp



Ela ousava amar de verdade...

Angela Stanhope acreditava no amor. Após ser arrancada dos braços de Cameron Monroe, o homem a quem confiara seu coração, ela foi jogada às garras do cruel e impiedoso lorde Dunstan, o escolhido de seu avô para desposá-la. Decidida a fazer valer seus sentimentos e não os desejos insanos do patriarca dos Stanhope, ela o desafiou, mas cedeu a uma artilosa chantagem para proteger seu amado.

Ele estava decidido a duelar com o destino...

Cameron jamais se esqueceu da humilhação que sofreu. Após 15 anos, ele retorna à propriedade dos Stanhope para um ajuste de contas. Afinal, tornou-se um homem rico e poderoso, com recursos ilimitados para destruir a família que o renegou. E ele tem somente uma exigência: que Angela se torne sua esposa.

Mas será que a paixão de Angela e Cameron resistirá a terríveis revelações?

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES

Todos os direitos reservados.

Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: IMPULSE

Copyright © 1997 by

Originalmente publicado em 1997 por Mira

Editoração Eletrônica: DENISE CORDEIRO

Impressão: RR DONNELLEY

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISKBANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Prólogo

1872

Como supunha, ele a esperava com o mesmo fervor impaciente que dela se apossara na última hora, enquanto buscava uma oportunidade de escapar da casa sem ser notada.

Ele virou-se quando ela chegou, o olhar profundo atravessando a sala e a fitando.

- Angela!

Ele era jovem. Acabara de completar 20 anos exibindo o corpo musculoso, esbelto e flexível da juventude. Por ter se metido debaixo da bomba-d'água, o cabelo preto, ainda molhado, puxado para trás, caía até a curva do pescoço, enroscando-se por cima da gola da camisa de tecido áspero. Só de olhá-lo, Angela sentiu o coração contrair-se.

Correram ao encontro um do outro, impelidos por uma ansiedade que só aumentara durante todo o dia, deixando-os quase consumidos pelo desejo. Os braços dele a rodearam, puxando-a com força para si. Pressionou os lábios nos dela. Angela lançou os braços em volta de seu pescoço.

Estreitaram-se, bocas e corpos se encaixando como se fosse possível ficarem ainda mais próximos. Ele afastou o capuz de sua capa, revelando a gloriosa tonalidade cobre de seu cabelo. Estivera preso antes, mas, como de hábito, já conseguira escapar de metade dos grampos. Agora ele completou-lhe o desalinho enfiando as mãos na suavidade do cabelo.

O desejo martelava, arranhava, desesperado, sem jamais terminar; apenas aplacava de vez em quando, transformando-se numa dor calada. Ele afastou a boca e cobriu-lhe o rosto e o pescoço de beijos. As mãos, desajeitadas de tanto desejo, tocaram a fita que prendia a capa. Soltou-a e a capa deslizou pelos ombros, caindo ao chão. Por baixo, ela trajava um vestido de baile de cetim azul-claro, ajustado para afinar a cintura e pressionar os seios que saltavam no decote.

Ele perdeu a respiração diante da visão, a paixão atravessando-o como um relâmpago.

- Meu Deus... - suspirou. - Seus avós a deixaram usar esta roupa em público?

Angela riu, adorando o brilho de seus olhos e o fato de poder despertar-lhe este sentimento.

- Ah, Cam, todo mundo está usando esse tipo de roupa. Era um dos vestidos de Cee-Cee. Ela o usou há dois anos.

- Mas nela não chamava tanta atenção quanto em você - respondeu ele, ardente.

- De qualquer modo, vovó espera que ele inspire o amigo de Jeremy, lorde Dunstan, a me pedir em casamento. Ele é incrivelmente rico, você entende, e vem de uma família conceituada.

O lábio superior de Cam curvou-se num esgar de desprezo.

- Eles não têm pudor em vender você a quem fizer a melhor oferta.

- Os Stanhope precisam de um casamento vantajoso - argumentou de modo lógico. - De todo modo, que diferença faz, já que não tenho intenção de casar com nenhum dos homens para quem me empurram? - Ela prendeu as mãos em suas costas, enfatizando as protuberâncias de seu colo. - Fiquei contente em vesti-lo porque sabia que você me veria. Bem... ele encorajaria você a dar um lance alto?

A boca abriu-se, sensual.

- Claro. Eu daria tudo que tenho para ter você. - Ousadamente, segurou-lhe os seios.

- Você já me deu o que quero. - Ela ergueu os olhos azuis para ele, tão confiante quanto uma criança, mas demonstrando todos os desejos de uma mulher. Amava Cam Monroe havia muito tempo, desde que ele chegara para trabalhar para sua família nas estrebarias, e lhe parecera um milagre quando este verão, ao voltar da Escola para Jovens Damas, da Srta. Mapling, Cam finalmente a

vira como mulher. Fora ainda mais surpreendentemente quando, duas semanas atrás, ele admitira amá-la.

- O conde cortaria minha cabeça por estar com você assim - disse Cam. - E com toda razão. Você não passa de uma criança. Não é correto de minha parte tirar vantagem de você.

Mas, mesmo ao pronunciar as palavras, não conseguia se impedir de curvar-se e depositar um beijo carinhoso na parte superior de cada um dos seios arfantes. Angela fechou os olhos de prazer e colocou as mãos em seus ombros, acariciando os poderosos músculos por baixo da camisa barata.

- Sshhh! - sussurrou impetuosamente. - Não diga estas coisas. Isso *não* é errado! Eu amo você.

Ele deixou escapar um gemido, levantando-a e mergulhando o rosto entre os seios.

- E eu amo você, Angel, oh, Angel. Você é meu anjo de verdade, meu lindo anjo de cabelos vermelhos. Penso em você todo o tempo. Às vezes acho que não vou conseguir passar todo o dia sem você. Eu a quero tanto... Hoje, quando saí cavalgando com aquele insuportável e grosseiro Dunstan, e o vi flertando com você, espiando-a... tive vontade de matá-lo.

Elevou a boca, tocando-lhe a maciez do topo do pescoço e descendo até a base, quando ela voltou a pôr os pés nos chão. Beijou-lhe os lábios, abrindo-lhe a boca, e a língua mergulhou, explorando, acariciando, excitando. Angela tremeu, dominada pelo prazer.

- Angela! - A voz do avô ressoou na estrebaria.

Eles se separaram e voltaram-se. O avô de Angela estava parado dentro do estábulo, acompanhado pelo neto, Jeremy, e por lorde Dunstan, o distinto cavalheiro com quem o avô e a avó insistiam em casá-la.

O conde apressou-se na direção deles, o cabelo branco esvoaçante, o rosto retorcido de fúria.

- Seu insolente maldito! Como ousa colocar as mãos nojentas numa Stanhope?

Ele brandiu a bengala como uma clava, descendo-a com toda a força na cabeça de Cam. Por sorte, Cam era jovem e bastante rápido para se desviar e não ser atingido bem no meio da cabeça, mas não conseguiu evitar ser atingido no lado. A força do golpe foi suficiente para atordoá-lo e cortar-lhe a pele. Tonto, caiu de joelhos, o sangue escorrendo do corte ao lado do olho.

- Vovô! - gritou Angela e se atirou contra o avô quando ele levantou o braço para aplicar outro golpe. - Pare! Não! Não o machuque!

Ao ouvir o alvoroço, Wicker, o chefe dos cavaleiros, chegou descendo as escadas do seu alojamento nos fundos dos estábulos e correu na direção deles, seguido por dois outros cavaleiros.

- Milorde, milorde, o que aconteceu? Qual o problema?

Os homens pararam repentinamente ao presenciar a cena diante de seus olhos. Wicker ficou de boca aberta e um dos rapazes murmurou:

- Não acredito no que estou vendo!

O conde de Bridbury deixou escapar uma torrente de imprecizações. Agarrando o braço de Angela, empurrou-a na direção de Jeremy.

- Leve sua irmã de volta para casa. Eu cuido desse patife. Jeremy apertou com força o braço da irmã, mas ela se debateu, tentando se desvencilhar.

- Não! Não vou! Solte-me! Cam!

Virou-se na direção de Cam, que conseguira se pôr de pé, e encarou o avô desafiante. Ao ouvir seu grito, Cam fez menção de aproximar-se, mas o conde fez um gesto com a bengala e Wicker e os outros cavaleiros o agarraram antes que pudesse alcançar Jeremy e Angela e o arrastaram de volta.

- Pare! - gritou Angela. - Não, não o machuquem! Solte-me!

- Ela contorceu-se e lutou por se libertar, mas Jeremy passou-lhe o braço pela cintura e levantou-a do chão, caminhando em direção à porta. Ela berrou e o irmão tapou-lhe a boca com a mão.

- Pelo amor de Deus, Angie, você quer parar? - exclamou.

- Desse jeito todos na casa sairão para presenciar a cena. Já basta o que aconteceu.

- Angela!

- Atrás deles, Cam empurrou e se debateu, tentando escapar dos captores, mas os três cavaleiros o seguravam com firmeza.

Angela virou a cabeça para olhá-lo mais uma vez. Depois, Dunstan abriu a porta para Jeremy que, vacilante, saiu com ela. Dunstan os seguiu, fechando a porta e impedindo-a de ver Cam. Angela começou a chorar. Jeremy, determinado, carregou-a para a casa, e enquanto andava, gradualmente Angela parou de lutar. Ela percebera ser inútil. Jeremy era mais forte do que ela e não tinha esperança de escapar dele, não com a mão de ferro com que a segurava. E ter lorde Dunstan testemunhando suas vãs tentativas de escapar era humilhante. Ao chegarem à porta que dava para as cozinhas, Jeremy tirou a mão de sua boca e a colocou de pé.

- Vou levá-la para seu quarto - disse. - Vamos subir pela escadaria dos fundos para que ninguém a veja, mas se começar a gritar, vou ter que tapar sua boca novamente. E você não pode escapar. Dunstan, segure o outro braço.

- Não! - Angela afastou-se o mais que pôde do outro homem.

- Não vou tentar escapar ou gritar. Prometo. - Seria muito vergonhoso este estranho segurar-lhe o braço como se fosse uma prisioneira.

- Ótimo. - Jeremy abriu a porta e empurrou-a pela enorme cozinha, sob os olhares dos criados curiosos, e subiram a escadaria dos fundos. - Honestamente, Angela, o que deu em você? Misturando-se nas estrebarias com um dos cavaleiros! Sua reputação ficará arrumada se a notícia se espalhar.

- Não me importo! Amo Cam e vou me casar com ele! Jeremy ficou boquiaberto e Dunstan deixou escapar uma risada.

- Casar com o garoto do estábulo? - repetiu, cáustico. - Ah, essa é engraçada.

- Angela, tenha juízo. Você não poderia se casar com um dos cavaleiros. É absurdo.

- Eu o amo. - A voz a denunciou quando tremeu e prosseguiu: - Você acha que vovô vai machucá-lo? Ele não fez nada de errado.

- Eu diria que seu conceito de certo e errado é bastante estranho, se não acha errado um dos criados levar a filha de 16 anos do dono da casa para os estábulos e fazer amor com ela!

- Ele não fez! - gritou, exaltada. - Quero dizer, nós nunca...

- Bem, pelo menos agradeço a Deus por isso. Mesmo assim, sua reputação ficará manchada se alguém mais souber.

Chegaram a seu quarto e Jeremy abriu a porta e a empurrou para dentro. Pegou a chave da fechadura.

- Sinto muito - disse à irmã, com expressão envergonhada. - Mas não posso deixar você sair e correr de volta aos estábulos.

Angela lançou-se um olhar duro. Não lhe daria a satisfação do perdão. Ele tentou sorrir novamente; depois saiu do quarto e trancou a porta. Angela ouviu a chave girar na fechadura. Virou-se, passando o olhar pelo quarto. Fora sua casa por toda a vida, mas agora parecia uma prisão. Atirou-se na cama e deixou escapar uma torrente de lágrimas.

Duas horas se passaram antes de a chave girar novamente na fechadura. Angela levantou-se e olhou na direção da porta, ajeitando a saia. Passara tanto tempo à espera, atemorizada, sem saber o que aconteceria, que foi com alívio que viu a porta abrir e o avô entrar, fechando-a imediatamente.

Ele estava sozinho, o que representou alívio ainda maior. Esperava que ele trouxesse a avó e talvez a mãe dela, para adicionar lágrimas aos seus argumentos, e temera a possibilidade de ser forçada a brigar com todos eles. Já era ruim o suficiente ter que enfrentá-lo. O rosto do avô estava sombrio e marcado pela preocupação. Olhou-a por um longo momento, deixando-a ver a imensidão de seu desapontamento e decepção. Angela ajeitou as costas e esperou. O pai morreria jovem e o avô passara a ocupar o papel de pai e de avô para ela e Jeremy. Sabia que lhe devia lealdade e amor. A idéia de lhe causar desapontamento e até mesmo dor a

atrormentava, mas estava determinada a ter o homem que amava e sabia que precisava se impor se esperava agarrar a felicidade desejada.

Finalmente, o conde começou:

- Ele foi expulso das terras. Você não vai voltar a ver Cameron Monroe.

O medo a invadiu, deixando-a sem ar.

- O que fez? O senhor o machucou?

- Não. - Ele deu de ombros. - Não mais do que o necessário para obrigá-lo a fazer as malas. Mas disse que se algum dia ele voltar a pisar em minhas terras, darei ordens de atirar, por invasão.

- Vovô! Nunca o perdoaria se o tivesse machucado.

- Pouco me importa se você perdoaria ou não - repetiu, áspero. - Você é quem deveria se preocupar em conquistar meu perdão. Você desgraçou a família. Só pode ser o sangue de sua mãe correndo em suas veias para fazê-la rolar no feno com um empregado dos estábulos.

- Lamento que se sinta dessa maneira - respondeu Angela, orgulhosa.

- Como deveria me sentir? Como *poderia* me sentir? Você nos traiu, jogando em nossa cara tudo que sua avó e eu fizemos por você. É uma garota ingrata, uma infeliz libidinosa!

- Então devo supor que o senhor ficará feliz em se livrar de mim - retorquiu Angela, empertigando-se e lutando contra a dor que as palavras lhe despertavam.

- Não me provoque! - Ele a fitou, estreitando os olhos. - Mas aquele jovem tolo, Dunstan, ainda quer você. Você deve tê-lo enfeitado, embora Deus saiba que ele não parece o tipo de deixar uma garota fazê-lo perder o juízo. Depois do que fez, eu não esperava que você fizesse um casamento decente, quanto mais um bom casamento. Você sabe que eu e lady Margaret desejamos essa união... e isso também salvará sua reputação.

Angela o encarou por um momento, atônita. Finalmente disse:

- O senhor acha... o senhor realmente acha que concordarei em me casar com lorde Dunstan?

- Você vai se casar com ele.

- Não vou. - Ela o enfrentou, o rosto tão implacável quanto o dele. - Eu amo Cam. Não vou ter mais ninguém, quanto mais àquele insensível do Dunstan.

O conde emitiu um som de desprezo e acenou com a mão, como para afastar os sentimentos dela.

- Não me venha com essas baboseiras sentimentais sobre amor. Amor nada tem a ver com casamento, não em nossa classe social. Talvez funcione para fazendeiros, comerciantes ou operários. Mas um Stanhope se casa por interesses familiares.

- São vendidos por dinheiro, o senhor quer dizer - retrucou Angela. - Bem, me recuso. Vou me casar com Cameron.

- Um Stanhope não *se casa* com criados. Não sei que bobagem enfiou em sua cabeça, mas é melhor se livrar dela, e rápido. Você vai se casar com lorde Dunstan.

- Não pode me forçar a me casar com ele, assim como não pode me impedir de me casar com Cam - argumentou Angela. -O senhor pode me trancar, mas prometo que um dia vou dar um jeito de fugir. Cam vai descobrir uma maneira de me tirar daqui. Vamos nos casar e morar nos Estados Unidos, onde ninguém se preocupa com classes sociais. Não há nada que possa fazer para impedir nosso amor.

- Acho que passar a vida toda na prisão pode atrapalhar um pouco - disse o avô, irônico.

O coração de Angela palpitou agitado. Ela fitou o avô.

- O que está dizendo? Cam não vai ser preso.

- Não se você concordar em cumprir seu dever. Ela molhou os lábios, nervosa.

- O senhor quer dizer... quer dizer me casar com Dunstan?

- Sim.

Angela ergueu o queixo, desafiante.

- Não acredito no senhor. Por que mandaria prender Cam se eu não me casar com Dunstan?

O velho enfiou a mão no paletó e retirou um objeto reluzente.

- Você está vendo esta adaga? Aquela da caixa na galeria?

Angela, atônita, acenou afirmativamente. A adaga lhe era bastante familiar. Sempre estava exposta dentro da caixa na longa galeria. Era uma relíquia de família, tão antiga que ninguém tinha certeza de como os Stanhope a haviam adquirido. Tanto a bainha quanto a adaga eram de uma intrincada gravação de ouro em relevo. Jóias enfeitavam o centro da bainha ostentando uma grande esmeralda cravejada no punho.

- Esta peça é muito valiosa - prosseguiu o avô. Angela espiou a adaga como se fosse uma serpente. - Graças às jóias e à antigüidade, seu valor é quase inestimável. Se um criado a roubasse por vingança por ter sido despedido, seria punido severamente, acredito.

- Isso é absurdo. Cam jamais roubaria alguma coisa.

- Estou avisando, jovem: caso não se case com lorde Dunstan, esta adaga desaparecerá. E ficarei feliz em dizer ao xerife aonde procurá-la, já que fui obrigado a expulsar um criado insolente de minhas terras hoje. Quando ele for à casa dos Monroe, encontrará esta adaga entre os pertences de Cameron Monroe. Agora diga-me como seu precioso Cam ficará fora da prisão com esta evidência contra ele. Não seria preciso nenhuma outra prova, mas posso providenciar uma testemunha que o tenha visto pegar o objeto da caixa.

Angela o fitou, horrorizada. Não duvidava que o avô pudesse cumprir sua ameaça. Os Stanhope eram uma família conhecida e poderosa. Talvez a fortuna da família pudesse estar em declínio, mas ainda pertenciam à alta esfera social e as pessoas da região os olhavam com temor e respeito. Tinham uma fortuna em terras, mesmo que nem sempre tivessem dinheiro disponível, e forneciam o sustento de várias famílias das redondezas, seja nas minas de estanho ou na propriedade. Ninguém duvidava da palavra do avô, e

ele não teria dificuldade em encontrar homens bastante leais para mentir a seu favor.

- Se o fizer, irei eu mesma ao xerife e contarei o que o senhor fez e o motivo - disse, tentando controlar o tremor na voz.

- Se quiser trazer desonra a você e à família lançando ao vento seus casos amorosos com cavaliários, então faça isso. Mas nenhum oficial deixará de acreditar na minha palavra para acreditar na de uma garota apaixonada. Dirão que você está inventando coisas, seduzida pelo charme do homem. E ele ainda irá para o cárcere.

- Como pode fazer isto? Como pode ser tão mau? Tão cruel?

- Farei tudo para salvar Stanhope - retorquiu, seco. - Você sabe o estado de nossa fortuna. O castelo de Bridbury precisa desesperadamente de reparos. Também precisamos investir dinheiro nas terras. E as minas de estanho simplesmente não produzem como antes. Tanto você quanto Jeremy terão de fazer bons casamentos. Dunstan é perfeito. Tem dinheiro e poder e pertence a uma excelente família. E sua reputação será salva. Ele é o único estranho que sabe o que aconteceu hoje, e se você o desposar, ele não terá motivos para revelar nada, assim como nós.

- Não posso - gemeu. - O senhor não pode fazer isso comigo. Não posso abrir mão de Cam, eu o amo.

- Se o ama - disse o conde em tom grosseiro -, então *vai* abrir mão dele. Porque é a única maneira de salvá-lo. Se não se casar com Dunstan, seu Cam morrerá na prisão.

- Não... -As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. - Por favor, por favor, não o mande para a prisão.

- Case-se com Dunstan.

- Está bem - gritou, o corpo agitado pelos soluços. - Está bem. Eu me casarei com lorde Dunstan!

Capítulo Um

1885

Uma carruagem em passo ágil surgiu na curva abaixo. Angela, olhando do alto da rocha, cobriu os olhos com a mão para ver melhor. Era uma carruagem grande, negra e confortável, muito parecida com a do irmão. Entretanto, Jeremy e Rosemary ainda deviam, com certeza, estar em Londres. Era o ponto alto da estação e Jeremy raramente se recolhia ao campo, em Bridbury, especialmente durante essa época.

Apesar disso, Angela teve a impressão de vislumbrar uma mancha dourada na lateral, que vista àquela distância podia muito bem ser o brasão da família. De qualquer modo, dirigia-se ao castelo. O que mais havia nesta estrada além de Bridbury? E quem mais viria numa carruagem a não ser o irmão? A não ser, é claro, pensou com um suspiro, que fosse alguém como a tia-avó Hepzibah, para passar algumas semanas com a irmã. Tendo suportado a visita da irmã da avó há apenas dois meses, Angela duvidava ser capaz de suportar outra temporada.

Recolheu os lápis de desenho e o bloco e desceu da rocha, assoviando para os cachorros. Sócrates, que perambulava procurando alguma travessura, voltou correndo, as orelhas esvoaçando comicamente. Pearl, dormindo a sono solto numa rocha ao sol, simplesmente abriu um dos olhos, sem vontade de fazer o menor esforço até ver que sua dona estava indo para algum lugar.

- Venha logo, seu cachorro preguiçoso - Angela disse ao seu pequeno spaniel. - Hora de ir para casa. Por que você não é como Trey? Está vendo? Ele já se levantou e está pronto para partir.

Trey balançou o rabo, orgulhoso com o elogio, e ela se inclinou acariciando-o e depois cocando atrás das orelhas de Pearl. Nesse momento, Sócrates tocou-lhe a mão com a pata e enfiou a cabeça debaixo de seu braço para ser incluído no carinho.

- Sócrates, seu cachorro bobo - resmungou afetuosamente. - Se existe um cachorro menos merecedor de um nome...

Ele respondeu dando-lhe uma lambida na bochecha antes que ela pudesse se afastar.

- Vamos - disse levantando-se e pegando o bloco e a caixa de lápis. - Vamos ver quem é nosso convidado.

Começaram a descer a colina por um atalho. Como a estrada era sinuosa, sabia que chegaria logo depois da carruagem. Sócrates encabeçava o cortejo, o rabo peludo balançando, correndo na frente para voltar a cada poucos segundos e fazer contato com eles. Angela continuou em passo lento por causa de Trey. Embora ele andasse direito com apenas três patas, não podia manter o passo rápido. Pearl, no seu habitual estilo companheiro, permaneceu do outro lado de Angela, distraído-se de vez em quando com algum cheiro diferente.

Ao chegarem a Bridbury, Angela constatou ser realmente a carruagem de Jeremy estacionada na porta da frente. Os criados ainda descarregavam baús da parte superior. Ela correu escadas acima e atravessou a porta da frente.

- Jeremy?

Dirigiu-se à escadaria principal e parou quando um cachorro velho amarelo, o pêlo já mesclado de branco, aproximou-se para cumprimentá-la.

- Oi, meu velho amigo - disse, ajoelhando-se para afagá-lo. - Lamento termos saído sem você hoje. É que a estrada era muito longa e árdua para você.

A expressão dos olhos velhos era sábia e digna. Angela passou o braço ao redor de seu pescoço e deu-lhe um abraço. Wellington era seu cachorro mais velho; tinha quase 15 anos e, para ser sincera, ainda ocupava o lugar de favorito em seu coração. Sempre lhe doía deixá-lo para trás. Entretanto, era também muito doloroso vê-lo tentar acompanhá-los, sempre ficando para trás e sem conseguir acompanhá-los se apressavam o passo.

Neste momento, um gato laranja esgueirou-se graciosamente pelo corrimão das escadas, pulou no ombro de Angela e se enrascou com familiaridade em torno do seu pescoço. Angela subiu as escadas, o grupo de animais seguindo-a, e

percorreu o corredor até a sala de estar preferida da avó. Ao longo do caminho, outro gato juntou-se ao grupo, este um persa gordo cinzento com uma cara tão achatada que Jeremy caçoava dizendo que ele parecia ter batido com o focinho na porta.

As duas ladies Bridbury, sua mãe e sua avó, encontravam-se na sala de estar: a mãe semi-inclinada num sofá e a avó sentada ereta perto da lareira. A mais idosa deixou escapar um deselegante muxoxo diante da visão de Angela rodeada pelos animais.

- Honestamente, Angela, as pessoas vão começar a dizer que você é esquisita se persistir em andar por aí com esse jardim zoológico. - Ela ajustou o monóculo e olhou para Trey. - Principalmente quando alguns deles são tão... diferentes.

- Não; simplesmente dirão que eles combinam perfeitamente comigo. Todo mundo já acha que sou esquisita, a senhora sabe. - Atravessou a sala e deu-lhe um beijo na bochecha como cumprimento e depois se virou para a mãe. - Oi, mamãe. Como está se sentindo esta tarde?

- Nada bem - respondeu a mãe numa voz apagada. - Mas, afinal, já me acostumei. As pessoas aprendem a aceitar.

- Eu diria que *voce* devia estar acostumada. - Margaret, a avó de Angela, comentou: - Você nunca está bem.

Laura, a mais jovem lady Bridbury, assumiu um ar de mártir, sua usual expressão quando perto da sogra, e disse, orgulhosa:

- Sim. Não gozo de boa saúde. Mas, afinal, sempre foi assim com os Babbage.

- Bando de fracos - pronunciou Margaret com desprezo. - Graças a Deus os Stanhope não sofrem desta fraqueza. *Eu* só tive um resfriado o inverno inteiro.

Laura lançou à sogra um olhar de piedade. Conhecia a condessa há quase 35 anos e ainda era incapaz de compreender por que a mulher se orgulhava tanto de sua condição robusta. Em sua opinião, uma mulher devia sofrer de alguma coisa a maior parte do tempo, caso contrário jamais receberia suficiente atenção dos membros masculinos da família.

Entretanto, Laura sabia ser inútil tentar fazer lady Bridbury compreender outro ponto de vista além do seu, então se voltou para a filha.

- Você estava caminhando, querida? Devia se agasalhar. Pode pegar um resinado. Sei que estamos em abril, mas o vento, você sabe, pode ser tão perigoso... Deveria usar um cachecol.

A avó revirou os olhos, mas Angela simplesmente sorriu para a mãe e respondeu:

- Sem dúvida. A senhora tem razão, mamãe.

Beijou-a no rosto também e cumprimentou a Srta. Monkbury, a apagada acompanhante da avó, sentada perto da lareira, tricotando. A Srta. Monkbury respondeu com uma estranha inclinação de cabeça e continuou a tricotar. Angela sentou-se entre a mãe e a avó.

- Jeremy veio para casa? Vi a carruagem lá fora.

- Sim. E trouxe um jovem definitivamente peculiar com ele

- respondeu Margaret. - Um americano.

- Um americano? Nem tinha conhecimento de que Jeremy conhecia alguém na América.

- Normalmente ninguém conhece - concordou Laura.

- Este é um dos motivos de ser estranha a chegada dele. Jeremy disse ser um tal de Sr. Pettigrew. Jason Pettigrew. Pergunto a vocês, que tipo de nome é este? Soa como um plebeu, mas, afinal, suponho que todos os americanos sejam, não é? Parece um administrador, mas, quando comentei, Jeremy negou. - O franzir de testa parecia indicar que ela suspeitava que ele mentira.

- Eu o achei bastante encabulado - mencionou Laura. Era raro que sua opinião sob qualquer assunto coincidissem com a da sogra, embora nunca discordasse diretamente. - E, claro, ele fala daquele jeito americano, mas, fora isso, parecia um cavalheiro.

- Sim, mas o que está fazendo aqui? Esta é a questão, Laura - comentou Margaret, impaciente. - Não se ele é educado.

- Mas o que Jeremy também está fazendo aqui? - perguntou Angela. Ela, é claro, vivia em Bridbury o ano todo já fazia quatro anos, desde o divórcio e o conseqüente escândalo. Mas Jeremy e a esposa passavam a maior parte do tempo em Londres.

- Foi o que perguntei - garantiu Margaret. - Mas ele não me respondeu. Disse que precisava falar primeiro com você. - Parecia insultada.

- Comigo? - Angela ficou surpresa. Amava o irmão e lhe devia muito pelo que fizera por ela nos últimos anos. Tinham um relacionamento amigável. Mas não podia imaginar nada que ele quisesse discutir com ela antes de fazê-lo com a avó. Angela tinha consciência de que sua posição na família era a de menor importância, exceção feita talvez à da Srta. Monkbury.

- Sim. Aparentemente esse Sr. Pettigrew vai participar da discussão também. Ele e Jeremy retiraram-se para a biblioteca. Nunca fiquei tão surpresa. Entretanto, acredito que a geração atual é, com freqüência, deselegante. - Suspirou.

Angela a fitou.

- Sr. Pettigrew? Mas por quê?

- Acabei de dizer. Não faço a menor idéia - respondeu a avó, ácida. - *Eu* não fui informada de nada por seu irmão. Melhor ir até a biblioteca e perguntar você mesma. Entretanto, por favor, suba até seu quarto e vista algo mais apresentável primeiro.

- Sim, vovó, claro. - Era inútil argumentar que se Jeremy esperava por ela, sua avó deveria ter lhe dito antes. Levantou-se, dizendo: - Se me derem licença, vovó, mamãe.

- Claro, minha querida criança - respondeu a mãe, cheirando o lenço com perfume de lavanda, obviamente sofrendo outro de seus ataques de fraqueza. A avó acenou peremptória para Angela.

- Angela! - chamou Margaret, quando ela alcançou a porta. - Pelo amor de Deus, deixe esses animais para trás. Não pode se encontrar com essa pessoa americana parecendo um guarda de zoológico.

- Sim, vovó. Talvez deva deixar os cachorros aqui.

A avó ergueu uma única sobrancelha diante do atrevimento e acenou para que saísse da sala.

Angela atravessou a longa galeria que se estendia diante da casa e entrou na ala oeste, onde ficavam os quartos. Encontrou sua empregada, Kate, esperando por ela no quarto. Kate já estendera na cama um dos melhores vestidos de Angela, de veludo verde-escuro, e um par de calçados combinando aos pés da cama.

Angela não se surpreendeu com o fato de sua empregada particular estar ciente de que ela deveria reunir-se ao irmão e ao convidado. Na verdade, não ficaria surpresa se Kate soubesse o motivo de Jeremy ter ido a Bridbury. Não havia nada tão ligeiro ou tão eficiente quanto os boatos dos criados.

Kate, uma mulher da mesma idade de Angela, de olhos castanhos risonhos, fartos cabelos castanhos e de corpo cheio, saltou da cadeira quando Angela entrou e correu para ela, estalando a língua em sinal de reprovação.

- Onde esteve? Parece que metade do campo está colado em sua saia. Esteve fora pintando de novo, hein?

- Sim. Preciso confessar que estava. - Angela olhou para a saia, um pouco surpresa de descobrir que vários carrapichos e alguns gravetos, bem como poeira e pedaços de grama seca estavam pendurados na barra do vestido. - Esperava encontrar algumas flores já desabrochadas, mas só encontrei líquens nas rochas.

- Bem, se não são flores, são passarinhos ou algum tipo de arbusto, ou sei lá o quê. - Kate sacudiu a cabeça. - Milady, vou lhe dizer a verdade. Não posso imaginar o que a senhora vê nessas florzinhas, crescendo entre as fendas e que parecem mais mato do que qualquer outra coisa.

- Elas me intrigam... tão secretas e escondidas. É como encontrar um prêmio quando se vislumbra algo único. E são adoráveis. Simples e delicadas. Além do mais, assim tenho algo para fazer.

- Bem, vender seus desenhos para jornais e revistas faz sentido, para ganhar algum dinheirinho.

- Sim. - Angela adorava flores, arbustos e pássaros tanto quanto gostava de desenhar a lápis ou aquarela, mas era bom conseguir vender alguns desenhos vez por outra para periódicos e livros. Assim ganhava um dinheiro para os alfinetes, o que a poupava de depender de Jeremy para absolutamente tudo. Ela perdera sua herança, é claro, ao deixar Dunstan; o dote que levara para o casamento permanecera com ele. Ela não se arrependia da perda; nunca se arrependeria. Mas era duro ter de viver da gentileza de outrem, mesmo do irmão.

Kate desabotoara a fileira de minúsculos botões nas costas do vestido de Angela e a ajudava a tirar a roupa enquanto falava.

Agora entregou o vestido verde para Angela, ainda tagarelando satisfeita. Kate sempre se permitia mais liberdades do que a típica empregada. Começara a trabalhar como criada particular de Angela quando ambas eram adolescentes e desde o início as duas sempre foram próximas. Kate acompanhara Angela quando ela se casou com lorde Dunstan há alguns anos e o laço entre elas foi forjado em aço durante a dura prova daqueles anos. Fora Kate quem ajudara Angela a reunir coragem para deixar Dunstan e depois a acompanhara quando ela fugiu de casa no meio da noite. Por sua corajosa lealdade, Angela gostava de Kate quase como se fosse uma irmã. Desde o divórcio, suas outras amigas, mesmo as íntimas como sua prima Cee-Cee, haviam se afastado. Kate era agora a única confidente de Angela, sua mais preciosa amiga, e só a insistência de Kate a fazia continuar a servir Kate como criada particular. Angela tinha pedido a ela que permanecesse em Bridbury como sua acompanhante. Kate declinara da oferta.

- Uma dama de companhia? Não, isso é só para mulheres oriundas de boa família. Além do mais, não poderia me satisfazer com isso, poderia? Preciso de algo para fazer e não ficar bordando. Também gosto de ganhar meu próprio dinheiro e de não viver graças à caridade de alguém. E como escravidão, eu acho, como se vender, apenas para se gabar de ser refinada. Mas não sou refinada, nunca serei. Melhor suar e ter minha independência.

- Você viu o ianque que chegou com Sua Graça? - Kate perguntou agora, ajoelhando-se e começando a amarrar os sapatos de Angela.

- Não, não vi. E você?

- Ah, vi. Eu trouxe algumas das malas dele. Só para ver como ele era, a senhora sabe, e talvez ter uma idéia de quem ele era. Ela riu. - Quando as levei para o quarto dele, ele já estava lá, e tinha tirado a camisa. Pareceu um bocado surpreso ao me ver. Bati e ele me mandou entrar, mas acho que estava esperando um dos lacaios. Ned e Samuel estavam carregando os baús. Ele ficou de boca aberta e vermelho. Depois começou a colocar a camisa as pressas. Ele a deixara cair no chão e precisou pegá-la, e enfiou o braço na manga errada e não conseguia vestir-se. Continuou tentando e se contorcendo, aquele braço pendurado esvoaçando como um pássaro doido. Quase caí na risada. Acho que pude dar; uma olhada melhor do que esperava nele. Angela não pôde evitar o sorriso.

- Pobre homem. Aposto que você não fez nada para deixá-lo à vontade.

- Claro que fiz. Fiz uma reverência e perguntei se gostaria que eu desfizesse as malas, tentando agir como se não houvesse nada errado. Mas ele continuou pedindo desculpas *para mim*. -Ela sacudiu a cabeça, divertida.

- Bem, ele é americano. Talvez não esteja acostumado com castelos, criados e coisas afins.

- Acho que ele não está acostumado com garotas - retrucou Kate. - Ele assumiu um ar sério e ficou tão ereto que poderia quebrar caso tentasse se curvar. E veste-se simplesmente. Não estava malvestido, apenas... tão sisudo. Todas as outras garotas o acharam bonito demais. Eu só o achei comum, mas tem gente que gosta desse tipo que passa a vida fechado. Prefiro homens com alguma carne e músculos. - Ela sorriu. - Para ter algo para apertar, a senhora sabe.

Angela balançou a cabeça, simulando desespero. Kate era uma namoradeira inveterada e Angela tinha certeza de que ela devia ter deixado mais de um pobre coração masculino apaixonado.

Mas ? ela gostava de falar como se fosse mais assanhada do que era para entretê-la, deduziu Angela.

- Você descobriu o motivo de ele estar aqui? - perguntou quando Kate acabou de amarrar os sapatos e levantou-se para dar uma olhada crítica no efeito geral.

- Não. Como o criado de Sua Graça não abriu a boca, também não deve saber. Só sei que Ned deu uma espiada numa das malas e encontrou um monte de papéis com aparência importante dentro.

- Um administrador, talvez. Ou um homem de negócios. Eu me pergunto o que isso tem a ver com Jeremy – murmurou Angela.
- E mais ainda, o que isso pode ter a ver comigo? Bem, suponho que o único modo de descobrir é ir até lá.

Mas Kate não a deixaria sair até ter-lhe arrumado o cabelo um pouco, prendendo as mechas soltas durante a caminhada.

- Pronto, agora a senhora está linda.

Angela mal olhou sua imagem no espelho. Fazia muitos anos que não se preocupava com a aparência. Tudo que lhe importava era ter a aparência limpa e comum. A última era uma tarefa difícil para uma mulher com os cabelos da cor de cobre queimado, descobrira, mas ao longo dos anos encontrara uma forma de passar despercebida. Usava cores mortas, roupas simples e o cabelo sempre preso num simples coque baixo. Nunca usava jóias, à exceção de um camafeu no pescoço. Mesmo as mãos não tinham ornamentos, as unhas eram cortadas curtas e não usava anéis.

Caminhou até a biblioteca e bateu de leve na porta. Jeremy respondeu, convidando-a a entrar. Quando o fez, Jeremy pôs-se de pé, assim como o homem sentado na poltrona à sua frente. Angela lançou um olhar rápido e curioso para o homem, notando que ele era, como Kate dissera, não feio, mas talvez um pouco rígido.

- Angela! - Jeremy sorriu e se aproximou para dar-lhe um leve beijo no rosto. - Você parece estar com boa saúde.

- E você também. Esta é uma agradável surpresa.

- Não tão agradável para vovó, acredito. - Jeremy sorriu. - Pensei que ela ia me comer vivo por ter chegado sem avisar.

- Rosemary veio com você? - perguntou quando o irmão a conduziu até as poltronas.

- Não. Não podia esperar que Rosemary deixasse Londres durante a estação. - Ele parou diante do convidado. - Angela, gostaria de apresentá-la ao Sr. Pettigrew.

O homem em questão acenou austeramente e trocaram cumprimentos. Quase imediatamente Pettigrew pediu desculpas dizendo ter certeza de que o conde gostaria de conversar sozinho com a irmã. Angela esperou educadamente até o jovem deixar a sala e voltou-se a seguir para o irmão, erguendo as sobancelhas.

- Jeremy... o que está acontecendo? O que está fazendo aqui no meio da estação? E quem é esse jovem?

- Um americano. Assistente de outro americano cujo nome não sei - acrescentou sombrio.

- Mas o que isso tem a ver comigo? Vovó disse que você queria me ver.

- Tem muito a ver com você. Bem, com todos nós, mas é você quem... - Parou e suspirou. - Desculpe. Estou embaralhando tudo. Tenho andado em tal estado recentemente... É incrível que eu possa fazer algum sentido. Aqui, sente-se e começarei tudo de novo.

Eles se sentaram nas poltronas de couro, um diante do outro, e Jeremy, respirando fundo, deu início à história:

- Começou... ah, não tenho certeza! Acho que um ano ou dois atrás. Alguém comprou parte das minhas ações nas minas de estanho. Precisávamos consertar a casa na cidade e de algum modo Rosemary e eu parecíamos ter uma quantidade absurda de gastos, e também, de qualquer modo, vendi boa parte das ações. Diria cerca de dez por cento da mina. Depois, no último ano, vendi outro lote das ações da mina, não tanto dessa vez. Na ocasião, Niblett chamou minha atenção para o fato de que alguém tinha comprado outras ações da mina. Você sabe, tia Constance era dona de uma parte e depois houve uma partilha entre seus filhos quando ela morreu, e todos venderam suas ações. Houve várias vendas como essa. Achei estranho Niblett não querer que eu vendesse mais, porém não vi

nenhum mal nisso. Não era a mesma pessoa para quem eu vendera o primeiro lote, ou assim eu acreditava, e nossos primos tinham vendido para outras empresas e pessoas. Então, vendi outro lote, quase dez por cento de novo. Bem, há três ou quatro semanas Niblett recebeu uma carta. Uma empresa nos Estados Unidos alegava ser proprietária da maioria da mina. Acabamos descobrindo que Wainbridge... amigo de vovô, você se lembra dele, não é?... vendera a essa empresa sua cota de quinze por cento. E a Tremont... este é o nome da empresa americana... era dona também de cada uma das ações vendidas ao longo dos anos, incluindo as duas vezes que vendi.

Angela o fitou por um momento, assimilando a informação. Finalmente, disse:

- Você quer dizer que essa empresa americana na verdade controla nossa mina?

Jeremy assentiu, parecendo infeliz.

- Lamento, Angela. Não sei o que aconteceu. Até mesmo Niblett ficou surpreso. Ele sabia que havia alguma movimentação, mas não que tudo estava sendo comprado pela mesma empresa.

- E isso é tão ruim? Quero dizer, compreendo que você esteja ganhando menos dinheiro do que antes, mas isso teria acontecido mesmo que pessoas diferentes tivessem comprado de você.

- Sim, mas Tremont agora controla as decisões. E eu não. A empresa pode fazer o que bem entender com a mina.

- Entendo. Então, se eles tomarem decisões erradas, você será afetado.

- Todos seremos afetados.

Angela tinha consciência de que isso era verdade. Era completamente dependente do irmão, e também sua mãe e sua avó. Toda a fortuna pertencente aos Stanhope passara para Jeremy.

- Claro. Mas é tão grave? Não podemos presumir que eles tomarão decisões erradas, podemos?

- De acordo com a carta, eles pretendem fechar a mina. Angela ficou boquiaberta.

- O quê? Você não pode estar falando sério! Ele acenou vigorosamente.

- Estou. Também a princípio não pude acreditar. Mas esta semana o Sr. Pettigrew apareceu em Londres. Tenho tido reuniões com ele, Niblett e meu administrador. Não podia ser pior. E... Ah, céus, Angela, este americano praticamente é dono de mim!

- O Sr. Pettigrew? - A voz de Angela aumentou de tom com descrença. - Mas ele parece tão doce...

- Não, ele não. Embora não seja tão doce quando você discute negócios com ele. Mas estou falando sobre a empresa que comprou a mina. É de propriedade de um americano. Não sei quem. Não encontrei o homem. O Sr. Pettigrew é apenas seu representante, e se recusa a dizer quem é o dono.

- Mas, Jeremy, isso não faz o menor sentido. Por que alguém compraria uma mina apenas para fechá-la?

- Não sei! Foi isso o que argumentei. Pettigrew disse que a mina simplesmente não estava produzindo o suficiente. Ele me mostrou todos os dados demonstrando como a produção diminuía ao longo dos últimos anos. E claro que sim. Foi precisamente este o motivo de todo mundo estar interessado em vender para a Tremont. Ele continuou a falar e a falar sobre como nós tiramos tudo da mina sem investir nada. Falou sobre todos os melhoramentos que precisaram ser feitos para tornar a mina novamente lucrativa, embora não tivéssemos usado o lucro para isso. Simplesmente pegamos os lucros e gastamos. Você não pode imaginar como foi humilhante ter que ficar sentado e ouvi-lo declarar como fui tolo, tudo naquele jeito quieto e delicado. É claro, Niblett tinha me dito a mesma coisa várias vezes, mas nunca segui seus conselhos. Você me conhece. Nunca tive cabeça para negócios. Presumi que Niblett estava apenas reclamando. Além disso, estávamos sempre desesperados por dinheiro. Você sabe como tem sido conosco. O dinheiro de Rosemary não foi suficiente para nos

salvar, e depois... - Ele parou, ficando ruborizado. - Bem, isto é, você sabe, nós simplesmente não tínhamos dinheiro.

- Eu sei. - Angela baixou o olhar para as mãos no colo. Ela sabia o que ele estava pensando, mas evitara dizer. Angela era a razão de eles não terem dinheiro. Quando deixou Dunstan, ele deixara de ajudar os Stanhope, e, assim sendo, arruinara sua família. Era crédito de Jeremy nunca ter lhe criticado. Ele nunca nem mesmo tentara convencê-la a voltar para Dunstan.

- De qualquer modo, Pettigrew disse que eles tinham considerado fazer alguns melhoramentos, investindo na mina para obter lucros. Mas concluíram que não tinham bastante *contatos*, foi a palavra usada, para fazer tamanho investimento.

- O que ele quis dizer?

- Não sei. Perguntei, mas ele não respondeu. Em vez disso, tirou um monte de papéis, notas e escrituras. Ele tinha a escritura deste pedaço de terra vendido por vovô para Mayfield antes de morrer, bem como do chalé de caça que vendi há dois anos. Eu vendi para um inglês, mas aparentemente ele era apenas um procurador comprando o chalé para outra pessoa, um americano. No ano passado, Mayfield também vendeu seu terreno para o mesmo homem.

- O mesmo que é dono da mina? Mas, Jeremy, quem é esse homem? Por que está comprando tantas de nossas propriedades?

- Aparentemente, está obcecado pela nobreza inglesa. É a única alternativa que me vem à cabeça. É tudo tão bizarro! Ele deve ser excessivamente rico e suponho que esteja tentando... *comprar* sua entrada na sociedade. Não tenho certeza de seus motivos. Pettigrew não quer explicar, de fato. É bastante educado, mas não se consegue tirar nada dele que não queira dizer. Acredite, tentei durante todo o percurso de Londres até aqui. Mas ele simplesmente começava a falar da paisagem ou fazer perguntas sobre a propriedade.

- Mas por que esse homem escolheu comprar as suas coisas? E como fechar a mina e comprar propriedades na Inglaterra pode fazê-lo ser aceito na sociedade?

- Só posso imaginar que os Stanhope devem ter sido uma escolha óbvia: possuímos títulos e necessitamos desesperadamente de dinheiro. Além disso, não mencionei a principal exigência.

Ele parou e espiou a irmã um pouco desconfortável. Angela o fitou.

- E qual é?

- Uma mulher em idade de casar na família.

Angela congelou, fitando o irmão, muda. Sentia como se todo o ar tivesse ficado preso nos pulmões.

Quando nada disse, Jeremy prosseguiu, apressado:

- Aparentemente, este é o plano. Ele quer casar com alguém da nobreza inglesa. Presumo que deva se dar conta de que não importa quanta terra possa comprar ou quanto dinheiro possa ter, jamais seria aceito. Então, quer se casar com a filha ou com a irmã de um conde ou de um visconde ou... - Ele se interrompeu, soando infeliz, lançando um olhar para o rosto abatido de Angela.

- Sinto muito, Angie. Você não sabe o quanto lamento que ele tenha escolhido entrar em nossa família.

- Ah, ele escolheu bem, não há dúvida - disse Angela, amarga. - Uma família com uma filha tão desonrada que não podiam esperar por um melhor casamento para ela. Uma filha que estariam felizes em sacrificar por algum dinheiro.

Ela ergueu-se de supetão e começou a andar de um lado para o outro, agitada, as mãos largadas ao lado do corpo.

- Não vou fazer isso, Jeremy. Não pode me pedir isso. Nosso avô já me sacrificou uma vez por dinheiro para a família. Você não pode me pedir para fazê-lo uma segunda vez!

Jeremy se levantou e aproximou-se dela, fazendo menção de tocar-lhe os ombros. Ela afastou-se e ele suspirou.

- Eu gostaria que houvesse outra maneira, Angela. Falei com Pettigrew até a exaustão. Implorei, discuti e argumentei o quanto era injusto. Ele pediu desculpas, ficou ruborizado e parecia

sinceramente infeliz, mas não desistiu. Não é ele quem toma as decisões. Está apenas representando outra pessoa.

- Por que você devia pedir, implorar e argumentar? - Angela voltou-se para encará-lo, os olhos faiscando de raiva e com um resquício de medo. - Simplesmente porque ele é dono de uma terra que já foi nossa não significa que possa nos obrigar a nos submeter a seus desejos. Eles vão fechar a mina, de um jeito ou de outro. Ah, espere. Claro, entendo. Por isso ele falou sobre o fechamento da mina. Vai fechá-la caso eu não me case com ele. É isso?

Jeremy acenou afirmativamente, incapaz de encarar Angela.

- E se você se casar com ele, fará as melhorias para que a mina dê lucro.

- Ah, entendo. - A voz de Angela era amarga. - Está com a faca e o queijo na mão. Então, se eu não concordar em me casar com esse... esse *tirano*, a família não apenas deixa de receber o dinheiro que recebemos agora, mas perdemos o valor adicional a que teríamos direito. Bem, ele certamente se empenhou em me colocar numa posição insustentável.

Jeremy gemeu, virando-se e enfiando as mãos nos cabelos.

- Isso não é o pior. Ele comprou minhas notas promissórias também.

- Que notas?

- Praticamente todas por mim assinadas. Notas promissórias pessoais, todas as hipotecas da propriedade... praticamente cada centavo que pedi emprestado nos últimos dez anos. Devo tudo a ele agora! Se ele decidir cobrá-las, estarei arruinado. Não teria como pagar. Ele pode ficar com metade de nossa terra. Meu Deus, Angela, não sei o que fazer!

- Jeremy! - Angela o fitou, abalada. - Que tipo de homem faria isso? Arbitrariamente escolher uma família, pessoas que nunca encontrou, num país totalmente diferente, e infligir-lhes tamanho dano? Dobrá-los a seu desejo por todos os meios, por bem ou por mal?

- De todas as pessoas, você devia saber que existem homens assim - explodiu Jeremy.

- Minha Nossa Senhora, você tem razão. -Angela passou a mão, subitamente trêmula, no rosto. - Sem dúvida, Dunstan teria feito o mesmo se não pertencesse à sociedade.

- Não. Eu não deveria ter dito isso. - Jeremy virou-se para encará-la. - Esse homem não é necessariamente como Dunstan.

- Alguém que brande uma clava desse jeito sobre sua cabeça? Alguém tão cruel? Tão sem sentimentos? O que mais poderia ser?

- Não significa que ele seria o mesmo tipo de marido. Que ele iria... iria...

- Me bater? - Angela completou quando Jeremy não pôde pronunciar a palavra. - Tornar minha vida insuportável? Claro que sim. Você acha que um homem desses iria tolerar a discordância da esposa? Ou refrear-se de descontar em mim sua raiva? Jeremy... - Angela sentiu o pânico crescer. - Quando busquei sua ajuda, você prometeu que eu nunca mais teria que me casar. Você prometeu!

- Meu Deus. Por favor, Angela, não vou forçá-la. Não poderia forçá-la, de qualquer maneira.

- Eu dependo de você.

- Você acha que eu a abandonaria, caso se recusasse a se casar com ele? É esse tipo de homem que você acha que sou?

- Não. - Angela suspirou. - Acho você um homem muito bom. Gentil.

Era esta constatação que a fazia odiar ser forçada a recusar. Jeremy tinha sido gentil e leal. Quando fugiu de Dunstan, ele a recebera e lhe dera apoio e proteção. Tinha certeza de que Dunstan pressionara Jeremy, mas ele não cedera. Não a abandonara. Havia ficado a seu lado durante a horrenda sordidez do divórcio, enfrentando rumores e boatos nocivos, os detestáveis e malditos testemunhos. Ele também atravessara um calvário durante o período sofrendo o desprezo de alguns de seus pares e os comentários da maioria deles. Ainda assim, ele a apoiara, tanto emocional quanto financeiramente. Ainda o fazia. Ela vivia na casa dele, na terra dele, comia na sua mesa. Ele mesmo lhe trazia novidades e fofocas de Londres periodicamente, para animar-lhe os

dias. Ele lhe permitira curar-se e nunca pedira nada em troca. Na verdade, ela não sabia como poderia pagá-lo... até o momento.

Se ela se casasse com aquele homem, um bastardo repulsivo, coercivo, então retribuiria plenamente tudo que Jeremy fizera por ela. Ele lhe salvara a vida, apesar da perda de dinheiro e da vergonha enfrentadas. Agora, ela lhe daria o dinheiro que ele necessitava tão desesperadamente e salvaria seu nome do estigma da falência. O preço? O resto de sua vida.

- Não posso. Ah, Jeremy não posso - gemeu, odiando-se pela covardia.

- Não vou lhe pedir que se case com ele. Quero apenas que considere. Por favor, não pode fazer isso? Não poderia encontrá-lo e ver com os próprios olhos como ele é? Você não sabe se ele é um homem como Dunstan. Nem todos os homens são assim, mesmo um tão brutal. Ele tem interesse num acordo de negócios. Talvez seja o suficiente para satisfazê-lo. Pode ficar muito contente em estar ligado aos Stanhope e não pedir nada além. Talvez vocês possam viver em casas separadas. Você poderia continuar aqui, por exemplo, e ele poderia viver em Londres - ou até mesmo voltar para os Estados Unidos.

Angela retorcia as mãos. Sentia-se dilacerada. Como poderia recusar algo a Jeremy depois de tudo que fizera por ela? Por outro lado, a simples idéia de voltar a se casar lhe causava arrepios.

- Lamento - disse em voz baixa. - Eu quero ajudá-lo. Honestamente. Mas estou tão assustada... Sei que você me julga uma covarde. Sem dúvida, sou. Mas, Jeremy, não há outra alternativa?

- Não conheço nenhuma - respondeu de modo perturbador. - Você acha que eu a procuraria com esta proposta se houvesse outra alternativa? Tenho consciência do que estou pedindo, de como estou sendo egoísta.

- Não diga isso. Você não é egoísta. *Eu* é que sou... recusando-me a ajudar você, depois de tudo que fez por mim. Sei que sou a única razão de você estar em tamanho apuro. Se não tivesse deixado Dunstan...

Ele balançou a cabeça.

- Não. Não se culpe. Gerações de Stanhope contribuíram para esta trapalhada em que nos encontramos... e eu sou um deles. Não investi dinheiro algum nas minas ou nas propriedades. Não agi com a moderação apropriada. Não; fiz exatamente o que queria e gastei quando bem entendia. Fui tolo ao extremo. Agora simplesmente terei que pagar o preço.

A resignação do irmão dilacerou o coração de Angela. Ela o amava profundamente e lhe devia muito. Por que o que lhe pedia precisava exigir tanto sacrifício? Ela não podia, simplesmente não podia, voltar a se casar.

Angela passou o resto do dia no quarto, perdida em pensamentos, mas não conseguia encontrar uma solução que não representasse um sacrifício para ela ou para Jeremy. Pensou no homem desconhecido forçando sua decisão sobre ela e o odiou com todas as forças.

Esperava que a mãe e a avó a visitassem, que a avó fizesse um discurso comprido até convencê-la a aceitar o casamento, e que a mãe suspirasse, se lamentasse e gemesse. Entretanto, nenhuma delas apareceu em seu quarto, o que só podia significar, pensou Angela, que Jeremy não lhes revelara o dilema. Sua gentileza em não contar com o apoio delas para convencê-la a mudar de idéia só fez Angela se sentir mais mesquinha e mais egoísta por não lhe prestar ajuda.

Na manhã seguinte, Jeremy foi a seu quarto, parecendo nervoso. Fechou a porta e começou a falar, depois parou, pigarreou e recomeçou.

- Ah, o Sr. Pettigrew mandou um telegrama para Londres a noite passada. É, bem, parece que o chefe dele está em Londres. Eu achava que ele ainda estivesse nos Estados Unidos, mas na verdade estava simplesmente deixando o Sr. Pettigrew cuidar dos... dos... acordos.

- Do trabalho sujo - corrigiu Angela.

- Sim, imagino que sim. Mas isso é um bom augúrio, acho. - Jeremy animou-se. - Não entende? Se ele fosse realmente grosseiro,

sem sentimentos, não se *importaria* com o que pensamos a seu respeito. Acho que o fato de não querer negociar diretamente é sinal de que deseja ter um relacionamento amigável conosco. Não acha?

- Pode ser. Mas sabemos que não é ele quem dá as cartas. O pobre Sr. Pettigrew não passa de um fantoche.

- Bem, de qualquer modo, isso não interessa. O importante é que o Sr. Pettigrew informou o chefe de nossa decisão e o homem mandou um telegrama informando ter tomado um trem a noite passada para York, onde alugará um fiacre para o resto da jornada. Parece que ele está a caminho para nos visitar.

- O quê? - O medo apertou o estômago de Angela. Ela não queria ter que encarar esse homem grosseirão.

- O Sr. Pettigrew disse que seu chefe quer fazer o pedido em pessoa.

- Você quer dizer que ele quer insistir e me forçar a aceitar? - Angela colocou a mão no estômago, como se pudesse controlar o tumulto. - Oh, Jeremy, não posso. Por favor, não me peça para encará-lo.

- Eu... Bem, precisamos. Não há nada a fazer. Não entende? Talvez, ao encontrá-lo, você descubra que ele não é tão mau. Pode até mesmo gostar dele.

- Jeremy!

- Está bem, está bem. Provavelmente, você não gostará. Mas pelo menos poderemos defender nosso caso pessoalmente. Podemos convencê-lo do absurdo de tudo e fazê-lo desistir da idéia. Com certeza, ele não pode querer uma esposa relutante.

- Não posso encará-lo.

- Estarei a seu lado. Não será tão ruim.

Angela suspeitava de que seria terrível. Entretanto, Jeremy eslava certo ao dizer que havia pouco a fazer. Recusava-se a se esconder no quarto como um coelho assustado durante o tempo em que ele permanecesse na casa. Ela tivera coragem para escapar de Dunstan e jurara nunca mais deixar um homem aterrorizá-la. E isso incluía deixar que a transformasse numa prisioneira no quarto.

Ele só chegou à noite, depois da ceia. O Sr. Pettigrew ocupara seu posto do lado de fora da casa, andando de um lado para o outro e fumando uma cigarrilha. Angela sentou-se com a avó e Jeremy na sala de estar formal, uma sala grande e elegantemente mobiliada escolhida na esperança de intimidar, de alguma forma, o homem. Laura, a mãe de Angela, havia se retirado para o quarto com um livro depois da ceia, dizendo que a espera havia estraçalhado seus nervos.

De repente, ouviu-se o som de passos no hall do lado de fora e o Sr. Pettigrew entrou no aposento com o rosto levemente ruborizado e a habitual impassividade substituída pela agitação. Ele finalmente chegou.

Neste momento, um homem de cabelos negros atravessou a porta. Os olhos escuros percorreram o aposento observando cada uma das pessoas até se fixarem em Angela. Ela simplesmente fitou parada, fitando-o, o coração descompassado. Apertou a mão no peito; de repente, parecia terrivelmente difícil respirar. Não pode ser...

Quero apresentar-lhes meu chefe - disse Pettigrew com orgulho - e presidente da Tremont Incorporated, o Sr. Cameron Monroc.

Os olhos de Angela reviraram e ela caiu lentamente no chão.

Capítulo Dois

Quando Angela abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi o rosto de Kate, ajoelhada no chão, ao lado do sofá no qual se encontrava deitada, franzindo a testa preocupada e colocando saís perfumados debaixo do nariz da patroa. Angela tossiu devido ao cheiro ácido e afastou com delicadeza o braço de Kate.

- Pronto, ela está voltando a si - declarou Kate, triunfante. Por um momento, Angela não se lembrou do que acontecera ou do motivo de estar deitada no sofá. Tinha apenas consciência de uma feroz dor de cabeça e de um certo mal-estar. Piscou e afastou o olhar do rosto de Kate para as pessoas atrás dela.

Jeremy e o Sr. Pettigrew estavam parados tendo ao meio o moreno estranho de cenho cerrado. Angela lembrou-se então do que acontecera.

- Cam...

- Sim, milady. Peço desculpas. Normalmente não sou tão aterrorizante a ponto de fazer as jovens desmaiarem.

- E normalmente não sou uma jovem que desmaia - retorquiu Angela, o orgulho compelindo-a a sentar-se.

Logo se arrependeu, pois a cabeça girou e Kate estendeu a mão tocando-lhe o ombro.

- Devagar, milady. Não precisa se levantar ainda.

Em seguida, Kate rodeou o visitante, colocando as mãos nos quadris em atitude de desafio.

- Cam Monroe, o que pretende vindo aqui desse jeito, sem dar uma indicação de quem era? Pensei que você fosse mais sensível. Não é de estranhar que milady tenha desmaiado.

Jeremy corou e disse, em voz sufocada:

- Kate... O Sr. Monroe é nosso convidado.

Ao lado de Monroe, Pettigrew a fitou com um misto de assombro e divertimento. Kate fez uma reverência para Jeremy, murmurando em voz baixa:

- Desculpe, senhor. — Entretanto, não pediu desculpas a Cam. Haviam sido vizinhos e não tinha medo dele.

- Que diabos está acontecendo? - exclamou a condessa, batendo a bengala uma vez no chão para dar ênfase à pergunta. - Angela, o que há de errado com você? E quem é esse homem?

Jeremy voltou-se para a avó.

- Angela ficou levemente surpresa, vovó - tranqüilizou-a. - Há muitos anos não encontramos o Sr. Monroe.

- Monroe? - A condessa franziu a testa. - Não conheço nenhum Monroe.

- Minha mãe e eu morávamos no vilarejo, milady - informou Cam descontraído. - Grace Monroe.

A senhora o fitou sem expressão por um momento. Depois o cenho descontraiu-se.

- A costureira? - perguntou, a voz elevando-se. - Você é o filho da costureira?

- Sim, milady. Sou. - Ele retribuiu-lhe o olhar, impávido. As sobrancelhas da condessa ergueram-se e ela voltou o olhar severo para o neto.

- Jeremy!

- Sim, vovó. O Sr. Monroe é nosso convidado. - Ele aproximou-se de sua cadeira, baixando um pouco o tom de voz. - Tenho certeza de que a senhora lhe dará as boas-vindas. Ele veio dos Estados Unidos até aqui. E o chefe do Sr. Pettigrew.

Ela lançou um olhar sombrio para Pettigrew. -- Ainda tenho que saber o que esse Pettigrew está fazendo aqui. O que você está tramando, Jeremy?

- Negócios, vovó. Talvez a senhora se lembre de que Cameron Monroe mudou-se para os Estados Unidos há vários anos. Ele é o presidente da empresa com a qual, ah, estou negociando.

- O que ele está dizendo, vovó - declarou Angela com aspe-
reza -,é que o Sr. Monroe supostamente tornou-se muito rico e
então devemos ser gentis com ele. Não é isso, Jeremy?

Olhou para o irmão com expressão irônica e depois para Cam, ainda parado diante do sofá, fitando-a. Cam levantou uma sobrancelha em sinal de indagação diante das palavras, mas a expressão demonstrava mais divertimento do que ofensa.

- Angela! - sussurrou Jeremy, olhando contrariado para Monroe. - Devo pedir desculpas pelas mulheres da família. Estão acostumadas a uma vida isolada aqui em Bridbury.

- É verdade. Não saímos muito, por isso não sabemos como nos comportar - prosseguiu Angela com falsa meiguice. - Receio nunca ter sido convidada a encontrar um pretendente apontando uma arma para nossas cabeças enquanto pede minha mão.

- O quê? - Lady Margaret ficou boquiaberta de tão chocada.

- Angela... - resmungou Jeremy.

O Sr. Pettigrew ruborizou-se até o último fio dos cabelos e afastou o olhar. Apenas Cam permaneceu impassível, ainda encarando Angela com aquele frio meio-sorriso nos lábios.

- Não acha um tanto dramático, Angela?

- Talvez. Mas não fui eu quem fiz o drama. - Levantou-se. - Vovó se me der licença, vou subir para meu quarto. Estou com um pouco de frio por causa do tempo. Kate?

A empregada aproximou-se com agilidade e as duas saíram juntas da sala, deixando para trás um silêncio mortal.

Angela caminhou cada vez mais rápido e ao chegarem a seu quarto Kate praticamente corria para acompanhar-lhe o passo.

- Milady... Espere-Diminua o passo.

Angela entrou às pressas no quarto, mas mesmo assim parecia incapaz de parar. Caminhou até a janela, depois virou-se e olhou ao redor, como buscando um lugar para fugir.

- O que está acontecendo? - perguntou Kate com toda a familiaridade de uma amiga, bem como de uma empregada a serviço da mesma patroa durante toda a vida. - Por que Cam Monroe está aqui? E o que está fazendo vestido como um cavalheiro?

- É ele - respondeu Angela, tensa. - O homem sobre o qual lhe falei. O americano interessado em se casar com alguém da nobreza.

- Cam? - Kate sabia tudo sobre o pedido do conde para que Angela se casasse com um americano rico para salvar a família, mas teve certa dificuldade em ligar o assustador americano a seu antigo vizinho e cavaleiro dos Stanhope.

- Aparentemente- Aquele Pettigrew disse que o chefe tinha chegado e logo a seguir Cam entrou na sala. E me dei conta de que era *ele* quem estava por trás de tudo. O homem tentando me forçar a me casar com ele.

- Não me surpreendo por ter desmaiado.

- Por um momento pensei ter perdido o juízo. Não podia imaginar... Cam! Faz tanto tempo... jamais imaginei que fosse voltar a vê-lo. Há anos que não penso nele.

O avô tinha tomado as providências para que ela se casasse, antes que mudasse de idéia, mandando-a para Londres e conseguindo uma licença especial para que pudesse se casar com lorde Dunstan sem precisar esperar a leitura dos proclamas. Quando voltou a Bridbury, recém-casada, havia procurado Cam, na esperança de ter a chance de explicar o que fizera e lhe dar dinheiro para que ele pudesse, pelo menos, escapar para a América rumo à nova vida que ambos haviam sonhado. Mas ele se mostrara muito magoado e furioso e não a deixou explicar nada.

- Você acha que não sei por que se casou com ele?- havia gritado, os olhos escuros lançando fogo. - Porque ele é um lorde e uma das maiores fortunas da região! Fui muito estúpido. Não percebi que você estava apenas brincando comigo, se divertindo até seu nobre chegar!

- Não! Não, por favor, Cam, isto não é...

- Maldita seja! Não quero ouvir! - Ele atirara a bolsa que ela lhe oferecera a seus pés e as moedas reluzentes de ouro espalharam-se no chão de seu chalé. - Não quero dinheiro de vagabunda, tampouco. Vou para a América por minha conta.

Depois ele deu as costas e saiu, ignorando-lhe as súplicas. E ela nunca mais voltara a vê-lo.

Pensara muito nele, só Deus sabia. A princípio não conseguira pensar em outra coisa - sentia saudade, chorava por causa dele, ansiava por ele, uma dor tão imensa que por um tempo conseguiu mascarar a dor de seu casamento. O que importava uma bofetada quando por dentro se sentia morta?

Mais tarde, quando a dor de perder Cam cicatrizou e a constatação da vida de desespero e dor que o casamento lhe infligiria por toda a existência se instalou, ela sonhara com frequência que um dia Cam voltaria e a salvaria. Que ele descobriria, do outro lado do oceano, o que estava acontecendo com ela e voltaria e a levaria embora. Mas ela sabia, embora esperasse e rezasse, que Cam não voltaria. Mesmo que conhecesse seu destino, ele não se importaria. Ele a odiava.

Finalmente reconheceu que os sonhos não passavam disso e que ninguém poderia salvá-la de seu destino. E, gradualmente, cessou de sentir tanto a perda ou a lembrança do amor. Todas as emoções caíram por terra sob o peso de seu casamento.

- Então ele ficou rico na América - divertiu-se Kate, seguindo o curso dos próprios pensamentos. - Ele sempre foi inteligente... e trabalhador. Se alguém podia ficar rico, era ele. - Fez uma pausa e continuou: - E agora quer se casar com a senhora de novo. Ele não deve tê-la esquecido.

Angela deixou escapar um grunhido deselegante.

- Não seja tão romântica, Kate. Normalmente, conto com seu bom senso.

Kate se permitiu um sorrisinho.

- Teimosia é a palavra mais apropriada. Mas até eu posso ver que se um homem ainda quer se casar depois de... Quantos anos? Treze?

- Acho que não é romance o que tem em mente e sim vingança. Foi minha família quem o maltratou há 13 anos e agora ele voltou para se vingar. Ele já assumiu o controle das minas e adquiriu grande parte de nossas terras, sem mencionar ter

comprado praticamente todos as promissórias de Jeremy. A família Stanhope praticamente pertence a ele. E eu, aquela que mais o feriu, bem, ele pode me trazer permanentemente sob seu jugo casando-se comigo. Que estranha vingança... ter a nós todos submetidos a ele, tendo de pedir tudo de que possamos precisar, implorando favores, obedecendo. Eu o deixei e ele quer me dar o troco. Que melhor maneira do que me forçar a fazer o que não fiz 13 anos atrás... me casar com ele! Ele terá o resto da vida para me fazer sofrer também, pois agora nem mesmo Jeremy ousaria me acolher contra os desejos dele. Cam é dono de Jeremy.

- Oh, não, milady! Cam não lhe faria mal - protestou Kate. - Ele é um homem bom.

Angela ergueu a sobancelha.

- Como pode saber? Ele parecia, eu sei, anos atrás, gentil e bom e... - A voz estremeceu por um instante e depois prosseguiu: - Mas como pode saber o que há dentro do coração de um homem? E depois de tantos anos carregando toda a amargura sentida por causa de meu casamento, e fazendo sabe-se lá o que para ganhar todo dinheiro que tem, bem, é provável que tenha mudado. Obviamente, é um homem muito diferente agora. O Cam que conheci não tomaria providências para arruinar uma família, como fez conosco. Não tentaria forçar uma mulher a se casar com ele.

Kate deu de ombros.

- Ainda assim... isso não significa que seja um demônio como lorde Dunstan. Meu pai era um homem duro e o vi louco de raiva, mas ele nunca levantou a mão para minha mãe. A senhora sabe que seu irmão não é assim. Mesmo seu avô não teria batido na mulher.

Angela deu-lhe um olhar eloqüente.

- Bater em vovó? Ele não ousaria. - Suspirou. - Eu sei. Você tem razão. Nem todos os homens são iguais a Dunstan. Talvez Cam não me machuque. Nunca foi rude... antes. Mas, oh, Kate, eu não poderia. Eu não poderia me casar com ele.

Crispou as mãos, o estômago começando a embrulhar com o medo antigo e familiar.

- Ficar sob o total poder de um homem de novo? Só de saber que ele poderia... - Ela calou-se e virou de costas, cruzando os braços no peito e enfiando as mãos debaixo dos braços. - Tê-lo em minha cama. - A voz saiu num sussurro horrorizado. - Não posso.

A criada a fitou com profunda simpatia, desejando, não pela primeira vez, poder de alguma forma apagar o casamento de Angela de sua mente. Mas mesmo isso não seria suficiente, suspeitava. As cicatrizes da dama estavam marcadas a fogo em sua alma, também.

- A senhora não precisa - assegurou-lhe com suavidade. - Seu irmão não pode obrigá-la. Ele não o faria, mesmo que pudesse.

- Sei que não pode me forçar. Mas dependo dele. Ele fez tanto por mim. Sinto-me terrivelmente culpada por não ajudá-lo, quando ele me ajudou tanto. Não sei o que ele fará se Cam cobrar as promissórias ou fechar a mina. Ou ambos. Jeremy será destruído.

- Então a senhora precisa convencer Cam a não fazê-lo.

- Eu? Você está brincando. Cam me odeia.

- Odeia a senhora? Um homem pedindo sua mão em casamento?

- Ele pode alegar ser este o motivo. Pode até acreditar. Mas, lá no fundo, não acredito. Não posso acreditar que um homem queira se unir a uma mulher pelo resto da vida... por qualquer razão... se a despreza. Se a senhora o procurasse, explicasse...

- Nunca! - Angela demonstrou ainda mais horror. - Contar a Cam sobre Dunstan e nosso casamento?

- Não. Não quis dizer para a senhora explicar tudo. Apenas dizer que não pode se casar com ele por... por motivos pessoais. Explicar como se sente em relação a casamentos em geral. Lembrá-lo de que não é culpa de Jeremy e pedir-lhe para não punir Jeremy e sua família.

- Não acredito que Cam esteja inundado de simpatia por minha família.

- Ele vai ouvir a senhora. Pelo menos será uma tentativa, não acha?

- Sim. Suponho que tenha razão. É que... oh, Kate, isso tudo me assusta. Não quero ser forçada a falar com ele. Só de vê-lo hoje à noite fui tomada por uma sensação tão estranha! Era ele, meu Cam, e apesar disso parecia tão diferente. E *eu* sou diferente, não sou a mesma pessoa que era. Eu era tola, ingênua e... e... tão emotiva!

Kate sorriu com tristeza.

- Eu sei; me lembro de como a senhora era. Sempre cheia de vida.

Angela franziu a testa, preocupada. Só de lembrar-se daqueles sentimentos ficava desestruturada, quanto mais pensar em falar com Cam. Entretanto, sabia que não podia se esconder. Passara muitos anos se forçando a fazer coisas que a assustavam. Inconscientemente, alinhou a postura.

- Você tem razão. *Vou* falar com Cam.

Angela lamentou descobrir que a ocasião de falar com Cam a sós apresentou-se na manhã seguinte. Desceu para o café-da-manhã cedo, como de hábito. Geralmente tomava o café sozinha, pois Jeremy seguia os horários da cidade mesmo quando em Bridbury, e sua mãe e sua avó costumavam tomar o café-da-manhã em seus respectivos quartos. Naquela manhã, entretanto, ao entrar na sala de jantar, encontrou Cam Monroe e o Sr. Pettigrew já sentados à mesa.

- Srta. Stanhope. - Pettigrew ergueu-se de supetão. - Por favor, milady, perdoe-me. Não estou acostumado a esses títulos.

Cam, cujas costas estavam voltadas para ela, virou-se diante das palavras de seu funcionário e também se levantou. Olhou-a sem expressão e acenou de leve.

- Milady.

Angela, que tinha ficado imóvel ao vê-los, percebeu que não podia virar-se agora e sumir, como fora seu primeiro pensamento. Forçou um ligeiro sorriso.

- Bom dia, senhores.

O laçao aproximou-se para servir-lhe uma xícara de café no lugar em que normalmente sentava. Infelizmente, o lugar ficava ao lado de Cam. O pensamento de se sentar ao lado dele fez os pulmões de Angela parecerem ter sido comprimidos. Mas seria obviamente rude se mudasse de lugar após o criado já tê-la servido ali. Então caminhou ereta para a cadeira e sentou-se, evitando os olhos de Cam. Desejava poder evitar-lhe a presença, mas era impossível. Ele ocupava tanto espaço e estava bem perto dela. Tinha consciência do calor de sua pele, de seu tamanho, de sua respiração, do ligeiro perfume do creme de barbear.

Ela tomou um gole de café, esperando que as mãos trêmulas não a traíssem muito e olhou disfarçadamente para os pratos dos homens. Estavam cheios. Obviamente, tinham acabado de se sentar e iriam, como também era óbvio, permanecer ali por algum tempo. Angela considerou comer rapidamente apenas uma torrada e partir. Afinal, do jeito como seu estômago estava, não poderia comer nada, de um jeito ou de outro.

Entretanto, quando se levantou e foi até o aparador, se surpreendeu enchendo o prato como um glutão, só para retardar seu retorno à mesa. Mas ao voltar a se sentar mal conseguia comer e simplesmente brincava com o conteúdo do prato.

Fez-se um silêncio solene. Finalmente, o Sr. Pettigrew pigarreou e começou:

- Acho o tempo aqui mais agradável do que esperava. É sempre assim?

- Normalmente chove mais nesta época do ano - respondeu Angela.

- Entendo.

Novamente o silêncio caiu como um peso. Pettigrew tentou novamente.

- Meus cumprimentos à sua cozinheira, senhorita... quero dizer, milady. A comida é excelente.

- Obrigada. Pode ter certeza de que comentarei com a Sra. Fletcher.

Pettigrew parecia ter esgotado os tópicos de conversa, pois o silêncio voltou a reinar. Dessa vez foi Angela quem se sentiu incomodada com a desconfortável atmosfera e tentou puxar conversa.

- Como vai sua mãe, Cam? Ela gosta de morar na América?

- Ela morreu há um ano e meio.

- Oh, sinto muito.

A última tentativa pareceu eliminar toda esperança de uma conversa educada. Pettigrew comeu, aprumado e em silêncio, e logo depois se levantou, dizendo:

- Peço licença, senhor, senhora, ah, milady. Receio precisar pedir licença para sair da mesa. Estava delicioso, mas tenho trabalho a fazer.

- Claro. - Angela sorriu para ele graciosamente e Cameron acenou com discrição. Pettigrew deixou a sala e o criado retirou os pratos. Obedecendo a um gesto de Cam, ele também saiu, deixando-o a sós com Angela.

Angela remexia os ovos, mantendo os olhos fixos no prato, mas continuava a observar Cam pelos cantos dos olhos. Ele parecia diferente - mais velho, mais espadaúdo, mais duro - e, ainda assim, o mesmo homem capaz de fazer seu coração parar de bater. Ao longo dos anos, ela se esquecera de como seus cílios eram fartos e compridos, de como os olhos eram escuros e o rosto anguloso.

- Mudei tanto assim? - perguntou Cam finalmente. Angela ficou corada, ciente do modo como o observara.

- Eu... Eu peço desculpas por olhar. Não. Você só mudou um pouco. - Voltou a atenção para a comida. Não esperava que ele dissesse o mesmo a seu respeito. Sabia que, se dissesse, não seria verdade. Ela se via no espelho todos os dias e sabia que, embora o cabelo tivesse a mesma textura e os olhos a mesma cor, embora seu corpo estivesse apenas um pouco menos esbelto e mais arredondado, ninguém poderia achar que ela parecia a mesma menina de 16 anos. O brilho que outrora lhe iluminava o rosto se fora e a melancolia era enfatizada pelos vestidos simples e escuros

que usava e o severo coque com que prendia os cabelos na nuca. A pele, embora ainda macia e alva, não mais tinha viço.

- Não posso dizer o mesmo a seu respeito - disse Cam sem rodeios.

Angela lhe deu um olhar frio e detido.

- Quanta gentileza sua.

- Não quis dizer - explicou Cam, tenso - que você deixou de ser bonita.

- Tenho plena consciência do que quis dizer. Eu não envelheci bem, digamos assim. Mas isso não importa.

- Eu *quis dizer* - prosseguiu Cam, teimoso - que você não costumava ser tão quieta. Nunca foi tímida.

- Tímida? Do jeito como fala me sinto como um rato. - Angela ajeitou os ombros e deu-lhe um olhar firme e direto. No passado, olhava as pessoas daquele jeito com facilidade; nos unos recentes, aprendera a voltar a fazê-lo. Podia se forçar a olhar um homem sem medo, embora o estômago pudesse se contorcer.

Definitivamente, não sou, Sr. Monroe.

- Sr. Monroe? - Ele a olhou surpreso. - Não pensei ser um estranho para você.

As palavras a forçaram a se lembrar do quão próximos foram anos atrás e o rubor tomou conta do rosto dela. Ela ergueu o queixo, como se ele a tivesse insultado.

- Desculpe - disse rápido. - Não quis dizer... Bem, não tive a intenção. Estava falando sobre o fato de você me chamar de Cam desde que tinha 8 anos de idade.

- Entretanto, não estamos nas mesmas posições. Você é um homem adulto e, além do mais, tem o futuro de Bridbury nas mãos. Não posso me permitir me dirigir ao senhor como uma criança se dirige a um cavaliço.

- Ainda sou Cam.

- Está bem, então. Cam. - Ela desviou o olhar ao pronunciar-lhe o nome, incapaz de continuar a fitá-lo.

Houve um momento de silêncio enquanto ele a estudava. Finalmente, disse:

- Acho que está na hora de conversarmos. Sem mais intermediários. O que tem a dizer?

- Está bem. - Ela voltou-se para fitá-lo. - Entretanto, lamento termos pouco a nos dizer. Minha resposta é a mesma do outro dia. Não vou me casar com você.

- E mesmo? Achei que você fosse uma mulher com um pouco mais de bom senso.

- Bom senso? É assim que chama ceder à coerção? Conheço outras pessoas que chamariam de covardia.

- O bom senso de se casar onde haja dinheiro. Olhe para isso de forma lógica. Você está arriscada a viver na pobreza. Se casar comigo, vai viver no luxo. Você já se casou antes por dinheiro. Por que recusar agora?

Angela empalideceu. As palavras cruéis tiveram o efeito de uma bofetada. Ela se levantou abruptamente, empurrando a cadeira. Crispou as mãos.

- Não me casei com Dunstan por dinheiro. Entretanto, sei que você vai pensar o que quiser, não importa o que eu diga. Você sempre fez isso. Achei ter boas razões para me casar com ele, mas, apesar disso, me arrependi amargamente.

- Eu soube. - Ele a fitou com firmeza.

- Não cometerei o mesmo erro. Não me sacrificarei, nem mesmo por Jeremy.

- E casar-se comigo seria tamanho sacrifício? - O rosto de Cam se contraiu e ele se levantou para encará-la. - No passado, você demonstrava querer ir para a minha cama.

Angela engoliu em seco.

- Como ousa? Eu nunca...

- Pode jurar nunca ter tido vontade? - A voz dele era dura como aço.

Angela não podia contestar. Ele dissera apenas a verdade. Ela se transformava em cera sob o contato de suas mãos no

passado. Ele poderia ter feito o que quisesse com ela e ela nunca lhe recusaria nada. Quando Cam a beijava, o corpo era invadido pelo desejo. A pele ardia como fogo ao ser por ele tocada. Mesmo agora, ao se lembrar daquela época, praticamente sentia uma onda de calor.

- Não - admitiu em voz baixa. - Para minha vergonha, não posso dizer que minha virtude me manteve longe de sua cama.

- Nem a de nenhum outro homem, aparentemente. Angela enrijeceu como se um atizador em brasa tivesse sido

comprimido contra sua pele. Tentou manter a voz neutra.

- Então você ouviu as alegações durante meu divórcio.

- Sim. Li um relatório sobre o processo. Li os motivos de seu marido ter pedido o divórcio e o testemunho dos três homens.

Angela odiou a onda de raiva e dor que a percorreu, e, acima de tudo, odiou a dor sentida por Cam julgá-la promíscua. Mas ela havia enfrentado coisas piores sem demonstrar dor. Suportara o testemunho dos amigos de Dunstan, pois assim conseguiria o que desejava: livrar-se dele. E agora, do mesmo modo, ousaria para se ajudar.

Ela deu de ombros.

- Eu me pergunto por que você desejaria se casar com uma mulher como eu. Sem dúvida, não sou a esposa sem mácula desejada pela maioria dos homens.

- Não estou procurando uma virgem. Há um grande número delas por aí. Poderia ter encontrado muitas nos Estados Unidos.

- Você não se importa com o fato de sua esposa não lhe ser fiel?

- Sei que casou com um homem que não amava. É natural procurar paixão fora de um casamento sem amor. Também sei que não acontecerá neste casamento.

- Você é muito seguro de si mesmo. - A voz de Angela demonstrava sarcasmo.

O tom de voz o magoou e ele se inclinou para ficar a apenas poucos centímetros dela, os olhos negros como carvão parecendo lanças. Ele segurou-lhe o pulso.

- Tenho certeza de uma coisa. Você é uma mulher apaixonada e me correspondeu. Não acredito que tenha mudado tanto ao longo dos últimos anos.

De repente, antes que pudesse perceber o que acontecia, Cam a puxou e o outro braço a segurou, apertando-a contra si. Ele se inclinou e apossou-se de sua boca. Os lábios eram quentes e firmes, mo vendo-se insistentes nos dela. Fazia tantos anos, mas o beijo trouxe a lembrança daquela paixão de outrora. Por apenas um instante, Angela voltou a ser aquela menina, sentiu de novo o desejo e a avidez e inclinou-se para ele. Depois a bem mais familiar frieza a percorreu, afastando a momentânea resposta, e ela ficou rígida e se afastou.

Ele soltou-a imediatamente e o leve sorriso a deixou saber que ele julgava ter provado o que dissera.

- Foi para isso que voltou? - perguntou. - Está me forçando a me casar com você por luxúria?

- Dificilmente. Eu poderia ter sexo com quantas mulheres quisesse. A um custo bem mais baixo do que paguei por aquela mina e pelas terras. O Sr. Pettigrew começa a questionar meu julgamento no que diz respeito a negócios.

- *Eu* questiono sua sanidade. Por que está tão ansioso por se casar comigo, uma mulher que não vê há 13 anos?

- É parte de uma promessa feita ao deixar este lugar. Quando seu avô me expulsou da propriedade e você se casou com um nobre, um homem de posses, jurei que um dia teria semelhante fortuna. Freqüentaria os mesmos lugares como igual. Meus filhos teriam sangue nobre nas veias. Jurei que voltaria para cá e seria dono de Stanhope. E teria você. Ela o fitou.

- Então tudo se resume a isso? Às palavras raivosas de um garoto de 20 anos?

- Mais do que isso. Foi um juramento, uma promessa a mim mesmo. Foi isso que me guiou, a recompensa que teria. Moraria

nesta casa e você seria minha esposa. Seria de mau agouro, acredito, desviar-me de meus planos agora.

- Mas, com certeza, você não pode alegar ainda me amar depois de todos esses anos!

Os lábios de Cam se contraíram.

- Dificilmente. - Ele se afastou dela, dizendo: - Eu me livrei da maldição de amar você há muito tempo. Não estou buscando seu amor. Apenas o fato de me casar com você.

- Mas por quê? - gritou Angela, exasperada. - Que satisfação pode lhe dar agora? Que prazer?

- O prazer de ter provado meu valor aos que me desprezaram. De ter vencido meus inimigos. De ter vencido finalmente aquele filho-da-mãe.

- Meu avô?

- Sim. Aquela noite, enquanto recebia cada golpe e o ouvia repetir o tempo todo como você brincara comigo, me usara, como nenhum Stanhope poderia amar de verdade um simples cavaliço, eu só pensava na desforra. Provaria que ele estava enganado e me casaria com você, teria mais dinheiro do que sua família jamais sonhou ter e faria aquele canalha de sangue azul se arrepender. - Deu de ombros. - Infelizmente, ele morreu antes que eu pudesse agir, então precisei usar Jeremy como substituto.

- Um pouco injusto com Jeremy, não acha? - retrucou Angela. Ela o fitou, pensando em suas palavras. Depois de um momento, continuou: - O que quis dizer com "cada golpe"? Ele... vovô bateu em você? Ele me disse que não o faria.

Cam deixou escapar um muxoxo incrédulo.

- E você acreditou nele? Claro que me espancou. O que acha que aconteceu depois que você saiu dos estábulos? Os outros cavaliços me seguraram e o velho conde atacou-me com sua bengala. O conde de Bridbury não passaria apenas um sermão num cavaliço que ousou tocar em uma Stanhope. Quando os cavaliços me atiraram na porta de minha mãe, eu tinha três costelas quebradas e uma concussão. Por isso não me esgueirei até

o castelo e tentei levar você aquela noite, pois era bastante tolo para acreditar que partiria comigo.

O estômago de Angela se retorcia ao pensar no que ele enfrentara. Engoliu em seco.

- Eu... sinto muito. Eu não sabia.

- Já era de esperar. Eu sabia o que aconteceria se fôssemos apanhados. Assumi o risco. Na época, achava que valia a pena.

Angela virou-se e se afastou. Estranho como depois de todo aquele tempo e todas as outras coisas que lhe aconteceram, suas palavras amargas tinham o poder de feri-la. Ela se julgava imune à dor, assim como à alegria, anos a fio. Não tinha certeza se gostava de descobrir que não era.

Virou-se, resoluta.

- Não agi com você de modo desleal. - Quando a sobrancelha dele se ergueu numa expressão irônica, ela ergueu a mão, dizendo: - Não, não é preciso protestar. É evidente que você não acredita em mim. Já não acreditava antes, quando ainda me amava. Fiz o que julguei ser necessário e... doeu magoar você. Eu queria o menor sofrimento possível. Minha família o enganou. Por minha causa, você foi tratado com crueldade. Teria sido bem melhor se nunca tivéssemos... sentido o que sentimos. Mas tudo isso pertence ao passado e nada podemos fazer para mudá-lo. Você deve compreender. Não importa o quanto me force a fazê-lo agora e o quão cruelmente trate Jeremy, você não pode reverter as coisas. Não pode mudar as palavras de meu avô ou apagar os golpes. A única coisa que vai conseguir é se ligar a uma mulher que não quer se casar com você, e isso não parece a melhor maneira de levar uma vida feliz. Por que não encontra alguém que ame, alguém que corresponda a seu amor? Então você pode ter uma vida feliz.

Ele fez uma careta.

- Obrigado por sua preocupação, mas não tenho interesse nesse futuro adocicado que prevê para mim. Sabe, eu obtive algo valioso de minhas negociações com os Stanhope. Aprendi que o amor não serve para nada. *Estávamos* apaixonados e em nada nos ajudou. Não impediu seu avô de nos separar. Não me curou. Não a

impediu de se casar com outra pessoa. E, por mais que você pareça reverenciar o amor, não a impediu de acabar aqui como reclusa, como um pária excluído do convívio de sua própria gente, divorciada, coberta de vergonha... Para que preciso do seu "amor"?

As maçãs do rosto de Angela avermelharam ao ouvir a descrição de sua vida.

- Se você pensa tão bem de mim, posso imediatamente compreender o motivo de querer se casar comigo. Meu Deus, Cam, não seja idiota! Casar-se comigo não é a solução para frequentar os melhores círculos. Sou divorciada e foi um divórcio escandaloso. Minha reputação está completa e permanentemente manchada. Se deseja posição social e herdeiros, não amor, então encontre uma moça pobre, de boa família. Há outras famílias, além dos Stanhope, de boa linhagem que ficariam felizes em vender a filha por algum dinheiro. Deixe-a dar a você seus filhos nobres e sua entrada na sociedade. Será bem mais fácil para vocês dois. Mas, pelo amor de Deus, deixe a mim e a minha família em paz!

Ele a olhou em silêncio por longo momento. Finalmente, dis-, como se as palavras tivessem sido arrancadas dele:

- Eu o faria se pudesse! Adoraria que outra família, outra mulherzinha, pudesse aplacar o que vem me corroendo há 13 anos. Mas isso não vai acontecer. Não importa o quão difícil, o quão impertinente você seja, não importa sua reputação, você é a Mítica capaz de me satisfazer. *Você é quem eu terei.*

Ele acenou brevemente, girou nos calcanhares e saiu da sala, deixando Angela onde estava, boquiaberta.

Capítulo Três

Jason Pettigrew, relutante, afastou o olhar da visão bem mais interessante da empregada, Kate, lustrando os castiçais de ferro I no hall, através da porta aberta de seu escritório, e voltou os olhos para o chefe, andando de um lado para o outro no aposento, o cenho cerrado,

- Ela é a mulher mais irritante do mundo - dizia Monroe, a boca numa expressão desgostosa. - Definitivamente diferente de quando a conheci.

- Aposto que sim, senhor - concordou Pettigrew, colocando de lado a lembrança da curva dos tornozelos de Kate de pé no banco, esticando-se para alcançar o castiçal e do balançar de seus seios debaixo do uniforme enquanto lustrava o metal.

Cam parou, pensando em Angela, em como ela era 13 anos atrás - esfuziante e cheia de vida, os olhos se iluminando sempre que o via, aquele sorriso permanente no rosto. Ele ainda podia se lembrar de quão ansiosamente esperava cada encontro, como o coração batia no peito sempre que ela se aproximava. E não fora apenas sua beleza, mas sua vivacidade e meiguice também. Mas então lembrou-se, apressado: ele, definitivamente, não a cunha Cia. O que se lembrava dela não passava de uma ilusão, a ficção que ele havia anexado à sua beleza.

- Sem dúvida, sou um tolo em tentar me casar com ela. Pettigrew ergueu cautelosamente o olhar ao ouvir as palavras de Monroe. Era a primeira coisa dita pelo chefe sobre o assunto que fazia sentido para ele.

- Talvez - começou, hesitante - devemos retornar então para Londres.

Cam lançou-lhe um olhar, afastando de imediato de sua cabeça a mais leve esperança de partir.

- Sem dúvida. Mas não vou. Droga! Ela vai ser minha esposa Pettigrew moveu-se irrequieto na cadeira. Trabalhava para Cameron Monroe há quase sete anos, e durante todo esse tempo nunca o vira assim. Deus sabe que ele podia ser um homem duro e movido por

demônios incompreensíveis para Jason, mas Monroe era sempre prático, paciente e, acima de tudo, calmo e controlado, a ponto de ser frio. Nunca agira irracionalmente ou sob o calor da emoção - até agora.

Não fazia sentido para Jason. Não era o caso de não haver várias jovens nos Estados Unidos mais do que felizes em ser a Sra. Cameron Monroe. Ele era um dos homens mais ricos do país e era jovem - não mais do que 33 ou 34 anos -, e bastante bonito. Várias mães esperançosas atiraram filhas em seu caminho nos últimos anos. E se ele estava tão obcecado por se casar com alguém pertencente à nobreza inglesa - outro fato que Jason Pettigrew tinha dificuldade em compreender -, era notório que havia vários nobres empobrecidos na Inglaterra dispostos a providenciar um casamento financeiramente vantajoso para uma de suas filhas.

Entretanto, Cam estava obcecado com aquela família e aquela mulher que, tendo se envolvido num escandaloso divórcio, não era nem ao menos socialmente aceitável. Não que ela não fosse linda. Pettigrew admitia: ela era bela... de um modo apagado. Os olhos azuis eram bonitos e inteligentes, o rosto oval quase perfeitamente modelado e os cabelos de uma cor avermelhada intrigante. Mas os traços eram desprovidos de alegria e os cabelos estavam sempre presos apertados num coque. As roupas eram escuras e desmazeladas, escondendo com sucesso os contornos do corpo. Jason achava que nunca a vira sorrir ou ouvira sua risada desde a chegada a Bridbury. Certamente, ela não exibia nenhuma das graças femininas ou ares brejeiros capazes de seduzir um homem.

Ainda assim, Monroe estava determinado a tê-la, a ponto de usar toda a força de seu poder e fortuna para coagi-la a se casar com ele. Certamente, Pettigrew não era bastante tolo para tentar dissuadir Cam Monroe de uma decisão estabelecida como meta. Achei que ela seria razoável - prosseguiu Monroe. - Pragmática. Deus sabe que ela se entregou a Dunstan sem objeção e não nutria nenhum sentimento por ele.

Apesar do ocorrido, Cam estava seguro quanto a esse ponto específico. Não importavam as mentiras contadas quando ele estava

apaixonado. Sabia que ela era apaixonada por ele. Também a vira com lorde Dunstan uma ou duas vezes naquele final de semana e ela demonstrara total desinteresse por ele. Não, o casamento com Dunstan tinha sido por motivos familiares, por dinheiro. Cam tinha certeza de que ela seria movida pelos mesmos motivos agora. Teria Dunstan a magoado tanto durante o casamento? Ou ela teria descoberto jamais ser capaz de se contentar com um homem apenas? Cam rapidamente reprimiu o pensamento. Não gostava de pensar na promiscuidade de Angela. A idéia dela com outro homem o atormentara noites a fio quando viajou para a América. O pensamento de que tivera na realidade pelo menos três outros amantes, talvez mais, o alucinara assim que lera o relatório do advogado.

- Você acha que as alegações no julgamento de divórcio eram verdadeiras? - perguntou abruptamente, surpreendendo Pettigrew, cujos pensamentos não haviam seguido o mesmo rumo.

- O quê? Oh, bem, ah, ela não negou. - Pettigrew tinha plena consciência de estar pisando em terreno muito delicado. Nenhum homem, muito menos um orgulhoso como Cameron Monroe, gostaria de pensar que se casaria com uma mulher vil. Seu raciocínio foi rápido. - Por outro lado, ela definitivamente não *parece* o tipo de mulher que iria... ah...

- Não - Cam concordou rapidamente. - Ela parece... bem, exceto às vezes quando parece se esquecer de si mesma e fica com raiva e os olhos faíscam... parece apagada. Mas Angela nunca demonstrou ter o menor medo. - Ele sorriu vagamente. - Lembrou-me de como costumava montar, mesmo quando era pequena, de como pulava as cercas, destemida.

Pettigrew olhou o chefe atentamente. Ouvia um toque de afeição na voz de Cam e se perguntou, não pela primeira vez, o que unira Monroe àquela mulher no passado. Não conhecia, como ninguém nos Estados Unidos, a história de Cameron Monroe antes de sua chegada à América. Ouvira histórias, é claro, sobre sua bravura e determinação, sobre sua coragem nos campos de petróleo na Pensilvânia e seu apurado tino para os negócios. Mas sobre a

época anterior à sua chegada a Nova York, aos 20 anos, Pettigrew nada sabia.

- O senhor a ensinou a montar? - perguntou incidentalmente. Cam sacudiu negativamente a cabeça.

- Essa era a função do velho Wicker, e ele se orgulhava muito disso. Ensinou todos os Stanhope a montar. Vim trabalhar nos estábulos quando tinha 11 anos. Costumava vê-la montar sendo puxada por uma corda em seu pequeno pônei. Wicker segurava as rédeas, conduzindo-a. Ela sempre queria que ele a soltasse. Tinha apenas 7 anos. Depois, mais velha, eu a acompanhava nas cavalgadas para me assegurar de que voltaria sem se machucar... como se alguém por aqui fosse tocar num fio de seus cabelos. Todos a amavam.

Jason ficava cada vez mais interessado. Começava a suspeitar de que o chefe tinha sido uma dessas muitas pessoas que a amaram. *Ele a amara todos estes anos?* Entretanto, Jason se recordou, o modo escolhido por Monroe para persuadir Angela Stanhope a se casar com ele não poderia ser qualificado como o de um apaixonado. Não, só raiva e amargura poderiam ter engendrado os métodos cruéis.

- Talvez - sugeriu, cuidadoso - o senhor queira cortejar a dama em questão.

- Cortejá-la? -As sobrancelhas de Cam se arquearam.

- Sim. As mulheres parecem gostar disso. Talvez ela não goste de se sentir como se o senhor a estivesse, bem, comprando, não importa quão pragmática ela possa ser quanto ao fato de se casar por dinheiro. Ou talvez seja possível que ela se ressinta da maneira como o senhor a forçou.

Cam o fitou com um olhar surpreso.

- Está tentando dizer, de modo diplomático, que a dama me despreza porque a estou forçando ao casamento? Tenho plena consciência disso e não estou lhe pedindo afeição. - O rosto tornou-se duro. - Mas, diabos, por que ela não está cedendo apesar de não gostar de mim?

- Não se importa se sua esposa não gosta do senhor? - perguntou Pettigrew em tom casual.

Monroe franziu a testa.

- Eu deveria supor que você, dentre todas as pessoas, teria plena consciência de não ser esse um casamento por amor.

Pettigrew refreou o desejo de mencionar que até o momento não havia confirmação de casamento. Angela Stanhope podia querer provocar o mau humor de Monroe, mas Jason, não.

- Sei sim. Mas me parece um pouco inconveniente, senhor. Existe uma vasta diferença entre um casamento indiferente e um no qual existe uma manifesta animosidade.

Monroe lançou-lhe um olhar determinado.

- Acredito ser capaz de lidar com isso.

- Claro, sim.

Monroe deu-lhe as costas e caminhou para a janela. Fitou os jardins em silêncio por alguns minutos. Ao voltar-se, o rosto estava controlado e impassível.

- Vamos ter que pressionar mais. Jason hesitou.

- O senhor pretende falar com o conde sobre as... informações que temos?

-Sim. - Cam fez uma pausa, fitando o assistente. - Você tem alguma dificuldade com isso?

Jason desviou o olhar e depois voltou a fitar Cam, dizendo com toda sinceridade:

- Não estou acostumado a chantagear.

- Não se preocupe. Não vai precisar fazê-lo. Eu mesmo falarei com Bridbury.

- Ele... Ele parece ser um homem bastante correto - prosseguiu Jason.

- E você odiaria arruinar-lhe a reputação, é isso? - Cam sorriu ligeiramente quando Jason acenou afirmativamente, um pouco encabulado. - Bem, não precisa se envergonhar por sentir-se assim

homem. Não há nada de errado em ter escrúpulos. Não se preocupe. É uma ameaça vazia. Eu não a usaria contra ele, tampouco. inútil para mim, a não ser pela *possibilidade* de usá-la. Na verdade de nada me serve, contudo espero que os preocupe o suficiente para fazê-los concordar com meus termos.

- Sim, senhor. - Pettigrew ainda parecia ligeiramente perturbado. - Mas... Bem, vale a pena?

- Ah, vale. Para mim vale. Vale muito a pena.

Angela decidiu que a melhor maneira de evitar Cam era dar uma longa caminhada com seus cachorros. Para tal, colocou botas pesadas e saiu pela porta principal com Wellington e Pearl em seus calcanhares. Entretanto, antes de alcançar a porta principal, Cam saiu da biblioteca.

- Angela.

Ela parou, lamentando a má sorte, e lentamente voltou-se. Ele caminhou em sua direção. Os dois cachorros se viraram e o examinaram. Pearl com interesse e Wellington demonstrando alguma desconfiança. Quando Cam se aproximou, olhou os cachorros, um sorrisinho brotou-lhe dos lábios.

- Olá, meu velho camarada - disse, estendendo a mão na direção de Wellington. - Não podia imaginar que ainda estivesse por aqui.

Wellington adiantou-se devagar, cheirando a mão estendida. começou a balançar o rabo e colocou a cabeça debaixo da mão de Cam, dando-lhe uma convidativa lambida. Cam riu e começou a acariciá-lo.

- Traidor - murmurou Angela.

- Bem, fui eu que lhe dei este cachorro - argumentou Cam. Você tem boa memória - disse ao cachorro, afagando-o no ponto exato, atrás das orelhas.

Mesmo Angela sorriu ligeiramente ao lembrar-se. Ela e Cam estavam cavalgando, apenas algumas semanas antes de Cam declarar seu amor. Tinham encontrado o filho do moleiro junto com alguns colegas perto do lago. Os meninos haviam atirado um

filhotinho no lago com uma pedra amarrada no pescoço para afogá-lo.

É verdade - disse baixinho. - Nunca me esquecerei de como você pulou no lago para salvá-lo. Ele deu-lhe um olhar divertido.

- Nem eu esquecerei como você puxou as orelhas do filho do moleiro.

Angela deu de ombros.

- Bem, ele mereceu. Era um pequeno criminoso sem coração. Que me lembre, você o despachou com algumas palavras grosseiras ao pé do ouvido.

Ela não acrescentou, embora a memória ainda estivesse nítida, ter lhe entregado o coração por completo naquele momento, quando ele aproximou-se dela, vindo do lago, pingando, segurando aquele pequenino filhote trêmulo apertado ao peito. Angela engoliu em seco e desviou o olhar.

- Bem, Wellington conseguiu se manter muito bem desde então. Agora, se me der licença, estamos de saída.

- Talvez eu possa caminhar com você. Onde está indo?

- A nenhum lugar em particular - respondeu seca, afastando o olhar do dele. - E prefiro ficar só, obrigada. - Dirigiu-se à porta, estalando os dedos para que os cachorros a seguissem.

Cam não fez nenhum movimento para segui-la. Simplesmente ficou parado, observando-a sair com seus acompanhantes.

Angela conseguiu ficar fora do caminho de Cam o resto do dia, só retornando da caminhada perto da hora do jantar. Desejava poder ter escapado do jantar, mas só uma doença seria uma razão aceitável para sua avó por não se vestir formalmente e descer para a refeição noturna.

Não foi um jantar agradável. Lady Bridbury demonstrava arrogância e fria educação, obviamente irritada por ser forçada a dividir a mesa com um antigo cavaleiro. Jeremy parecia pálido e contribuiu pouco para a conversa, enquanto Cam se mostrava tão

tagarela e expressivo quanto uma rocha. Restou a Angela e a Pettigrew ensaiarem alguns comentários sobre o tempo e a paisagem. A mãe de Angela contribuiu relatando as últimas novidades sobre sua saúde. Angela ficou aliviada quando lady Bridbury se levantou, indicando que as outras damas podiam se retirar. Passou poucos minutos com a mãe e com a avó na sala de estar, ouvindo a avó reclamar com azedume das transformações ocorridas no mundo a ponto de cavaliariços comerem com condes, antes de alegar uma dor de cabeça e retirar-se para o quarto.

Kate a ajudou a colocar a camisola e se retirou. Angela lia na esperança de que a leitura a ajudasse a dormir com mais facilidade quando ouviu uma leve batida e Jeremy enfiou a cabeça pela porta.

Ele deu um sorrisinho forçado.

- Boa noite. Posso entrar?

- Claro que não. - Angela deixou o livro de lado e indicou outra cadeira. Embora ela e Jeremy gostassem muito um do outro, nunca tiveram nenhum tipo de conversa íntima tarde da noite. Ela lembrou-se de como ele se comportara durante a refeição. -Algo errado?

Novamente ele deu um sorriso forçado.

- Errado? Não, só queria falar com você. - Fez uma pausa, analisando as mãos por um momento, como se elas contivessem os segredos do universo. - Bem, na verdade... - Suspirou. - Sim. Há algo errado. Eu... Cam voltou a falar comigo à tarde sobre a possibilidade de você se casar com ele.

Angela fez uma careta.

- Eu já disse a ele com toda franqueza esta manhã que não vou me casar. Não consigo imaginar o que ele espera conseguir aborrecendo você com esse assunto.

- É, bem, acho que ele pensa que eu poderia, hum, persuadir você a aceitar a proposta.

Angela deu-lhe um olhar inexpressivo.

- Foi por isso que veio aqui? Para tentar outra vez me convencer a me casar com ele?

O olhar abalado do irmão era a resposta de que precisava.

- Jeremy! Eu já *disse*. Pensei que você tivesse entendido.

- Eu entendi! Realmente entendi. Não é que eu não saiba como se sente ou que não julgue acertada sua atitude. Eu entendo. É ultrajante pedir a você que se case com ele para nos salvar. Para me salvar. - Pôs-se de pé e atravessou o aposento de um lado para o outro, balançando a corrente do relógio, nervoso. Finalmente parou diante dela e disse, numa voz tensa e baixa: - É que simplesmente minha necessidade é tão premente... Precisava tentar de novo. Angela, por favor, reconsidere. É errado de minha parte, eu sei, mas imploro.

Compaixão e frustração invadiram dolorosamente o peito de Angela.

- Oh, Jeremy, se fosse qualquer outra coisa... Mas não posso me casar novamente.

- Eu... tenho certeza de que Cam não seria um marido como Dunstan. Ele... Ele parece decente, mesmo que, bem, seja o que é. Mas você sabe, se morássemos em outro lugar, como os Estados Unidos, por exemplo, sua posição não seria levada em consideração.

- Não se trata de sua posição. Você sabe.

- Claro. Quero dizer, compreendo perfeitamente que mesmo que ele fosse um duque você não ia querer se casar de novo. O problema, entende, é que eu estou numa situação desesperadora.

- Eu sei! -Angela cruzou as mãos com força no colo, lutando contra as lágrimas a embaçar-lhe os olhos. Não podia suportar assistir à óbvia agonia de Jeremy. Ainda assim estava certa de que se arrependeria para sempre se cedesse e atendesse a seu pedido. - Quero ajudar. Gostaria de ser mais corajosa para fazer isso por você. Mas quando penso em me casar de novo, em ficar submetida aos humores e caprichos de meu marido... E, Jeremy... seria pior, creio, porque Cam já me odeia. Ele acha que menti para ele no passado, quando vovô nos pegou. Acha que nunca liguei para ele, que estava apenas brincando. Acha que me casei com Dunstan porque ele era rico.

- Então conte a verdade.

- Já tentei. Ele não quis me ouvir. Não acredita em mim. Quer apenas vingança.

- Sim, e ele vai se vingar, de um jeito ou de outro - concordou Jeremy com amargura. Baixou o olhar, incapaz de fitá-la, e disse: - Angela, estou implorando. Não é apenas o dinheiro, embora só Deus saiba que isso já é horrível. É... Existem outras coisas. Se você não se casar com ele, ele ameaçou revelar... Bem, ele sabe algo a meu respeito e dirá a todo mundo. Estarei arruinado. Não apenas eu. Rosemary ficará destruída. As crianças também. A família inteira será atingida pelo escândalo!

A culpa apossou-se de Angela. Ela sabia que qualquer novo escândalo seria muito pior do que o escândalo de seu divórcio há quatro anos.

- Desculpe - sussurrou, as lágrimas escorrendo dos olhos e iniciando seu curso pelo rosto. - Sinto tanto...

- Ele vai contar a todo mundo - prosseguiu o irmão, assustado - o que os detetives descobriram a meu respeito. Você entende, ele contratou pessoas para investigar, espionar tudo a fim de encontrar os pontos fracos de nossa família. Eu era o mais fraco. - Jeremy fechou os olhos e engoliu em seco. - Eles... Eles me viram entrar num clube que às vezes frequento e... e seguiram alguns de meus amigos do clube também. Eles me seguiram até um apartamento onde mora alguém que conheço e interrogaram todas as pessoas da vizinhança. Meu Deus, Angela, ele sabe que eu tenho desejos que não... não são normais. Lascivos, pecaminosos, ilegais. Desde Eton, eu... Bem, havia um garoto de uma turma mais adiantada e nós...

Ele emudeceu e Angela o encarou.

- Não entendo, Jeremy. Do que está falando?

- Eu o amava! - gritou impetuosamente. - Ele era um garoto, mas eu o amava. Eu o deixei... Nós deitamos juntos. Tivemos uma relação carnal.

Angela ficou boquiaberta.

- Com um homem?

- Sim. Tentei impedir. Realmente tentei. Quando terminei a escola, tentei me manter afastado. Depois, quando conheci Rosemary, achei que estava terminado. Eu a amava. Eu realmente a amava. E ainda a amo. Pensei que um milagre acontecera, que Deus tivesse atendido minhas preces. Sentia atração por ela. Fui capaz de... deitar com ela. - Ele ficou bastante ruborizado. - Meu Deus. Não posso acreditar que estou discutindo isso com você. Você deve me odiar.

- Não, Jeremy, não. Jamais poderia odiar você.

- Bem, eu me odeio. Não tenho força de vontade. Não consigo me afastar dessa vida. Apesar de meu amor por Rosemary, apesar dos filhos concebidos, continuo voltando para lá. E Monroe sabe. Assim como todos saberão se você não se casar com ele.

Ele deixou escapar um suspiro e afundou na cadeira.

- Me perdoe por causar tamanha confusão. Agora nossas vidas estão à mercê de Cam Monroe.

- Você contou com alguma colaboração. - Os olhos de Angela faiscaram e ela apertou as mãos. - Que ele vá para o inferno por isso!

Ela girou nos calcanhares e caminhou até a porta, a raiva crescendo. Escancarou a porta com violência e saiu.

- Angela! - Com certo atraso, Jeremy levantou-se. - Não! Espere. Aonde vai? Volte!

Foi atrás dela, mas ao alcançar a porta ela já estava no corredor batendo na porta de Monroe. Antes que Cam pudesse dizer "Entre" ela já girara a maçaneta e escancarara a porta.

Cameron, sentado na escrivaninha, virou-se ao ouvir o barulho. Levantou as sobrancelhas e ergueu-se lentamente, fitando-a.

- Angela...

Essa, pensou, era bem mais parecida com a mulher que conhecera. O cabelo não estava preso e sim esvoaçando como fogo pelas costas, o rosto afogueado e os olhos faiscando de forte

emoção. Havia novamente paixão nela, mesmo sendo a paixão da raiva. Estava vestida para dormir, e embora sua camisola não revelasse nada além do que os vestidos usados durante o dia, trazia uma sugestão de intimidade. Nenhum homem, exceto um membro da família ou o marido, veria uma mulher nesses trajes. O desejo o consumiu ao contemplá-la, esperando quase com ansiedade a tempestade que ela obviamente trazia dentro de si.

- Como pôde? - explodiu ela, fechando a porta com estrondo e atravessando o quarto na direção dele. - Em que tipo de monstro se transformou? Eu nunca teria acreditado que você se envolveria em algo assim! Que fosse o tipo de patife baixo, sórdido, sem coração, disposto a arruinar um homem e a família só para conseguir o que quer!

Angela estava furiosa, zangada demais para pensar ou ter medo dele. A mão cocava por esbofeteá-lo, tirar aquela expressão convencida de seu rosto.

- Você poderia ceder, Angela - retrucou Cam, numa voz aborrecida que só aumentou o grau de sua fúria. - Já me acostumei a ter o que quero. Desta vez é você.

- Bem, não vai conseguir! Prefiro morrer a me casar com um homem como você, que não tem consciência nem princípios. Odeio você. Deve haver água gelada em suas veias, e não sangue! Como pode ter mudado tanto? Como pode ter se transformado nesta... nesta vil criatura?

Os olhos dele se estreitaram.

- Sua família teve uma parcela de contribuição, milady.

- Ah, não! Não nos culpe pelo que é. Sua alma deve ter sido sempre sombria para ter se transformado num homem cruel assim.

- Não acha estranho uma mulher como você, que se casou com um homem que não amava por dinheiro, dizer isso? Uma mulher de quem ele se divorciou por ter dormido com *três* de seus amigos... ou, se devo dizer, três que ele soubesse. Para três terem testemunhado, deve ter havido outros que não o fizeram. Com quantos homens já dormiu, Angela?

Angela estremeceu, tomada pela raiva e pela dor, odiando-o, e ainda assim com o coração partido pelo óbvio desprezo que ele sentia por ela.

- O que isso lhe interessa? - sibilou. - Se pensa assim, deveria pagar um preço menor por mim, não deveria? Afinal, sou mercadoria *estragada*.

Ele retorceu a boca e os olhos iluminaram-se perigosamente. Irritou-se por ela não desmentir as acusações, não explicar o motivo de ter agido assim, nem mesmo expressar o menor arrependimento. Não obstante, não podia olhar para seus olhos flamejantes e rosto ruborizado, os seios subindo com o rápido lampejo de fúria e não sentir uma pontada de desejo perfurar-lhe as entranhas. Ela era linda e selvagem, atraente em sua raiva. De repente, desejou tocá-la, puxá-la e sentir os lábios nos seus novamente. Queria apagar a lembrança de seu marido e de todos os outros com os beijos *dele*, as carícias *dele*. Deu um passo em sua direção, esboçando o gesto de tocar-lhe o rosto.

Angela assustou-se, um medo gélido percorreu seu corpo, e a fúria a fez mover-se. Deu um rápido passo para trás, afastando-se. Ele parou, a mão no ar, e as sobrancelhas uniram-se numa expressão de tristeza.

- Meu Deus, Angela, você me despreza tanto assim? Será que se tomou tão aristocrática que um simples toque meu a enoja?

Ela se controlou, de repente consciente do quão vulnerável se achava, da força de Cam e de sua ausência de força. O antigo e familiar medo se apossou dela, transformando suas entranhas em gelo. Desprezava a si mesma por esse medo, pelo desejo de se virar e correr, de concordar com o que ele exigisse. Não podia voltar atrás, não podia demonstrar medo.

- Você enoja a si mesmo. O que faz com as pessoas, a frieza, o cálculo egoísta... é isso que desprezo.

- Entendo. - Cam cruzou os braços no peito, vendo a cor desaparecer de seu rosto e a luz de seus olhos, substituídos pelo gelo vislumbrado naquela manhã. Lamentou a transformação. -

Bem, eu sou assim agora. - Ele virou-se e voltou para a mesa, dizendo casualmente: - Diga, você planeja me desprezar como estranho ou como seu marido?

As palavras a fizeram emitir uma breve gargalhada.

- Céus, você pode realmente ser tão insensível! Nem se importa em se casar com uma mulher que o odeia?

Ele sacudiu os ombros, sentando-se na cadeira. Fez um gesto com a mão na direção de outra cadeira, mas Angela sacudiu a cabeça, permanecendo onde estava. O momento de medo tinha perfurado a bolha quente da raiva, dispersando-a e deixando seus sentimentos confusos e tumultuados. Ela queria escapar, voltar para a cama, cobrir a cabeça com as cobertas como uma criança. Mesmo assim, algo a fez ficar.

Cam a olhou, unindo os dedos.

- Uma esposa que gostasse de mim certamente facilitaria tudo - disse, tão despreocupado como se falasse sobre o tempo. - Entretanto, não faz parte de minhas exigências.

- Quais são as suas exigências?

- Então está pronta para negociar?

- Não disse isso - retrucou, cautelosa.

- Você me fez saber como sou uma alma baixa e desprezível, e aceitei. Agora podemos começar com a barganha. Minha exigência é que se case comigo o mais rápido possível. Em troca, rasgarei as notas promissórias de seu irmão. Investirei nas minas e nas terras para que possam recuperar a antiga lucratividade. Assumirei o controle da administração... na prática, é claro. Por enquanto, viveremos aqui, pois terei algum trabalho para pôr a mina e as terras em bom estado. O castelo precisará de restauração, também. A galeria elisabetana está cheia de mofo, segundo fui informado.

- E o relatório sobre meu irmão? E a ameaça que brandiu sobre sua cabeça?

- Eu não teria motivos para manchar a reputação de meu cunhado, teria? Queimei o relatório e paguei o suficiente aos investigadores para comprar-lhes o silêncio. Ninguém saberá. - Fez uma pausa, acrescentando a seguir: - Você receberá também uma

soma, é claro, para suas despesas. Jeremy vai ficar bem sem os juros de todas as notas promissórias e sem as despesas desta casa. Mas, se for necessário, lhe darei uma mesada até a fazenda e as minas começarem a proporcionar lucros maiores.

- Então... com uma das mãos a destruição; com a outra, a generosidade. Como você brinca bem de Deus!

- De Deus, não. Sou apenas um homem ciente do que quer.

- Entendo. Quanto ao que os outros querem, não importa. Cam deu de ombros.

- Estamos negociando, não estamos? Se quiser algo, diga.

Angela começou por lembrar-lhe de que não estava negociando com ele, pois não pretendia aceitar a oferta. Contudo, o esforço exigido era demais para ela no momento.

-Vamos, vamos, Angela, deve haver algo que você queira de mim.

- Tudo que quero é minha liberdade.

- Você terá bastante liberdade... mais liberdade do que agora, de fato, já que será uma mulher casada e com dinheiro. O dinheiro gera um bocado de liberdade. Eu já provei isso.

- Nenhuma esposa é livre - respondeu Angela, seca. - Está sempre sujeita aos caprichos do marido.

- Sou um homem com poucos caprichos. - O débil sorriso em seu rosto a estimulou.

- Não quero compartilhar de sua cama - disse ela de supetão. As palavras pareceram pairar no ar. Angela corou. De repente tomou consciência do fato de estar usando apenas uma camisola e um lençol e de Cam estar vestido casualmente, sem casaco e gravata, as mangas enroladas até os cotovelos e os dois primeiros botões da camisa desabotoados, expondo um pedaço do peito bronzeado, com alguns pêlos pretos. Angela engoliu em seco e desviou o olhar. Sentia uma estranha sensação no estômago, o tremeluzir de algum sentimento remoto. Lembrou-se de quando ela e Cam estavam apaixonados, do modo como se encontravam em

todas as oportunidades. Cavalgavam por trás das ruínas da velha cabana do pastor de rebanho, no meio de um arvoredor, e ela desmontava, deslizando para os braços dele.

Angela sabia que nunca esqueceria aqueles olhos tão escuros, quase pretos, e ainda assim faiscando com uma chama, ou do modo como a boca alargava-se sensualmente quando sorria para ela. Ele a deixava escorregar lentamente por suas mãos fortes e depois a puxava a seu encontro e a beijava. Angela se mexeu e pigarreou. O estômago parecia sair-lhe pela boca.

- É mesmo? - disse Cam, frio. - Estranho pedido, vindo de você.

Angela ficou tensa, entendendo o insulto implícito, e virou-lhe as costas para sair do aposento. Cam se levantou e a segurou num instante. A mão aferrou-lhe o pulso, forçando-a a parar.

- Por quê? - murmurou. - Só me diga isto! Por que dormiu j com os outros e, no entanto, prefere deixar seu irmão mergulhar! na ruína a dormir comigo? É por eu ser quem sou? Porque o sangue nas minhas veias não é puro o suficiente? Minha pele é muito suja para tocar a sua?

Angela começou a negar as acusações exaltadas, mas a razão a fez parar. Deixe-o pensar o que quiser, desde que isso o faça sentir nojo. Então ele não mais terá vontade de se casar comigo.

Levantou o queixo um pouco e o fitou nos olhos, forçando-se a manter fixo o olhar.

- Sou uma Stanhope - disse, orgulhosa. - Talvez quando jovem fosse tola o suficiente para achar que o nascimento não importava, mas agora tenho mais experiência. O dinheiro nunca o transformará num cavalheiro. Não posso dormir com um homem que não o seja.

Pomposamente, Cam soltou-lhe o pulso e se afastou. Angela recuou, preparada para uma zangada e exaltada condenação por sua superficialidade. Ficou surpresa quando, após um momento, ele se virou e perguntou, com voz entrecortada:

- São esses os seus termos? Não dormir em minha cama? Se eu concordar, está disposta a se casar comigo?

Angela o encarou, atônita.

- O quê? Você ainda quer se casar comigo? Sabendo como me sinto em relação a você?

O rosto dele estava impassível como uma pedra.

- Eu já disse, não espero um casamento por amor. Isso é mais... um acordo de negócios para ambas as partes. Não a pedi em casamento para me enfiar em seus lençóis. Se pensa que não posso viver com uma esposa fria e manter uma amante quente e voluptuosa, então está muito enganada:

Os lábios de Angela se retorceram.

- Claro. Você *teria* que ter uma amante.

- O que pensa? Que eu deveria viver em celibato por você ser uma dama muito fina para deixar um plebeu ir para a sua cama?

- Não. Apenas pensei que você me deixaria em paz.

- Entretanto, se eu concordasse com esses termos, ficaria eliminada a possibilidade de herdeiros, não é? Eu sempre quis ter filhos com o sangue Stanhope e que ocupassem o lugar dos Stanhope na sociedade. Queria ver meus filhos reconhecidos por famílias como a sua.

- Você acha que nossos filhos teriam um lugar na sociedade? retrucou Angela com sarcasmo. - O fruto de um criado e de uma divorciada? Não há nenhuma chance. Você se sairia melhor caso se casasse com uma donzela, mesmo que a família não tivesse um título. Melhor ainda, volte para os Estados Unidos, de onde não deveria ter saído.

- Não. - A voz era baixa. - Descobri que não pertencço a lugar nenhum. - Fez uma pausa para prosseguir em seguida: - Volto a perguntar: e se eu concordar com seus termos? Se eu concordar que compartilhar a cama não fará parte de nosso acordo, você se casaria comigo?

Ela o fitou abalada, odiando o redemoinho de emoções em seu peito, odiando a calma inabalável dele. Jeremy necessitava desesperadamente de sua ajuda e ela lhe devia isso por ele tê-la ajudado durante e depois do divórcio. Sentiu-se muito culpada em recusar fazer o necessário para salvá-lo. Parecia terrivelmente

egoísta. Se Cam mantivesse a palavra, talvez não fosse tão ruim. Cam nunca tinha sido malvado ou violento com ela quando eram jovens e parecia não nutrir nenhum sentimento por ela agora para enfurecer-se e espancá-la. Se mantivesse a promessa de não obrigá-la a dormir com ele...

- Não sei - disse, com honestidade. - Eu não teria garantia de que as exigências fossem cumpridas. Seria fácil dizer que não me possuiria, mas depois do casamento meu corpo seria seu e não meu.

Os olhos de Cam ficaram sombrios quando ouviu tais palavras e a boca suavizou-se sutilmente.

- Um jeito curioso de expor a situação - murmurou.

- Um jeito verdadeiro.

- Eu lhe dou minha palavra e você precisa acreditar que não voltarei atrás. Com certeza, me conhece bastante para saber disso.

- Não o conheço mais. - Angela recuou um passo, olhando ao redor insegura. - Não sei o que fazer. - Ela virou-se e saiu correndo da sala.

Angela sentou-se no banco do caramanchão, desenhando um buquê de íris recém-floridas. Passara fora a maior parte dos últimos três dias, desde seu confronto com Cam, para evitar falar com ele. Seu plano até o momento funcionara, mas estava cansada de ter que escapar da própria casa, e quando viu as íris púrpuras, ceder ao desejo de pintá-las.

Seus companheiros habituais espalhavam-se ao redor. O sol quente batia em seu rosto e ela sentiu preguiça e satisfação. Tudo parecia ter voltado ao normal, como antes da chegada de Cam e do Sr. Pettigrew. *Como seria novamente, se eles fossem embora.* Deixou escapar um leve suspiro por ter permitido a intromissão de Cam em seus pensamentos.

Fechou os olhos e virou-se para o lado no banco, recostando-se na treliça do caramanchão, e tentou recapturar o sentimento de contentamento experimentado há pouco. Disse a si mesma que tudo daria certo - mesmo Jeremy estando arruinado tanto financeira quanto socialmente. Com firmeza, afastou o pensamento da mente.

Mas não podia mantê-lo afastado. Angela sabia que não podia deixar Jeremy ser destruído por sua culpa. A sorte dele estava inteiramente em suas mãos. Odiava o fato. Odiava Cam por tê-la colocado em tal posição. Pensou em como seria um casamento com ele, caso mantivesse a promessa de não procurá-la na cama.

Anos atrás, ela teria lhe confiado a vida. Ele era seu deus, seu ídolo. Ela o amara com veneração infantil, muito antes de se apaixonarem quando adultos. O pai morrera quando ela era pequena e a mãe, sempre doente, a deixara entregue à companhia dos avós, muito velhos e, de qualquer forma, nada dispostos a conversar ou brincar com uma criança. Quando cresceu e não mais precisou da babá, ficou aos cuidados de uma governanta empertigada, incapaz de satisfazer os anseios de afeição ou atenção de uma criança carente. Mas Cam tinha tempo para ela. Ele a ouvia, conversava com ela, era seu amigo.

Lágrimas quentes inundaram os olhos de Angela, surpreendendo-a, e escaparam por seus cílios.

- Chorando diante da perspectiva de seu casamento, minha querida? - uma voz familiar disse lentamente, a cerca de um metro de distância. - Não posso dizer que a culpo.

Angela ficou boquiaberta, os olhos arregalados, o corpo inteiro de repente congelado até os ossos. Lorde Dunstan estava parado no caminho estreito e sujo que conduzia ao caramanchão.

Capítulo Quatro

Não o via há quatro anos. Desejara, rezara para nunca voltar a vê-lo. O enorme choque de tê-lo ali diante de si, sem aviso, a deixou sem respiração. Simplesmente o fitou, incapaz de se mover ou falar, as entranhas transformadas em pedras de gelo.

- Ah, posso constatar sua surpresa ao me ver - continuou friamente. Ele não mudara nada. A devassidão ainda não lhe estragara o rosto proporcional. Parecia frio e perfeito, como se tivesse sido esculpido em mármore, as roupas na última moda, confeccionadas com os melhores tecidos. Lorde Dunstan só queria o melhor à sua volta. Angela se forçou a levantar e encará-lo. Não podia deixá-lo perceber que ainda o temia. Nada o agradaria mais.

- O que está fazendo aqui?

Ficou satisfeita por sua voz não tremer. Cerrou os punhos. O corpo inteiro estava rígido. *Alguém a ouviria dentro da casa se gritasse?* As paredes do castelo Bridbury tinham sido construídas para suportar cercos. A seu lado, Wellington ergueu-se pesadamente, olhando o visitante desconfiado.

- Vim porque estava preocupado com você - respondeu, a voz falsamente simpática. - Não pude acreditar nos boatos que ouvi. Precisava ver com meus próprios olhos.

- Não entendo o motivo. Nada sobre mim lhe diz mais respeito.

- Mas você é minha esposa! Claro que suas decisões me dizem respeito.

- Eu *era* - argumentou com firmeza. - Eu *era* sua esposa.

- Talvez eu seja antiquado, mas, apesar de não estarmos mais unidos por laços legais, ainda sinto que você me pertence. - Os olhos verdes percorreram seu corpo propositalmente. Angela estremeceu; era como se uma serpente tivesse cruzado seu caminho. - Você entende, estou muito acostumado com cada centímetro seu.

- Vá embora, Dunstan. Você não tem o direito de estar aqui.

- Não posso partir até você saber o que me trouxe aqui. Ouvi dizer que seu irmão, *não* o mais preconceituoso dos homens, como ambos sabemos. - Novamente havia uma expressão lasciva em seus olhos e Angela teve certeza de que ele também estava a par dos hábitos sexuais de Jeremy: que Jeremy estava acolhendo seu antigo amante na casa dele. - Estranho, pensei. Não pode ser verdade, mas ouvi com tanta freqüência que decidi vir aqui saber se era verdade.

- Cameron Monroe está nos visitando, se é a isso que se refere. - Angela tentou usar um tom mais arrogante, mas o frio divertimento nos olhos de Dunstan lhe provaram que ele conseguia ver através de sua pose.

- Minha querida menina, realmente você não pode ainda ter predileção por tipos baixos. Pensei que já tivesse perdido esse hábito. - Suspirou. - Ah, bem, era de se esperar que Jeremy, pelo menos, se preocupasse mais com o nome da família.

- E o que lhe interessa o nome Stanhope? Não é da sua conta quem está nos visitando, de qualquer modo.

- E da minha conta quando correm rumores de que minha esposa... está bem, minha ex-esposa... vai se casar com um criado. O que vão dizer se você se casar com um cavaliço depois de ter sido casada comigo?

- Não me importo com o que digam! E isso não é da sua conta!

- Ah, mas tudo que tem a ver com você é da minha conta - respondeu, estendendo a mão e passando os nós dos dedos em seu rosto. Angela retraiu-se instintivamente. - Vejo que você ainda se lembra.

- Claro que me lembro - respondeu Angela com voz entrecortada. - Como poderia esquecer?

- Então você deve se lembrar de como a possuí por completo, minha querida. E ainda possuo. Não importa se outro homem vai tê-la, mas você sempre carregará minha marca.

A bile subiu na garganta de Angela e ela engoliu em seco para evitar se engasgar. Dunstan sorriu, olhando-a.

- Eu não me importaria de ter você de volta - continuou. -Leva tantos anos para treinar uma mulher adequadamente como a treinei. Você entende. Dá tanto trabalho ter que treinar outras. E descobri que há poucas tão... estimulantes quanto você.

Angela não podia esconder o tremor convulsivo que lhe percorria a espinha ao ouvir aquelas palavras. Estava presa entre Dunstan e o caramanchão atrás dela. Queria correr e subir pelo caminho até a casa, mas odiava virar as costas para ele tanto quanto odiava ter que encará-lo. Além disso, irritava-a deixá-lo saber o quanto ele a assustava. Isso sempre tinha sido uma das coisas das quais ele extraía o maior prazer.

- Você nunca me terá de volta.

- Não mesmo? - A boca de Dunstan retorceu-se num sorriso.
- Eu já disse a você: todos em Londres sabem que Jeremy está à beira da falência. Todos sabem que você está à venda pela mais alta oferta. Por que mais Jeremy alimentaria a idéia de ligar sua família à daquele criado? Acho que ele ficaria agradecido a mim se eu o salvasse de denegrir o nome Stanhope desta maneira. Posso pagá-lhe as dívidas e acho que ele ficaria agradecido. Não acha? É claro que o casamento estaria fora de questão a essa altura. Um Asquith só poderia ter uma divorciada como amante.

Angela respirou fundo e ficou imóvel. Uma raiva avassaladora percorreu seu corpo. Dunstan a olhava com um débil sorriso nos lábios, adorando a reação causada por suas palavras.

- Angela! -A voz do irmão veio do pátio.

Ângela voltou-se. Jeremy corria em sua direção na estradinha, uma expressão de preocupação no rosto. Cam Monroe estava a seu lado, parecendo maravilhosamente forte e protetor. Uma sensação de poder a invadiu. De repente, se sentiu mais forte e mais confiante. Fitou Dunstan. Algo em seus olhos lhe diziam que a idéia de vê-la casada com Cam Monroe o irritava. Era orgulho, decidiu. Orgulho e possessividade. Ele odiava pensar que outro homem - pior ainda, alguém de uma classe social inferior - pudesse possuir algo que fora seu, pois era assim que Dunstan a via, como uma de suas lindas possessões.

- Ah, e este deve ser seu namorado - comentou Dunstan, a boca transformando-se num esgar.

- Sim, é sim - disse Angela em voz alta, voltando-se para os homens que se aproximavam e estendendo a mão. - Cam, gostaria de apresentá-lo a lorde Dunstan. - Virou-se para o ex-marido, erguendo o queixo num gesto ao mesmo tempo desafiante e triunfal. - Dunstan, este é meu noivo, Cameron Monroe.

Jeremy ficou paralisado, boquiaberto. Os olhos de Cam se abriram ligeiramente, mas não demonstrou nenhum outro sinal de espanto ao se aproximar de Angela e segurar-lhe a mão estendida.

- Bom dia, meu amor. - Ele se inclinou e deu-lhe um beijo no rosto. Em seguida, fez um aceno com a cabeça para o outro homem. - Lorde Dunstan.

As narinas de Dunstan inflaram e um lampejo mortal brilhou em seus olhos. Angela, por um momento, achou que ele se recusaria a retribuir o cumprimento. Mas os bons modos haviam sido inculcados em Dunstan mais profundamente do que a moral, e depois de um momento ele ensaiou um aceno formal.

- Monroe.

- Presumo que lorde Dunstan esteja de partida - prosseguiu Cam, agradável, desviando o olhar do rosto pálido de Angela para o do homem. - Lamento não termos conversado, milorde. Por que não o conduzo à saída? Assim podemos conversar um pouco.

- Tem toda razão - disse Dunstan. - Agradeço, mas conheço o caminho. - Um sorriso malicioso brotou de seus lábios ao prosseguir: - Estive aqui antes de você.

O sorriso de Cam assemelhava-se mais a um trincar de dentes. Ele compreendeu o duplo sentido sugerido pelo outro homem, mas recusou-se a dar a perceber.

- Entretanto, estou certo de não ser mais familiar a você. Insisto em conduzi-lo até seu cavalo.

Moveu-se para o lado de Dunstan e a única maneira de o outro homem evitar que Cam lhe pegasse o braço e o conduzisse foi virar-se e voluntariamente adiantar-se, embora fosse claro pela frieza de seu rosto que isso o irritava.

Jeremy aproximou-se da irmã e passou-lhe o braço no ombro, perguntando, em voz baixa:

- Você está bem?

- Sim. - Angela aquiesceu. Mas o momentâneo vislumbre de vitória sentido começava a sumir. Sentia-se mal, os joelhos tremiam e a cabeça girava. - Meu Deus, Jeremy, o que eu fiz?

Cam tinha certeza de Angela estar arrependida do que dissera. Evitara-a pelo resto do dia, para não lhe dar chance de retirar as palavras pronunciadas sem pensar. Em vez disso, passou o dia trancado com Pettigrew e Jeremy, esboçando as cláusulas do contrato de casamento e se certificando de que o anúncio do iminente casamento fosse enviado ao *Times*. No jantar, Jeremy anunciou à mãe e à avó o noivado. Angela parecia presa numa armadilha, mas não fez objeções. Cam foi para a cama naquela noite se sentindo bem satisfeito consigo mesmo.

Foi acordado pelos gritos. Pulou da cama e dirigiu-se, sonolento, para a porta antes de ter plena consciência do ocorrido. Fez uma pausa sacudindo a cabeça para clarear os pensamentos, pensando por um instante que devia ter sido um sonho. Mas depois ouviu a voz assustada da mulher novamente, implorando:

- Não, não, por favor... - A voz causou-lhe arrepios na espinha. Era a voz de Angela.

Era sempre "a mesma coisa. Ela corria por um corredor comprido e escuro, o coração palpitando, a respiração arranhando-lhe os pulmões. Fugia de algo atrás dela, do horror sem rosto a persegui-la. Não sabia exatamente o que era, apenas que era monstruoso e aterrorizante. E a perseguiu. Não descansaria enquanto não a alcançasse.

Ela correu aterrorizada, inclinando-se numa curva e descendo às pressas as escadas que pareciam não ter fim e giravam em círculos até ela ficar tonta. E depois, de repente, viu-se do lado de fora, e agora reconhecia o lugar: os jardins externos de Gresmere, a propriedade de . Dunstan. Ali estava a estátua do sátiro, bem escondida no labirinto. Ele sorria lascivo para ela, as

mãos nos quadris, cabeludo, semelhante a um bode, mas ostentando um imenso e humano membro masculino.

Corria agora através dos becos do labirinto, a sensação sufocante das cercas vivas fechando-se, bloqueando quase toda a luz do sol. Cada corredor que percorria, cada curva e volta que dava, a levava de volta ao centro e ao diabólico sátiro sorridente. Os pulmões queimavam e ela chorava. As pernas doíam e ela estava tão assustada que tinha ânsias de vômito. Abalada, moveu-se adiante, tremendo de frio. Mãos se estendiam, tocando-a, puxando-a. Percebeu estar nua. Queria parar, se esconder, mas não havia lugar nos compactos arbustos. Ela precisava correr, pois a coisa desconhecida estava atrás dela, procurando por ela. Não pararia...

Caiu de joelhos, engatinhando, soluçando, implorando. De repente, em vez dos arbustos, pessoas ladeavam o caminho, todas olhando em silêncio. Ela gritou pedindo ajuda, socorro, mas ninguém se moveu ou falou. Todos apenas a olharam com rostos ávidos, olhos acesos e bocas retorcidas em sorrisos grotescos exatamente como o do sátiro. Ouviu uma batida e achou que eram aplausos. Ou talvez fossem os passos da coisa atrás dela, pois estava bem atrás agora, buscando-a, e ela não mais podia se mover. Começou a berrar. O barulho sufocou seus gritos.

Abriu os olhos. Estava acordada, livre do horror do sonho, ainda mergulhada na escuridão. A batida continuou, confundindo-a ainda mais.

— Angela! - Uma voz masculina urrou do lado de fora do quarto. - Droga, abra a porta!

Um tremor a percorreu e ela olhou em torno, horrorizada, pensando por um breve instante ainda ser casada e ser Dunstan lá fora exigindo entrar. Mas reconheceu a mobília e soube estar em seu quarto em Bridbury. A batida parou, seguida por uma metálica colisão na maçaneta.

- Espere! Não! - Era a voz de Jeremy. -Angela, sou eu, Jeremy. Você está bem?

A primeira voz voltou a falar, um profundo estrondo de raiva masculina, seguido pela resposta agitada de Jeremy. Angela saiu da

cama e apressou-se no escuro rumo à porta, ainda trêmula e tonta do terror do pesadelo.

Colocou a boca perto da porta.

- Quem está aí?

- Angela? Sou eu, Cam. Abra. Que diabos está acontecendo? Ela abriu um pedaço da porta, tentando controlar os calafrios.

- Foi tudo...

Silenciou quando Cam abriu a porta e entrou no quarto, lançando um olhar rápido e abrangente pelo cômodo escuro. Pegou-a no colo como se ela fosse uma criança. Em circunstâncias normais, Angela teria se desvencilhado. Mas agora, ainda semi-enfeitiçada pelo poderoso pesadelo e sem as habituais defesas, enrascou os braços em seu pescoço e agarrou-se a ele, repousando a cabeça em seu peito. Ela queria abrigo e ele era grande e quente, um porto seguro.

- Pronto, calma... - murmurou, a voz ressoando em seu peito no qual ela colara a orelha. Ele beijou-lhe o topo da cabeça. -Está tudo bem agora. Estou aqui.

Ele voltou-se para a porta onde Jeremy e outras pessoas se amontoavam. Cam os olhou de cara feia.

- Eu cuido disso.

Com o pé fechou a porta e depois se virou e atravessou o quarto, carregando Angela para a larga e confortável poltrona perto da janela. Ele sentou-se e a aconchegou no colo. Ela aproximou-se ainda mais dele, enfiando os dedos dos pés entre a almofada e a poltrona para mantê-los aquecidos. Cam esboçou um sorriso ao ver o gesto e apertou-a um pouco mais nos braços. Descansou o rosto no topo de sua cabeça.

- O que aconteceu? - perguntou depois de um tempo. - Um pesadelo?

- É. Às vezes tenho pesadelos. Agora não tenho tanto. - No início, após a separação, tinha pesadelos quase todas as noites. Era horrível que Kate insistisse em dormir numa cama dobrável no

quarto de Angela, para poder acordar a patroa quando ela estivesse em meio ao sofrimento causado pelos sonhos. Contudo, conforme os anos se passaram, o pesadelo se tornou cada vez menos freqüente, e depois de algum tempo, Kate concordara em voltar para sua cama bem mais confortável nas acomodações dos criados. Já fazia quase um ano desde que Angela tivera o último pesadelo.

- Você quer me contar? - perguntou.

- Não.-Angela sacudiu a cabeça decidida. Nunca contara a ninguém o que acontecia nos sonhos e certamente não começaria agora e justamente com Cam. Não podia tolerar que alguém conhecesse a extensão de seu terror e quão pouco bastava para reduzi-la a tal estado. Sabia que o sonho em si nada tinha de particularmente assustador. O terror do pesadelo estava no sentimento, no conhecimento de quão detestável e diabólica era a coisa que a perseguia. E que não podia contá-lo sem se referir a Dunstan. E ela se recusava a falar dele.

- Está bem. - Ele passou a mão carinhosamente em seu cabelo. - Você sabe, eu me lembro de ter pesadelos quando criança. Num deles eu escorregava numa escadaria muito alta e caía. Acordava sempre antes de atingir o chão.

- Quando eu era pequena, costumava ter sonhos ruins sobre os ciganos que vinham toda primavera. Você se lembra deles?

- Claro. Eles vinham no período da poda e acampavam nas cercanias da cidade. E mamãe sempre dizia: "Afaste-se dos ciganos. Eles vão roubar você."

- Era o que a minha babá também sempre dizia. Ela contava que os ciganos roubavam criancinhas e as vendiam. - Era agradável conversar com ele; fazia com que parasse de pensar no pesadelo. E a mão em seu cabelo era reconfortante. - Você acha que eles roubavam mesmo as crianças? Existia um mercado para criancinhas?

- Não faço idéia. Com tantas crianças nos orfanatos, não posso imaginar alguém roubando uma criança da família. - Ele esfregou o rosto contra seu cabelo, sentindo um leve aroma de rosas. O cabelo era macio e o perfume e a textura atijaram-lhe os sentidos. Isto era algo com que sonhara, lembrou-se, ao se

apaixonar por Angela tantos anos atrás: casar com ela e poderem ficar sentados assim numa noite. Angela enrascada em seu colo, discutindo tranqüilamente o dia deles ou o que lhes agradasse.

- Nem eu. Mas a idéia costumava me aterrorizar. Por semanas depois que partiam eu tinha pesadelos com eles.

- Eu escapava de casa com alguns garotos e ia até lá espiar o acampamento. Eles tocavam instrumentos em volta das fogueiras e algumas vezes dançavam. Pareciam exóticos e, na época, achei maravilhosa a idéia de viajar com eles. Ver todo o país, livre de obrigações. Não considere os estômagos vazios que deviam ter habitualmente ou as cidades das quais eram expulsos ou a falta de uma casa.

Ele esfregava-lhe as costas enquanto falava, a mão movendo-se naturalmente para cima e para baixo do mesmo modo reconfortante. E enquanto o fazia, a sensualidade de suas posições veio-lhe à mente. A pele dele esquentou e a mão tornou-se mais leve e mais carinhosa. Quando o medo de Angela a deixou e os tremores cessaram, ele tornou-se mais consciente do calor suave do corpo dela, de seu traseiro pressionado contra aquela parte mais íntima dele, de sua pele de seda sob a leve camisola de algodão. Ela estava completamente coberta, mas a imaginação forneceu-lhe a imagem de como ela devia ser por baixo da camisola e ele não conseguia evitar pensar no quão fino era o material que separava sua pele da dele. A respiração de Cam acelerou de repente. Ele curvou-se e pressionou os lábios em seu cabelo, mergulhando o rosto nos cachos pesados e sedosos. Escorregou o rosto por seu cabelo e beijou a suave pele de sua testa.

- Angela... - Seu nome era um suspiro em sua boca. A mão desceu pelas costas dela e curvou-se em seus quadris.

Angela ficou tensa e se sentou, afastando o torso de seu peito. De repente o conforto do colo não era mais seguro ou agradável.

- O que... O que está fazendo?

- Shhh. Está tudo bem. - Ele passou o dedo debaixo de seu queixo. - Em breve estaremos casados. Não há mal nenhum.

A respiração ficou presa em sua garganta e num minuto ela saía de seu colo, deixando-o assustado e decepcionado.

- Angela... Qual o problema?

- Não. Você disse. Você prometeu.

- Prometi o quê?

- Você disse que se eu não quisesse, não teria importância. Disse que não exigiria que eu... não exigiria seus direitos maritais. - Ela o fitava com olhos arregalados, o peito arfante. Não estava sendo sincero? Está planejando desistir do que disse?

Cam também se levantou, tão tenso quanto ela. Não compreendia o que acontecera. Num momento ela se mostrara meiga e dócil em seus braços, em consequência da emoção causada pelo sonho; quase a garota conhecida e amada do passado, No instante seguinte, passara a ser a mulher que encontrara poucos dias atrás - ferina e acusadora, afastando-se afobada, os olhos cheios de repulsa. Ela passara a odiá-lo, recordou-se. De nada adiantaria pensar na possibilidade de reviverem o doce amor experimentado um dia. Afinal, ele também não mais acreditava no amor.

- Claro que não - disse, numa formalidade fria. Eu não forçaria minha esposa a compartilhar minha cama, mesmo não sendo uma exigência em nosso casamento. Por quem me toma?

- Por um homem — respondeu, direta. — Um homem que pretende confortar alguém e depois tenta tirar vantagem,

- É isso que você julga que eu estava fazendo? _retrucou insultado. - Que bela opinião tem a meu respeito, milady

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Que motivos existem para pensar de outro modo? Tenho ampla experiência do quão longe você pode ir para obter o que deseja.

- Eu não a enganei. Nem tentei forçar ou seduzi-la para minha cama. Não farei isso quando formos casados. Você tem

minha palavra. Não tenho interesse em forçar para meus braços uma mulher que não me deseje.

- Ótimo. Desde que isso fique bem claro.

- Está perfeitamente claro para mim. - Ele estava frio de raiva. Sentiu-se um tolo em ter se preocupado e ficado ansioso por causa dela, ter tentado resgatá-la do pesadelo. Ela via seu cuidado como um truque para seduzi-la e isto serviu para lembrá-lo de como era tolo e inútil deixar a emoção anuviá-lhe o pensamento. - Temos um acordo. Eu obtenho o que quero e você o que lhe interessar. Não é para ser um casamento de fato, será apenas um casamento de aparências. Parece convir à mulher indiferente com que se transformou.

Angela lançou-lhe um olhar chamejante.

- E o homem sem coração que você é.

Ele ergueu a sobrancelha ligeiramente, de forma irônica.

- Como preferir. Parece que então combinamos perfeitamente. Devemos nos casar assim que obtivermos a licença. Boa noite, madame.

- Boa noite. - Fria, Angela o viu sair. De repente tremeu, consciente do frio. Voltou para a cama, cobriu-se com as cobertas para se aquecer e reclinou-se na cabeceira. Seu quarto parecia tão cavernoso e escuro agora - e sem a presença reconfortante de Cam sentiu novamente medo. Lembrou-se de que assim vivia antes. Estava acostumada a ficar sozinha. Era o jeito como preferia, também. Se Cam mantivesse a promessa, continuaria a ser assim depois do casamento.

Acendeu um candelabro, aconchegou-se nas cobertas e preparou-se para enfrentar a noite, ignorando a dor no peito.

Cam e Angela se casaram, graças a uma licença especial, três dias depois. O Sr. Pettigrew, aparentemente, tinha sido encarregado de obter a licença e já a trazia consigo ao chegar a Bridbury com Jeremy.

- Um criado dos mais diligentes - comentou Angela para a empregada quando lhe contou sobre as núpcias a apenas poucos dias.

Kate deixou escapar um muxoxo inconveniente.

- Um bastante intrometido e hipócrita, se quer minha opinião. Imagine ter a de presumir que a senhora concordaria com o plano deles.

Angela deu de ombros.

- Era bastante óbvio que eles tinham as cartas nas mãos. Aparentemente, Cam se acostumou a obter o que deseja. Acho que ele não considerou que podia acabar de outro jeito.

- Bem, ele não costumava ultrapassar os limites - disse Kate, sombria.

- Ele mudou - foi tudo que Angela disse, o rosto duro. - Como eu também.

O pastor os casou na pequenina igreja da aldeia. Angela usou um de seus mais bonitos vestidos: de seda azul-marinho, simples, sem enfeites. Não teve tempo para mandar fazer um vestido novo. De qualquer modo, achava o vestido bastante adequado a seu humor. Só sua família e o Sr. Pettigrew compareceram à cerimônia. Depois, Cam e Angela voltaram para o castelo na carruagem do conde, falando pouco.

Um elegante jantar de casamento foi preparado na cozinha, apesar do pouco tempo de antecedência, mas ali também o humor festivo faltava. Angela retirou-se para o quarto logo após a refeição e Cam se trancou no escritório com o Sr. Pettigrew e vários livros de contabilidade. Naquela noite, Angela tomou o cuidado de trancar tanto a porta do corredor quanto à de conexão com o quarto ao lado antes de ir para a cama. Não pretendia acreditar na palavra de Cam. Ele mandara levar suas coisas para o quarto contíguo, mencionando ser a atitude costumeira. A mudança a deixou levemente desconfortável.

Mais tarde naquela noite ouviu Cam entrar no quarto ao lado. De vez em quando, ouvia o som dos passos ou o murmúrio da voz falando com seu valete, Rundle. Entretanto, em nenhuma ocasião ouviu-o aproximar-se da porta de seu quarto, quanto mais tentar mexer na maçaneta. Mesmo quando tudo ficou quieto no quarto ao lado e o seu, escuro, Angela continuou deitada, alerta,

atenta ao menor som. Não ouviu nenhum. Ficou satisfeita, é claro, e aliviada por Cam manter a palavra. Mas não pôde evitar pensar que talvez ele não tivesse dificuldade em manter seu voto pelo simples fato, como ele dissera, de não ter interesse nela como mulher, mas só como símbolo de algo que ele queria. Este pensamento, percebeu, a deixou levemente decepcionada.

Quase uma semana se passou sem o menor contato entre eles. Angela via Cam basicamente durante as refeições, embora normalmente não no café-da-manhã, pois ele acordava bem antes dela para poder começar sua rotina de trabalho. O resto do dia, Angela dava continuidade às mesmas atividades que a ocupavam desde que voltara a morar em Bridbury. Caminhava pelos pântanos com os cachorros, procurando passarinhos e flores silvestres, com frequência desenhando um ou outro. Ela consertava roupas, lia e ocasionalmente bordava. Repassava as instruções da avó para a governanta, o mordomo e o jardineiro e administrava as crises domésticas surgidas, pois sua avó tinha ficado muito velha para se aborrecer com elas e a mãe estava sempre muito doente.

Cam, por sua vez, passava a maior parte do tempo no gabinete de trabalho de Jeremy, do qual havia mais ou menos tomado posse. Ali se encontrava com Niblett, o gerente da mina, com Markham, o administrador das fazendas, às vezes com Jeremy e, é claro, com o leal Pettigrew. Um dia ele foi até as minas e no outro inspecionou as fazendas, acompanhado pelo administrador. Pela primeira vez o Sr. Pettigrew, pouco à vontade num cavalo, permaneceu no castelo, trabalhando na documentação recebida dos Estados Unidos, num volumoso envelope.

Angela tinha acabado de voltar de um de seus passeios e, sentada nos degraus, tirava as botas enlameadas, quando um dos cavalos de Jeremy surgiu agitado no pátio, bufando e relinchando, e parou, com a cabeça baixa, resfolegando. Angela olhou. Era o capão negro, suando e cansado, parecendo ter enfrentado uma corrida pesada. Entretanto, não carregava nenhum cavaleiro. Uma sela vazia em seu dorso, os estribos balançando e as rédeas dependuradas, esbarrando no chão.

Angela saltou assustada, o coração batendo com força. *Este era o cavalo que Cam montara esta manhã!*

Capítulo Cinco

Angela caminhou cuidadosa em direção ao animal, falando em voz baixa e reconfortante - exatamente o oposto do que sentia por dentro - até alcançá-lo e pegar as rédeas. Ele afastou-se de lado, revirando os olhos, mas acalmando-se ao ouvir a voz serena e concordando em segui-la quando ela o conduziu às estrebarias.

- Wicker? - chamou, entrando no estábulo, e um dos cavaleiros correu para chamar o chefe. Em dois minutos ele estava a seu lado, todo sorrisos, até ver o cavalo que ela trazia.

- Corsair? - Ele olhou o animal assustado, aproximando-se para pegar as rédeas das mãos de Angela. - O que aconteceu com ele, milady? Onde está o Sr. Monroe?

- Não sei. Então era este o cavalo que ele cavalgava?

- Era, sim. Umas três ou quatro horas atrás, era.

- Acha que ele derrubou Cam? Wicker deu-lhe um olhar incrédulo.

- Difícil, milady. Aquele garoto sempre foi um bom cavaleiro. E Corsair não é um cavalo selvagem. Um pouco temperamental, mas só isso.

- Onde está o Sr. Markham? Por que ele não voltou para buscar ajuda se Cam estava machucado? - Angela franziu a testa. - Melhor selar um cavalo para mim. Vou procurá-los.

Wicker pareceu surpreso. Angela cavalgara pouco desde seu retorno ao castelo, um fato que muito o entristecia.

- Sim, milady, é claro. Enviarei um dos cavaleiros com a senhora.

Ele voltou-se para os cavaleiros, gritando ordens enquanto entregava as rédeas de Corsair a um dos garotos. Angela esperou impaciente, e decidiu não voltar ao castelo para mudar a roupa e vestir um traje de montar. Conseguiria se virar bem no velho vestido que usava para caminhar; não tinha aro por baixo, apenas algumas anáguas, e embora pudesse parecer estranho, não seria nenhum grande inconveniente. Não ia perder tempo mudando de

roupa. A cada minuto transcorrido, tinha mais certeza de que algo terrível acontecera a Cam.

Quando um dos cavaleiros conduzia o cavalo para Angela montar, ouviu-se um grito. Angela virou-se e viu um dos jardineiros correndo pelo pátio. Um minuto depois, um cavalo surgiu marchando devagar. Em cima dele, o administrador, Markham, e apoiado pesadamente nele, Cam. Angela segurou a respiração assustada.

- Ai, meu Deus. - Levantando a saia, saiu em disparada em direção ao cavalo. - Cam! Cam! - Alcançou o animal e olhou a dupla em suas costas. O rosto de Cam estava pálido, os olhos, fechados. - Markham, o que aconteceu?

- Um caçador ilegal atirou nele, milady.

- Atirou nele? - O rosto de Angela ficou quase tão pálido quanto o de Cam. De repente, ficou tonta e agradecida pela mão firme do cavaleiro quando ele se aproximou dela e segurou-a com firmeza para mantê-la de pé.

- A senhora está bem, milady?

- Sim, claro. Estou bem. Ajude a descê-lo.

Ao ouvir o som de sua voz, Cam abriu os olhos e baixou o olhar para ela.

- Angel.

- Sim. Estou aqui. Você está muito machucado? Ele sacudiu a cabeça.

- Vou viver. O tiro pegou de raspão. - Pousou a mão no braço, segurando-o. Os olhos de Angela seguiram o movimento e se arregalaram ao ver a mancha vermelha espalhando-se pelo tecido preto do casaco.

- Cam!

- Parece pior do que é.

Naquele momento, vários criados já os rodeavam. Ajudaram a descer Cam com cuidado da sela enquanto Markham o segurava da melhor maneira que podia. Mesmo assim, Cam estremeceu visivelmente ao atingir o chão e apoiar-se no cavalo, agarrando-se à

sela com a mão boa. Instintivamente, Angela deu um passo à frente, passando o braço por sua cintura e agüentando parte do peso.

Havia outros que poderiam apoiar mais vigorosamente um homem ferido, mas Cam não buscou nenhum deles, nem Angela. Cam passou o braço pelos ombros de Angela.

- Você pode andar? - perguntou, ansiosa.

- Claro. Eu já disse, não passa de um ferimento de raspão na pele.

Olhando o rosto pálido e a manga do casaco encharcada de sangue, Angela tendia a duvidar da declaração, mas suspeitou que ele sofreria menos caminhando do que se fosse levantado e carregado por vários homens. Além do mais, havia a questão do orgulho.

- Está certo. - Voltou-se para o cavaliço que a seguira dos estábulos. - Bem, pegue o cavalo que selou para mim e vá à casa do Dr. Hightower, o mais rápido que puder. Diga que precisamos dele aqui imediatamente. Diga que é sério, um ferimento a bala.

- Sim, milady. - O garoto saiu feito um foguete. Angela olhou o cavalo e depois para Cam.

- Está pronto?

Ele acenou afirmativamente, apertando-lhe um pouco mais os ombros, e começaram uma lenta caminhada até a casa. Markham, que havia apeado do cavalo tão logo Cam descera, entregou as rédeas a um dos criados e os seguiu, explicando o que acontecera.

- Foi exatamente quando descíamos a estradinha a caminho da fazenda de Tom Ellis, logo antes da parede de pedra. Tem uma floresta atrás daquela parede, a senhora sabe, e uma subida.

- Sim. Conheço o lugar.

- Sinto muito, milady, sinto muitíssimo. Não tinha idéia de que algo assim fosse acontecer. Jamais deveria ter sugerido darmos uma olhada nas terras.

- Não seja tolo. Como poderia saber? Tenho certeza de que não é o culpado.

- Claro que não - concordou Cam. - Não diga bobagem.

- Você faz idéia de quem era? - perguntou Angela.

- Não, milady. Vou levar vários homens e percorrer a floresta na tentativa de descobrir alguma prova. Mas, não ser que alguém confesse, acho pouco provável descobrir algo.

Tinham alcançado as escadas nesse momento e fizeram uma pausa. Angela olhou a escadaria de pedras com certo temor. Cam deixou escapar um suspiro.

Markham se ofereceu para segurá-lo do outro lado, mas uma olhada no braço ferido eliminou a idéia. Cam não tinha como levantar o braço e apoiá-lo em seus ombros, muito menos se apoiar nele. Cam trincou os dentes e ordenou:

- Vamos. Vamos acabar logo com isso, antes que eu acabe desmaiando.

Começaram a subir as escadas. A porta à frente deles estava aberta e Rundle, valete de Cam, saiu às pressas, gritando o nome do patrão, horrorizado. Foi seguido pelo mordomo, pela governanta e por vários outros membros da criadagem amontoados na porta de entrada. O Sr. Pettigrew imediatamente empurrou-os, mas parou ao ver Cam.

- Cameron! - O choque ao ver Cam sangrando profusamente pareceu o bastante para abalar a habitual formalidade e rigidez de Pettigrew. Ele desceu correndo as escadas e fez menção de segurá-lo pelo outro lado. Quando Cam recuou, ele afastou as mãos rapidamente. - Desculpe. Eu... O que posso fazer? Sra. Monroe, talvez fosse melhor se eu o ajudasse a subir as escadas.

Cam apertou a mão nos ombros de Angela e disse, severo:

- Estou bem. Por que todo mundo está tão aflito?

- Senhor, a bala ainda está alojada - lembrou-o Markham. Pettigrew empalideceu ainda mais ao ouvir o comentário.

- Meu Deus, Cameron, o que aconteceu? Eu deveria tê-lo acompanhado.

- E como sua presença impediria a bala de me atingir? - perguntou Cam, com bom senso. - Agora, se puderem me deixar passar, eu gostaria de ir para minha cama.

- Sim, claro. - Pettigrew moveu-se para o lado, olhando ansioso Cam e Angela terminarem de subir as escadas.

Cam apoiava-se com mais força em Angela e ela suportava com dificuldade o peso. Deu um olhar preocupado para o assistente de Cam, dizendo, hesitante:

- Sr. Pettigrew, acho que preciso de sua aju... Sr. Pettigrew!

O jovem saltou à frente quando Cam desabou em cima de Angela e ela vacilou, tentando evitar que ele caísse nos azulejos. O Sr. Markham também o segurou e aguardaram até que o valete e dois lacaios viessem em seu socorro. Os homens levantaram o corpo mole e o carregaram escadas acima para o quarto. Angela os seguiu, as mãos segurando a saia.

Quando o colocaram na cama, a eficiente governanta, Sra. Wilford, chegou, carregando panos de linho limpos e uma bacia de água. Ela apressou-se e os colocou na mesinha ao lado da cama, depois pegou a tesoura do bolso e virou-se decidida na direção de Cam.

- Pode deixar, Sra. Wilford. Eu cuido disso - disse Angela, pegando a tesoura de sua mão. Não tinha certeza do motivo, mas queria ser ela a cuidar de Cam.

Começou a cortar o punho da camisa, depois a camisa e o casaco, revelando o braço empapado de sangue e o ferimento na parte superior. A constatação de estar na mesma altura do coração causou-lhe um arrepio. Só alguns centímetros à direita e ele estaria morto.

Ela molhou o pano e começou a limpar com suavidade o sangue de seu braço. Após torcer o pano algumas vezes, a água na bacia ficou vermelha e ela pediu a Kate para buscar outra bacia com água limpa. Por todo o tempo em que trabalhava, Jason Pettigrew girava à sua volta. Demorou um tempo para se dar conta de que em

vez de olhar para Cam ele observava cada movimento seu. Franziu a testa. Será que ele a julgava tão incompetente a ponto de não conseguir nem limpar o sangue?

- Realmente, Sr. Pettigrew - desabafou afinal, exasperada, quando ele se moveu à direita mais uma vez, para poder espiar sobre seu ombro -, isto seria muito mais fácil se o senhor não ficasse girando e rodopiando em volta.

- Deixei Cameron desacompanhado uma vez e não pretendo deixar de novo. Depois do ocorrido, Rundle ou eu estaremos ao lado dele todo o tempo.

Angela virou-se para encará-lo, surpresa. Mas Kate, parada ao pé da cama, esperando por alguma ordem de Angela, compreendeu de imediato o significado das palavras do homem e enfureceu-se.

- Como ousa dizer tal coisa para milady? - inquiriu-o agressiva.

Pettigrew virou-se para fitá-la com a pele esticada sobre os ossos do rosto, o corpo rígido de tensão.

- Minha primeira prioridade deve ser meu chefe.

- Bem, com certeza - disse Angela, apaziguadora. - Assim como para todos nós. Kate, não seja rude com o Sr. Pettigrew.

- Rude, eu? - retorquiu Kate com seu jeito desinibido. - Quando ele está acusando a senhora de machucar Cam caso ele não fique de olho, como um abutre?

- O quê? - Angela a fitou e depois se dirigiu ao homem. - É verdade, Sr. Pettigrew? Está me observando por achar que posso machucar Cam? E por que motivo? Por me achar perversa ou meramente incompetente? - A voz tornou-se gélida e mais aristocrática a cada palavra.

Pettigrew corou sob seu olhar de superioridade, mas manteve-se firme, levantando o queixo teimosamente e dizendo apenas:

- Não acho nenhuma das duas coisas, madame, mas pretendo ficar de olho no Sr. Monroe.

- Tolo! - exclamou Kate com desprezo. - É óbvio que ensinam as crianças a ser estúpidas na América, se pensa que milady poderia machucar alguém, quanto mais Cam Monroe.

Os olhos de Pettigrew faiscaram na direção de Kate e ele começou a resmungar, exaltado. Depois se interrompeu, apertando os lábios por um momento. Finalmente disse apenas:

- Sua lealdade é admirável.

Kate emitiu um som desdenhoso e virou-se, cruzando os braços com raiva no peito. Angela levantou-se graciosamente de onde estava sentada na cama. Erguendo o queixo e comportando se como uma dama, da cabeça aos pés, disse, serena:

- Como a sua também. Terminei de limpar o ferimento. É tudo que posso fazer. Talvez queira ocupar meu lugar, para examinar o Sr. Monroe mais de perto.

Afastou-se e sentou-se numa poltrona encostada na parede, deixando Pettigrew parado ao lado da cama, sentindo-se um tolo. Permaneceram assim por vários minutos, o ar pesado de tensão, até finalmente os cílios de Cam piscarem, abrirem e ele passar os olhos errantes ao redor.

- Angela? - Ele viu Jason e disse: - Olá, Pettigrew. Eu desmaiei em cima de você?

- As escadas eram demais para o senhor. Parece que perdeu muito sangue.

- É exatamente como me sinto. - Virou a cabeça para olhar à volta. - Onde está Angela?

- Estou aqui. - Angela levantou-se e aproximou-se da cama. Cam deu um meio-sorriso ao vê-la.

- Ótimo. Pensei que tivesse ido embora. - A voz era ausente e cansada. Mas, ao menos, não havia suspeita.

Angela foi invadida pelo alívio. Refreou a vontade de lançar um olhar triunfante para Pettigrew quando foi até a cama e tomou a mão de Cam.

- Não. Estava apenas sentada. O Sr. Pettigrew queria ter a chance de cuidar de você.

Sim. O Sr. Pettigrew preocupa-se muito com minha saúde. A mão de Cam segurou a de Angela e a apertou de leve. - Está bem, Jason. Acho que ainda não vai ser desta vez.

Claro, senhor. Claro que não. Tenho certeza de que vai ficar bem.

Ele continuou parado perto da cama, logo atrás de Angela. Após um momento, Kate falou:

Por que eu e o Sr. Pettigrew não deixamos o senhor e Sua graça sozinhos? Podemos ficar no corredor.

Pettigrew enrijeceu e lançou-lhe um olhar de desagrado. Kate meramente levantou as sobrancelhas e o fitou com suavidade.

Obrigado, Kate. - Cam conseguiu dar um sorrisinho para ela - Seria ótimo.

Kate fez uma mesura e caminhou para abrir a porta. Olhou na direção de Pettigrew explicitamente. Ele ergueu o queixo.

- Tem certeza, senhor? Cam o olhou surpreso.

- Sim, é claro. Algo errado, Jason?

Pettigrew hesitou, obviamente dividido entre a vontade de avisar o patrão de suas suspeitas, mas sem querer preocupar o homem enquanto ele estava ali deitado, com uma bala no braço e fraco devido à perda de sangue.

- Não. Apenas minha preocupação costumeira.

- Bem, tente não se preocupar desta vez. É uma bobagem.

- Definitivamente, não. - Relutante, Pettigrew afastou-se da cama e atravessou a porta que Kate segurava para ele.

Kate o seguiu, fechando a porta. Cam moveu-se ligeiramente e se contraiu.

- Você está bem? - perguntou Angela imediatamente. Ele sacudiu a cabeça.

- Não muito. Meu braço parece em chamas. Mas não sei nada que possa ser feito a respeito.

- O Dr. Hightower está vindo. Deve chegar em breve.

- Mal posso esperar - respondeu Cam com indiferença.

- Bem, pelo menos quando ele terminar você começará a se sentir melhor.

- É o período antes de ele terminar que me preocupa. Angela sorriu.

- Você não deve estar se sentindo tão mal, já que ainda pode brincar.

- Tentando distrair a mente, receio.

- Nunca fui capaz de fazer nem isso. Ele fez um som de descrédito.

- Não tente me enganar, minha garota. Sei o tipo de coragem que possui. Fui eu quem vi você saltando cercas, se lembra?

- Ah. Num cavalo... - Angela deu de ombros. - Aquilo foi diferente.

- De quê?

- De ser corajosa na vida real

Ele pareceu surpreso com as palavras, mas a mente estava muito enevoada para seguir o raciocínio. Fechou os olhos, cochilando por um momento.

- Continuei pensando em você hoje. Quando estava voltando a cavalo para casa e o pobre Markham tentava me manter na sela.

- Em mim? Por quê?

- Não tenho certeza. - A voz soava insegura e ele passou a mão cansada no rosto. - Eu não parava de ver você em meus pensamentos. Nada saiu como eu planejava.

- Do que está falando?

- De você. De me casar com você. - Ele levou a mão dela ao rosto e a apertou contra a face. As palavras saíram devagar e pesadas. - Pobre Angela. Fui cruel com você, não fui? Eu só queria... Pensei que se me casasse com você eu a teria novamente. Você seria

minha do jeito que foi minha antes... ou do jeito que achei que era. Mas você não é minha mesmo, não é? Eu estraguei tudo. Tudo que fiz foi despertar seu ódio.

- Não! Eu não odeio você! Jamais poderia odiá-lo -Angela comentou, um tanto surpresa ao se dar conta de que falava a verdade. Lágrimas escorreram-lhe pelos olhos ao fitá-lo. Ele parecia tão pálido e vulnerável, os olhos fechados de cansaço, o rosto contraído de dor. - Eu o amava. Você foi meu primeiro amor. -Ela estendeu a mão e acariciou-lhe o cabelo na testa, acrescentando em voz baixa: - Meu único amor.

Ele tinha caído inconsciente de novo, ela percebeu. Passou os dedos em sua testa novamente, depois nas maçãs do rosto. O coração transbordava de emoção, prestes a partir. O rosto era tão querido, tão familiar, embora os anos os tivessem transformado em estranhos... pior, em inimigos. Ela não poderia voltar a amar, sabia. Ela não conseguiria se relacionar com homens, com nenhum homem, nunca mais. E este duro e amargo Cam não era o mesmo homem que amara. Não havia amor entre eles agora, e nunca haveria. Ainda assim, o coração continuava a se emocionar com aquelas palavras de arrependimento. Ela não podia se impedir de desejar que tudo fosse diferente, que ela pudesse ser a mulher que ele desejava.

- Oh, Cam! - As lágrimas rolaram por seu rosto enquanto lhe acariciava novamente o rosto.

A porta foi aberta abruptamente e o médico surgiu. Angela deu um salto, surpresa com o barulho, e se virou.

- Dr. Hightower.

- Milady. - Ele tirou o casaco e o colocou na cômoda, depois caminhou decidido para a cama. Pettigrew, com duas manchas vermelhas nas faces, seguiu-o, bem como Kate. Bastou um olhar para os olhos chamejantes de Kate para Angela ter certeza de a raiva ser o motivo do rosto em brasa de Pettigrew.

O médico era um homem baixinho e troncado, com um olhar meio teimoso e sobrancelhas espessas e grisalhas. Tinha modos bruscos, combinando à perfeição com sua aparência, mas era rápido e competente, com mãos habilidosas e leves. Ele fitou Angela e

depois se curvou para examinar o ferimento, conversando com Angela enquanto trabalhava, mas olhando apenas para Cam e seu braço.

- Pronto, milady, não é tão grave assim. Não precisa chorar. Vou consertar num minuto. Calculo que este seja o rapaz com quem se casou. Ouvei a respeito na aldeia. Todos estão felizes pela senhora. .

- Obrigada. - Apressadamente, Angela limpou o rastro de lágrimas em sua face.

- O que aconteceu? Um acidente com arma?

- Markham acha que foi um caçador ilegal. Ele e o Sr. Monroe estavam examinando as terras.

- Entendo. Uma ferida com péssima aparência. Mas - acrescentou reconfortante - podia ser pior. Alguns poucos centímetros e a senhora podia ter ficado viúva.

- O senhor acha que foi esse o alvo? O coração dele? - perguntou Pettigrew, aproximando-se.

O médico virou-se e olhou o assistente de Cam, ajustando os óculos para espia-lo.

- Quem diabos é o senhor? O que está fazendo aqui?

- Sou o assistente do Sr. Monroe.

- Bem, ótimo, pode me assistir agora mesmo. Isto é algo que Sua Graça não deveria ver. - Olhou à volta e o olhar repousou em Kate. - Ei, garota, mostre-se útil e leve lady Angela para o jardim ou para o quarto da avó um pouco.

Kate aquiesceu e acercou-se de Angela, segurando-a pelo braço. Mas Angela não se moveu. Virou-se para o médico e perguntou:

- O senhor vai tirar a bala?

- Sim. Não é uma cena bonita.

- Posso ajudar de alguma maneira?

- Não. Parece que este jovem aqui serve. A melhor coisa que a senhora pode fazer é se manter afastada do quarto.

- Está certo. - Angela deu uma última olhada para Cam e saiu com Kate para o corredor.

Entretanto, não iria para seu quarto ou para o jardim, e não tinha a menor intenção de sentar-se com a avó naquele momento. Em vez disso, sentou-se numa cadeira entalhada desconfortável a alguns centímetros da porta no corredor e, tirando o lenço do bolso, apagou os vestígios de lágrimas do rosto.

- A senhora estava chorando por causa dele? - perguntou Kate, sentando-se a seu lado.

- Imagino que sim. Ou talvez pelo que poderia ter acontecido. Ele parecia tão... não sei, indefeso, deitado daquele jeito. Tão pálido e... Ele me culpa, sabe, por meu casamento com Dunstan. Ele acha que me casei com Dunstan por dinheiro.

Kate bufou.

- Então ele é tão tolo quanto aquele que trabalha para ele. Um sorriso escapou de Angela.

- Você passou-lhe um sermão enquanto estavam no corredor? O Sr. Pettigrew parecia em estado de choque quando vocês entraram.

- Eu disse o que acho dele e de suas idéias - admitiu Kate, despreocupada. - Ele é um homem estranho. Parecia querer me estrangular com as próprias mãos, mas mesmo assim não levantou a voz nenhuma vez nem mencionou que sou uma criada e não lenho o direito de falar com ele daquele jeito. Eu sei o que sou e que não tenho o direito... sei disso. Então não precisa me dizer que eu deveria ter ficado com a boca fechada.

- Eu não ia dizer isso. Ia dizer é que acho que o Sr. Pettigrew nutre sentimentos por você. Provavelmente por isso ele estava tão contido.

- Ah! Que jeito estranho de demonstrar, então. Ele nunca me dirigiu mais de duas frases completas. Ontem levei a água para ele fazer a barba, porque a pobre da Ellen estava com uma gripe horrível, coitadinha, e ele estava todo duro e formal. Pensei que ele ia fazer queixa de mim para Pepper ou para a Sra. Wilford. Ele parecia tão afetado! Afinal, não entrei quando ele estava sem roupa,

porque não foi assim, eu bati antes. Ele estava sentado na cama em mangas de camisa, com papéis espalhados por todo lado.

- E ele fez queixa de você?

- Não. - Kate sacudiu a cabeça, balançando os cachos escuros. - Embora talvez faça hoje. Não pareceu muito contente comigo esta tarde, posso lhe garantir.

- Bem, acho que ele está interessado em você. Posso ver pela maneira como a olha. Se você está na sala ou passa, ele se vira para acompanhá-la com o olhar. E a Sra. Wilford me disse que ele andou fazendo perguntas a seu respeito para Pepper. É claro que ela acha que ele tem planos diabólicos em relação a você.

- Planos diabólicos? Ele? Acho difícil.

- Você preferia que ele tivesse?

- Não. Eu preferia não ter nenhum contato com ele. E muito frio para meu gosto.

- Ah, eu não o acho frio. Um pouco formal, talvez, mas, acima de tudo, o considero encabulado quando está perto de uma mulher atraente como você, principalmente porque você continua brigando com ele quando ele menos espera.

Kate fez uma careta.

- Bem, mesmo que ele esteja interessado em mim, nada vai acontecer. Quero dizer, ele é um secretário. Mais do que um secretário, na verdade. E eu sou uma empregada. Só há uma coisa que ele pode querer comigo, como minha mãe costumava dizer, e não é casamento.

- Não sei. Ele é americano. Eles têm pontos de vista diferentes.

- Não tão diferentes. Talvez eles não chamem as pessoas de lorde isso ou aquilo, mas pessoas de certa condição e criados não se misturam.

Como Kate, Angela conhecia a rigidez das classes sociais. Haviam sido incutidas desde a infância. E Angela tinha que concordar ser pouco provável que, mesmo nos Estados Unidos, o assistente de um milionário se casasse com uma criada.

A conversa cessou, e após alguns minutos de silêncio Angela se pôs de pé e começou a caminhar pelo corredor, passando pelo seu quarto, depois de volta para o de Jeremy. Kate, que não podia imaginar nada mais a dizer para manter a mente de Angela afastada do que acontecia no quarto de Cam, decidiu simplesmente fazer-lhe companhia.

Jeremy, que tinha ido a Leighton Hall visitar um amigo, subiu as escadas pouco depois e encontrou as duas mulheres perambulando pelo corredor.

- Angela! Pepper acaba de me contar o que aconteceu. —' Aproximou-se da irmã e tomou-lhe as mãos. - Que horror! Ele vai ficar bem?

- Não tenho certeza. O Dr. Hightower está com ele.

- Não pode lhe fazer bem se afligir à espera. Por que não desce comigo e pedimos à Sra. Wilford que nos traga uma xícara de chá?

- Não, obrigada. Sinto-me melhor aqui, como se estivesse fazendo algo para ajudar.

- Mas ele não... corre perigo de vida, corre?

O peito de Angela pareceu ser atingido por um golpe frio.

- Acho que não. O Dr. Hightower disse que ele vai ficar bem. Mas, Jeremy, a bala quase o matou. Por pouco não atingiu o coração.

- Que coisa detestável. Horrrosa. Esses malditos caçadores Ilegais. Nunca me dei conta de que pudessem ser um problema.

Markham quer que a justiça os proíba de caçar, mas não sei como podem provar quem atirou em Monroe. Markham me disse ter voltado lá com alguns homens, mas não conseguiram encontrar nada, exceto um pouco de terra e folhas pisoteadas. O que isso prova?

Angela balançou a cabeça.

- Não sei.

Voltou a andar de um lado para outro e Jeremy permaneceu a seu lado. Ofereceu-lhe o braço e sugeriu ocuparem o tempo de forma mais agradável caminhando pela galeria antes de voltar.

- Pelo menos seria uma mudança de cenário - argumentou. - E Kate está aqui. Pode levar notícias se algo acontecer.

- Está bem. - Angela deu-lhe um sorrisinho e apoiou a mão em seu braço.

Angela teve de admitir: a galeria era agradável com o sol penetrando através da fileira de janelas. Podia olhar a paisagem, os quadros e objetos de arte expostos. Mantiveram uma conversa superficial. A mente de Angela não conseguia se concentrar por completo. Mencionaram o tempo e o passeio de Jeremy a Leighton Hall.

- E Chester? Como vai? - perguntou sobre o herdeiro de Leighton que Jeremy fora visitar.

Jeremy fez uma careta.

- Não cheguei a vê-lo. Ele cismou de ir a York hoje, então foi uma viagem perdida.

- Que decepção! - comentou Angela automaticamente, parando diante de uma das caixas de vidro da galeria. Dentro, uma antiga adaga ornamentada com esmeraldas. Ela parou por um longo momento a fitá-la.

- O que foi? - perguntou Jeremy, olhando a adaga e outros objetos dentro do vidro.

- Nada. Só estava pensando em algo que aconteceu há muito tempo. - Uma das esmeraldas foi atingida por um raio de sol e brilhou ainda mais. O ouro ao seu redor faiscou. Angela nunca fora capaz de olhar a pequena e elegante peça sem sentir um frio no estômago. - Alguma vez você pensou em como nossas vidas mudam num segundo? Como tudo pode de repente desaparecer ou... ou dar errado? Alguma vez pensou o que poderia ter acontecido com você se tivesse feito só uma coisa diferente? Por exemplo, se não tivesse ido à festa de Hardley naquela noite em que conheceu Rosemary? Ou... ou se vovô não tivesse mandado você para a escola e sim o

mantido aqui com um tutor e você nunca tivesse conhecido aquele garoto? Ele acenou afirmativamente.

- As vezes. Infelizmente, acho que a maioria das coisas não faria grande diferença. Se eu não tivesse encontrado Rosemary, com certeza a teria conhecido em alguma outra festa naquela temporada. E não acho que ter um tutor em vez de freqüentar a escola teria mudado minhas... tendências. - Ele deu um sorriso irônico. - Se não tivesse acontecido naquela ocasião e com aquele garoto, acho que aconteceria em outra época e lugar, com outro jovem.

Angela virou-se parcialmente.

- Às vezes penso no que aconteceria se vovô não tivesse me encontrado com Cam aquela noite. Se eu não tivesse me casado com Dunstan: Se eu e Cam tivéssemos conseguido fugir para a América antes de vovô descobrir.

- Não sei - respondeu Jeremy suavemente, passando-lhe o braço pelos ombros, confortando-a. - Mas, você sabe, o destino o trouxe de volta a você.

- Sim. - Angela deu um sorriso melancólico. - Tarde demais.

Neste momento, Kate surgiu numa curva da galeria e gesticulou para Angela.

- Milady! Venha. O doutor saiu do quarto. Angela virou-se e correu pela galeria.

Capítulo Seis

O Dr. Hightower tinha acabado de desenrolar as mangas e colocava o casaco quando Angela surgiu. O Sr. Pettigrew estava com ele, sem o paletó e parecendo mais desganhado do que Angela jamais o vira.

- Doutor! - gritou Angela, apressando-se na direção deles.

O médico ergueu o rosto e sorriu benévolo. Angela suspirou aliviada. Ele não sorria daquele jeito, sabia, se as coisas não tivessem se passado bem com Cam.

- Está tudo bem, milady - disse quando ela chegou perto, confirmando seu pressentimento. - Não há necessidade de se atormentar. Extraí a bala e seu jovem marido comportou-se bem.

- Graças a Deus. - Angela tomou-lhe a mão e apertou-a com fervor. Sentiu-se tonta de repente. - Oh, doutor, muito obrigada.

- Eu lhe dei clorofórmio para poder tirar a bala. Ele ainda está dormindo. Não espere que desperte por algum tempo. Quando o fizer, pode se sentir bastante mal. Deixei algo para a dor e uma tintura caso ele fique febril, Gostaria que alguém ficasse ao lado dele.

- Eu ficarei - tranqüilizou-o Angela.

- Ótimo. Acho que talvez este jovem tenha feito o suficiente por hoje. - Olhou na direção do Sr. Pettigrew, cuja pele parecia esverdeada.

O médico anotou as instruções quanto aos remédios e despediu-se de Angela. Jeremy acompanhou-o até a porta. Pettigrew estava recostado na parede, o rosto ainda pálido. Para surpresa de Angela, Kate aproximou-se dele e, pegando-lhe o braço, disse:

- Posso acompanhá-lo até seu quarto, senhor?

Ele baixou o olhar em sua direção e sorriu, inseguro.

- Agradeço a ajuda. Acho que não fui talhado para ser médico. - Empertigou-se, encarando Angela. - Venho rendê-la mais tarde, milady.

- Não será necessário. Ficarei com ele toda a noite. Pode me substituir amanhã de manhã, se assim o desejar.

Ele hesitou e Angela soube que ele gostaria de mantê-la afastada do quarto do patrão, mas não havia como, já que tinha todo o direito legal de estar ali e ele, ao contrário, era apenas um hóspede na casa de seu irmão.

- Muito bem - respondeu com ar severo e atravessou o corredor, com Kate a seu lado.

Angela virou-se e entrou no quarto de Cam. O coração apertou-se de medo ao vê-lo deitado tão pálido e imóvel no travesseiro. Foi para a lateral da cama e o olhou, depois colocou a mão em seu peito. O médico e Pettigrew tinham tirado seu casaco e sua camisa para fazer a cirurgia no braço, então o peito estava desnudo. A pele era quente, o pêlo do peito áspero sob seus dedos. Era tranqüilizante sentir o subir e descer da respiração, a lenta mas contínua batida do coração. Sentou-se na cama, deixando a mão no peito dele.

Sentou-se assim por algum tempo, não soube quanto, antes de Cam começar a mover-se. Ele mudou de lugar, gemendo um pouco devido à dor ao mover o braço, e virou a cabeça, primeiro para um lado, depois para o outro. Finalmente os cílios abriram e ele a olhou vagamente. Depois voltou a fechar os olhos, como se fosse muito esforço manter os olhos abertos. Passou a língua nos lábios, resmungando.

Angela tirou a mão do peito, mas ele emitiu um ruído de protesto e, desajeitado, ergueu a mão para impedi-la, pressionando-lhe a mão no peito.

- Não - disse com voz rouca. - Gosto.

- Está bem então. - Angela sorriu para ele. Era um alívio ouvi-lo falar de novo. Ele parecia tão pálido e imóvel quando ela entrou! Afastou-lhe o cabelo da testa com suavidade e pôs a mão em sua testa para checar se tinha febre. Nenhum sinal ainda.

Ele voltou a passar a língua nos lábios, dizendo algo incompreensível.

Angela decidiu que ele provavelmente queria dizer "sede". Fez menção de lhe dar um copo de água, mas hesitou, lembrando-se do aviso do médico de que ele podia se sentir enjoado ao despertar. Decidiu deixar a água de lado, pelo menos por um tempo. Cam moveu-se inquieto e mais uma vez os olhos se abriram, tentando se concentrar em seu rosto.

- Quem é você? - perguntou, a voz confusa.

- Angela.

- Angela... - repetiu num murmúrio, e um sorriso curvou-lhe os lábios. Parecia de repente anos mais jovem. - Querida. -Ele apertou-lhe a mão e a levou aos lábios, pressionando-os na palma. - Como chegou aqui?

- Moro aqui - respondeu, sem saber como lidar com ele. Cam parecia estar num tempo e lugar diferentes daqueles em que realmente estavam.

- É? - Ele pareceu aceitar sua declaração e os olhos se fecharam. - Que bom.

Voltou a beijar a palma de sua mão. Os lábios eram quentes e aveludados contra sua pele e o toque despertou um estranho arrepio em seu braço. Lembrou-se do gosto dos lábios dele nos seus, tão famintos e ávidos, quentes de paixão. Melhor não pensar nisso.

Os lábios dele estavam secos. Ela molhou o dedo e passou-o em sua boca. Cam soltou um pequeno ruído de prazer, os lábios curvando-se novamente para cima. Abriu a boca ligeiramente e enfiou o dedo gentilmente entre os lábios, a língua lambendo a pele úmida. Angela gemeu baixinho. Voltou a molhar o dedo e repetiu o gesto, de novo ele sugou avidamente a umidade. A sensação, nada desagradável, revolveu-lhe o estômago; no entanto, se sentiu incomodada. Sabia que não deveria fazer isto, não deveria encorajar aquele comportamento. Ela não gostaria das conseqüências.

Ainda assim, umedeceu-lhe os lábios várias vezes, permitindo-se desfrutar das sensações e dizendo a si mesma que Cam não se lembraria daquele momento. Os olhos estavam fechados e ele parecia apenas semi-acordado, se tanto, durante todo

o tempo. Ela umedeceu um pano e o torceu, passando-o em seu rosto e pescoço. E como a pele parecia quente e seca, desceu-o pelos ombros nus e peito. Ele estremeceu, deixando escapar um suspiro de prazer, mas permaneceu de olhos fechados.

- Angel... - murmurou e cobriu-lhe a mão.

Ela parou. A mão dele subiu, acariciando-lhe o braço, movendo-se em sua pele com um toque de pena, provocando arrepios. Angela estremeceu. Essas sensações também a deixavam incomodada. Apesar disso, não se afastou.

- Feliz - disse ele com voz rouca. - Penso em você... todo tempo. Eu sabia... Sabia que você não queria. Não queria ele. - Fez uma pausa, a mão apertando-lhe com mais força o braço. Moveu a cabeça, inquieto, no travesseiro. Quando voltou a falar, a voz era quase suplicante. - Você queria?

- Não - respondeu Angela baixinho, colocando a outra mão em seu braço. - Eu não o queria.

Ele relaxou, sorrindo para si mesmo e retirou a mão dela.

- Eu sabia.

Cam deixou escapar outro suspiro e no momento seguinte adormeceu.

Jason apoiou-se em Kate, talvez um pouco mais do que o absolutamente necessário. Gostava da sensação dos ombros dela debaixo de seu braço e o leve perfume do cabelo penetrando em suas narinas. No momento, todos os pensamentos sobre o estado do patrão diluíram-se em sua mente. Kate abriu a porta do quarto e entrou com ele. Virou-se e começou a tirar-lhe o paletó.

- O... o que está fazendo? - Ele a fitou surpreso, o rubor começando a dominar-lhe o rosto.

- Apenas ajudando-o a tirar o paletó, senhor. - Ela terminou de tirá-lo e o dobrou com habilidade, deixando-o na cama. Sem uma palavra, voltou-se e começou a desabotoar-lhe o colete.

- Mas eu, ah, posso fazer isso sozinho - protestou debilmente. Ele gostava demais da intimidade dos gestos para impedi-la. Entretanto, para sua tristeza, Kate não parecia sentir o

calor e a agitação que o inundavam. Ela o tratava como se fosse sua babá.

Reforçou essa imagem dando um tapinha na cadeira e dizendo com firmeza:

- Aqui, sente-se.

Para sua surpresa, Kate ajoelhou-se e começou a tirar-lhe os sapatos. O calor o invadiu e ele queria muito passar a mão em seus cabelos. Entretanto, sabiamente, conteve-se. Podia imaginar a reação da jovem. Pigarreou.

- Não precisa fazer isso. Eu, ah... Kate ergueu o rosto com ar interrogativo.

- Fiz algo errado?

- Oh, não. E que não estou acostumado a... bem, nunca ninguém me despiu desde que deixei de ser criança. Imagino não estar mais acostumado a ter criados.

Kate levantou uma sobrancelha e retrucou, orgulhosa:

- Só estou ajudando a tirar seus sapatos. Não tenho intenção de ser seu valete.

- Não. Claro que não. - Ele não pensara seriamente que ela o faria, mas agora se sentiu ainda mais tolo. Jason tinha certeza de que Kate o achava provinciano e provavelmente rude também. Lembrou-se de como o estômago se revirara ao ver o médico remover a bala do braço de Cam e sabia que, provavelmente, a náusea estampava-se em seu rosto quando Kate pegou-lhe o braço. Então, sem dúvida, ela o achava fraco também.

Kate se levantou.

- O senhor precisa ir para a cama, suponho. Posso trazer-lhe algo?

- Não. Estou bem. - Ele pôs-se de pé, tentando parecer ao mesmo tempo forte e seguro. Por que esta mulher o fazia sentir-se tolo? - Muito obrigado pela ajuda.

- Não tem de quê. - Kate ensaiou uma pequena reverência que ao mesmo tempo o encantou e o fez se perguntar se ela ria secretamente dele.

Viu-a sair do quarto e se sentou com um suspiro. Ocorreu-lhe que devia haver algo de bruxa nas mulheres daquele lugar. Começava a se tomar obcecado, exatamente como o patrão.

Cam dormiu cerca de uma hora, enquanto Angela ficou sentada na cama, observando-o. Lentamente, ele abriu os olhos e a fitou sem expressão. Olhou à volta.

- Ele foi embora? -A voz era rouca e entrecortada.

- Quem? - Angela se perguntou onde estaria a mente dele agora.

- O médico. Ele acabou?

- Sim. - Aparentemente, ele estava de volta à realidade. Angela tinha consciência da curiosa sensação de desapontamento. - Ele terminou. Partiu há algum tempo. Disse que você ficaria bem agora.

- Ele retirou a bala?

- Sim.

Ele aquiesceu, fechando os olhos de novo.

- Estou com sede.

Desta vez ela serviu um pouco de água no copo e o levou a seus lábios, colocando a outra mão atrás de sua cabeça e ajudando-o a se levantar para beber. Ele bebeu a água sedento e, como era previsível, botou-a para fora poucos minutos depois. Angela segurou a bacia para ele e limpou-lhe o rosto com o pano úmido quando ele terminou.

Ele reclinou-se, ofegante:

- Desculpe...

- Não é sua culpa. O médico avisou. Felizmente você se sente melhor agora.

Ele acenou afirmativamente. Depois de um minuto, perguntou:

- Por que você está aqui? Onde está Pettigrew?

Sim, a mente dele obviamente voltara ao normal. Angela suprimiu a pontada de dor, dizendo a si mesma estar sendo ridícula.

- Geralmente o lugar da esposa é no quarto do marido doente, acredito. O médico disse que você precisava de cuidados. O Sr. Pettigrew parecia ter enfrentado o suficiente por um dia. Ele ajudou o Dr. Hightower na cirurgia.

Cam deixou escapar uma risada.

- Pobre Pettigrew. Um pouco fora de seu campo de atuação, eu diria.

- Acho que ele podia viver sem a experiência.

- Eu também. - Cam ficou silencioso por um instante. Depois pegou sua mão dizendo: - Obrigado.

- Ajudei pouco.

- Mais do que precisava. - Apertou-lhe a mão de leve e a soltou. Os olhos voltaram a se fechar e, um momento depois, o peito subia e descia no ritmo lento e regular do sono.

Cam só despertou várias horas depois. O sol do final de tarde entrando pela janela diminuía e Angela acendera um candelabro. Quando os olhos de Cam voltaram a abrir, era a única luz no quarto. Do lado de fora das janelas reinava a escuridão.

Cam acordou sobressaltado. Abriu os olhos e se apoiou nos cotovelos, gemendo de dor devido ao movimento, e soltou um palavrão. Angela pôs-se de pé e foi a seu encontro. Ele a fitou com o olhar enevoado.

- Droga - disse. - Estou me sentindo péssimo. - Recostou-se, fechando os olhos.

Angela o alcançou e colocou a mão na sua testa. A pele estava quente e úmida. Suspeitou de febre. Molhou um pano e o torceu, aplicando-o em sua testa.

- Você está febril. O médico deixou um tônico para isso. Pode beber um pouco de líquido?

- Sinto que podia beber um barril de qualquer coisa - respondeu. - Estou seco como poeira.

Ela o ajudou a tomar uns dois goles de água e esperou para ver se ele conseguiria mantê-los. Quando nada aconteceu, deu-lhe

um pouco mais. Colocou uma colher do remédio que o médico deixara no copo e acrescentou água. Pela expressão dele, o gosto era terrível, mas ele bebeu tudo corajosamente.

- Está sentindo muita dor? O Dr. Hightower também deixou um láudano para a dor.

Ele fez uma careta.

- Não gosto disso. Conheci uma pessoa que tomava sempre e não conseguia viver sem ele.

- Acho que podia tomar uma dose para ajudá-lo a dormir a noite toda sem sofrer muito.

- Talvez mais tarde. - Suspirou. - Que horas são? - A voz tornou-se quase lastimosa. - Por que está tão quente aqui?

- Não está. Já disse. Acho que está com febre. Com sorte, o remédio vai ajudá-lo.

Ele concordou e passou a língua nos lábios ressecados.

- Por que está fazendo isto?

- Fazendo o quê?

- Cuidando de mim, me dando remédio.

- Alguém tem de fazer. Sou a escolha lógica, já que sou sua esposa.

- Normalmente você se mantém afastada de mim o máximo possível.

Angela deu de ombros.

- Você gostaria que eu sáísse? Posso pedir à Sra. Wilford ou a Kate para cuidarem de você no meu lugar.

- Não. Não tenho a menor vontade de que você saia. Só estou surpreso.

- Uma vez que meu quarto se liga com o seu, pareceu mais fácil eu manter a vigília noturna. O Sr. Pettigrew vai me render de manhã.

Para surpresa de Angela, Cam pegou-lhe a mão e disse:

- Prefiro ficar com você.

Surpreendeu-a ainda mais que as palavras aquecessem seu coração.

- Está bem. Então ficarei.

Ele ficou inquieto nas horas seguintes, adormecendo e, com frequência, acordando sobressaltado. Gemeu e se contorceu durante o sono, e quando acordado, mudava de posição e revirava as cobertas. Angela pegava o cobertor e a colcha e o cobria e descobria conforme ele ficava quente, depois frio, e umedecia-lhe o rosto com o pano frio. Só quando lhe deu outra dose do tônico, bem como uma colher de láudano, ele finalmente dormiu um sono sereno.

Angela se esticou. As costas doíam de ficar de pé perto da cama ou sentada nela ao lado de Cam, atendendo-o. Bocejou, o cansaço a consumindo. Olhou a cadeira e pensou em puxá-la para mais perto da cama para se sentar e observar Cam de perto, mas no momento não tinha forças para tal. Tirou os chinelos e sentou-se na cama com os pés enrascados debaixo do corpo. Os olhos fecharam e começou a cabecear de sono.

Fazia muito calor e Angela estava contente por não ter nada além da chemise e de uma anágua. O ar fresco flutuou em seu corpo, acariciando-lhe os mamilos e endurecendo-os com o toque. Ela sorriu, o calor florescendo em sua barriga, e aninhou-se perto de Cam. Estavam deitados do lado de fora, perto do lago, numa colcha, e ela podia sentir o perfume da grama ao redor. Um pouco além, os cavalos amarrados relinchavam satisfeitos. A seu lado, Cam a tocava, as mãos percorrendo-lhe o corpo. E isso era o mais lindo de tudo. Adorava o seu jeito de acariciá-la, como se o seu corpo fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Ele a beijou e a língua penetrou sua boca. Ela retribuiu o beijo, o calor a envolvendo. Cam atiçava-lhe os sentidos, o calor, o gosto e o perfume dele a consumiam. Ela queria que isso não parasse nunca. Queria senti-lo dentro de si. Nunca tinham ido tão longe antes, embora ela tivesse desejado. Ele sempre recuava, afirmando que não seria honrado da parte dele possuí-la, embora às vezes ela o provocasse, esfregando-se nele.

O dedo dele circundou-lhe o mamilo por cima da chemise, acariciando-o até seus seios ficarem pesados e excitados. E todo o tempo ele a beijava, a língua preenchendo-a. Ela esfregou as pernas, tentando diminuir a excitação lá, mas sabia que só Cam poderia saciá-la. Deixou escapar um gemido baixo.

O barulho a acordou. Abriu os olhos. Estava deitada na cama, totalmente vestida e por cima das cobertas, tão quente que o suor molhava-lhe a testa. Estava deitada aninhada contra algo macio e quente. Mas o calor era muito mais do que isso; vinha de dentro dela, também. Suas entranhas pareciam cera quente. O sangue palpitava em suas veias. Os mamilos eram pequenos pontos duros e um vasto anseio a consumia. Ainda semi-adormecida, foi invadida por uma vaga ânsia sexual originada pelo sonho.

O braço de Cam a envolvia: era contra o corpo dele que se aninhava. Percebeu que devia ter adormecido sentada na cama, e no sono tinha se esticado e acabado dormindo junto dele. Cam tinha passado o braço em volta dela e a mão repousava segurando o seio com intimidade. O polegar acariciava seu mamilo, como no sonho. Angela ficou imóvel, não desejando pôr fim às sensações.

Fazia anos que não as experimentava, desde a última vez em que Cam a tocara, antes que fossem separados. O desejo intensificado entre suas pernas era ao mesmo tempo suave e doloroso. Lágrimas escaparam entre seus cílios. Durante muito tempo reprimira os desejos, mas de alguma forma, no sono, ele havia penetrado suas defesas, tocando-a com a paixão que ela e Cam experimentaram no passado.

Cam emitiu um som suave e com os dedos tocou de leve em seu seio, mas foi bom e não doloroso. A mão desceu até seu estômago e barriga, procurando o calor entre as pernas. Ela respirou fundo quando ele o encontrou e ali deixou a mão. Angela desejou estar com a chemise de algodão fino que usava em seu sonho, em vez do vestido e anáguas que amorteciam o toque. Estaria ele acordado? Sabia o que fazia ou estava mergulhado no sono febril?

Não queria se mover, mas de alguma forma precisava fazê-lo. Sentou-se lentamente e virou-se para ele. Os olhos estavam

fechados, o rosto, sereno. Respirava pesado e emitiu um ruído de protesto quando ela se moveu. Angela se sentou e fitou-o por um instante. O corpo latejava de modo agradável. Queria mais. Mesmo assim, sabia que se ele estivesse acordado e tocando-a ativamente o tênue momento se desvaneceria para sempre.

Angela colocou a mão em seu peito. Estava febril, embora ela não considerasse a febre alta. Ao toque, a cabeça dele virou-se, o nariz roçando-lhe a mão. Sem parar de pensar, inclinou-se e colocou os lábios nos de Cam. Os lábios eram aveludados, firmes e quentes. Lentamente, com uma leveza de pluma, ela moveu a boca. O toque fez seu coração acelerar. Beijou-lhe o lábio inferior, depois o superior. Os lábios de Cam moveram-se em resposta. Ela pressionou os lábios nos dele, movendo-os devagar, a língua explorando-lhe a boca.

Cam deixou escapar um gemido profundo e a língua enroscou-se na sua. O desejo a desnorteou. A mão dele subiu por seu corpo, repousando no peito. Ela desejou poder senti-lo no corpo nu; queria a mão dele entre suas pernas, buscando aquele lugar quente e ávido.

Ela ergueu a cabeça. Ele gemeu e os olhos ardendo de febre se abriram.

- Angela?

O medo invadiu-lhe o corpo e ela pulou da cama. O coração batia acelerado no peito e ficou absolutamente imóvel, como ficara tantas vezes com Dunstan, esperando que se não dissesse nada, não fizesse nada, ele iria embora.

Ele umedeceu os lábios e repetiu seu nome, a voz confusa. Angela engoliu em seco e se forçou a falar.

- Sim. Estou aqui. Precisa de algo?

- Não sei - murmurou e esfregou a mão no rosto. Depois, a mão caiu na cama e os olhos voltaram a se fechar. Dormia.

Angela suspirou aliviada. As pernas tremiam em consequência da tensão e ela caminhou trêmula até a poltrona encostada na parede e desabou nela. Ainda sentia um ligeiro

frêmito nos seios e entre as pernas para lembrá-la de seu momentâneo vôo de paixão, mas o despertar dele a tirara do vôo, substituído pelo habitual frio e mal-estar. Envolveu os joelhos com os braços e inclinou-se à frente, repousando a cabeça nas mãos. Como pôde se comportar daquele jeito? Que insanidade a possuía?

Esperava que Cam não se lembrasse ao acordar. Se o fizesse, acharia que ela queria dividir a cama com ele. Ele a perseguiria, beijaria e acariciaria, pensando que ela realmente queria, não importa o que dissesse. Não acreditaria em sua ausência de interesse caso se recordasse do modo como ela o beijara esta noite.

Ficou chocada por ter agido daquele modo. Passara tantos anos sem sentir paixão, sentindo apenas repulsa pelo ato sexual... Quase se assustava em pensar de como sentira diferente, de como o sono a afastara da frieza e da passividade. Era como se fosse uma pessoa diferente. Não, parecia ter voltado a ser a menina que era ao conhecer Cam.

Mas sabia ser impossível: não poderia voltar a ser aquela menina. Um sonho a levava de volta, mas não havia retomo na realidade. Era quem era, e achava melhor assumir o controle de suas ações antes de se meter em confusão. Cam Monroe não era pessoa para se brincar.

Angela respirou fundo e passou os braços em volta do corpo. Ajeitou-se o mais confortável possível na poltrona e preparou-se para aguardar a noite terminar.

O resto da noite transcorreu em paz. Foi até a cama periodicamente para observar Cam e lavar-lhe o rosto e o peito quentes. Passou o resto do tempo sentada na poltrona e tentou não pensar no que acabara de acontecer. A febre de Cam diminuía ao amanhecer e logo depois Jason Pettigrew entrou no quarto. Ele a olhou com suspeita, ou assim julgou Angela, e depois para o patrão, ainda dormindo na grande cama.

- Como pode ver, ainda não o envenenei - disse Angela, petulante, levantando-se da poltrona. - Ele teve febre durante a noite, mas parece menos quente agora.

Mostrou os remédios receitados pelo Dr. Hightower, explicou as dosagens bem como a relutância de Cam em tomar o

láudano. Pettigrew acenou e assumiu o posto na poltrona encostada na parede.

Angela recolheu-se a seu quarto, fechando a porta de ligação entre eles e rapidamente despiu a chemise e enfiou-se na cama. Logo adormeceu.

Os sonhos de Angela foram agitados. Quando finalmente acordou, sentou-se logo na cama, como se tivesse sido arrancada violentamente do sono. Piscou, olhando ao redor, tonta. Levou um instante para lembrar-se de onde estava e por que dormia, embora o sol brilhasse através do vão entre as cortinas. Havia uma bandeja na mesinha ao lado da cama, de onde deduziu que Kate ou alguém devia ter lhe trazido o almoço, e o deixou ali ao encontrá-la adormecida.

Uma batida na porta a fez pular e se deu conta de que devia ter sido esse barulho que a despertara tão de repente. A batida vinha da porta de comunicação com o quarto de Cam. *Teria algo acontecido com ele?* Ela desceu apressada da cama alta e pegou um penhoar, vestindo-se às pressas. Abriu o trinco e a porta e encontrou Jason Pettigrew parado.

- Sra. Monroe - disse, com toda formalidade. Havia um leve toque de exasperação na voz. - O Sr. Monroe tem perguntado pela senhora. Lamento acordá-la, mas, francamente, ele tem sido bem teimoso. Ainda está ligeiramente febril, entende?

- Está bem, Sr. Pettigrew. - Angela supôs ser mesquinho saborear a pequenina onda de triunfo ao pensar que, apesar de tudo, Cam havia rechaçado a relutância de Pettigrew para tê-la no quarto do doente. Não sabia por que Pettigrew não gostava dela. Era leal ao patrão, é claro, e, sem dúvida, se soubesse algo sobre o relacionamento dele com ela, acreditaria no que Cam acreditava, que ela se casara com Dunstan e não com Cam por dinheiro. Entretanto, não podia compreender por que isso o fizera controlá-la quando ela limpava a ferida de Cam, como se ela fosse feri-lo. Ele parecia olhá-la com mais antipatia do que o próprio Cam, bem como com uma suspeita que Angela era incapaz de compreender.

Ela passou por Jason e entrou no quarto de Cam, dizendo em tom casual:

- Bem, ouvi dizer que você tem sido um paciente difícil. Cam sorriu para ela, não parecendo nada arrependido.

- Sem dúvida. Receio que se tiver de agüentar a tristeza de Jason por mais tempo vou começar a desejar que a bala tivesse se alojado a alguns centímetros.

- Cameron! Não diga tal coisa! - Angela alcançou a cama e pousou a mão em sua testa. Olhou em seus olhos, procurando algum traço do brilho que lhe diria que ele se lembrava dos incidentes da noite anterior. Não podia ver nenhum e relaxou. Voltou-se para Pettigrew. - Quando lhe deu o remédio para a febre?

- Há cerca de uma hora. Ele começou a piorar. Antes estava bastante racional e calmo.

- Vocês podem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui? - resmungou Cam. - Assim me sinto com 7 anos de idade.

- Pare de se comportar como se tivesse 7 anos e vamos parar de tratá-lo assim.

Cam se encolheu, simulando receio.

- Aqui estou eu, um pobre homem doente, necessitando de conforto, e você me maltrata.

- Você está em excelente estado de espírito - continuou Angela, fingindo aborrecimento enquanto colocava água na bacia e molhava o pano para colocar em sua cabeça. - Não sabe que quando se leva um tiro deve ficado deitado quieto e se sentir mal em vez de fazer gracejos e dar ordens a todos à volta?

- Talvez esteja somente feliz por estar vivo. - Ele deu um sorriso que a fez forçosamente se lembrar de quando ele era jovem, e seu coração apertou no peito.

- Nós todos estamos - respondeu irrefletidamente, para a seguir se sentir envergonhada. - Ah... quero dizer... bem. Você deu um susto e tanto em todos ontem.

- Especialmente em Jason, parece - disse Cam, crítico, olhando o assistente ruborizado.

- Não compreendo. - Angela olhou Cam, atônita.

- Não importa. - Cam esfregou a mão no rosto. - Estou com a cabeça muito pesada para fazer sentido no momento. Conversaremos a respeito depois.

- Está bem. - Angela sabia que não ajudaria nada discutir algo preocupante com um homem doente. - Sr. Pettigrew, se puder permanecer com Cam mais alguns minutos, eu gostaria de me arrumar um pouco. Depois venho substituí-lo.

Voltou para o quarto e pegou outro vestido, um com botões na frente, para poder abotoá-los com facilidade sozinha e não precisar chamar Kate. Após ter se vestido, e com os cabelos razoavelmente presos, tentou comer um pouco da refeição deixada na bandeja, mas descobriu que estava sem apetite. Então deixou o restante dos alimentos no prato e voltou para o quarto de Cam.

Sorriu para Pettigrew ao entrar, dizendo:

- Agora pode ir almoçar. Aposto que deve estar faminto. Ele balançou a cabeça.

- A Srta. Harrison foi muito gentil e me trouxe uma bandeja há pouco, então já me alimentei.

Pettigrew sentou-se na poltrona, dando a impressão de que lá permaneceria. Angela lançou-lhe um olhar estranho.

- Mas, com certeza, gostaria de esticar as pernas um pouco, não? Ter a chance de relaxar?

Ele sacudiu a cabeça.

- Estou bem, obrigado, madame.

Angela achou seu comportamento bem peculiar, mas nada disse e simplesmente caminhou até a cama. Foi Cam quem suspirou e disse:

- Oh, pelo amor de Deus, Jason. Estarei a salvo com Angela. Ela não vai acertar minha cabeça ou me envenenar com meu remédio. Afinal de contas, seria muito óbvio.

O Sr. Pettigrew corou até a raiz do cabelo.

- Eu não tinha a intenção de que o senhor... - Ele lançou um olhar apressado e desprezível na direção de Angela. - Muito bem,

senhor, se está seguro a respeito do assunto, deixarei os dois sozinhos. - Ensaçou uma reverência formal na direção da cama e caminhou para a porta.

- Covarde - disse Cam tranqüilo pelas suas costas, os cantos dos olhos brilhando de divertimento.

- Cam! -Angela olhou para ele com olhos espantados. - Sobre o que está falando?

- Jason suspeita que o tiro ontem não tenha sido acidental. Estou inclinado a concordar com ele.

Angela sentiu-se como se tivesse entrado num hospício.

- Mas o que mais poderia ser? - Ela parou, um calafrio percorrendo-a. - Você não quer dizer... você não acha que alguém tentou matá-lo de propósito!

Ele deu de ombros, depois parou devido à dor no ombro.

- Não seria a primeira vez que tal coisa acontece.

- Não a você, com certeza. Não seja absurdo. Foi um caçador ilegal.

- Que pensou que eu fosse o quê? Um cervo? Montado a cavalo?

- Bem, não, não quis dizer que alguém tentou alvejá-lo, pensando que fosse um animal, mas que atirou em alguma coisa e o tiro se perdeu. Você estava lá por acaso.

- E possível, suponho. - A expressão do rosto demonstrou que ele não acreditava nas próprias palavras.

- Claro que é. É mais do que possível. O que mais poderia ser? Por que alguém tentaria matá-lo? Embora, levando em conta o modo como você tem sido grosseiro com todo mundo, tenho certeza de que deve ter feito inimigos, mas, com certeza, todos estão nos Estados Unidos. Você imagina que alguém cruzaria o oceano para segui-lo e atirar em você aqui?

- Não - respondeu, sereno. - Não imagino.

- Então o quê? Você não teve tempo para conquistar inimigos na Inglaterra.

- Nenhum, exceto meus parentes por parte de minha mulher.

Angela o encarou. Sentiu faltar-lhe a respiração.

- Você está brincando. Ele balançou a cabeça.

- Quem gostaria de me ver morto? Talvez algum membro de uma família que me odeia, uma família na qual forcei a entrada, cuja propriedade comprei, que me deve o dinheiro de várias notas promissórias. Além do mais, uma família que lucraria enormemente com minha morte.

Angela deu um passo atrás, como se pudesse se distanciar da maldade que ele sugerira.

- Não posso acreditar! Como pode pensar tal coisa? Quem você acha que fez isto? Jeremy? Ou talvez minha mãe tenha se levantado de sua cama de doente ou minha avó saísse mancando com sua bengala e um rifle. Ora, se um de nós quisesse você morto, por que não teríamos feito antes, quando você chegou aqui e nos ameaçou, nos pressionou? Por que teríamos capitulado e *depois* atirado em você, quando poderíamos tê-lo feito antes e nos livrado de você há tempos?

- Ah, mas teria solucionado apenas parte de seus problemas. Meus bens ainda incluiriam as notas promissórias, a propriedade, as cotas da mina. Mas ao casar com você, se eu morrer, minha viúva herda tudo. Uma Stanhope seria mais uma vez proprietária da mina e da propriedade e você poderia saldar os débitos de Jeremy.

Angela demorou um longo tempo para responder. Finalmente, em tom firme, disse:

- Então é por isso que o Sr. Pettigrew suspeita de mim. Ele acha que *eu* tentei matar você. E você também acha. Considera-me uma assassina.

Capítulo Sete

- Não sei - respondeu Cam, com expressão firme. - Nem mesmo sei se *alguém* tentou me matar. Como você disse, pode ter sido uma bala perdida de um caçador. Não tenho como descobrir quem foi... ou quem pagou algum bandido para fazê-lo, pois, como mencionou, é pouco provável pensar em sua mãe, em sua avó ou mesmo em você apontando um rifle para mim.

- Ah, um bandido. Naturalmente você assumiria, já que deixaria a suspeita recair sobre mim, que eu estava em casa quando você chegou. - Virou-se e afastou-se, a fúria aumentando a cada passo. - E, é claro, você não confia em mim, não tem a capacidade de perceber que eu não poderia ter esse tipo de atitude. Você presume que eu poderia desejar matá-lo.

- Espero não ter sido você. Gostaria de acreditar que não foi.

- Fez uma pausa e prosseguiu: - Mas você é quem mais se beneficiaria com minha morte. Você é quem ficaria livre do peso, não apenas de um parente constrangedor.

- Entendo. - A voz era gélida. - Que reconfortante pensar que tem tanta confiança em nós!

Cam estremeceu um pouco. Sentiu-se culpado.

- Angela... Angel...

Ela virou-se exaltada e o encarou.

- Você me chama de Angel? O que sou agora, seu anjo da morte?

- Não disse que acreditava ter sido você - respondeu.

- Não. Apenas que não acreditava não ter sido. Surpreendo-me por ter se casado com uma mulher por quem nutre tamanha indiferença.

- Não mais do que a que você nutre por mim.

- Talvez não. Mas, afinal, foi você quem quis se casar.

As palavras tiveram o efeito de calá-lo. Ele recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos. Sentiu-se muito fraco para discutir com ela naquele momento.

- Estranhei não concordar com o Sr. Pettigrew que eu deveria ficar afastada durante sua doença. - Os olhos faiscaram e contraiu os punhos. - Afinal, posso tentar sufocar você devido ao seu estado de fraqueza. Ou lhe dar uma dose de veneno em vez de remédio. Mas, não, o que estou pensando? Você tem um motivo lógico para me deixar ficar. Eu não faria isso, pois seria *óbvio* demais. Não porque fosse um pecado. Não porque fosse imoral. Um leve sorriso brotou de seus lábios.

- Não. Você não precisa usar veneno. Pode me levar à morte com sua língua.

Angela começou a responder com acidez, mas um olhar no rosto pálido sob a pele bronzeada, os olhos fechados, a vulnerabilidade e uma pontada de pena a impediu de retrucar com as palavras agressivas que lhe vinham aos lábios.

- Você parece achar divertido ter uma esposa assassina - foi tudo que disse. - Acredito que eu ficaria mais preocupada se estivesse em seu lugar. O que planeja fazer quando se recuperar? Partir deste ninho de víboras?

- Não. Tomarei mais cuidado até poder determinar exatamente o que está acontecendo.

- Bem, até então, imagino que seria provavelmente melhor eu deixar de agir como sua enfermeira. Tenho certeza de que a Sra. Wilford, Kate e o Sr. Pettigrew serão suficientes para cuidar de você. Caso contrário, podemos contratar uma das mulheres da aldeia. Minha antiga babá já se aposentou há anos, mas tem uma filha...

- Pare! - Ergueu a mão e o rosto parecia fatigado e anos mais velho. - Não quero ninguém mais para cuidar de mim. Gosto do jeito como você cuida. - Baixou a mão, estendendo-a para ela. - Vamos, Angela, não me condene a ficar com Jason e Kate ou alguma mulher da aldeia. Vai ser um tédio para mim, e sou um paciente tão difícil que eles vão pedir demissão. - Quando ela não se aproximou, ele continuou: - Por favor, sinto muito. Não acredito que *você* tenha tentado me matar. Não posso acreditar. Já disse isso ao Sr. Pettigrew. Por favor, sente-se a meu lado e fale comigo. Estou me sentindo quente, horrível e idiota.

- Bem você *está* quente, horrível e se comportando como um idiota - respondeu, abrandando e aproximando-se dele. Era fácil voltar a falar como costumava no passado, num tom brincalhão, leve e carinhoso, e só mais tarde pensou sobre o que dissera e como poderia reagir às suas críticas, não importa quão suavemente tenham sido feitas. Ela nunca ousaria dizer tal coisa a Dunstan, pois daria margem a receber castigo imediato diante de tal comentário.

O olhar voou para o rosto de Cam. Não havia testa franzida nem olhar gélido. Ele sorria, o rosto esgotado e contraído de dor, e sua mão continuava estendida para ela. Continuou a caminhar para a cama e deu-lhe a mão. A pele parecia ligeiramente mais quente do que ao chegar ao quarto e se lembrou que não era sensato manter uma conversa acalorada com um homem doente.

- Está com dor? - perguntou.

- Um pouco - admitiu.

- Então talvez deva fechar os olhos e descansar.

- Passei o dia com os olhos fechados e descansando - resmungou. - Foi o único jeito de escapar da incessante preocupação de Jason.

Angela sorriu.

- Ele é um homem e aposto que não está acostumado com quartos de doentes.

- Você demonstra surpreendente generosidade para com um homem que suspeita de que você seja uma assassina.

Ela deu de ombros.

- Ele não me conhece direito. E é incrivelmente leal a você.

- Sim. É um bom homem. Mas olhar para ele não chega perto do prazer de olhar para você.

Angela o fitou surpresa. Cam estava flertando com ela? A idéia parecia bizarra, ainda assim não sabia como interpretar suas palavras de outra forma.

- Conte-me algo divertido - continuou.

- Eu... bem... não tenho certeza se sei algo divertido. Muito pouco acontece por aqui.

- Hum. Já ouvi sobre o porco de Barton ter entrado no jardim do pastor. A Sra. Merrit me contou ontem, quando fui visitá-la.

Os olhos de Angela iluminaram-se, divertidos.

- Ah, é, foi isso mesmo. Ouvi dizer que o linguajar do pastor foi, ah, muito "pouco comum". Mas como você já ouviu essa história, sabe todas as novidades da semana. A não ser, é claro, que queira ouvir a descrição das últimas indisposições de mamãe.

- Por favor, poupe-me.

- Então lamento ter pouco a contar.

Cam, deitado, a observava. Queria dizer algo sobre o sonho que tivera na noite anterior, o sonho quente e sensual no qual ele apalpava e acariciava seu corpo nu. Parecera tão real, principalmente no momento em que ela o beijara. Achara já ter acordado e que ela realmente o beijava, mas, devido aos sentimentos que Angela nutria por ele, julgava o pensamento absurdo. Não podia perguntar-lhe mais do que podia contar sobre o sonho lascivo.

Em vez disso, pediu:

- Conte-me como passa seus dias. Esse é um assunto com o qual ocupei algumas horas de meu tempo, sem obter êxito. Aonde você passa horas com aquele estranho grupo de animais?

- Ah, isso. - Ela hesitou, mas respondeu: - Nada terrivelmente excitante, lamento. Caminho nos pântanos.

- Em geral vejo você carregando um bloco quando sai ou volta. Você desenha a paisagem?

Angela moveu-se, desconfortável. Seu instinto lhe avisava para esconder dele os motivos de sua ocupação. Não havia realmente motivo de ele não saber o que fazia, mas ela abandonara o primeiro casamento com extraordinária urgência, diria até mesmo *necessidade*, para preservar sua integridade. Dunstan tinha que saber tudo, ver tudo, controlar todos os aspectos de sua vida, até o ponto de supor nada haver em sua vida que pertencesse só a ela. Agora

estava inclinada a não deixar ninguém saber muito, apenas pela satisfação de ser dona de si mesma.

Cam lançou um olhar surpreso, obviamente desconcertado com a relutância em responder à pergunta.

- Desculpe, não tive intenção de invadir sua privacidade. Estava apenas curioso.

Angela se sentiu tola.

- Não. É bobagem. Simplesmente não estou acostumada a falar sobre meu trabalho. Eu pinto, mas não paisagens. Desenho flores e pássaros. Esses são meus interesses.

- Ah, entendo. Não me lembro de você desenhando.

- Eu não tinha o costume de pintar quando jovem. Só o fazia forçada por minha governanta ou pelas professoras na escola. Estava muito mais interessada em cavalgar, você sabe.

Ao ouvir as próprias palavras, uma multidão de imagens e pensamentos a dominou: lembranças de cavalos e cavalgadas, de Cam, da esperança e da excitação que a possuíam então, trazendo com elas uma dor tão grande que teve vontade de apertar as mãos no peito e gritar.

- Eu me lembro. - O olhar dele era firme e penetrante, sem demonstrar os sentimentos.

Angela foi forçada a desviar o olhar, receosa de que ele pudesse perceber a súbita vaga de emoção visível em seu rosto. Não queria senti-las; queria menos ainda que ele percebesse o que sentia.

- Passei a desenhar bem mais nos últimos anos, principalmente desde que... voltei para Bridbury. Gosto de exercício e gosto de procurar as flores, encontrar o lugar onde uma nova floresceu ou sentar tão imóvel que os pássaros se aproximam o suficiente para eu poder vê-los.

- E o que faz com os desenhos?

- Por que pergunta?

Ele pareceu ligeiramente surpreso com a resposta desconfiada.

- Não sei... Para manter a conversa, suponho. Estava curioso.

- Oh, eu, bem, eu os guardo numa gaveta em meu quarto. - Não queria lhe contar das vendas dos desenhos para periódicos e livros. A discricão foi instintiva e imediata. Não seria considerado correto a irmã de um conde vender seus quadros para publicações. Mas a relutância em contar mais ia além disso. Vender os quadros era seu único sinal de independência, a esperança à qual se agarrar, pois caso o casamento se tornasse insustentável poderia ir para outro lugar e viver, e conseguir se manter, mesmo de modo muito rudimentar. Ela não queria que Cam tivesse conhecimento dessa independência. Receava que ele exigisse que parasse; um homem sem dúvida interpretaria o fato de a mulher ganhar dinheiro trabalhando como um insulto à sua capacidade de sustentar a família.

- Gostaria de vê-los um dia - prosseguiu Cam.

Angela o olhou constrangida e, em seguida, afastou o olhar. As críticas ferinas de Dunstan sobre seus desenhos haviam-na tornado relutante em mostrá-los a alguém, muito menos a um homem com tanto ressentimento por ela. Entretanto, sabia que Cam não era do tipo de desistir.

- Ah, não há muito a ver. São apenas flores silvestres e afins, nada excepcional. Tenho certeza de que não se interessaria por eles.

- Claro que sim. Não espero um quadro grande ou um vasto espaço. - Olhou-a de um jeito esquisito. - Claro, se não quiser mostrá-los, não insistirei. Sei que, por vezes, os artistas mostram-se relutantes em expor o trabalho para gente como eu. Mas, um dia, se tiver vontade de mostrar, gostaria de ver seu trabalho.

Angela relaxou.

- Obrigada. Tenho uma sugestão. Por que não leio para você? Tenho certeza de que será bem mais interessante do que os mexericos da aldeia.

- Está certo.

- O que gostaria de ouvir? Algo leve, talvez?

- Sim. Nada de Dickens. Hoje não estou com estômago para ouvir histórias sobre casas miseráveis e orfanatos.

- Hum. Então nada de russos, também.
- Deus, não! - A resposta foi espontânea.

Discutiram autores por um tempo e finalmente decidiram por um livro de mistério, *A Pedra da Lua*^[1], que Angela já lera e apreciara. Desceu à biblioteca para pegá-lo e passou praticamente o resto do dia lendo para ele. Angela ficou surpresa de como a tarde passou rápido. Cam dormiu pouco. Ela leu para ele e conversaram, basicamente reminiscências da juventude e das pessoas que ambos conheceram no passado. Não falaram de nada aborrecido ou recente; não falou de tristeza, raiva ou arrependimento. Era incrivelmente fácil, descobriu Angela, voltar ao convívio anterior com Cam, conversar e rir, e descobriu como as mentes, muitas vezes, percorriam estradas paralelas, descobrindo prazer nas mesmas coisas ou compartilhando curiosidades.

O médico chegou no final da tarde para examinar Cam e anunciou estar enormemente animado com os progressos do paciente. A febre de Cam mantinha-se baixa e o ferimento não mostrava sinais de abscesso. O Dr. Hightower aprovou o programa de Angela de repouso absoluto e conversas calmas ou leitura e energicamente lembrou Cam de deixar seu funcionário cuidar dos negócios.

- *O senhor* - disse, apontando com severidade para ele - não deve pensar, se preocupar ou planejar. Aproveite a calma e o sossego. - Deixou escapar uma risada e piscou para Cam. - Ei, recém-casado, isso é o que deveria estar fazendo: aproveitando o tempo com a nova esposa, certo? Aposto que podem descobrir muito a fazer. Mas nada muito extenuante, hein? - Gargalhou de novo com o próprio comentário enquanto Angela ruborizou-se e lançou-lhe olhares fulminantes.

Cam, fitando Angela, conteve um sorriso.

- Sim, doutor.

- Ótimo. Rapaz sensato. Mais sensato do que costumava ser, isto é evidente. Nunca encontrei um garoto tão sonhador quanto você. E as perguntas? Lembro-me de um inverno, quando sua mãe ficou doente e fui visitá-la. Você me cobriu de perguntas, mais

perguntas do que pulgas num cachorro. *Por que isso e por que aquilo? E se o senhor fizesse isso? Você sempre teve a mente ágil.* - Fez uma pausa e acrescentou: — Lamento o falecimento de sua mãe. Era uma boa mulher.

- Sim, era. Obrigado.

O Dr. Hightower sorriu, despediu-se e deixou o quarto. Angela o acompanhou até a porta, agradecendo a visita. Voltou-se e caminhou lentamente para o quarto.

- Também sinto muito pela sua mãe - disse. - Peço desculpas por não ter dito antes. Eu estava... Bem, tudo tem sido tão agitado e não temos realmente conversado.

- Eu sei. Você tem andado muito ocupada me evitando. Angela o olhou de esguelha para ver se ele estava zangado, mas a expressão era divertida, não aborrecida. Ela prosseguiu:

- Sempre gostei de sua mãe. Ela costumava costurar coisas para mim quando eu era pequena. Lembro-me de achá-la muito bonita.

- Sim, ela era. - Cam fez um gesto indicando que sentasse, batendo na cama ao lado dele. Angela se sentou, enrascando as pernas debaixo do corpo.

- Entretanto, acho que ela não gostava de mim. Cam levantou as sobrancelhas.

- Não é verdade. De onde surgiu esta idéia? Angela deu de ombros.

- Não sei. Não a encontrei muitas vezes quando fiquei mais velha, mas uma ou duas vezes, quando eu e você cavalgávamos, íamos lá. Ela parecia muito formal e educada, diferente de quando eu costumava experimentar as roupas que fazia para mim. Talvez ela me achasse rebelde e agitada. - Sorriu. - Sei que vovó achava.

- Não. - Cam balançou a cabeça. - Ela gostava de você, tenho certeza. Apenas... se preocupava comigo. Me conhecia muito bem. Sabia de meus sentimentos por você só de nos olhar. Receava o que poderia acontecer. - Ele fez uma careta. - Sabia mais do que eu, suponho, como o mundo funcionava. Vivia repetindo como eu era

tolo em me envolver com alguém acima de mim. Iguais com iguais, sempre dizia. Você voa muito alto, meu garoto, e só vai conseguir queimar as asas. Não acreditava na mistura de classes. Suponho ter sido essa a razão de não ter voltado até seu falecimento. Ela não teria aprovado nosso casamento.

- Ou, sem dúvida, o modo como você o conduziu - mencionou Angela. - Que me lembre, era uma mulher honesta e honrada. Talvez você não quisesse que sua mãe tomasse conhecimento de suas ameaças, subornos e chantagens para forçar alguém a casar com você.

Olhou-a, estarrecido.

- Você não acredita em refrear suas opiniões ferinas, acredita?

- É verdade, não é?

Ele desviou o olhar, contraindo o maxilar.

- Sim, é verdade. Sou um homem mais duro do que era. Aprendi que as coisas só acontecem com aqueles que as agarram com ambas as mãos.

- Sim, se tudo com que conta é a forma e não a essência. Cam suspirou.

- No passado eu teria desejado tudo: seu amor, assim como sua mão em casamento. Mas aprendi a realidade da vida, Angela. Vou pegar o que conseguir. Não tenho nem certeza se você tem amor para dar.

- Não tenho - respondeu seca e se levantou, afastando-se e dirigindo-se à janela.

- Por quê? O que aconteceu? - Cam voltou-se na direção dela, franzindo a testa profundamente. - Ou na verdade você nunca teve? Você já me amou? Já amou algum homem?

Angela continuou olhando pela janela, recusando-se a fitá-lo.

- Isso realmente importa? Você conseguiu o que queria. Sou sua esposa.

- Quero saber - insistiu, teimoso. - Você já me amou? Ou nunca passou da excitação de fugir de casa? De escapar de seu avô?

Ou era meramente luxúria? A excitação de provocar um homem? Excitava-a ser tocada por alguém de nível inferior, misturar-se com uma classe proibida?

- Não! -Angela voltou-se, os olhos faiscantes, o corpo rígido e as mãos contraídas ao lado do corpo. - Nunca foi assim! Jamais pensei em você como alguém de outra classe social ou... ou alguém inferior a mim! Eu o amava! Eu o amei desde o instante em que chegou para trabalhar aqui e o achei o mais maravilhoso garoto que já vira. Como pode duvidar de mim? Como pode me julgar tão superficial e diabólica? Eu *amava* você!

Engolindo um soluço, Angela virou-se e correu para a porta.

- Espere! Angela! - Cam pulou da cama, mas o movimento brusco causou-lhe uma terrível dor no braço e ele oscilou, tonto. Xingando, agarrou-se à cabeceira da cama e nela se apoiou.

- Cam! - Angela correu de volta para ele e passou o braço em torno de sua cintura. - O que pensa estar fazendo? Volte para a cama.

Ele soltou a cabeceira e, dócil, passou o braço por sobre seus ombros.

- Sinto muito. Não deveria ter dito aquilo. - Ele recostou a testa em sua cabeça e murmurou: - Por favor, fique. Não quero nenhum dos outros comigo. - Ele esfregou o nariz em sua testa. - Ah, Angel, gosto tanto do seu cheiro. Eu tinha esquecido. Da primeira vez em que ficou perto de mim, no café-da-manhã em que não quis se sentar ao meu lado, senti aquele perfume, um leve toque de rosas e... e você. E tudo voltou à minha mente e me fez desejá-la novamente.

- Não fale coisas sem sentido - respondeu Angela, abalada, empurrando-o na direção da cama. -Aposto que milhares de mulheres cheiram a água de rosas. - É bastante comum respingar água de rosas no leito ou nas gavetas.

- Mas nenhuma tem um cheiro tão delicioso quanto você. - Ele escorregou de boa vontade na cama e recostou-se nos travesseiros. Sorriu para ela. - Fique comigo. Faça-me companhia.

Você podia voltar a ler. Prometo que não vamos conversar sobre nada que não deseje.

Angela aquiesceu.

- Está bem. - Pegou o livro que lia antes de o médico chegar, sentou-se na poltrona e recomeçou a ler.

Os dias seguintes transcorreram da mesma maneira. Enquanto Cam se recuperava do ferimento, Angela cuidava dele. De vez em quando, o Sr. Pettigrew ou Kate a substituíam, mas Cam preferia sua presença. Quando a febre sumiu, não havia muita necessidade de alguém cuidar dele, mas Cam, acostumado à atividade, não era o melhor dos pacientes, e o doutor avisou ser necessário repouso para a ferida cicatrizar. Portanto, era preciso, principalmente depois que ele começou a se sentir melhor, mantê-lo entretido e em repouso. Angela era a melhor no desempenho da tarefa.

Cam não se importou em se sentar e ouvi-la ler em voz alta ou conversar enquanto ela costurava. Angela achou incrivelmente fácil conversar com ele, desde que cuidassem de evitar os tópicos de seu casamento com Dunstan ou o deles mesmos.

Ele lhe contou sobre Nova York e Filadélfia, sobre as montanhas da Pensilvânia e as enormes e feias minas de onde o carvão era extraído. Ela perguntou como era a casa dele em Nova York e Cam deu de ombros.

- Como muitas outras, suponho. Jason garante ser um bom investimento. Comprei-a há um ano. Antes disso, vivia num aposento em meu clube. - Ele sorriu com melancolia. - Entretanto, está praticamente vazia. Não tive tempo, ou interesse, em mobiliá-la. Vou deixar a tarefa a seu encargo.

- Meu? - Angela o fitou, surpresa. - Você quer que eu mobílie sua casa em Nova York?

- Bem, é *nossa* casa, não é? - lembrou-a, gentil.

- Oh, bem, sim, suponho que sim. É que nunca pensei em viajar. Para Nova York, quero dizer.

- Ainda tenho negócios lá. Vendi muitas coisas, mas tenho obrigações das quais não consegui me livrar com tanta facilidade.

Devo precisar voltar de vez em quando. Gostaria de visitar a cidade? Pareceu interessada.

- Bem, sim, gostaria. Só não pensei. - Fez uma pausa. - Deve ser absurdamente caro manter casas espalhadas pelo mundo.

Ele de um sorriso pálido.

- Só uma.

- E grande?

- Monstruosa. Afinal é preciso estar no mesmo padrão dos Vanderbilts.

- Quem são eles? Gargalhou.

- Oh, mal posso esperar para você conhecer a sociedade de Nova York. Uma pergunta dessas, nesta voz tão aristocrática, e você vai arruinar as pretensões de todos.

- Eu não gostaria que não gostassem de mim.

- Não acontecerá. acredite. Eles vão adorá-la. Nada causa mais impressão nos americanos que um título. A maioria das matronas da sociedade daria metade de seus diamantes para poder afirmar que a família possui condes desde os dias da Conquista.

- Não tão longe. Mais desde Henrique VIII.

- Ah, sim, antes só havia barões, sem dúvida.

- Claro. - Ao sorrir, covinhas se formaram em seu rosto e acrescentou: - Você deve ter feito uma fortuna espantosa para comprar casas e entregá-las para serem completamente mobiliadas, sem mencionar adquirir minas de estanho e terras. Como conseguiu?

- Ganhar dinheiro?

Ela acenou afirmativamente.

- Em parte sorte, suponho. Um bocado de trabalho. Consegui emprego numa empresa de frete de carvão, primeiro carregando os vagões e, depois, dirigindo-os quando constataram que eu podia lidar com cavalos. Poupei dinheiro e arranjei um trabalho extra à noite numa taverna, expulsando os bêbados brigões. Esse emprego pagava meu quarto e alimentação e eu

poupava o resto. Depois ouvi falar sobre o emprego de levar explosivos através das montanhas na Pensilvânia.

As sobrancelhas de Angela arquearam-se e ela o fitou.

- Para quê?

- Eles as usavam nos campos de petróleo no oeste da Pensilvânia. A mistura era volátil, o emprego, arriscado. Mas pagava bem mais do que eu ganhava, mesmo com o extra na taverna.

- Então você se arriscou a explodir por dinheiro?

- Eu precisava desesperadamente de dinheiro. E nessa época não estava muito preocupado se viveria outro dia.

Uma dor estranha, quase esquecida, apertou-lhe o coração. Angela não gostava de se lembrar daquela época em que se casou e cada dia se arrastava, quando a dor da saudade de Cam apagava todo o resto, mesmo a assustadora conscientização do tipo de homem com quem se casara.

- Foi assim que fez fortuna? - perguntou, numa tentativa de trazer os pensamentos e a conversa para um humor mais descontraído.

- Foi como comecei. Transporteiei cada carga que podia conseguir. Vivia com muita simplicidade. Só precisava de comida e um colchão para dormir. Quando poupei bastante dinheiro, comprei uma pequena companhia de transporte em carretas. O proprietário estava perdendo dinheiro e eu podia imaginar como cuidar dos negócios para a empresa obter êxito. Nos especializamos em coisas perigosas ou que precisavam chegar ao destino com rapidez. Eu sempre superava os tempos de entrega dos outros. Entendia de cavalos.

Em pouco tempo contratei outros condutores e comprei mais vagões, e de repente, quando dei por mim, era dono da mais bem-sucedida companhia de frete do estado. A seguir expandi os negócios para Nova York e Nova Jersey, e, finalmente, por todo o litoral oriental. Aí surgiu a oportunidade de comprar uma ferrovia, e a comprei. Não sabia nada sobre locomotivas, mas podia adivinhar que o homem que a oferecia para mim conhecia. Entretanto, ele não tinha o dinheiro. Logo percebi que a maneira

mais fácil de lucrar não era através do suor de meu rosto, mas usando o dinheiro para trabalhar a meu favor. Investi em outras empresas, aquelas que podia prever que poderiam dar lucro, mas estavam descapitalizadas. Ouvi conselhos de dois investidores e valeu a pena. Descobri que o dinheiro atrai dinheiro.

- Não em minha família, receio. -Angela esboçou um sorrisinho.

- Bem, alguém tem que fazer algo além de gastá-lo em roupas, apostas e coisas afins.

- Devemos parecer muito frívolos para você.

- Bem, seria difícil não parecerem, quando sempre tiveram tudo que desejaram desde o berço.

- Não é bem assim.

- O que você quis e não teve? - Sorriu. - Diga e vou me encarregar de consegui-lo para você.

- Não são coisas que possam ser compradas.

- Tais como?

- Felicidade. - *Você*. Cerrou os lábios para não dizer a palavra e pôs-se de pé rapidamente, tentando parecer descontraída apesar do que dissera. - Não é o que todos querem? O que dizem não poder ser comprado? Felicidade. Saúde. Esse tipo de coisa.

Ela andou pelo quarto, dizendo coisas sem propósito para preencher o vazio e impedi-lo de perguntar o que ela quisera dizer. Cam a olhou, sem nada dizer, quando ela passou a mão pela cômoda, tocando casualmente as poucas coisas expostas: uma escova e um pente de prata masculinos, uma pequena caixa de jóias contendo abotoaduras e prendedores de gravatas, o relógio de bolso com sua corrente e caixinha. A mão hesitou e voltou ao relógio.

Angela passou o dedo pelo pequeno anel de ouro filigranado pendurado na corrente do relógio. Cam ficou tenso ao lhe ocorrer o que ela vira.

- Meu anel? -Angela o pegou, olhando-o mais atentamente. Tinha de ser o mesmo. Era um anel de criança, dado por sua avó, tão apertado que aos 16 anos o usava no dedo mindinho. Ela o dera a Cam como prova de sua afeição naquela primavera em que se apaixonaram.

Ela voltou-se e o fitou, atônita.

- Você ainda tem meu anel? Pensei que o tivesse vendido há muito tempo, quando viajou para a América.

- Não. Eu... nunca o vendi. Tinha valor superior ao dinheiro para mim. -Angela julgou tê-lo visto corar e ele prosseguiu, apressadamente: - Era meu amuleto da sorte. Sempre o carreguei comigo, inclusive naquelas viagens com os explosivos. Não consegui me livrar dele depois daquilo. Teria sido como desafiar a sorte.

- Oh! - Angela tocou o delicado anel. Treze anos depois ele ainda o mantinha. O conservara perto dele no perigo e, mesmo na pobreza, não o vendera para conseguir dinheiro. Fez Angela se sentir estranha e quente por dentro pensar que ele o conservara por tanto tempo.

Tudo que vira em Cam recentemente era raiva e amargura. Pouco pensara em nada além do modo impositivo como tentara forçá-la a se casar com ele. Mas agora se lembrava de como ele era quando se apaixonou por ele: o afeto e a ternura onipresentes em seus olhos ao fitá-la, as carícias suaves das mãos, a paixão dos lábios. Ele a amara, a amara tanto que, apesar da dor por ela causada, mantivera a prova de amor dada por ela. Pela primeira vez, Angela pensou na dor que lhe infligira. Embora fosse a única maneira de salvá-lo, suas ações tinham lhe partido o coração e destruído a confiança nela.

- Sinto muito - deixou escapar, um pouco surpresa por ter dito as palavras em voz alta.

Virou-se para fitá-lo e o pegou tão surpreso ao ouvir as palavras quanto ela.

- Porquê?

- Pelo que aconteceu. Pela dor que sentiu. Jamais quis magoá-lo.

- Então por que me magoou? - perguntou, baixinho. Angela sacudiu a cabeça num gesto de negação, apertando os

lábios para evitar o tremor. Não podia contar-lhe agora; tentara há algum tempo e ele se recusara a ouvi-la. Não podia dizer - não ao homem em que ele se transformara. Não podia desabar diante daquele estranho autoritário e implorar-lhe que compreendesse, pedir que a perdoasse. Era tarde demais. Treze anos se espalhavam como um deserto entre eles. Não podiam voltar e mudar o passado. Seria pior para Cam saber. Ele podia não acreditar nela, o que podia cortar como uma faca ou, se acreditasse nela, podia amolecê-la, podia tentar recuperar o amor perdido. E isso não podia acontecer. Ela não queria que ele a perdoasse, não queria que falasse de amor ou reacender-lhe o interesse em compartilhar de sua cama. Nunca poderiam ter um casamento de verdade, e seria bem mais difícil manter esse acordo se Cam soubesse que ela não deixara de amá-lo e se casara por amor a *ele* e não por amor a dinheiro.

- Acabou - disse com voz áspera. - Não importa mais. - Virou-se e saiu do quarto, fechando a porta.

Capítulo Oito

Quando Cam recuperou as forças, o médico o autorizou a ir todos os dias ao jardim para sentar-se por várias horas, pois ele inquietava-se em permanecer trancado no quarto. Melhorava sensivelmente, embora o braço ainda doesse. Angela ficava com ele, lendo.

Uma tarde em que estavam sentados no jardim, ouviram o baralho das rodas da Carruagem na estrada de cascalho e poucos minutos depois uma mulher magra como um palito, num vestido escuro bastante simples, mas visivelmente bem cortado e costurado, foi conduzida pelo mordomo da casa ao jardim. Acompanhava-a um homem baixo tão redondo quanto ela era magra. Ele carregava uma bolsa de viagem de pano numa das mãos e vários livros grandes debaixo do outro braço. Angela e Cam olharam o estranho casal se aproximar com curiosidade.

- Sra. Hester - anunciou o mordomo com gravidade. - E seu assistente. A senhora estava à sua espera, milady.

As sobrancelhas de Angela arquearam-se.

- Estava? Perdoe... minha falta de memória... - Angela olhou para a mulher com um olhar de interrogação.

- *Eu* os estava esperando - disse Cam, intervindo. - Lamento, Sra. Hester. Lamento que os recentes acontecimentos tenham apagado completamente de minha cabeça a data de nossa reunião. Esqueci de informar minha esposa.

- Perfeitamente compreensível - disse a mulher, educadamente. - Fui informada do acidente lamentável que o senhor sofreu.

- Sim. Mas tudo já está bem e sua visita não poderia ter sido num dia melhor. Acredito que minha esposa e eu estávamos ficando um pouco entediados.

Angela, voltando o penetrante olhar para Cam, perguntou numa voz admoestante:

- Esqueceu de me avisar o quê?

- Da visita da Sra. Hester, é claro. Entrei em contato com ela há alguns dias, ou melhor, pedi a Jason para fazê-lo. A Sra. Hester é uma costureira de York e concordou em vir aqui tirar suas medidas... para evitar o trabalho de irmos a York.

- Uma costureira? - Angela o fitou, atônita. - Está falando sério? Trouxe uma costureira até aqui para fazer roupas novas para mim?

- Sim.

- Mas eu tenho roupas. Não preciso de outras.

Cam ergueu uma sobrancelha, olhando incrédulo seu sóbrio vestido marrom, mais simples que o da costureira. Angela ruborizou-se ligeiramente.

- Quero dizer, não precisa... eu saio muito pouco. Raramente recebemos visitas. Eu, mamãe e vovó vivemos muito isoladas.

- Ah, mas com certeza isto mudará agora que está casada - respondeu Cam.

- Mas não vale a pena gastar dinheiro nisso.

- Vestir minha esposa no estilo condizente com sua posição? Eu diria que, definitivamente, vale a pena.

- Se milady se dispusesse a olhar. - A Sra. Hester fez um gesto na direção do homenzinho, que deu um passo adiante, segurando um dos grandes volumes, e o abriu para Angela. Era um livro de moda, cheio de desenhos de todo tipo de vestidos, desde os simples, de viagem, aos elegantes vestidos de festa.

- São lindos - admitiu Angela, começando a folhear as páginas. Não podia negar a beleza das roupas nas páginas à sua frente. No passado usara tecidos finos e de cores vibrantes. Mesmo em todos os anos passados com Dunstan, embora sua vida fosse um inferno, as roupas eram elegantes. Deixara tudo para trás, entretanto, quando fugira de Dunstan e depois, tinha até mesmo queimado as roupas usadas durante a fuga. Em Bridbury mantivera seu vestuário ao mínimo indispensável e se certificara de que todos os vestidos fossem modelos simples em cores escuras. A última coisa que desejava era atrair atenção sobre si mesma. Ainda assim, não podia evitar reagir à beleza dos desenhos diante de seus olhos.

- Também trouxe várias amostras de tecidos - prosseguiu a Sra. Hester. - O Sr. Pettigrew escreveu que a senhora tinha vários vestidos em mente.

- Bem, ah, eu...

- Sim - respondeu Cam por ela. - Vários vestidos para o dia-a-dia e alguns para a noite, é claro.

- Mas, Cam, nunca recebemos ninguém.

- Bem, você vai precisar receber, minha querida. Todos esperam algum tipo de baile, agora que nos casamos.

Ele estava certo, embora Angela tivesse conseguido ignorar a situação até o momento. Folheou as páginas com algum temor.

- Não um guarda-roupa completo, é claro - prosseguiu Cam. - Imagino que vá comprar mais vestidos quando formos a Londres, pois preciso viajar a negócios dentro de algumas semanas. Mas, enquanto isso, precisa de alguns vestidos para usar aqui.

- Cam, não tenho certeza...

Entretanto, ele desconsiderou suas objeções e hesitações e Angela se pegou folheando os livros e verificando as amostras de tecido cada vez com mais interesse. Sentiu um desejo quase físico diante da visão de um veludo verde-esmeralda, e uma seda azul-pavão a deslumbrou também. Cam, percebendo seu interesse, insistiu para que ela comprasse os dois, e por sua conta escolheu um cetim dourado que, tinha certeza, jamais teria ocasião de vestir. Quando finalmente terminaram, ela escolhera tantas coisas que se sentiu culpada por aceitar todas. A Sra. Hester, entretanto, não lhe deu tempo para preocupações. Pelo contrário, apressou-se em lhe tirar as medidas com a colaboração de Kate.

Foi excitante, embora um pouco assustador, tirar as medidas para roupas lindas mais uma vez. E quando Angela apresentou-se para o jantar naquela noite, havia um brilho estranho nos olhos e um leve rubor no rosto. Era -a primeira vez que Cam deixaria o quarto para uma refeição e o olhar dele repousou no rosto de Angela, apreciando o que via. A refeição transcorreu de modo

agradável, a conversa, leve e divertida. Cam retornou para o quarto um pouco relutante.

Mais tarde, Angela voltou para o quarto e sentou-se diante da penteadeira, soltando os cabelos. Cam apareceu na porta que ligava os quartos e ficou parado, apoiado no umbral da porta, admirando-a. Enquanto estivera cuidando dele, Angela se acostumara a deixar a porta de conexão entre os quartos aberta para poder ouvir se ele precisasse de algo durante a noite. Mesmo ele tendo se recuperado e não precisando de cuidados durante a noite, ela não voltara a fechar e trancar a porta.

- Cam! - Surpreendeu-se ao vê-lo ali e deixou cair os grampos da mão. Voltou-se para fitá-lo. - Precisa de algo?

Ele meneou a cabeça.

- Não. Estou ótimo. Melhor do que me sentia há dias. Angela sorriu, tímida. Então, por que estava ali? O que queria? Sentiu um nó na garganta.

- Prossiga. - Ele fez sinal para o espelho da penteadeira. - Termine o que estava fazendo. Não quero interrompê-la.

Ela voltou-se e começou a tirar os grampos restantes dos cabelos, curvando a cabeça à frente para não poder ver Cam pelo espelho. Mas não podia manter a cabeça inclinada para sempre, e quando havia tirado todos os grampos e os cabelos caídos em ondas, precisou levantar o rosto, jogando a cascata de cabelos para trás. Os olhos encontraram os de Cam no espelho. Ele a olhava com uma intensidade iluminada. A boca de Angela ficou seca, crispou a mão. Rapidamente pegou a escova e começou a pentear-se, escovando os cachos rebeldes que só pareciam enrolar ainda mais, embora escovasse com força os cabelos. Ela recuou quando a escova machucou seu couro cabeludo.

- Ei, espere. Calma - disse Cam, aproximando-se e tirando-lhe a escova da mão. - Você é muito impaciente.

- Odeio o modo como meus cabelos ficam encaracolados - respondeu mecanicamente, tensa devido à proximidade dele.

- Então deixe a tarefa para alguém que a aprecie - disse, sorrindo. Suspendeu a massa pesada de cabelos e começou lenta e

cuidadosamente a penteá-los. Não tinha pressa e desembaraçava os cabelos gentilmente, da raiz às pontas. Angela se perguntou que outros cabelos femininos ele penteara para saber fazê-lo tão bem.

- Você é um especialista - comentou com sarcasmo.

O sorriso de Cam tornou-se maldoso e os olhos se encontraram no espelho.

- Com ciúme?

- Claro que não. - Mas Angela percebeu, apavorada, estar com pelo menos um pouco. Ela o amara com todas as forças de seu ser, e ele correspondera. Odiava pensar na possibilidade de ele dar esse amor a outra mulher.

- Costumava pentear minha mãe quando era pequeno. Ela ficava muito cansada de costurar o dia inteiro, até de madrugada, tentando ganhar o suficiente para nos manter. Ela sentava-se curvada sob a luz da lamparina de óleo e quando ia para a cama tinha rugas na testa, o pescoço e os ombros tensos e uma horrível dor de cabeça. Ela costumava gostar que eu lhe massageasse os ombros e penteasse os cabelos. Isso acabava com a dor de cabeça.

- Quanta gentileza sua. Ele deu de ombros.

- Eu sabia que ela trabalhava para nos manter vivos. Parecia bem pouco comparado ao que ela fazia.

O movimento da escova em seus cabelos era ritmado e confortante, entretanto Angela não podia relaxar e aproveitar a sensação. Era muito íntimo, muito sensual. Permaneceu tensa, procurando algo na mente para dizer.

- Como era seu pai? - perguntou a seguir. - Não me lembro de você falar dele.

O rosto de Cam contraiu-se e, sem querer, ele forçou a escova ligeiramente, atingindo seu couro cabeludo.

- Eu não o conheci.

- O que aconteceu com ele?

- Não sei. Angela o encarou.

- Você não sabe?

Ele sacudiu a cabeça, desviando o olhar para os cabelos.

- Não, não sei nada sobre ele.

- Como pode? Sua mãe nunca lhe contou nada? Você nunca perguntou sobre ele? Não teve curiosidade?

Ele deixou escapar uma risada curta e rápida.

- Sim, tinha curiosidade. Perguntei várias vezes quando era criança, mas ela nunca respondeu. Dizia ser melhor eu não saber. Quando fiquei mais velho, notei o quanto lhe doía falar sobre ele e então, finalmente, desisti de perguntar. Não sei quem ele era, onde morava ou, bem, nada. - Fez uma pausa e acrescentou, numa voz inflexível: - É um dos motivos de eu me julgar filho ilegítimo.

- O quê? -Angela voltou-se para ele, estarrecida, e a escova puxou-lhe os cabelos mais uma vez.

Cam lhe devolveu a escova.

- Tome. Talvez seja melhor você terminar. Pareço não estar muito eficiente hoje à noite. - Voltou-se e caminhou para a cama.

- Cam... - Angela colocou a escova de lado e virou-se, seguindo-o com os olhos. - O que quer dizer?

- Acho que sou bastardo. - Ele retribuiu-lhe o olhar, um leve sorriso nos cantos da boca. - Embora muitas pessoas tenham me chamado de bastardo, falando de modo figurativo. Mas eu quero dizer literalmente.

- Mas por quê? Quero dizer, você só disse não saber nada sobre seu pai.

Ele aquiesceu.

- Acho que a reticência de minha mãe só vem provar o que disse. Se não houvesse algo vergonhoso ligado a meu nascimento, ela teria falado sobre meu pai e a vida deles.

- Mas pode significar outras coisas também - protestou Angela, sentindo necessidade de defendê-lo das próprias acusações.

- Por exemplo...

- Por exemplo, sua mãe podia estar muito apaixonada por ele e... e ele morreu e era muito doloroso falar sobre sua morte. Ou

talvez ela acreditasse que você era muito jovem para saber.

Cam deu de ombros.

- E possível. Mas há outras coisas suspeitas, como o fato de não termos parentes.

- Nenhum parente? Como pode não ter parentes? Não é possível.

- Quer dizer, nunca conheci nenhum. Não há ninguém na aldeia com a qual tenhamos ligações familiares. Nem avós, tias, tios ou primos. Nos mudamos para cá de algum outro lugar quando eu era muito pequeno para me lembrar. E minha mãe nunca me disse de onde viemos. Quando lhe perguntei sobre sua família, ela só respondeu que estavam todos mortos e que só tínhamos um ao outro. Nunca recebeu carta de ninguém... ou enviou, tampouco. Quase nunca falava de sua infância, e nunca dizia onde nascera. Ela nunca me disse os nomes de meus avós. Como se estivéssemos totalmente desligados do resto do mundo. Acho que ela devia ser solteira, e ao engravidar a família a mandou embora.

Angela levantou-se e se aproximou dele.

- Bem, talvez tenham todos morrido. Talvez sua família inteira, incluindo seu pai, tenha... tenham morrido num incêndio, por exemplo, e você e sua mãe foram os únicos sobreviventes. E as lembranças eram tão dolorosas que ela se mudou para um lugar totalmente diferente e não quis comentar a respeito. Ou talvez a família dela não aprovasse o marido. Talvez tivessem fugido ou algo assim e ele morreu, mas ela não voltou para a família, por terem sido contrários ao casamento.

Cam riu.

- Você não desiste, não é? Por que está tão ansiosa em provar que estou errado? O fato de ter nascido fora do casamento a incomoda tanto? Você já me disse que nós dois somos socialmente incompatíveis. Como isso pode tornar tudo ainda pior?

- Não é isso. Acho... bem, não importa realmente, a não ser que o faça infeliz. - Parou ao seu lado, olhando-o no rosto. - Você soa amargo.

- Talvez seja amargo. É o único ponto sobre o qual eu e minha mãe discordávamos. Ela sempre guardou esse enorme segredo, essa certeza de que nunca me contaria. Eu não sabia nada sobre mim e ficava ressentido. Quando cresci o suficiente para argumentar, percebi que devia ser ilegítimo e por este motivo ela nada me dizia. Posso compreender por que ela manteve o fato escondido de mim. Como dizer ao filho que ele é um bastardo? Mesmo assim, eu ficava zangado por não saber. Ficava zangado também, imagino, por ela ter deixado acontecer.

- Se ela não tivesse deixado, você não existiria - argumentou ela, racional.

Ele fez um muxoxo.

- Suponho que seja verdade. Mesmo assim, queria saber... Mexi nas coisas de mamãe quando ela morreu, esperando encontrar alguma evidência, alguma prova que me revelasse quem eu sou e como vim ao mundo, mas não havia nada.

- Por que não perguntou quando ela foi morar na América com você? Quando já era adulto? Ela não teria lhe contado?

- Não sei. Talvez. Mas eu estava muito ocupado... e não sei, gostava de imaginar que não me importava. Eu era muito forte, pensava, muito velho, para precisar saber essas coisas... que só uma criança deseja saber. Eu era quem era, e que importava quem fosse meu pai? Depois que ela ficou doente, deixei de me importar. Me dei conta de que quando ela morresse eu não teria mais família, jamais conseguiria saber a verdade sobre mim mesmo. Então lhe perguntei, mas ela ficou terrivelmente aborrecida. - Ele hesitou diante da lembrança. - Eu não suportava causar-lhe sofrimento. Se a tivesse visto, compreenderia. Ela ficou magra e pálida, e enfrentava dores constantes. Eu simplesmente não podia causar-lhe mais sofrimento.

- Claro que não. - Angela ficou em silêncio por um momento, a sobancelha franzida, pensativa. - Deve existir um meio de descobrir tudo isso sozinho.

- Como? Não faço a menor idéia de onde ela veio. Bem, não, não é verdade. Mamãe tinha sotaque.

- É verdade. - Angela animou-se. - Ela não falava como as outras pessoas. Tinha sotaque escocês.

- E Monroe é um nome escocês também. Mas, mesmo assim, a Escócia é uma área muito grande para procurar, especialmente quando não se tem idéia do que se busca.

- Eu tenho! - Angela colocou a mão no braço dele, de tão animada. - A Sra. Harrison! A mãe de Kate. Ela foi sua vizinha anos a fio.

- É verdade. Ela e mamãe eram amigas.

- Se existe uma pessoa que podia extrair um segredo de alguém, é a Sra. Harrison. Ela sabe tudo sobre todos naquela aldeia. Sua mãe pode ter escondido de você, mas não posso imaginar que ela pudesse esconder tudo *dela*. Posso jurar que ela sabe algo sobre você ou Grace que possa ao menos dar início às buscas.

- Sem dúvida você tem razão. - Ele sorriu e tocou-lhe a face, acariciando-a suavemente com os nós dos dedos. - Vamos precisar fazer uma visita à Sra. Harrison um dia desses.

- Quer que eu o acompanhe? - perguntou, insegura. Não sabia como corresponder, seja às palavras ou ao gesto afetuosos. Queria afastar-se dele, eliminar a possibilidade dele tocá-la. Ainda assim, não conseguia obedecer a seus instintos. Lembrou-se da outra noite em que o beijara; desde então, ela se perguntava se ele também se lembrava. Angela sabia que não queria outro beijo; aquele a havia perturbado, assustado. Mesmo assim, não conseguia esquecer a sensação que a impelira a beijá-lo, nem tampouco a saudade do passado a invadi-la.

Cam abriu a mão e espalmou-a em sua face, os dedos mexendo nos cabelos de Angela. O movimento era sereno e lento. Ainda assim, Angela retesou-se involuntariamente. Ele inclinou-se. Angela olhou dentro de seus olhos, hipnotizada como um animal selvagem diante da súbita luz de uma lanterna. Ele chegou mais perto, e depois os lábios encostaram-se nos dela, primeiro tocando-os de leve e depois aprofundando o beijo.

O gosto da boca era assustadoramente familiar, como na outra noite, e o toque aveludado de seus lábios lhe causou um arrepio. Ela não tinha certeza do que sentia, apenas que era intenso, uma profunda mistura de lembranças, sensações e desconforto. Cam fez um suave som de desejo e moveu-se, mudando o ângulo da boca e envolvendo-a com os braços. Tão logo os braços a envolveram, Angela ficou tensa. A confusão desapareceu, substituída pela profunda punhalada de medo.

Afastou-se abruptamente e surpreendeu-se quando os braços a soltaram. Sentiu-se um tanto tola, mas recuou outro passo a fim de se manter ainda mais afastada. Ele a viu afastar-se silenciosamente.

- Foi esse o motivo de trazer a costureira aqui? - perguntou, tensa. - Bem, pode cancelar o pedido. Não quero os vestidos.

- O quê? - Cam pareceu surpreso, depois as sobrancelhas se uniram. - Você pensa... Está dizendo que eu... que tentei comprar favores? Que comprei roupas para você me deixar beijá-la?

- Mais do que isso. Acho que não ia parar nos beijos. Angela tremia, mas se forçou a enfrentá-lo. Este era, afinal, seu quarto, e não tinha para onde correr. Uma desesperançada parte dela dizia que jamais ganharia, jamais *poderia* ganhar. Que se Cam a desejasse, ele a tomaria, e o que ela dissesse ou fizesse não teria a menor importância. Mas outra parte, a força de vontade que a fizera sair das profundezas do desespero e deixar Dunstan, que criara raízes e crescera dentro dela desde que o deixara, essa parte lhe dizia que não podia recuar, não importava o resultado.

- Sou tão repugnante para você? - murmurou ele, os olhos escuros soltando faíscas. - Meu toque plebeu é tão baixo que a suja? No passado, você contava os minutos para estar em meus braços.

Angela contraiu os lábios e afastou o olhar. Não gostava que ele pensasse que ela o rejeitara por não ter nascido em berço de ouro. Mas também não podia contar-lhe a verdade. Era preferível seu desprezo a tê-lo em sua cama, disse a si mesma, mas quando os olhos dele a percorreram, ela já não tinha tanta certeza.

- Você prometeu - foi tudo que disse.

- Sim, prometi que não a forçaria. Não cobraria meus direitos como marido. Achei que você poderia... me desejar, como no passado. Que quando você se acostumasse com a idéia de nosso casamento, quando passasse o ressentimento por eu ter imposto minha presença à sua família, começaria a me desejar de novo. Que se eu a beijasse, você corresponderia.

Os olhos de Angela faiscaram.

- Então você se casou comigo sob falsos pretextos, planejando me seduzir, ou me subornar ou me vencer pela insistência a aceitá-lo em minha cama?

- Não! Céus, como você distorce todas as minhas palavras! Não tentei vencê-la pela insistência. Você acha que eu ia querer que uma mulher se deitasse comigo por estar cansada e derrotada para fazer outra coisa? Especialmente a mulher que eu... - Ele se calou abruptamente, depois continuou, numa voz mais moderada: -... a mulher que escolhi para ser minha esposa? Não tentei suborná-la. Não trouxe a Sra. Hester aqui como pagamento por serviços "a serem prestados". Eu a trouxe aqui porque queria vê-la vestir-se como acho que deve. Não queria vê-la vestida como uma governanta. Você é minha esposa. Você é a dona da casa.

- Não exatamente. A dona é Rosemary, esposa de Jeremy.

- Não tente se esquivar. - Fez uma pausa e disse: - E não vim aqui hoje pensando que você me aceitaria porque lhe comprei uns vestidos hoje à tarde. Não pensei mesmo. Vim simplesmente porque você estava tão linda hoje à noite no jantar, quase feliz... e do jeito como costumava ser. Eu queria ficar com você. Foi por isso que vim e foi por isso que a beijei. E, sim, eu esperava que um dia pudesse seduzi-la, pudesse fazê-la me desejar de novo. É um pecado tão grande tentar?

- Você não me tenta! - gritou Angela. As palavras dele a haviam emocionado e de certo modo assustado mais do que os beijos e as carícias. Queria que ele parasse; não queria sentir. Não queria voltar a ser magoada. - Não compreende? Eu não quero você! Quero que me deixe em paz!

Cam contraiu os lábios. Os olhos tornaram-se frios e vazios. Ele fez uma reverência formal.

- Então peço desculpas. Vou evitar incomodá-la no futuro. Boa-noite, milady.

Virou-se e saiu do quarto, fechando a porta entre os aposentos com um clique macio e definitivo. Angela se atirou na cama e se entregou a uma enxurrada de lágrimas.

Poucos dias depois, quando Cam anunciou estar se sentindo em condições de montar a cavalo, ele e Angela cavalgaram até a aldeia para visitar a mãe de Kate. Enquanto trotavam rumo à estrada, Angela o olhou. Era estranho estar com ele. Vinham se evitando desde a noite em que ele fora a seu quarto.

Agora, cavalgando a seu lado, recordou-se com clareza dos dias do passado. Não podia contar o número de vezes em que os dois tinham saído da estrebaria juntos, quando ambos estavam apaixonados e mesmo antes. Era natural voltar a ficar a seu lado; ao mesmo tempo, era como estar com um estranho.

Os pensamentos dele deviam seguir o mesmo rumo, pois Cam a fitou com um sorriso e disse:

- Bem diferente de como costumava ser, não é?

Angela retribuiu o sorriso. Estavam acostumados a atravessar os campos para cortar caminho até a aldeia ou outro destino -sem levar em conta sebes, cercas ou muros.

- Não há necessidade de sacudir o braço, mesmo que esteja quase curado - comentou Angela.

- Estou *completamente* curado - retrucou. - Ainda acho que podia ultrapassar alguns muros baixos e sebes.

- Sem dúvida. Mas não tenho tanta certeza se poderia. O velho Nestor aqui não é especialista em saltar obstáculos, como Satin. - Angela inclinou-se para acariciar o pescoço do cavalo, como se pedisse desculpas pelas palavras.

- Você tem razão. - Cam lançou um olhar crítico para o cavalo idoso. - Talvez Nestor ficasse mais confortável puxando uma carroça do que levando um cavaleiro.

- Ele faz isso também - admitiu Angela, acariciando-o novamente e tranqüilizando o animal. - Ele é um bom e velho cavalo, não é Nestor?

- Por que não ter um cavalo de montaria melhor?
- Satin morreu. E nunca tive outro. - Angela deu de ombros. - Não cavalgo tanto quanto costumava.

- Imagino que não. Pelo menos não com esse cavalo.
- Eu não queria ser um peso para Jeremy. Desde o divórcio, tornei-me praticamente dependente dele e a situação me incomoda, não importa o quão gentil ele seja. Sei que está mergulhado em dívidas. Um cavalo de montaria é uma despesa supérflua.

Fez-se um momento de silêncio, depois Cam lembrou-a:

- Você não depende dele agora.
- Não - retrucou Angela, irônica. - Em vez disso, agora dependo de você.
- Você é minha esposa.

Angela não o olhou, manteve o olhar à frente. O queixo elevou-se um pouco mais ao dizer:

- Isso não torna menos humilhante implorar dinheiro. Cam trincou o maxilar.

- Você não precisa implorar. Você tem direito. - Fez uma pausa e perguntou: - Foi isso o que pensou? Que eu quisesse que você viesse a mim e pedisse dinheiro para tudo que precisa?

Um rubor subiu à garganta de Angela. Ela não lhe diria que havia sido sua experiência com Dunstan. Rapidamente aprendera que preferia ficar sem nada a suportar a humilhação de implorar. E mesmo que não tivesse que implorar a Cam, só pedir lhe parecia vergonhoso.

Quando Angela não respondeu, Cam murmurou:

- Sou seu marido. E tenho mais dinheiro do que jamais precisarei. Não importa o que pense a meu respeito, nunca foi minha intenção puni-la, Angela. Sei que me impus no que diz respeito ao casamento. Sem dúvida, fui deselegante e estúpido, e lamento por isso. Não sou um cavalheiro. Nunca pretendi ser. Queria algo e fiz o que achei ser preciso para conseguir. Mas não quis o casamento para poder tiranizá-la.

Eles cavalgaram em silêncio por um momento. Depois Cam disse, formal:

- Vou instruir Jason para que se reúna com você e estabeleça uma cota para roupas e dinheiro para os alfinetes, quanto você decidir. Gostaria de receber e administrar o dinheiro para manter a casa também? É certamente sua prerrogativa. No momento, Pettigrew está discutindo esses detalhes com a governanta.

- Não. Não, claro que não. A Sra. Wilford tem capacidade suficiente para controlar o dinheiro das despesas.

- Vou comprar uma montaria para você também. No futuro, se precisar de uma soma extra de dinheiro para alguma compra maior, informe a Pettigrew o valor necessário, se preferir não pedir a mim. Ele lhe dará. Você não precisa pedir, muito menos implorar.

Ficaram em silêncio por praticamente o resto do caminho, pois nenhum deles sabia como quebrar o constrangimento. Angela lembrou-se de como no passado nunca faltaram palavras quando estavam juntos. Agora, com frequência, ficavam tão solenes e formais como estranhos, embora, vez por outra, houvesse lampejos da antiga familiaridade, um momento de camaradagem ou divertimento compartilhado. Uma noite mesmo, na mesa de jantar, Angela olhara Cam durante uma das exaustivas críticas da avó de como as coisas mudaram desde sua juventude. Cam levantara uma sobrancelha para Angela, os olhos dançando divertidos, e por um instante ficaram conectados e próximos e sentira algo quente dentro de si. No momento seguinte, no entanto, desaparecera.

Eles mal tinham saltado na frente da casa da mãe de Kate quando a Sra. Harrison apareceu correndo na porta para recebê-los. Com o rosto corado de animação, riu para eles.

- Milady! Que bom revê-la. Foi muita gentileza de sua parte vir me visitar. Quando Kate me disse que a senhora viria, quase caí pra trás!

Curvou o joelho numa pequena reverência para Angela e depois se voltou para fitar Cam.

- E Cameron Monroe. Você se transformou num homem importante. - Sacudiu a cabeça. - Quando crescia na porta ao lado,

nunca imaginei que um dia o veria voltar aqui como o dono da mansão, casado com lady Angela e tudo mais.

Era difícil dizer, pelo tom da voz da Sra. Harrison, se ela julgava o retorno e o casamento bons ou ruins. Mas Cam sorriu para ela e abriu os braços.

- Vamos, Sra. Harrison, vai ficar aí parada? Não vai me dar um abraço?

A mulher corou de prazer e atirou os braços em volta de Cam, dando-lhe um abraço apertado. Deu um passo atrás, explicando:

- Achei que não seria correto, já que você é tão refinado agora.

- Sou o mesmo garoto que costumava atacar sua macieira.

- Puxa, e como atacava! - A Sra. Harrison deu-lhe um tapinha no braço, brincalhona, obviamente nem um pouco aborrecida com as lembranças das travessuras do garoto.

Cameron olhou para o chalé ao lado do da Sra. Harrison. O jardim não era mais tão arrumado como costumava ser quando ele e mãe moravam ali e o telhado parecia necessitar de obras.

- Você voltou lá? - perguntou Angela, percebendo para onde se dirigia o olhar.

Ele sacudiu a cabeça negativamente com rapidez.

- Ela não está lá. Não faz sentido voltar.

- Mas as lembranças estão. Tenho certeza de que não se importariam se você quisesse entrar e dar uma olhada.

- Claro que não. - A Sra. Harrison aderiu à conversa. - Os Anderson são pessoas gentis. A dona da casa não é boa como sua mãe era, é claro, mas são bons vizinhos.

- Um outro dia, talvez - disse, mudando de assunto. - No momento prefiro conversar com a senhora.

- Ah, estou vendo que ainda tem aquela língua afiada, garoto. Vamos, entrem. Preparei o chá para vocês.

Angela, é óbvio, murmurou que não queria dar trabalho e a Sra. Harrison garantiu não ser trabalho nenhum e, portanto, trocando as habituais gentilezas, entraram no chalé, Cam se curvando a fim de poder passar pela porta baixa. Uma vez dentro, a Sra. Harrison os instalou no sofá e se ocupou trazendo chá e bolos da cozinha. Por um tempo comeram e discutiram o tipo de coisas que se discute em visitas sociais. Era óbvio que a Sra. Harrison estava ao mesmo tempo encantada e apavorada com a presença de uma Stanhope em sua casa, e Cam suspeitava de que ela repetiria os detalhes da visita por um bom tempo.

Finalmente Cam entrou no assunto que os levara ali.

- Suponho que Kate tenha lhe dito que eu gostaria de perguntar algumas coisas sobre minha mãe - começou.

- É, ela comentou - concordou a Sra. Harrison. - Embora, na verdade, Cam, eu não saiba como ajudá-lo. Não poderia conhecer Grace melhor que seu próprio filho.

- Se sabe algo, então sabe mais do que eu - garantiu-lhe, demonstrando uma ponta de amargura. - Ela nunca me contou sobre sua vida antes de eu nascer.

A Sra. Harrison pareceu um pouco surpresa.

- Mas quem diria? Bem, Grace me contou algumas coisas. Disse que tinha se mudado para cá vindo da Escócia. Bem, deixe-me pensar... ela me contou de onde era? Sim, mencionou algumas vezes por acaso. Não era um lugar muito grande. Carmody? Era isso? Não. Carewick? Bem, num minuto me lembro.

- E sobre meu pai? Alguma vez lhe contou algo sobre ele? Uma sombra cobriu o rosto da mulher e ela desviou o olhar.

- Sobre isso nunca falou, garoto. Nenhuma vez a ouvi pronunciar o nome dele. Uma vez perguntei sobre ele. Disse algo sobre "o pai do menino", depois me lançou aquele olhar duro e disse: "O menino não tem pai." Bem, cheguei a ficar arrepiada com o tom da voz e sabia que era melhor não perguntar mais sobre ele. Ela nunca tocou no assunto.

- Eu era ilegítimo?

A Sra. Harrison pareceu ainda mais constrangida e se mexeu na cadeira.

- Ela nunca disse. Mas eu... bem, depois do que ela disse sobre seu pai, achei que você devia ser. Ela parecia odiar o homem, como ele não estava com vocês, e ela nunca falava nele...

- Deu de ombros. - Não tenho nada contra sua mãe. Ela não seria a primeira boa mulher a quem isso aconteceu. - Suspirou. - Nem será a última.

- O que ela contou sobre seu passado?

- Ela às vezes falava sobre coisas que fazia quando era criança, sobre uma feira ou alguma peça que o irmão lhe pregara.

- Ela tinha um irmão? - Cam inclinou-se à frente.

- É, acredito que sim. - Franziu a testa, tentando se lembrar.

- Talvez mais de um. Estou certa de que ela falava sobre ele provocá-la.

- Mas ela nunca recebeu cartas da família. Ninguém nunca a procurou.

- Talvez tenham morrido. Ou talvez tenha havido uma briga em família. Isso acontece. Ela nunca contou. - A Sra. Harrison franziu a testa, concentrada. - Deixe-me ver. Parece que uma vez ela disse o que o pai fazia. O que era? Era uma ocupação na cidade, não no campo. Importante, também, não era uma coisa comum. Ah, lembrei! Ele era joalheiro. Um ourives.

- Ourives? - Cam pareceu atônito. Um ourives era um artesão, usualmente de uma longa linhagem, alguém que tinha sido treinado vários anos para exercer a profissão. Não era o mesmo que pertencer à classe dominante, mas era bem diferente de ser um cavaliço, costureira ou lavadeira, como a mãe.

- É. Tenho certeza de que era isso. Lembrei agora, estávamos falando uma vez sobre um colar que lady Bridbury, mãe de Angela, tinha. Um de ouro com flores delicadas, em filigrana e diamantes no centro.

- É um de seus favoritos - comentou Angela.

- Sim, milady, é uma beleza. E sua mãe, Cam, comentou como era bonito e quanto trabalho devia ter dado. E disse saber por que o pai fazia jóias semelhantes. Tinha sua própria loja. Era um ourives em Carnmore. Ah! - Ela abriu um sorriso. - Pronto. Veio assim num estalar de dedos. Este era o nome da cidade onde morara quando pequena. Carnmore, Escócia. Não era um lugar grande, mas também não era um vilarejo. Aposto que devia haver um ourives lá.

- Não. Eu aposto que a senhora tem razão. Obrigado, Sra. Harrison, foi de grande ajuda.

- Estou feliz por ter ajudado. Mas, garoto... - Ela inclinou-se e pousou a mão em seu braço, fitando-o seriamente dentro dos olhos. - Você é um homem refinado, assim como sua mãe era uma boa mulher. Às vezes não faz bem escarafunchar o passado.

- O que quer dizer? Tudo que desejo é saber um pouco sobre mim mesmo. Quem sou, de onde venho.

-- Pode acontecer de descobrir mais do que quer saber. Cam franziu a testa.

- Está querendo dizer que há algo vergonhoso no passado de minha mãe que me faria pensar mal dela? Prometo à senhora: nada pode me impedir de sempre respeitar e amar sua memória. Nada irá macular sua memória.

- Não, é claro que sua mãe não fez nada de vergonhoso. Não foi o que quis dizer. Só quis dizer que, bem, talvez houvesse algum motivo para Grace não lhe contar tudo sobre si mesma. Talvez fosse para o seu bem.

- Não posso acreditar ser melhor viver na ignorância. A Sra. Harrison recostou-se, suspirando.

- Ah, bem, você faz o que achar melhor, meu jovem. Ficaram ainda mais alguns minutos, falando de banalidades.

A Sra. Harrison revirou o cérebro para se lembrar de algo mais que Grace Monroe pudesse ter sido sobre o passando, mas não conseguiu se lembrar de nada. Finalmente pediram licença e voltaram para Bridbury.

Cam cavalgou em silêncio por muito tempo, a testa franzida, pensativo. Finalmente, ele explodiu:

- Um ourives! Por que será que ela nunca me contou? Definitivamente, não é algo vergonhoso. Não é como se ele tivesse sido enforcado em Tyburn por ser um salteador de estradas. E por que se mudou para cá? Uma mulher sozinha com uma criança, lutando pela sobrevivência, se tinha família? Unia família que poderia ajudá-la.

- Acho que a Sra. Harrison provavelmente tinha razão ao dizer que deve ter havido um atrito em família. Você sabe, quanto mais penso a respeito, mais acho que talvez ela tenha se casado com um homem que o pai não aprovava.

- Ou não se casou, mas ficou grávida e a família a deserdou. - Ficou em silêncio por um momento. - Continuo sem saber nada sobre meu pai. E agora sei só o suficiente sobre a família de minha mãe para me atormentar. Estou mais curioso do que antes. Por que ela veio para cá? Estará meu pai ainda vivo? E, se estiver, terá conhecimento de minha existência? Por que ela nunca voltou a entrar em contato com a família? Depois de todos esses anos, eles podiam ter mudado de opinião. A mim parece que ela deveria ter escrito para eles e tentado se reconciliar... principalmente naquele inverno em que ficou tão doente que mal podia trabalhar. Houve períodos em que não tínhamos nada para comer. Acho que teríamos morrido de fome, se não fosse pela gentileza dos vizinhos. Foi quando fui para o castelo e consegui um emprego nas estrebarias. Ela não deveria ter escrito pedindo ajuda?

- Como sabe que ela não escreveu?

- Bem, se o fez, não recebeu nenhuma resposta. E acho que estava doente demais para levar uma carta ao correio. Ela teria me pedido, e não o fez.

- Talvez fosse muito orgulhosa, mesmo tendo que encarar a fome.

- Era uma mulher orgulhosa. - Ele sacudiu a cabeça. - Há tantas perguntas sem respostas.

- Por que então não vai lá? - sugeriu Angela.

- O quê?

- Por que não vai àquela cidade?

- Carnmore.

- Sim. Carnmore. A Sra. Harrison achava que era um lugar pequeno. Quantos ourives devem existir por lá? Se estiver certo e for ilegítimo, então o sobrenome deles é Monroe. Você vai conseguir encontrá-los sem dificuldade.

- Viajar para a Escócia? Apenas para investigar minha família?

Angela deu de ombros.

- Por que não? O Sr. Pettigrew pode cuidar dos negócios por um tempo sem você, com certeza. Ele demonstrou ser bastante hábil quando você estava ferido, não acha?

- Sim. - Ele a olhou sem expressão e disse, com frieza: - E isso também lhe dará a oportunidade de ficar livre de mim por alguns dias.

Angela virou-se, surpresa.

- Não pensei nisso.

- Não? Então talvez possa me acompanhar. Angela arregalou os olhos.

- Ah, não, Eu... não poderia.

Cam ergueu uma sobrancelha, irônico.

- Como disse, você poderia se ver livre de mim por alguns dias. Sem dúvida, seria uma excelente desculpa.

Ficaram em silêncio durante o resto do percurso.

Angela não viu Cam o resto do dia. Ele não compareceu ao jantar e enquanto os outros se perguntavam por que ele não estava presente, Angela sabia, culpada, ter sido porque ela o ofendera. Não apenas ofendera, ela o magoara profundamente ao recusar suas carícias na outra noite. Hoje, quando não concordara em ir com ele à Escócia, acrescentara outra mágoa. Disse a si mesma não ter motivo para se sentir mal, pois deixara claro desde o início que não queria aquele tipo de relacionamento. Fora ele, afinal, quem

insistira em se casar com ela. Entretanto, não podia deixar de lamentar ter-lhe causado dor. Finalmente foi para a cama, mas encontrou dificuldade para dormir.

Kate, ao subir as escadas mais tarde, notou a luz acesa do . corredor. Atravessou o corredor até a porta para apagar. Quando chegou à porta, viu que o aposento estava ocupado. Cam, sentado numa das pesadas poltronas, uma garrafa de uísque com a rolha ao lado na mesinha.

Ele dava a impressão de que a noite não tinha sido agradável. Os cabelos desalinhados e a camisa desabotoada na gola e nas mangas. Estava sentado largado na ampla poltrona de couro, um pequeno copo pela metade em uma das mãos, com um líquido âmbar. Olhava com tristeza para o chão, perto dos pés, como se o tapete persa pudesse conter os segredos do universo.

Kate, já tendo percebido o humor sombrio da patroa naquela noite, suspeitou que a depressão de Cam tivesse a mesma fonte que a de Angela. Fez um muxoxo e atravessou o aposento. Parou diante dele, plantando as mãos, impertinente, nos quadris. Cam levantou o olhar e a fitou indiferente. Quando ele não falou, Kate começou:

- Bem, posso ver o que você estava fazendo em vez de ir jantar.

- Como você é perceptiva. Eu sempre soube que era uma garota inteligente. Agora vá embora. Não tenho interesse em brigar com você esta noite.

- É uma pena. Eu tenho interesse em falar com você. Ele levantou uma sobrancelha para ela.

- Você tem uma língua afiada, considerando que sou seu patrão.

Kate bufou.

- Cresci na casa do lado da sua, Cam Monroe. Não tenho medo de você. - Fez uma pausa e acrescentou: - De qualquer modo, trabalho para lady Angela, não para você.

- Você seria demitida se eu assim decidisse.

- Está me ameaçando? - Kate colocou as mãos nos quadris e o olhou desafiante. - Então é mais tolo do que eu imaginava.

Ele abriu um sorriso débil, voltando a fixar o olhar no copo.

- Não vou discutir esse assunto.

- E por que está sentando bebendo neste estupor, posso saber?

- Descobri, minha querida Kate, que a vingança não é nada doce; e sim bem amarga.

- Também acho - retorquiu em tom decisivo -, quando está se vingando numa dama tão boa quanto nossa Angela.

Cam deu-lhe um olhar desgostoso.

- Eu não pretendia magoar Angela.

- Você achou que forçá-la a se casar com você o tomaria querido?

As narinas inflaram e os lábios afinaram, e por um instante Kate pensou que ele a esbofetearia. Mas ele apenas disse:

- Eu queria o que deveria ter tido 13h anos atrás. Foi por isso que voltei.

Kate apenas o fitou, até ele afinal colocar o copo com força na mesa ao lado, derrubando parte do líquido.

- Está bem! Sim, eu queria fazer aquele velho provar um pouco da amargura que experimentei. Ele não estava por perto, então só me restou me vingar em Jeremy.

- E em Angela.

Cerrou o maxilar e crispou a mão, fechando o punho.

- Angela usa uma couraça contra a dor. É preciso ter coração para ser magoado.

Kate, atônita, exalou um suspiro.

- Você acha que Angela não tem coração?

- Acho. Nenhum deles tem. Os Stanhope, a nobreza. Nada - lhes importa, só seus preciosos nomes. - Retorceu a boca. - Suas

linhagens de sangue. Ela nunca me amou. Ela me fez de tolo e me largou quando o avô descobriu. Agora se afasta de meu toque

como se eu fosse um leproso... porque não sou "igual".

- Você acha que *esta* é a razão de ela se afastar de você!¹ Como é tolo! Eu costumava achar que só cavalheiros eram bobos. Mas agora vejo que a tolice não é privilégio apenas da classe dominante. *Todos* os homens são presenteados com ela. Você acha que ela não tem coração? Acha que não o amava? Então por que ela teria feito o que fez? Por que, em nome de tudo que é mais sagrado, ela teria se casado com aquele patife do Dunstan... apenas para salvá-lo? Deus é testemunha de que parece não ter valido o sacrifício!

Kate girou nos calcanhares e dirigiu-se à porta.

Capítulo Nove

Num minuto Cam ergueu-se da poltrona e foi atrás dela. Pegou Kate pelo braço antes que ela alcançasse a porta e a virou.

- Para me salvar? - grunhiu. - Do que está falando? Ela não se casou por mim. Ela queria o sobrenome e o dinheiro.

- Ela queria salvar *you* - reiterou Kate.

- Como? - Os olhos de Cam penetraram-na. - Como poderia me salvar se casando com lorde Dunstan?

- Foi o que o conde lhe disse para fazer. Se não obedecesse, ele o acusaria de ter roubado a adaga de ouro da qual tanto se orgulham, aquela exposta na galeria com uma grande esmeralda no punho e jóias menores enfeitando a bainha. Vale uma fortuna, e ele disse que alegraria ter desaparecido depois de ter expulsado você do castelo. Mais ainda, disse que a esconderia no seu chalé para que os guardas a encontrassem lá quando fossem revistar sua casa. Não precisariam de outra prova, embora ele estivesse disposto a pagar alguém para testemunhar ter visto você roubá-la, se fosse necessário. Se Angela não tivesse se casado com aquele demônio, Dunstan, você não passaria os últimos 13 anos nos Estados Unidos, enriquecendo, e ainda apodreceria na prisão! É o que você deve a Angela... tudo, inclusive sua liberdade. E foi este o sacrifício que fez por você, entregando a própria vida a um monstro!

- Você está mentindo. - As palavras de Cam saíram num sussurro.

- Que o Senhor me mate se estou mentindo - retorquiu Kate. - Sempre fui amiga de Sua Graça... sua única amiga, quase toda a vida. O avô a trancou no quarto naquela noite em que a encontrou com você. Não consegui entrar para ajudá-la, mas fiquei no quarto do outro lado do dela, *seu* quarto agora, quando o velho entrou. Ouvei tudo pelo buraco da fechadura, tão nítido como se eu estivesse no quarto com eles. Juro para você sobre a Bíblia, se quiser. Foi isso que ele disse a ela e por isso ela se casou com lorde Dunstan. Porque, se não tivesse se casado com ele, sua vida estaria arruinada. Foi *seu* amor que não teve fé, não o de milady. Você

preferiu acreditar no pior. E *agora...* agora você voltou e a pune por ter salvado sua vida.

Cam a encarou, atônito, tentando absorver o que ela acabara de dizer. Tudo em que acreditara nos últimos 13 anos, tudo que havia construído, revelava-se de repente falso. E a dor que julgara há muito morta derretia em suas entranhas.

- Meu Deus! - exclamou. *Angela nunca o traíra.* Ele se sentiu como se a respiração lhe faltasse. Sentiu renascer. - Por que ela não me disse?

- Você a teria escutado?

Ele lembrou-se do modo como Angela se aproximara dele quando voltou da viagem de núpcias com lorde Dunstan, chorosa e suplicante, implorando-lhe que compreendesse. Ele a dispensou, recusando-se até mesmo a ouvi-la. Estava tão magoado e amargurado que não lhe permitira explicar o que ela fizera. Agora, anos depois, com tanta coisa entre eles, tantas coisas imperdoáveis feitas, ele finalmente escutara e compreendera.

- Angela... Oh, meu Deus! Angela...

Passou por Kate como se ela não estivesse ali, saindo do escritório e descendo o corredor rumo às escadas. Acelerava a cada passo, até que quando alcançou as escadas já corria. Pulou dois degraus de cada vez e correu direto para a porta de Angela, girando a maçaneta e adentrando o quarto.

Angela estava deitada na cama, embora uma luz tênue de lamparina ainda queimasse na mesa a seu lado. Estava enroscada de lado, os fartos cabelos ruivos espalhados no travesseiro. Sentou-se na cama com a entrada súbita de Cam, o rosto ficando tão branco quanto os lençóis da cama. Fechou a mão.

- Angela - começou ofegante. Depois parou, tomado por muitas emoções conflitantes para ser coerente.

Ela esperou, tensa, fitando-o.

Ele atravessou o quarto com os olhos selvagens e os passos um pouco trôpegos e Angela encolheu-se colada à cabeceira. Quando ele se aproximou, ela sentiu o cheiro de álcool. O medo dominou seus nervos. Disse a si mesma que ele nunca a machucara,

mas sabia, também, nunca tê-lo visto bêbado antes. Dunstan sempre ficava pior quando bêbado.

Para sua surpresa, ele caiu de joelhos ao lado da cama, no banquinho de dois degraus usado para subir na cama alta. Ele tomou-lhe as duas mãos nas suas. Os olhos brilhavam de emoção, o rosto contorcido de dor.

- Por que não me contou? - perguntou. - Quando voltei, me comportando como um idiota, exigindo, ordenando, tratando-a como se você tivesse agido mal... por que não me contou como eu estava enganado? Como tinha sido tolo?

Angela simplesmente o fitou, surpresa.

Ele levou a mão de Angela à boca, beijando primeiro o dorso, depois a palma, e apertou-a contra o peito. Os olhos úmidos a surpreenderam ainda mais.

- Sinto muito - sussurrou. - Fui um idiota. Pior que isso. Fui cruel e obstinado, e estava totalmente enganado. Estraguei tudo. Oh, meu Deus!, Angel, me perdoe. - Ele descansou a cabeça em seu colo, passando os braços ao seu redor, murmurando palavras doces de afeto e arrependimento.

Emocionada, Angela pousou a mão em sua cabeça e afagou-lhe o cabelo.

- Cam? Do que está falando?

Ele ergueu a cabeça e fitou-a nos olhos.

- Kate me contou. Contou sobre o velho conde obrigando você a se casar com Dunstan. Sobre seu sacrifício para me salvar. Angela, minha doce menina. - Ele passou a mão em seu rosto, acariciando a pele sedosa. - E em vez de lhe agradecer, eu a ofendi, chamei-a de mercenária e mal-intencionada.

Ergueu a outra mão para segurar-lhe o rosto entre as mãos.

- Você me salvou e a insultei. Fui eu quem não teve confiança, fé e coragem. - Ele ergueu-se do banquinho e sentou-se ao lado dela na cama, inclinando-se para beijar-lhe a testa carinhosamente. - Você foi mais valente, forte e corajosa do que eu. - A cada palavra ele lhe dava outro beijo carinhoso na testa, na face, nos olhos. - Sinto muito. Angela. Sinto muito mesmo.

Angela continuou sentada, parada, sob os beijos, sentindo-se estranhamente tensa e flácida. O toque suave dos lábios e a respiração em sua pele a arrepiaram, enviando pequeninos calafrios de prazer pelo seu corpo. As mãos dele desceram pelo pescoço e braços e o toque era tão gentil e complacente que ela não recuou ou sequer ficou tensa.

- Então, depois que voltei, fui cruel. Sem coração. Forcei-a a se casar comigo, fazendo *você* pagar pelo que seu avô me fez... quando todo o tempo ele agiu igual ou pior com você. Não estranho que tenha se afastado de mim. Você deve me odiar agora.

Angela meneou a cabeça.

- Não - murmurou. - Nunca poderia odiá-lo.

As bocas se encontraram e ele a beijou apaixonadamente. O êxtase atingiu-a como uma faísca de fogo e ela se agarrou a ele, os lábios correspondendo ao beijo. Sentiu uma excitação, um frenesi, que não experimentava há anos. Os lábios abriram-se e a língua de Cam entrou em sua boca, incendiando-a. Angela tremeu, perdida num estranho vendaval de desejo. A pele de Cam ardeu ao ser correspondido e a mão segurou-lhe o seio por cima da camisola. Acariciou-lhe o seio, excitando-a ao mexer no mamilo até ele intumescer e enviando faíscas e palpitações à barriga de Angela, onde se uniram a uma piscina de calor. Um pequeno gemido escapou-lhe dos lábios, excitando-o ainda mais.

Cam enfiou a mão na frente da camisola, segurando um volumoso globo branco. Ele apertou-o gentilmente, acariciando o mamilo com o polegar. A umidade escorreu pelas pernas de Angela e ela se sentiu inquieta e excitada, quase fora de controle. Estremeceu em seus braços.

- Angela... - Ele murmurou, e a boca deixou a sua, percorrendo-lhe o pescoço e o colo com beijos ávidos. Os lábios tocaram a maciez do seio, e ele resfolegou. Desceu a frente da camisola, expondo-lhe o seio, e a boca moveu-se ansiosa, explorando a delicada maciez e encontrando o botão de carne. Alcançou o mamilo, fechando-o na boca macia e molhada. A língua moveu-se com lentidão sobre o botão, fazendo-o endurecer e aumentar de volume.

Angela gemeu com a deliciosa sensação e enfiou as unhas em seus ombros. De repente, Cam se ergueu e as mãos começaram a desabotoar-lhe a camisola, desfazendo o laço superior com um puxão, e o decote abriu-se. Ele afastou a camisola e o corpete de seus ombros, sem tirar os olhos dos seios expostos. Os olhos faiscavam de paixão; o rosto lânguido e corado, faminto. Ele cobriu-lhe os seios com as mãos.

Angela se retesou. De repente, a percepção da nudez a invadiu e as sensações quentes e agradáveis que pulsavam em seu corpo se desvaneceram. Sentiu-se fria e humilhada por estar diante de Cam com o colo exposto. Deixou escapar um gritinho estrangulado e pulou da cama, agarrando a camisola e com ela se cobrindo.

- Angela! - Cam a seguiu, ainda muito absorto na própria paixão para entender o que ela fazia, as mãos tentando segurar-lhe os braços.

Quando ele a agarrou, Angela ficou completamente rígida e o encarou com olhos grandes, assustados.

- Não! Não me toque! As mãos dele caíram.

- Oh, meu Deus! Você está com medo de mim. Eu arruinei tudo, não foi?

Ele afastou-se, enfiando os dedos nos cabelos.

- As coisas que fiz, o modo como a ameacei... você me *odeia*.

'- Não! Não, Cam, não é culpa sua se não posso... - Angela calou-se, os olhos embaçados de lágrimas. Engoliu em seco, baixou a vista. - É minha culpa. Eu sou frígida.

- Frígida? Você? Nunca. Não posso acreditar. Você sempre foi tão cheia de vida, tão cheia de paixão. Deve ter sido por ter se casado com um homem que não amava. Foi por eu ter virado as costas para você, punindo-a por me salvar...

Ele aproximou-se e pegou-lhe as mãos. Disse com ardor:

- Deixe-me compensá-la por meus erros, Angela. Deixe-me cuidar de você, fazê-la feliz. Deixe-me tentar reconquistá-la. Sei que não mereço. Não mereço você. Mas quero uma chance. Vá para a Escócia comigo. Será nossa lua-de-mel.

Ela arregalou os olhos e Cam apressadamente acrescentou:

- Não, não, não vou pressioná-la para que durma comigo. Eu juro. Não farei nada que você não queira. Só quero estar a seu lado. Podemos passar duas semanas nas Highlands. Dizem que é lindo. Você pode desenhar e dar longas caminhadas e vamos apenas relaxar e tentar nos conhecer de novo.

Angela o fitou. A idéia de deixar o castelo era um pouco assustadora. Ela não saíra de Bridbury desde o divórcio; sentia-se segura e a salvo ali. A idéia de viajar sozinha com Cam, sem família ou amigos, para um ambiente desconhecido, apertava-lhe o estômago. E apesar de tudo... a idéia a intrigava. Por mais querida e familiar que fosse Bridbury, fazia quatro anos que não saía de lá, quatro anos desde que vira ou fizera algo diferente. A idéia de ir a um lugar novo, de ver e fazer coisas novas também era excitante.

- Por favor, Angela - implorou. - Dê-me esta chance.

- Está bem. - Ela sorriu, vacilante. - Está bem. Vamos para a Escócia.

Cam empenhou-se em cortejar Angela. Ela sabia que era isso que ele estava fazendo e tentou se proteger, mas descobriu não poder. Era simplesmente muito agradável estar perto de Cam. Ele era tão charmoso... Saíam para cavalgar juntos e passavam noites tranqüilas perto da lareira, conversando. Ele mandava um dos criados levar um vaso de flores recém-colhidas a seu quarto todas as manhãs. Fez amizade com os cachorros e até conseguiu fazer com que os gatos o tolerassem.

Mas nunca tentou beijá-la ou tocá-la, exceto quando pegava seu braço polidamente. Mesmo quando partiram em lua-de-mel, ele se preocupou em reservar quartos separados nos hotéis em York e Edimburgo. No trem entre as duas cidades, dividiram uma cabine. A princípio, Angela alarmou-se com o tamanho reduzido do compartimento e a proximidade dos dois leitos. Entretanto, Cam educadamente cuidou de se ausentar por um período de tempo à noite e de manhã para ela poder se vestir e fazer a toailete sozinha, sem nenhum avanço em sua direção. Simplesmente dormiu em seu leito, como se não fossem marido e mulher, mas apenas amigos.

Angela se pegou relaxando e aproveitando a viagem. Passaram dois dias em Edimburgo fazendo turismo. Embora ela tivesse nascido e sido criada no norte da Inglaterra, nunca visitara a Escócia. Entregou-se à alegria de explorar uma nova cidade: era divertido fazê-lo com Cam, totalmente disposto a visitar qualquer igreja ou local histórico que a atraísse no guia turístico.

As duas semanas seguintes nas Highlands foram idílicas. Alugaram uma suíte com uma pequena sala de estar bem como dois quartos num albergue cujo dono, um escocês falastrão chamado McGregor, sempre tinha uma história a contar. Era um lugar pitoresco, situado ao lado de um lago ao pé de uma montanha íngreme. Angela ficou agradecida pela consideração de Cam por ter reservado a suíte. Embora tivessem quartos separados nos hotéis, ela sempre temera ser forçada a dividir o quarto ao se hospedar num hotel mais íntimo e rústico.

Os dias eram longos e sem compromissos. Cam foi pescar umas duas vezes com um dos outros hóspedes, dono de um moinho em Manchester, e Angela foi comprar lindas lãs escocesas no vilarejo com a esposa dele. Mas a maior parte do tempo passavam as horas juntos - caminhando, subindo a colina atrás do albergue, montando vigorosos pôneis Shetland através dos vales ou simplesmente sentados, cansados, numa das áreas públicas do albergue. Os outros hóspedes, informados pelos donos de que Cam e Angela estavam em lua-de-mel, os deixavam entregues a si mesmos.

Angela passou boa parte de seu tempo, aonde quer que fossem, desenhando em seu bloco. A princípio, mostrou-se meio relutante em desenhar com Cam por perto, mas como ele não a pressionou para mostrar-lhe os desenhos e nunca tirou o bloco de sua mão para estudar e criticar seu trabalho, ela logo ficou à vontade e desenhava quando bem entendia.

Um dia, sentados debaixo de uma árvore, Cam lia um livro e Angela desenhava um cacho de minúsculas flores silvestres brancas que cresciam numa fenda de uma grande rocha. Ele a olhou e perguntou:

- Você nunca mostra seus desenhos para ninguém?
Surpresa, Angela o fitou.

- Não - admitiu, devagar. - Eu... Outros já os viram.

- Você vai me permitir vê-los um dia? Gostaria de conhecer seu trabalho.

Uma tensão familiar deu-lhe um nó no estômago, mas Angela a reprimiu. Olhou para o bloco na mão.

- Não é muito bom, acho.

- Mas é importante para você, não é?

- É. Mas imagino que você ficará desapontado. Talvez espere que eles sejam bem mais bonitos. São só pequenos desenhos a lápis.

- Eu lido bem com decepções.

Ela teve que rir ao ouvir as palavras.

- Suponho que eu deva dizer que receio que você os ache pobres. Entretanto, ouvi dizer que os artistas devem aprender a receber críticas. - Angela estendeu-lhe o bloco.

- Não sou crítico, milady - disse, pegando o bloco e virando-o para examiná-lo. Calou-se, olhando o desenho. - Nossa, é lindo! Você está sendo injusta consigo mesma, dizendo que seu trabalho não é grande coisa. - Ele a fitou. - Posso ver os outros?

Ela concordou e ele folheou as páginas, examinando cada desenho.

- Você é extremamente profissional. Não fazia idéia de que podia desenhar tão bem. Por que hesita em mostrar aos outros?

Angela sorriu, o elogio aquecendo-lhe o coração.

- Nem sempre me sinto segura de minha habilidade.

- Pois devia se sentir. Você usa outros métodos?

- Às vezes. Normalmente aquarela. De vez em quando pinto a óleo. Mas a maioria das coisas que desenho é delicada demais para ser feita a óleo. A pintura acaba se sobrepondo ao desenho.

- Você os vende? Não devia escondê-los em Bridbury. Ela o fitou, bastante surpresa.

- Você realmente acha que eu deveria vendê-los? Ele ergueu o olhar.

- Sim. Por que não? A atividade comercial é muito vulgar para uma Stanhope? Não se esqueça de que sou um comerciante, não um nobre.

- Não. É que... na verdade, eu os vendo para alguns periódicos e às vezes como ilustrações para livros. Mas não tinha certeza... Bem, receava que você não quisesse sua mulher envolvida em negócios.

Ele a fitou com expressão atônita.

- Por que não? É exatamente nisso que eu me envolvo todo o tempo.

- Não sei. Os homens pensam diferente sobre o que as mulheres fazem.

Ele deu de ombros.

- Suponho que eu pudesse ter uma opinião diferente se fosse outro tipo de negócio... não sei qual. Mas não posso *imaginá-la* envolvida em nada repulsivo. Certamente, não faço objeção a seu trabalho. - Continuou a virar as páginas e, de repente, parou abruptamente. - Ei, este sou eu.

Angela corou. Esquecera que o havia desenhado vários dias antes. Ele estava sentado numa grande rocha no topo de uma colina, os cabelos ao vento, olhando a paisagem. Ele nem tinha percebido que ela o observava. Agora se sentiu como se tivesse sido pega fazendo algo ilícito.

Cam olhou o desenho por um longo momento e, em seguida, a fitou.

- Você foi gentil comigo. Ela balançou a cabeça.

- Era assim que você estava.

Ele começou a dizer algo, mas depois parou. Após um momento, prosseguiu:

- Você alguma vez desenha a si mesma?

- Um auto-retrato? Não.

- Eu gostaria de ter um. Poderia fazer um para mim? Ela se pegou corando novamente.

- Por que você ia querer isso?

- Por que não? Poderia emoldurá-lo e colocá-lo na minha mesa, onde pudesse olhar sempre que quisesse.

- Não tenho nem certeza se poderia.

- Tente. Promete, por favor? Eu gostaria muito de tê-lo.

- Está bem.

Sentiu-se lisonjeada e um pouco constrangida. De certo modo, achara mais fácil lidar com o frio Cam que lhe propusera casamento. Quanto mais tempo passava com este Cam, mais gostava dele. Receava que estivesse começando a se apaixonar.

O problema é que Cam a desejava. Tinha consciência do desejo crescendo a cada dia. Ele não fizera nenhuma tentativa clara. Mantivera a palavra de não tocá-la ou beijá-la. Mas podia sentir o desejo nele. Cam o mantinha reprimido e firmemente sob controle, mas Angela podia perceber sempre que ele a olhava - pelos olhares maliciosos e a curvatura sensual dos lábios, como se ele pudesse sentir-lhe o beijo. Podia ouvi-lo à noite - as paredes do albergue não eram muito grossas - levantando-se da cama no quarto ao lado e andando inquieto e insone. Podia ver os resultados na manhã seguinte pelas olheiras.

O desejo o estava consumindo. Vendo as olheiras e o rosto abatido, Angela sentiu-se culpada. *Cam merecia mais do que ob-tivera*, pensou. Merecia uma esposa que o amasse, que pudesse compartilhar de sua cama e ter filhos, não uma mulher com a alma muito machucada para poder ser ainda uma mulher. Mas não podia ter o que merecia, pois se casara com ela.

Pensou algumas vezes em simplesmente permitir que ele tivesse o que queria. Afinal, era apenas seu corpo; aprendera há muito tempo a separar-se dele e esconder seu verdadeiro eu num lugar diferente. Fizera isso tantas vezes com Dunstan... Mas não conseguia fazê-lo agora. Havia batalhado muito para obter sua independência; não podia abrir mão dela por causa de homem

nenhum, incluindo Cam. Não compreendia com exatidão, mas sentia que seria um tipo de destruição de si mesma.

Então permaneceu com as mãos atadas, sentindo a dor e a frustração crescentes de Cam, observando seu controle férreo sobrepujar seus desejos, ainda assim incapaz de fazer algo para ajudá-lo. Sentiu um curioso misto de alívio e saudade ao deixarem o albergue. E se perguntou se o casamento, abalado pela guerra travada no interior de Cam, poderia sobreviver por muito tempo.

Kate estava parada na cozinha quando a cozinheira cobriu o prato contendo o jantar do Sr. Pettigrew e colocou-o na bandeja.

- Pronto. Melhor levar antes que esfrie.

Uma das empregadas foi pegar a bandeja, mas Kate antecipou-se e ergueu a bandeja da bancada.

- Pode deixar, Betsy, eu levo.

A outra garota olhou-a surpresa, mas deu de ombros, satisfeita por escapar da caminhada da cozinha até a biblioteca.

- Não tenho muito a fazer com milady viajando - disse Kate como desculpa.

Um dos lacaios deu um sorrisinho esperto e disse:

- Claro. Você não suporta ficar sem trabalhar. Não tem nada a ver com o fato de ser o jantar do Sr. Pettigrew, não é mesmo?

Kate lançou-lhe um olhar fulminante que teria domado um homem menos atrevido.

- É esse o agradecimento que recebo por ajudar?

Jogando a cabeça para trás, empurrou a porta e caminhou rumo à biblioteca. Furiosa com o comentário do homem, atravessou o corredor, listando para si mesma todos os motivos pelos quais se oferecera para levar a bandeja, bem como os vários motivos de não estar interessada em Jason Pettigrew. Entretanto, do lado de fora da biblioteca, colocou a bandeja numa mesinha e checkou sua aparência no espelho, ajeitando a saia e prendendo uma mecha solta de cabelo, antes de bater.

Ao som da resposta abafada, Kate abriu a porta, pegou a bandeja e avançou lentamente. Jason Pettigrew, sentado à grande escrivaninha, escrevia furiosamente num pedaço de papel. Levantou os olhos do trabalho.

- Srta. Harrison! - Ele se pôs de pé, a caneta caindo dos dedos e rolando entre os papéis, deixando um rastro de tinta. A cadeira, empurrada para trás abruptamente, prendeu no tapete persa e caiu batendo na quina de uma mesinha que também foi ao chão, derrubando os vários livros amontoados em cima dela.

Pettigrew ficou ruborizado até a raiz do cabelo e afastou o olhar, envergonhado com a confusão criada. Kate pressionou os lábios para conter o riso.

- Oh, céus! - Ele se inclinou, levantou a cadeira e começou a recolher os livros espalhados.

- Deixe que eu faça isso, senhor. - Kate colocou a bandeja na escrivaninha e apressou-se em ajudá-lo.

- Você deve me achar um perfeito idiota - disse Jason, amargurado.

- Oh, não! - protestou Kate.

- Não posso imaginar um motivo para você não pensar assim. Parece que toda vez que me vê estou derrubando algo... ou estou semidespido... ou em outra situação igualmente embaraçosa. - Ele ajeitou a mesa e estendeu a mão para pegar os livros que ela lhe entregava. A mão esbarrou na sua e o rubor, que diminuía, voltou. - Eu juro que, normalmente, não sou tão desajeitado.

- Não tem problema, senhor - respondeu Kate, educadamente.

- Eu gostaria que não me chamasse de senhor. Faz com que eu me sinta um velho.

- Desculpe, Sr. Pettigrew.

- Talvez... Talvez você pudesse me chamar de Jason. As sobrancelhas de Kate se arquearam.

- Ah, não, senhor, quero dizer, Jason, não posso.

- Por que não?

- Eu... bem, não é correto. Quero dizer... o senhor é assistente do Sr. Monroe.

Ele a olhou por um momento.

- Sim, eu sei. E você trabalha para a Sra. Monroe. Por que não podemos nos chamar pelos nossos nomes? Acho que nos daria uma certa intimidade.

- Mas, senhor, bem, o senhor é um cavalheiro.

- Com certeza espero ser. — Ele a olhou, intrigado.

- E eu não sou - revelou Kate.

- Um cavalheiro? Isso é óbvio. - Ele sorriu. Foi a vez de Kate corar e parecer envergonhada.

- O senhor sabe o que quero dizer. Há uma... uma distância entre nossas posições sociais. - Ela afastou-se, pensando em como o sorriso dele tornava os olhos escuros vibrantes. Ele era realmente um homem muito bonito. Pegou a bandeja e retirou a tampa aquecida do prato. - Trouxe seu jantar.

- Sim. Estou vendo. Parece delicioso. Por que não se senta e janta comigo?

- Sr. Pettigrew! - Kate parecia chocada. - O senhor deve saber que não posso.

- Por que não? Ah, sim, claro, a distância entre nossas posições sociais.

Kate meneou a cabeça afirmativamente.

- Francamente, Srta. Harrison. Acho todo esse negócio de "posições" um pouco confuso.

- Kate, senhor.

- Sim. Esse é um dos problemas: devo chamá-la de Kate e você deve me chamar de senhor ou Sr. Pettigrew. A Srta. Monroe é na verdade "milady", o que nunca me lembro de dizer e, no entanto, o marido dela não é "milorde".

- Bem, não, um marido não recebe o título da esposa.

- E ela não recebe o dele?

- Não se ela tem um título mais elevado. Agora, se ele fosse um lorde e ela não, então se casar com ele faria dela uma dama.

- De onde eu venho, as ações de uma mulher a tornam uma dama.

- Estou falando de títulos - lembrou Kate.

- Depois tem esse negócio de comer.

- Comer, senhor?

- Sim. Quando Cameron e a esposa estavam aqui, eu almoçava na mesa. Agora descubro que, a não ser o café-da-manhã, minhas refeições são trazidas numa bandeja. É o tal do negócio de posição de novo, não é?

- Bem, sim.

- As damas Bridbury ficariam aborrecidas em fazer as refeições com um plebeu como eu, sem a presença de meu chefe, a quem também não seria permitido sentar à mesa, exceto devido ao dinheiro e ao casamento. Estou certo?

Kate concordou.

- Sou, afinal de contas, apenas um funcionário pago. Posso compreender. Quero dizer, a maioria dos patrões não se relaciona com os empregados. Entretanto, não posso comer com os criados, tampouco. Por isso me enviam a bandeja. Então, não sou nem uma coisa nem outra, e por causa do "título" me encontro no limbo.

- É verdade. Sinto muito. - Kate sorriu, simpática. Compreendeu em parte o que ele sentia. Seus anos de proximidade com Angela a tinham separado de certo modo dos outros criados.

- Às vezes também me sinto como um peixe fora d'água.

- É verdade? - Ele pareceu interessado. - Por quê? Ela deu de ombros.

- Algumas pessoas acham que eu subi de posição porque milady me trata diferente. Ela e eu... bem, somos próximas. - Percebeu, sem muita surpresa, que ela e Pettigrew estavam na verdade mantendo uma conversa. E era bastante agradável.

- Sei que é muito devotada a ela. É uma das coisas que mais admiro em você.

O estômago de Kate se agitou de um jeito peculiar e ela se sentiu decididamente quente. Moveu-se nervosa e olhou para a bandeja.

- Por favor, Sr. Pettigrew. Sua refeição está esfriando. O senhor deve se alimentar.

- Está bem. Vou jantar se você se sentar. - Ele puxou a cadeira e se acomodou, apontando a poltrona do outro lado da escrivaninha.

- Se não vai jantar também, pode ao menos me fazer companhia.

Kate fitou a cadeira. Não era apropriado sentar-se na presença dos patrões ou de seus convidados, embora ela fizesse isso com Angela, é claro. Entretanto, Kate não era do tipo que ficava em seu lugar, tampouco. Olhou Pettigrew, depois se empoleirou na beirada da cadeira, cruzando as mãos discretamente no colo.

Ele sorriu.

- Obrigado. Acredito ter sido a primeira coisa que pedi e você atendeu.

- Eu me pergunto por que pediu minha companhia se me considera tão teimosa.

- Uma resposta muito apropriada para Kate. - Novamente o sorriso iluminou-lhe o rosto, apagando as rugas de um jeito muito atraente. - Talvez eu goste de mulheres teimosas. - Ele deu uma garfada. - Humm. Delicioso, como sempre. - Continuou a jantar, dizendo: - Conte-me a seu respeito.

- A meu respeito? Mas... mas o que quer ouvir? Sou uma pessoa comum.

- Ah, não, minha querida Kate, tem uma coisa que você não é: comum. Conte-me algo. Conte-me sobre sua família, sua casa, sua infância, o que quiser.

Ela começou a falar, a princípio hesitante, mas a estranheza de conversar com ele logo sumiu e ela contava sobre a mãe e as irmãs e até mesmo sobre a morte do pai em sua infância. Estava

encantada em descobrir, quase trinta minutos depois do Sr. Pettigrew ter terminado a refeição, que os dois conversavam e riam como velhos amigos.

Kate deu um salto, o olhar disparando para o relógio da parede.

- Ai, meu Deus, estou aqui há séculos. Preciso... preciso voltar.

Pettigrew também se levantou, contornando a mesa e segurando-a pelo braço.

- Não, não vá.

- Preciso ir. Eles vão se perguntar o que aconteceu comigo. E eu... Bem, não deveria estar aqui conversando com o senhor.

- Estou feliz por estar aqui. - A voz era baixa e macia e o coração dela bateu, acelerado. - Gostaria de conversar com você de novo. Quando tem um dia de folga? Você não pode trabalhar o tempo todo.

- Eu... bem, no próximo domingo tenho a tarde livre.

- Posso vê-la então? Podemos dar uma caminhada, talvez.

- Eu... Eu geralmente vou para casa visitar minha mãe.

- Na aldeia?

Kate acenou afirmativamente.

- Posso caminhar com você até lá.

Kate deu um passo atrás, balançando a cabeça.

- Não, acho que não é uma boa idéia.

- Por que não? O que há de errado nisso? Você não gosta de mim? Pensei que estivéssemos nos dando bem. - Ele tentou um sorriso tímido. - Nenhuma palavra atravessada por meia hora ou mais.

- Não, não é isso. Eu não desgosto do senhor. O senhor é... - Ela suspirou, depois ajeitou os ombros e olhou-o direto nos olhos. - E que simplesmente não daria certo. Não sou o tipo de garota que flerta com cavalheiros.

- Flerta? Não estou lhe pedindo para flertar. Estou falando sobre uma caminhada até a aldeia. Só isso. Talvez você até me apresente sua mãe.

- Sr. Pettigrew, por favor... Nós dois sabemos que, bem, não é possível algo entre nós. Aonde esta caminhada nos levaria?

Ele deu de ombros.

- Não tenho certeza. Você não pode dar uma caminhada com um homem a não ser que ele tenha pedido sua mão?

- Não, claro que posso. Só que, bem, não vou ter um caso com o senhor e não faz sentido tentar me seduzir.

Ele se recolheu, parecendo ofendido.

- Srta. Harrison! Como pode pensar que eu faria algo assim?

- Bem, o senhor não seria o primeiro cavalheiro a tentar - retrucou Kate, cruzando os braços, agressiva.

Jason pegou-lhe a mão.

- Srta. Harrison. Kate. Eu juro. Não tenho planos de seduzi-la. E, acredite, não tenho ilusões de que você seja o tipo de mulher que poderia ser seduzida. Não tenho experiência, mas sei que você é uma mulher virtuosa. Só quero caminhar, passar a tarde com você. E o que quer que possa acontecer depois, juro que nunca lhe traria desonra.

O coração de Kate pareceu parar de bater. Ela olhou dentro daqueles olhos escuros e sérios e algo doce e excitante brotou em seu peito.

- Está bem - disse, baixinho. - Vamos caminhar até a aldeia no domingo e o senhor pode conhecer minha mãe.

Cam e Angela chegaram na cidade de Carnmore no final da tarde e se hospedaram num albergue agradável, embora rústico. Na manhã seguinte, depois de um farto café-da-manhã escocês, Cam e Angela se dirigiram ao recepcionista e lhe perguntaram como chegar à loja de ourivesaria de propriedade da família Monroe.

O recepcionista, que farejava fortuna quando deparava com ela, e fizera tudo a seu alcance para acomodar com conforto os

recém-chegados, pareceu surpreso e ligeiramente frustrado por não poder atender os hóspedes.

- Monroe? - repetiu. Pegou os pequeninos óculos redondos e os limpou, franzindo a testa, perdido em pensamentos. - Não posso me lembrar de nenhum ourives nesta cidade chamado Monroe. - Ele se animou um pouco. - Se me der licença um momento, vou checar com outra pessoa. - Desapareceu no aposento atrás dele, retornando alguns minutos depois, sacudindo a cabeça. - Sinto muito, senhor. Perguntei ao Sr. Chalmer, pois é bem mais velho do que eu, mas ele não se lembra de existir um ourives com esse nome aqui. Está tentando localizar um parente ou basicamente interessado nos serviços de um ourives? Posso recomendar um excelente ourives na High Street, se está buscando peças de qualidade. O nome é Stewart. Ele é muito bom, como seu pai também era. Bastante confiável.

Cam desconversou, mas Angela rapidamente interrompeu-o.

- Sim, por favor, pode nos dar o endereço? Tenho certeza de que o Sr. Stewart será perfeito. É que alguém nos recomendou o Sr. Monroe. Suspeito ter confundido o nome das cidades.

- Certamente, madame. - Ele lhe deu o endereço e desenhou um pequeno mapa num pedaço de papel.

- Por que você quer encontrar esse ourives? - Cam perguntou a Angela enquanto saíam da hospedaria. - Quer comprar algo? Uma lembrança da Escócia, talvez?

Angela sacudiu a cabeça.

- Não. Achei que um ourives local provavelmente poderia nos dar mais informações sobre outro ourives do que o recepcionista de uma hospedagem. O recepcionista disse que o pai do Sr. Stewart também era ourives, então eles devem estar aqui há muitos anos.

Cam sorriu para ela.

- Obviamente, me casei com uma mulher inteligente.

- Claro. Você sabe que sempre fui boa em obter informações. Ele gargalhou.

- É verdade. Como podia esquecer? Você costumava atormentar a vida de todo mundo até eles dizerem o que você queria saber.

- Ou ficassem nervosos a ponto de me dar a informação sem querer. - Angela não demonstrava remorso por seus pecados do passado. - Olha, não deve ser muito longe. Já estamos na High Street. O que diz o mapa?

- Vire à esquerda.

Eles viraram numa rua estreita com o piso de pedras redondas, uma óbvia relíquia do passado, e caminharam até encontrar uma pequena placa com o nome Stewart e o antigo símbolo de um artesão de metais preciosos. Caminharam na direção da placa, mas quando Cam segurou a maçaneta da porta, Angela colocou a mão em seu braço.

- Espere, Cam, olhe. - Ela apontou uma loja do outro lado da rua.

- O quê? Uma loja de tabaco. O que tem?

- Olhe o nome estampado na janela.

Os olhos dirigiram-se à pequena janela. Congelou.

- Monroe.

- Muita coincidência, não acha? - perguntou Angela. - Um ourives e um Monroe na mesma rua, um na frente do outro?

- Tem razão. O que você acha? Ela morava em cima da tabacaria e escolheu a ocupação do pai baseada na loja que viu durante toda a vida. Ou terá sido o contrário?

- Meu primeiro instinto é que o nome é falso. O que ela contou sobre ouriverasia eram lembranças contadas a uma amiga. É mais fácil mentir sobre um nome, dizer o primeiro que vem à cabeça quando alguém pergunta.

- Está certo. Então vamos primeiro ao ourives.

Ele abriu a porta e entrou. Um pequeno sino tilintou nos fundos, mas uma mulher de aparência agradável, já na frente da loja, limpando as vitrines, voltou-se e sorriu.

- Bom-dia.

A mulher de meia-idade, vestida simplesmente, com o cabelo grisalho coberto, possuía uma vivacidade inata nos olhos cinza que a aparência modesta deixava de ser notada. A expressão era afável e gentil. Quando sorriu, Angela imediatamente retribuiu o sorriso.

- Vocês são estrangeiros, estou vendo - disse, o sotaque escocês não pesado, mas musical. - Da Inglaterra?

- Parecemos tão obviamente ingleses? - perguntou Angela, surpresa, olhando o vestido.

- Ah, bem, algo especial. Agora, o que posso fazer para ajudá-los?

- Eu gostaria de falar com o ourives - disse Cam. - Sr. Stewart, não é esse o nome?

- Sim. É meu marido, John. Só um momento, por favor. - Os olhos perspicazes percorreram-lhe as roupas e decidiram que eram ricos e ingleses, portanto valia a pena perturbar o trabalho do marido.

Desapareceu atrás de uma cortina e em poucos momentos um homem surgiu do aposento dos fundos. Era menor e mais forte que Cam, mas a excitação tomou conta de Angela ao ver-lhe o rosto. O cabelo era grosso e preto e os olhos, debaixo das sobrancelhas retas e espessas, quase tão escuros. O rosto era bonito, embora gordo. Angela olhou para Cam, perguntando se ele podia notar a semelhança, mas o rosto era inexpressivo.

Cam se apresentou educadamente, agradecendo ao homem por interromper o trabalho para falar com ele e depois prosseguiu:

- Na verdade, não estou aqui por causa de seu trabalho, que posso atestar ser excelente. Estou investigando sobre uma jovem que costumava morar nesta cidade. O nome dela era Grace.

O outro homem retraiu-se.

- O que deseja saber?

- Acredito que ela tinha alguma relação com um ourives. Talvez o senhor ou seu pai.

- Não conheço ninguém com esse nome - retrucou o homem com grosseria. - Ela está morta para nós.

- Desculpe.

- Continue com suas investigações e deixe pessoas honestas em paz, está bem?

O homem virou-se abruptamente e atravessou a cortina, deixando Cam e Angela olhando atônitos para o local onde ele desaparecera. Quase imediatamente, a mulher saiu. Os olhos estavam arregalados de curiosidade e ela fitou Cam.

- A senhora sabe algo sobre uma moça chamada Grace Monroe? - perguntou Cam. - Talvez uma Grace Stewart? Ela teria 52 anos.

- Teria? - repetiu a mulher. - Você quer dizer que ela está... Cam aquiesceu.

- Sim. Vai fazer dois anos em março. A senhora a conhecia? A mulher sacudiu a cabeça, agitada, olhando em direção à cortina da sala dos fundos.

- Acho melhor irem embora. John não gosta de ser perturbado ao trabalhar.

- Sra. Stewart, por favor, me diga se sabe algo sobre Grace. Sou o filho dela, mas nada sei sobre minha família ou sobre a vida dela. Ficaria agradecido por qualquer coisa que pudesse me contar.

- Por favor, vá. - A mulher foi até a porta e a abriu, o rosto contraído de tristeza.

- Meu nome é Cameron Monroe - disse Cam devagar, parando ao lado dela na porta. - Estamos hospedados no Black Swan. Não fica muito longe daqui. Se puder me contar algo, ficaria eternamente agradecido.

A mulher simplesmente o olhou, sacudindo a cabeça, e fechou a porta rapidamente, trancando-a com um estalido.

- Bem - comentou Cam, seco -, posso afirmar que somos visitantes indesejáveis.

- É verdade. Mas certamente fomos reconhecidos. Você percebeu?

- Que ele era moreno como eu? Sim. Minha mãe também era.

- Mais que isso. Vocês são parecidos e não só devido ao cabelo e aos olhos negros.

- "Ela está morta para nós." O que supõe possa significar?

- Parece uma briga familiar séria para mim. Obviamente, ele não sabia que ela estava morta. Pelo menos a esposa dele não sabia.

- Diabos! - Cam socou a outra mão com o punho fechado. - Estar tão perto e aquele filho-da-mãe se recusar a contar.

- Vamos até a tabacaria. Talvez ele possa nos dizer algo. A loja dele também já devia estar ali. Foi daí que ela tirou o nome.

Tiveram menos sorte ainda na tabacaria. O proprietário era um homem alegre, no início dos 40 anos, que lamentou lhes dizer nada saber sobre nenhuma Stewart a não ser a mulher do ourives.

- Sou um estrangeiro - confidenciou. Casei com a filha do Sr. Monroe há vinte anos e assumi os negócios quando ele faleceu. Mas se o Sr. Stewart tem uma irmã chamada Grace, nunca soube. Na verdade, a única outra pessoa da família dele que conheço é um irmão que se mudou para Edimburgo.

Cam e Angela voltaram para a hospedaria pensando num modo de descobrir o nome e o endereço do irmão em Edimburgo. Mais tarde, durante um almoço leve na hospedaria, Cam se sentou ereto e disse:

- É isso!

- O que foi? - Angela o olhou esperançosa. Tinha que admitir estar se divertindo. Sua curiosidade sempre fora aguçada, com frequência a metendo em confusão, e estava ansiosa por descobrir a verdadeira história do parentesco de Cam. Além disso, era divertido ficar com ele assim, tentando descobrir algo: lembrava-a dos tempos em que eles faziam explorações, quando crianças, com Cam supostamente a seu lado para mantê-la afastada do perigo. Na realidade, a maioria do tempo ele se mostrava tão ansioso quanto ela para envolver-se numa aventura.

- A igreja.

- Que igreja?

- A igreja deve ter registros, não é? Nascimentos, mortes, esse tipo de documento. Batismos. Se olharmos quando ela nasceu, seremos capazes de encontrar o registro de Grace Stewart, se esse era realmente seu nome.

- E o seu também - comentou Angela.

- Vale a pena tentar.

Levantaram-se, mas antes de deixarem a hospedaria pararam diante da visão de uma mulher entrando apressada. Era a mulher de meia-idade da loja do ourives. Ela parou dentro da hospedaria e olhou ansiosa ao redor.

- Sra. Stewart. - Cam moveu-se rapidamente e Angela seguiu-lhe os passos.

A mulher se virou, o rosto relaxando num sorriso.

- Sr. Monroe... Tive receio de não encontrá-los aqui. Não disponho de muito tempo, entende? Meu marido acha que fui visitar minha irmã Meg. Ela tem andado adoentada por causa do tempo. Tem algum lugar onde possamos conversar?

- Claro. Há uma pequena sala de jantar privada. Minha mulher e eu jantamos lá a noite passada. Estou certo de que a dona da hospedaria não se importaria em nos deixar usá-la por alguns minutos. Vou pedir algo para beber. Gostaria de uma xícara de chá?

- Esplêndido. - A mulher sorriu e Angela pôde novamente perceber a beleza de seus traços.

A Sra. Stewart nada disse até estarem sentados à mesa da aconchegante saleta com um bule de chá.

- Lamento não ter dito nada mais cedo - pediu desculpas, com um sorriso contido. - John teria ficado louco de raiva. Eu acho uma tolice, mas foi o que seu pai decretou e John em nenhuma ocasião foi contra o pai. Pessoalmente, não vejo nenhum sinal de que ser mãe me tornou mais sábia. Se isso tivesse ocorrido, o velho Douglas McClung seria um sábio agora, não seria?

Angela teve que rir.

- Aposto que está certa.

- Nunca me apresentei direito, certo? Onde foram parar minhas maneiras? Sou Janet Stewart. Janet Connally antes de me casar com John. - Ela respirou fundo e prosseguiu: - Grace Stewart era minha melhor amiga.

Capítulo Dez

- Então a senhora conhecia minha mãe - disse Cam baixinho. Janet Stewart meneou a cabeça devagar.

- Você é parecido com ela. A boca era diferente... diferente da de John, quero dizer. Você tem a mesma boca. E seu cabelo, seus olhos, sim, apostaria meu último centavo como você é sobrinho de John.

- Minha mãe era irmã dele? O que aconteceu? Por que seu marido não admite conhecê-la?

- Isso é coisa do velho. Ele sempre foi um velho turrão, um típico escocês. Quando Grace partiu, declarou que ela morrera para ele. Nunca falava dela, nem quis ouvir ninguém falar dela. Seu nome nunca voltou a ser mencionado durante todo o tempo em que vivi na casa e já estou casada com John há quase trinta anos.

- Mas por quê?

- Eles brigaram. Ela... não se comportou segundo os padrões da família, entende?

- Por minha causa? Janet concordou.

- Sim, suponho que sim. Foi há quase 35 anos. O velho Sr. Stewart era um homem muito devoto, preocupado com o pecado. E quando descobriu, a botou para fora. Disse que ela não era filha dele, que morrera para ele a partir daquele dia. Foi uma terrível vergonha para ele.

- Para mim a vergonha foi *dele* - comentou Angela, acalorada -, por ter posto uma pobre menina para fora desse jeito. A própria filha!

- Concordo. Às vezes acho que John se arrependeu, mas ficou ao lado do pai. Ele e William discutiram o assunto algumas vezes. William é o caçula. Ele se mudou para Edimburgo; não se dava bem com o pai. William gostaria de encontrar Grace. Uma vez conversou comigo sobre o assunto. Mas não fazia idéia de onde procurar. Nunca voltei a vê-la depois da noite da briga. Ela veio ficar comigo, entende, depois que o Sr. Stewart a expulsou. Ela disse que ia procurar o jovem, seu pai, e contar que estava grávida. Não

contara ainda, pois não queria ser um peso para ele. Não queria forçá-lo a se casar. Mas acho que era por medo de ele se recusar a casar, por ser um homem de família importante.

- De família importante? - As sobrancelhas de Cam se arquearam.

- Sim. Você entende, um nobre. Ele também era da Inglaterra. Estava visitando amigos aqui, uma família inglesa dona de uma casa de veraneio.

- Quem era ele?

- Ah, isso eu não sei. Grace sempre foi muito discreta. Disse que ele não gostaria que ninguém soubesse. E, é claro, manteve o segredo também para a família. Eles não teriam gostado. Quero dizer, a diferença de posições e tudo mais, ele sendo nobre e ela a filha de um artesão. Era evidente que não daria em casamento, não é? O pai dele teria se mostrado contrário à união. Então Grace não contou a ninguém. Acho que não falou a ninguém sobre ele, exceto comigo, e mesmo assim não disse o nome dele. Ela o chamava pelo primeiro nome, mas isso não ajuda muito. Era um nome comum, como Henry, William ou Charles. Esqueci. Mas não adianta sem o sobrenome.

- Ela disse onde esse homem estava hospedado? - perguntou Cam. - O nome do local de veraneio ou das pessoas que ele estava visitando? De onde ele era?

A Sra. Stewart balançou a cabeça, pensativa.

- Não, nada. Não tenho certeza se ela sabia quem ele estava visitando. Ela pode ter dito o nome do outro jovem, mas... - Deu de ombros de forma expressiva. - Tudo que sei é que eram ingleses.

- A senhora sabe como ele era?

- Nunca o vi. Grace falava bastante sobre a aparência dele, mas basicamente sobre como era bonito. Era alto e tinha cabelos claros. Calculo que fosse louro e eu...espere um momento... acho que ela comentava como os olhos eram azuis. - Olhou para Cam. - Você não se parece com ele e sim com sua mãe.

Fez-se uma pausa quando Cam e Angela tentaram absorver a informação recebida e pensar em alguma importante pergunta a ser

feita. A Sra. Stewart baixou o olhar para a mesa, seguindo um longo arranhão.

Finalmente, numa voz baixinha, perguntou:

- O que aconteceu com Grace? Por que não lhe perguntaram tudo isso?

- Ela não conversava comigo a respeito. Odiava qualquer menção a meu pai.

- Claro. Ele também deve tê-la abandonado.

- Sim -- concordou Angela. - Está claro que ela não recebeu nenhum apoio da família ou dele. Não é de admirar que odiasse falar sobre esse período ou de sua juventude.

- Então a senhora não faz idéia do lugar para onde ela foi depois de sair de casa? - perguntou Cam. - Não sabe se ela ficou aqui ou mudou-se para outra cidade?

- Nunca voltei a vê-la ou ouvi falar dela. Só podia imaginar que se mudara para outro lugar. - Lágrimas de repente transbordaram de seus olhos. - Com certeza, se tivesse permanecido aqui, teria me procurado para ajudá-la, não acham?

Angela repousou a mão na da mulher e apertou-a demonstrando compreensão.

- Claro que teria. Sabia que a senhora era amiga dela. Afinal, ela buscou seu apoio antes, quando enfrentou problemas. Tenho certeza de que a senhora tem razão. Ela deve ter se mudado. Provavelmente, quis ir para um lugar onde ninguém a conhecesse.

A Sra. Stewart fez que sim vigorosamente com a cabeça.

- Sim. Foi o que pensei. Ela tinha pouco dinheiro. Eu poupara ao longo dos anos e lhe dei o que tinha. Não era muito, mas o suficiente para ir para outro lugar e talvez alugar um quarto. Pobrezinha, deve ter tido tanto medo! Como ela não voltou, sempre esperei que houvesse encontrado o jovem e ele tivesse agido como devia.

- Não. - Cam balançou a cabeça com raiva. - É claro que ele não se casou com ela. De algum modo, ela conseguiu se cuidar sozinha.

- Lamento não ter podido ajudá-los mais. - A Sra. Stewart levantou-se. - Preciso ir, ou John vai ficar preocupado, sem saber o que aconteceu comigo.

- A senhora foi de grande ajuda - garantiu Cam. - A senhora me disse mais sobre minha mãe e meu pai do que eu jamais soube.

- Bem, fico contente. - Ela sorriu. - E estou contente por conhecer o filho de Grace. Tenho certeza de que ela se orgulhava muito de você.

- Assim espero.

- Orgulhava-se sim - garantiu Angela a ambos. - Tenho certeza.

A Sra. Stewart estendeu a mão, insegura, e Cam a pegou.

- Você sabe, você então é meu sobrinho. Cam pareceu um pouco surpreso.

- Bem, sim, imagino que sim.

- E sobrinho de William também. Ele... acho que William gostaria de conhecê-lo.

- E eu a ele. - Cam enfiou a mão no bolso e pegou um porta-cartões. - Aqui está. Por que não escreve o endereço dele para mim? Eu e Angela voltaremos a Edimburgo amanhã e eu poderia procurá-lo... se acha que ele apreciaria minha visita.

- Ah, claro. Tenho certeza que sim. Ele sentiu falta de Grace todos estes anos. Ele era apenas um menino quando ela partiu. -A Sra. Stewart pegou o cartão e a caneta oferecidas por Cam e começou a escrever. - Estou colocando meu endereço, também.

.John não vai gostar, mas... bem, eu tenho o direito de saber sobre nossa família, não tenho?

- Claro que sim - respondeu Angela, decidida, e num impulso abraçou a senhora. - Obrigada por vir nos contar. Não sabe o quanto representou para nós. Foi muito generoso de sua parte.

A senhora corou, satisfeita, e deu um tapinha nas costas de Angela. Depois se virou e saiu da hospedaria. Cam e Angela a viram partir e se entreolharam.

- Não me diga que há lágrimas em seus olhos - disse Cam com um sorriso esmaecido.

- Está bem, então, não vou chorar.

- Você é muito emotiva. - Mas a expressão indulgente em seu rosto não demonstrava nenhuma crítica. - Não é nem a sua história.

- Sim, mas é uma história tão triste. Uma pobre menina abandonada pelo pai e pelo homem que amava... Deve ter sido muito duro para ela.

- Sim. Não admira que ela não quisesse conversar a respeito. Sem dúvida, tudo que desejava era esquecer. -A expressão de Cam endureceu. - Maldito seja ele.

- Quem? Seu pai?

- Sim. E meu avô também. Obviamente, os homens da minha família, de ambos os lados, eram seres desprezíveis. Minha mãe deve ter ficado decepcionada por ter tido um filho homem.

- Ah, que absurdo! - Angela recostou a cabeça em seu ombro, num gesto tão espontâneo que Cam levou um tempo para perceber o quanto era raro. Ficou parado, mal ousando respirar com medo de destruir o momento de afeição. - Tenho certeza de que ficou satisfeita quando você nasceu, indiferente ao sexo da criança. Sei que o amava muito. Você sempre foi motivo de alegria para ela.

- Ela era uma boa mulher. Não merecia aquela vida.

- Provavelmente não. Mas quem tem a vida que merece? O bom sofre e os canalhas são recompensados por suas infâmias. Mas, afinal, se todos recebêssemos exatamente o que merecíamos na vida, sem dúvida a maioria de nós seria bem infeliz.

Ela inclinou a cabeça e sorriu para ele. Era o sorriso que reconhecia do passado, aquele que havia feito seu coração palpitar no peito, e o efeito foi o mesmo. Cam não pôde evitar retribuir o sorriso e estender a mão e passar os nós dos dedos em seu rosto numa carícia. Para sua surpresa, Angela não se afastou ou ficou rígida. Um ligeiro rubor invadir-lhe a face e os olhos brilharam um pouco mais.

Ele queria se inclinar e beijá-la, mas se conteve. Talvez ela estivesse se acostumando com Cam, até mesmo gostando um pouco dele. Não queria estragar esse frágil laço forçando alguma coisa.

- Sem dúvida. - Ele se encarregou de encerrar o momento. - Devemos ir até o registro da paróquia agora? Não me parece que tenham qualquer registro de meu nascimento, pelo que a Sra. Stewart disse. Entretanto, já que estamos aqui, seria tolice não verificar.

Angela concordou. Saíram da hospedaria e se dirigiram à sacristia da paróquia. De braço dado com Angela e conversando amigável e animadamente, Cam estava contente por não ter feito nada que pudesse estragar aquele singelo momento de afeição. Ela se assemelhava, no momento, à menina que ele conhecera. A criatura inteligente e cheia de vida que ele amara e que o amara.

Chegaram à sacristia da paróquia, onde um jovem e atencioso escrevente localizou o livro de couro empoeirado que buscavam. Examinou-os com olhar desconfiado enquanto folheavam as páginas procurando o ano, aparentemente seguro de que o principal propósito de estudarem os registros era danificá-los ou roubá-los.

- Não há nada aqui - disse Cam, virando a página e encontrando uma data um mês depois de seu aniversário. - Espere. - Ele passou o dedo nas linhas com as datas até a parte superior da página esquerda e depois a subiu até o topo da página direita. - Isto não pode estar certo. Tem algo errado aqui.

- O quê? - Angela aproximou-se para verificar as páginas.

- Olhe a data no topo da página - instruiu Cam, apontando o indicador. - Depois olhe aqui. O dia 16 de maio é a última data aqui e a seguinte é 2 de fevereiro. Tem um espaço de quase nove meses.

- Você tem razão. Está faltando algo.

O homem atrás do balcão, que os ouvia sem disfarçar, agitou-se diante da sugestão de algo faltar em seus registros.

- Não pode haver um intervalo tão grande. Todos os registros são devidamente mantidos, posso lhe garantir.

Cam virou o enorme livro para o escrevente examinar.

- Então olhe e me diga por que os registros vão desta para esta data. Com certeza, esta paróquia não ficou oito meses sem um único nascimento, casamento ou morte.

- Claro que não. - O homem franziu a testa. - Deve haver algum tipo de erro. - Ajustou os óculos como se isso fosse fazer as datas mudarem e voltou a encará-los. - Não entendo. - Passou a mão nos cabelos e acrescentou educadamente: - Claro que isso foi antes de eu começar a trabalhar aqui.

Angela curvou-se e examinou a junção onde as duas páginas se encontravam. Aproximou o livro, esticando-o e inspecionando as páginas de cima abaixo.

- Cam... - A voz elevou-se, alterada. - Acho que uma página foi arrancada. Está vendo estas pequeninas beiradas irregulares de papel?

Cam se inclinou e observou o local por ela apontado.

- Acho que você tem razão. - Endireitou-se e olhou-a, atônito. - Alguém arrancou a página do livro.

- Absurdo! - explodiu o escrevente, agarrando o livro e quase enfiando o nariz na fenda entre as páginas. - Onde? De onde foi arrancada?

Os dois o ignoraram.

- Por que alguém tentaria destruir o registro de seu nascimento? - perguntou Angela.

- Não pode ser esse o motivo. Nem mesmo sabemos se meu nascimento foi registrado aqui. Tudo indica que não. Se Grace tivesse permanecido em Carnmore, com certeza a Sra. Stewart a teria visto ao menos algumas vezes. Não é um lugar tão grande. Com toda certeza, ela foi para a Inglaterra, ou Glasgow ou Edimburgo, e nasci num desses lugares.

- Você tem razão. Simplesmente por ser a página onde seu nascimento estaria registrado não significa que a sabotagem foi dirigida contra você. - Olhou novamente o livro. - Entretanto, por que alguém ia querer arrancar uma página dos registros?

- Provavelmente algum idiota queria uma informação e não se importou em destruir os registros. - Cam olhou o escrevente, ainda de testa franzida e folheando as páginas, na esperança de que a página perdida pudesse aparecer enfiada em outro lugar. - Existe uma cópia dos registros?

O escrevente, confuso, levantou o olhar.

- Oh... Não. Só a certidão original. O que o senhor está procurando é um registro de nascimento? A certidão de nascimento original é entregue aos pais. O objetivo da paróquia é registrar os acontecimentos.

- A certidão foi perdida.

- Oh. Bem, ah, entendo. Normalmente uma cópia pode ser solicitada baseada nos registros, mas neste caso...

Cam sacudiu a cabeça.

- E o vigário? Podemos falar com ele?

- O pastor - corrigiu-o, erguendo as sobrancelhas com ar ofendido. - Posso garantir que mantive os registros com o máximo cuidado. Se falta uma página não é minha culpa.

- Não, não, não quero reclamar com o pastor. Só achei que talvez ele pudesse estar aqui na época e se lembrar de algo. Ou pode ter uma explicação para a página que sumiu.

- Ah, bem, ele está terrivelmente ocupado, é claro, mas deixe-me verificar se pode recebê-los. — Cuidadosamente colocou o registro de volta no armário e trancou a porta antes de deixar a sala. Retornou poucos minutos depois com um homem de aparência lúgubre, de cabelos ralos, usando uma gola clerical. Era magro e ascético, com uma expressão sisuda cujas rugas no rosto sugeriam não ser essa uma expressão incomum.

Cam se apresentou e a Angela e explicou o que buscava saber. Antes de começar a falar, entretanto, Angela suspeitou de que o pastor seria de pouca valia. O cabelo rareara prematuramente. O rosto parecia muito jovem para saber algo sobre acontecimentos ocorridos 33 anos antes.

- Sinto muito - disse o pastor, confirmando as suspeitas de Angela. - Mas receio que isso tenha acontecido muitos anos antes

de eu chegar a Saint Andrew, Everson me disse que a página daquele ano está faltando. Que coisa horrível. E o mais intrigante: não posso imaginar o que possa ter acontecido. Somos sempre tão cuidadosos com os registros. E claro que antes de eu chegar aqui as coisas eram um pouco mais... digamos... frouxas. O reverendo Cunningham já estava bastante idoso, nos últimos anos, assim como o escrevente.

- Reverendo Cunningham? - perguntou Angela. - Ele era o pastor naquela época?

- Sim. Ele ficou aqui anos a fio... ah, eu diria 35 anos, e se aposentou faz três anos. Sim, definitivamente, devia estar aqui na época. - O pastor deu um sorriso estreito. - Muito amado pelos paroquianos, é claro.

- Claro. Por acaso, o distinto reverendo ainda está vivo?

- Está sim. Foi morar com a filha na Inglaterra. Deixe-me ver. Acredito que seja em Buckinghamshire. Gostaria do endereço? Tenho anotado no escritório.

- Sim, obrigada. Muita gentileza sua.

- E o escrevente? - perguntou Cam. - O senhor comentou que o escrevente também era idoso.

Como se fosse possível, o rosto do pastor tornou-se ainda mais melancólico.

- Lamento informar que o Sr. MacEwan faleceu o ano passado.

De pneumonia, acredito.

Ele saiu, retornando momentos depois com um pedaço de papel no qual anotara o endereço do reverendo Cunningham. Angela pegou-o com um sorriso, agradecendo ao ministro. Ela e Cam se despediram.

- Muito estranho - comentou Cam enquanto voltavam para o Black Swan.

- É. Você acha que a página foi arrancada por conter a data de seu nascimento?

- Parece absurdo.

- Sim, suponho que sim. Entretanto... Como ela não prosseguiu, Cam a incentivou:

- Entretanto...

- Não sei. É tão estranho aquela página em especial estar faltando. É muita coincidência, não acha?

Ele sacudiu os ombros.

- Há coincidências na vida. E não sabemos se aquela é a única página faltando. Não examinamos todo o livro de registros. Talvez muitas pessoas tenham tirado páginas. Pode ter muitas faltando.

- Francamente, não entendo como alguém pode ter tirado uma página com aquela criatura desconfiada observando.

- Provavelmente, aconteceu anos atrás, enquanto o outro ainda trabalhava lá. Era velho, disseram, e possivelmente não tão desconfiando quanto esse.

Cam fitou Angela. Ela estava perdida em pensamentos, uma pequena ruga de preocupação na testa a tornava absolutamente atraente. Ele continuou a observá-la. Nada ou ninguém era mais agradável de se olhar, e se pegou olhando-a o tempo todo durante o dia.

Ela não tinha tentado cativá-lo. Estava mais simples e mais velha, muito de seu antigo fogo havia se extinguido. E fizera o possível para mantê-lo afastado. Apesar de tudo, a cada dia ficava mais fascinado. Quando descobriu que ela não o traía e sim se casara com um homem que não amava, que mal conhecia, a fim de salvá-lo, o coração dele tinha se entregado ainda mais. Estava se apaixonando por ela de novo - ou talvez nunca tivesse deixado de amá-la, apenas se enganara julgando-se curado nos últimos anos.

Mas havia um muro entre eles; uma barreira que ele ansiava desesperadamente cruzar. Não importa o quão afetuosa ela se mostrasse, não importa o quão carinhosamente sorrisse ou o quão animadamente falasse, sempre havia uma parte dela que lhe era interdita. Se a tocasse ou beijasse, ela enrijecia. Não o deixaria fazer amor com ela. Na verdade, parecia enojada com a idéia. Ele começava a achar que sua aversão a ele era simplesmente muito forte - nunca seria capaz de fazê-la voltar a amá-lo. Estava

condenado a viver para sempre como seu marido, mas não como seu amante.

As últimas duas semanas tinham sido uma estranha mescla de paraíso e inferno. A convivência era agradável. Houve momentos que pareciam iguais aos do passado. Conversaram e riram, viveram mais como marido e mulher do que durante qualquer período desde o casamento. Não obstante, ele jurara que não a forçaria, não a tocaria, nem tentaria seduzi-la. Se quebrasse o juramento, ela perderia a fé nele, toda a confiança. Mas ficar com ela todo o tempo, impossibilitado de tomá-la nos braços, beijá-la e acariciá-la como desejava, o estava deixando louco. Ele a desejava constantemente, a frustração tornando seu desejo ainda mais aguçado e obstinado.

Angela olhou para ele e sorriu.

- O que vai fazer agora? Quero dizer, a respeito de tentar descobrir algo sobre seu nascimento...

Cam retribuiu o sorriso. Descobrir sobre seu nascimento tinha assumido um papel bem menos importante em seus planos do que mudar o relacionamento com a esposa.

- Provavelmente muito pouco - respondeu. - Acho que já fizemos praticamente tudo que podíamos. Suponho que possa procurar nas coisas de mamãe de novo. Talvez dessa vez, sabendo mais detalhes sobre o que aconteceu, eu possa achar algo novo.

- Posso ajudá-lo, se quiser. Uma perspectiva diferente pode ser necessária. Posso ver algo que você não percebe por ser muito próximo.

- Está bem. Obrigado.

- Podemos escrever para o antigo ministro. Se achar que ele saiba alguma coisa, podemos até mesmo visitá-lo, conversar com ele.

- Sim. E gostaria de visitar meu outro tio em Edimburgo. Provavelmente, não vou obter muitas informações dele, já que ele era mais novo que minha mãe. Ela não lhe faria confissões. Mas vai ser bom ser capaz de pertencer a uma família.

- Somos sua família. - Angela o surpreendeu dizendo. - Os Stanhope. Você é um de nós agora.

Ele a olhou um pouco cético.

- Eu? O filho da costureira? Acho difícil acreditar que sua avó tenha me acolhido no seio da família.

- Bem, adoraria ver a cena - retorquiu Angela. - Não posso me lembrar de ninguém que vovó tenha "acolhido no seio". Mas ela o considera um Stanhope pelo casamento e, o que é ainda mais importante em sua opinião, um Grey.

Cam arqueou a sobrancelha, achando graça.

- A família dela, presumo.

- Claro. Pois embora o pai dela fosse um simples barão, sua família alega parentesco com lady Jane Grey.

Então, conversando despreziosamente, continuaram o caminho para o Black Swan. Havia pouco a fazer em Carnmore, então alugaram uma carruagem para levá-los a Edimburgo. Lá chegando, foram ao endereço dado pela Sra. Stewart, onde morava o tio de Cam, William.

Uma sorridente jovem atendeu a porta, olhando-os com indisfarçável curiosidade. Ela os conduziu ao salão e logo depois um homem de meia-idade, baixo, de complexão forte, entrou na sala.

- Sou William Stewart - disse com um suave tom interrogativo na voz.

Cam apresentou Angela e a si mesmo e disse:

- Minha mãe se chamava Grace.

- Grace! - O senhor o fitou, atônito. - Não. Grace Stewart? Não pode ser!

- Sim, acredito que sim.

- Meu Deus! Eu tenho um sobrinho! - Deixou escapar um grito e segurou Cam pelos braços, olhando-o com intensidade. - E, você se parece com os Stewart, só que é alto.

Ele chamou a mulher e os filhos e apresentou o grande grupo a eles. Todos insistiram para que Cam e Angela ficassem mais tempo. Passaram uma tarde animada juntos e compartilharam da

refeição da noite, e foi com certa relutância que Cam se separou deles.

Entretanto, tinham bilhetes para o trem noturno para York, então precisavam ir embora e tomar o rumo da estação. Embarcaram no trem e logo após deixarem a cidade dirigiram-se ao vagão-restaurante para se alimentarem.

Quando atravessavam a plataforma de ligação entre um vagão e outro, a porta atrás deles foi aberta e um homem irrompeu. Surpreendidos pelo súbito barulho, viraram-se na direção da porta. O estranho, trajando um terno escuro e com um chapéu cobrindo-lhe parte do rosto, moveu-se com grande velocidade pela plataforma. Ao passar por Cam, tombou de repente para o lado e esbarrou em Cam.

Pego de surpresa, Cam cambaleou e bateu com força no baixo parapeito de metal. Teria recuperado o equilíbrio se o estranho, ao cair, não tivesse se segurado em Cam, e com o movimento o atirado para o lado. Ele bateu na porta no centro do parapeito, normalmente mantida fechada e trancada enquanto o trem estava em movimento e aberta para os passageiros embarcarem e desembarcarem na estação. Mas agora, quando Cam bateu na porta, o trinco soltou-se com a força do golpe e a porta escancarou-se. Cam caiu de costas através da abertura.

Angela gritou, os braços estendendo-se inutilmente na direção dele. O estranho não parou ou olhou para trás. Tão logo atingiu Cam, seguiu de novo adiante a passos largos e atravessou a porta para o vagão seguinte. Angela correu pela plataforma para o outro lado.

Cam não caíra do trem. Tinha se segurado na grade, à qual se aferrava na tentativa de salvar a vida. Angela estendeu as mãos, apoiando-se na grade, e agarrou o casaco de Cam. Segurou com toda sua força, puxando-o, desesperada. Ele conseguiu passar uma perna por cima e apoiar o pé no degrau dobrado. Esforçou-se por subir enquanto Angela lutava para ajudá-lo a subir, mas a força do vento contra o trem em alta velocidade era excessiva. Tudo que ele podia fazer era agarrar-se, na tentativa de manter a posição.

Angela gritou por socorro, mas a voz foi abafada pelo barulho do trem e do vento. Ela sabia não ter força suficiente para segurá-lo por muito tempo e receava que o braço dele, ainda enfraquecido pelo ferimento a bala, acabasse por ceder. Em pânico, enfiou os dedos com mais força nos braços, soluçando e sentindo-o escorregar gradualmente.

Capítulo Onze

- Cuidado!

Uma voz ressoou atrás de Angela e de repente duas mãos enormes se estenderam e seguraram os braços de Cam. Angela olhou para cima, atônita, e viu um cavalheiro muito forte com uma enorme bigode castanho-claro inclinado por cima da grade atrás dela.

- Eu o peguei, senhorita! - gritou, animado. - Pode ir para o lado!

A lógica lhe dizia que estava atrapalhando o homem grandão, mas estava muito aterrorizada para deixar Cam. Continuou a segurar seu casaco, mesmo depois de o homem começar a içá-lo. Com a ajuda do estranho, Cam tomou impulso para subir com o pé no degrau. O estranho deu um vigoroso puxão e de repente Cam foi puxado por cima da grade. Os três caíram com estrondo no chão.

Angela abraçou Cam, sem se preocupar com o estranho ou com o fato de estarem vergonhosamente esparramados no chão. Nada importava.

- Cam, oh, Cam, graças a Deus!

Tremia da cabeça aos pés. Ele apertou-a nos braços com a mesma intensidade, mergulhando o rosto em seus cabelos e derrubando-lhe a touca.

- Achei que estava morto! - começou a chorar. - Quando você caiu, pensei que nunca mais voltaria a vê-lo!

- Também pensei!

- Que diabo de coisa esquisita! - A voz do estranho retumbou quando se levantou, chamando a atenção de Cam e Angela para si.

Eles também se levantaram. Cam apertou a mão do homem efusivamente, agradecendo-lhe.

- Sim, sim, obrigada! - acrescentou Angela, dando um impulsivo abraço no estranho. - Não sei o que faria se o senhor não

tivesse aparecido.

- Ah, não precisa me agradecer. - O homem grandalhão parecia terrivelmente embaraçado. - Qualquer um teria feito o mesmo.

- Nem todo mundo seria capaz.

- Ah, bem, suponho que não. Nós, os Dorton, temos a tendência a ser corpulentos. Ah, major Anthony Dorton, às suas ordens.

- Cameron Monroe. E esta é minha esposa, Angela.

- Sra. Monroe. - O grandalhão acenou num cumprimento.

- Tivemos tanta sorte de o senhor ter aparecido - disse Angela. Ela nem percebeu que tinha se aconchegado a Cam ou que seu braço enlaçava protetoramente seus ombros. Estava simplesmente consciente de seu calor, pois tremia da cabeça aos pés.

- Acho que por uma vez o vício de fumar charutos se mostrou útil, não é? - Dorton deixou escapar uma risada calorosa. - Mas, afinal, o que aconteceu aqui? - Ele olhou em direção ao espaço vazio, onde o portão permanecia aberto batendo. - O portão abriu?

- Sim. Alguém esbarrou em mim e caí contra o portão. Acho que não foi adequadamente trancado porque ele abriu e eu caí.

O major sacudiu a cabeça.

- Que acidente terrível!

- Não foi um acidente - afirmou Angela com frieza.

Cam voltou-se para fitá-la, os olhos a examinar-lhe o rosto, mas sem nada dizer.

O major pareceu atônito.

- Não foi um acidente? Como assim? O que mais poderia ser?

- Tentativa de assassinato. Dorton ficou boquiaberto.

- Por que acredita que não foi um acidente? - perguntou Cam.

- Simplesmente não faz *sentido*. - Ela fez uma pausa, lembrando-se por um breve instante. - Primeiro, o trem não fez nenhum movimento brusco quando ele caiu contra você. Nem você nem eu nos mexemos. Suponho que ele podia ter torcido o tornozelo ou algo assim, mas não foi essa a impressão que tive. Pareceu proposital. Quando atingiu você, ele não se afastou ou se ergueu. Ele atirou-o contra a grade, direto contra o portão. E depois se foi sem uma palavra de desculpas ou preocupação, ou mesmo um olhar para saber se você estava bem.

- Hum... Mau sinal - comentou o major, franzindo a testa.

- Mais do que isso. Quando estamos surpresos paramos. Ficamos imobilizados. Mas ele seguiu em frente. Acredito que não ficou nada surpreso. Além do mais, num instante, ele mostra-se terrivelmente desajeitado, esbarrando em Cam daquele jeito, e no seguinte ele está totalmente equilibrado e sai voando porta afora.

- Parece suspeito - concordou o major. Ele caminhou até a grade onde o portão ainda balançava aberto e curvou-se para examinar o trinco. - Bem. - Ele mexeu no trinco e pegou algo, exibindo-o. - Olhem isto.

Angela e Cam inclinaram-se. Dorton segurava um minúsculo pedaço de madeira entre o polegar e o indicador.

- Isto foi preso no trinco. Por isso não fechava. Cam pegou o pedaço de madeira e o examinou.

- Parece um bocado suspeito, não acha?

- Tenho que admitir que sim. - O major sacudiu a cabeça. - Obviamente, alguém colocou este pedacinho de madeira ali para dar a impressão de o portão estar fechado, mas passível de abrir à menor pressão. Qualquer um que tivesse encostado ali teria caído.

Cam concordou.

- Sim, entretanto, tenho a sensação de que a pessoa visava me atingir.

- Meu bom Deus, por quê?

- Aconteceu antes - afirmou Angela sem preâmbulos. - Alguém atirou nele quando cavalgava em nossa propriedade. Achei ter sido um caçador, mas agora tenho minhas dúvidas.

- Que coisa esquisita! - Dorton pareceu confuso. Cam sorriu e deu-lhe um tapinha no ombro.

- Bem, o perigo passou. Calculo que no futuro deva ficar em guarda. íamos jantar, major. O senhor nos daria o prazer de nos acompanhar?

O major emitiu um débil protesto, mas os acompanhou ao vagão-restaurant. Ele era uma companhia interessante, com muito / pouco da rigidez de pensamento ou provincianismo que Angela encontrara em muitos militares. Havia servido na índia, mas deixara o Exército e desde então viajava pelo mundo, em explorações. Contou-lhes sobre a África, a índia e o Oriente Médio.

- A próxima viagem será para o Brasil - disse com um sorriso. - Sempre quis explorar o Amazonas.

Estava igualmente interessado em Cam e Angela. Fez inúmeras perguntas a Cam a respeito dos Estados Unidos e concluiu ter um parentesco longínquo com a cunhada de Angela, Rosemary, através de um de seus primos. No momento em que terminaram a refeição, comportavam-se como velhos amigos.

- Vocês devem me visitar se estiverem em Londres - disse com sinceridade. - Encontrar minha avó, uma esplêndida senhora, cheia de disposição e entusiasmo. Entretanto, hoje em dia quase não sai. Por isso fui à Escócia. Seu irmão morreu e precisei tomar todas as providências.

Eles prometeram que o procurariam quando fossem a Londres e se separaram, indo cada um para suas respectivas cabines. Angela, que conseguira durante a conversa no jantar esquecer o susto, lembrou-se vividamente do atentado quando atravessaram a plataforma para o vagão deles. O major avisara o inspetor sobre o portão quebrado quando foram jantar e Angela viu que ele tinha sido fechado. Ainda assim, sentiu um arrepio e atravessou depressa a plataforma.

Já na cabine, voltou-se para Cam.

- O que pretende fazer?

- Bem - disse, tirando o paletó e pendurando-o. - Estou planejando deitar e dormir um pouco.

Angela fez um muxoxo.

- Você sabe a que me refiro. Estou falando do homem que tentou matá-lo há pouco.

- Não há muito a fazer. Não tenho idéia de sua aparência. Você tem?

- Não. O rosto estava escondido pelo chapéu e pela gola do casaco.

- Então não posso vagar pelo trem procurando por ele. Nem posso descrevê-lo para as autoridades.

- Mas e se ele tentar novamente?

- Simplesmente precisarei ser muito cuidadoso de agora em diante.

- Você parece incrivelmente calmo com relação ao fato de alguém estar tentando assassiná-lo.

- O que devo fazer? Me desesperar? Isso não ajudaria em nada a situação.

- É a astúcia com que agem que me preocupa. - Angela sentou-se na cama já arrumada e começou a tirar os sapatos. - Você não faz idéia de onde virá ou como será. - Fez uma pausa e prosseguiu: - Ainda sou sua principal suspeita?

Cam sorriu enviesado e ajoelhou-se diante dela, colocando-lhe o pé no joelho e assumindo a tarefa de tirar-lhe os sapatos.

- Parece pouco provável, considerando o fato de você ter agarrado meu casaco e tentado evitar minha queda.

- Então você confia em mim?

- Por que você contrataria alguém para me matar e depois tentaria me salvar? Claro, assim poderia armar um espetáculo, mas não havia ninguém lá para assistir.

- Até o major aparecer.

- Sim. - Ele tirou o sapato, a mão escorregando carinhosamente na planta de seu pé. Sabia que era tolice tocar mesmo seu pé daquele jeito; só contribuiria para atizar a chama de

seu desejo. Mas não pôde resistir. - Contudo, se você não tivesse me segurado disse, esforçando-se por manter a voz normal -, eu teria provavelmente caído quando ele apareceu e você teria se atirado contra ele, histérica. Além do mais, que tipo de tola contrataria alguém para se ver livre do marido que o atacasse quando estava em sua companhia e não tivesse um álibi para mostrar que ela mesma não o matou? Não, acho que temos que inocentá-la do crime.

Ele começou a desabotoar o outro sapato.

- Mas não minha família - afirmou Angela.

- Não. Eles ainda têm os mesmos motivos para se ver livres de mim, e nenhuma das desculpas que você tem.

- Mas de certa forma, pelo menos, o mesmo argumento se refere a eles. Por que um deles contrataria alguém para matá-lo quando eu estivesse com você? Eu poderia ser acusada.

- E verdade. Tenho certeza de que nem Jeremy nem sua mãe ou avó desejariam isso. E claro, imagino que eles podem não ter pensado nisso, ou talvez o assassino não tenha compreendido ou desobedecido às ordens recebidas. - Suspirou. - Mas é pouco provável passar a considerar outras pessoas por trás dos "acidentes".

Ele descalçou-lhe o outro pé também, segurando seu fino tornozelo por um momento mais longo antes de colocar-lhe o pé no chão e se levantar.

- Graças a Deus. Mas, afinal, quem você supõe possa ser? - Angela estava um pouco agitada e sem respiração. Embora Cam não tivesse feito nada sexual quando lhe tirou os sapatos, sentiu um frio na barriga. Apenas o calor da mão em seu tornozelo, a carícia dos dedos por cima das meias quando lhe tirou o sapato lhe despertara emoções que preferia ignorar.

- Esse é o problema - admitiu Cam. - Não posso pensar em ninguém mais. Não há ninguém nos Estados Unidos que me deteste a ponto de querer me matar, pelo menos que eu saiba. Não sou universalmente detestado como possa supor. E se havia

alguém, por que ele não o fez lá, em vez de me seguir até aqui? Não faz sentido. Não conheço ninguém na Inglaterra, exceto sua família. Anão ser, é claro, que seja o Sr. Pettigrew.

Angela achou graça na brincadeira.

- Talvez você deva comunicar às autoridades.

- Às autoridades? - Ergueu as sobrancelhas. - Não acho.

- Por quê? Por achar que pode ser alguém da minha família?

- Enquanto houver essa possibilidade, me parece uma atitude precipitada. - Ele sentou-se a seu lado. Estar sentado com ela na cama, principalmente naquele aposento minúsculo, dava uma sensação de intimidade. Cam sentiu uma onda de calor familiar nas entranhas.

- Não pode ser - protestou Angela. - Conheço Jeremy. E a idéia de minha mãe fazer tal coisa é absurda.

- Vou tirar lady Laura da lista de suspeitos - cedeu. - Embora não esteja seguro quanto a sua avó.

- Ah, vovó é bem mais capaz de matar - admitiu Angela, calma. - Pelo menos no que diz respeito ao temperamento. Mas os meios e a oportunidade... não acredito. Não vi nenhum estranho visitando-a recentemente e duvido mesmo que ela pudesse persuadir o mordomo a entrar em contato com um assassino para ela. Mas não pode ser Jeremy, Cam.

- Bem, não vamos discutir o assunto. E você precisa mudar de roupa. - Ele pegou o paletó e voltou a vesti-lo. Por mais delicioso que fosse ficar com Angela assim, era muito doloroso para ele continuar. O desejo já o atingia com força e ele encontrava dificuldade em manter a concentração na conversa. - Acho que vou aproveitar a oportunidade para sair e fumar um charuto. Angela concordou. Apreciava a gentileza em criar uma oportunidade para que ela se despidesse a sós. Mas hoje a preocupação superava o bom senso. - Espere! E se aquele homem voltar? Você pode se ferir. - Duvido que ele tente novamente tão breve. Provavelmente, está sentado no trem em algum lugar, pensando que estou morto. Vou ficar bem.

- Não. Eu... posso mudar de roupa com você aqui. Basta virar de costas.

Cam percebeu a confiança demonstrada nele, mas sentiu-se como se ela o submetesse à tortura. Virou-se, fitando a porta fechada. Atrás dele, a menos de meio metro, ela começou a se despir. Ele fechou os olhos, ouvindo o roçar das roupas quando ela desabotoou o vestido e o tirou. Imaginou-a parada ali trajando apenas anáguas e chemise. Pensou em seus seios pressionando o tecido fino da chemise, os grandes mamilos acastanhados visíveis através do tecido. Podia ouvir as anáguas caindo, uma a uma, no chão e a imaginou apenas em *pantalets* e chemise. *As meias seriam, provavelmente, o próximo passo*, pensou, ciente da masculinidade pressionando-lhe a calça.

Sabia que devia se concentrar em outra coisa, mas não conseguia. Só conseguia pensar em Angela tirando as ligas e descendo as meias das pernas. Ele ansiava por estar fazendo aquilo, para escorregar as mãos por sua perna ao tirar a meia. Imaginou-a tirando chemise e *pantalets*, nua antes de passar a camisola pela cabeça. O suor gotejava na testa; o aposento, de repente, pareceu sufocante. Apoiou as mãos na porta para evitar virar-se e fazer menção de tocá-la. Pensou como ele conseguiria atravessar a noite, com aquele começo. Provavelmente, ficaria acordado a noite inteira, pensando no corpo macio no beliche abaixo dele.

- Pode se virar agora - disse Angela, animada. - Já terminei.

Ele se virou, tentando sorrir e esperando que ela não percebesse sua excitação. Ela parecia absolutamente deliciosa em sua camisola de algodão branco de gola alta, pura e casta, apenas esperando ser despertada pelo toque de um homem. *Não, não era certo*, pensou. Estava definitivamente errado. Mas era assim que teria de viver.

Ao chegarem a Bridbury na tarde seguinte Kate foi a primeira a sair para recebê-los, seguida por Jason Pettigrew. Angela abraçou Kate afetuosamente e a deixou correr escadas acima para desfazer as malas e se refrescar da viagem. Angela lançou um último olhar para Cam e viu que Pettigrew já o conduzia à biblioteca. Cam a fitou e sorriu, sacudindo os braços num gesto

indicativo de não ter outra escolha além de seguir o homem. Angela acenou e seguiu Kate para o andar superior.

- Não preciso perguntar se gostou das férias - disse Kate, sorrindo animada. - Tem mais cor em sua face do que vejo há anos.

- Pegamos bastante sol - retrucou Angela.

- Tenho certeza de que é essa a razão. Não podia ser felicidade, podia?

- Bem, talvez um pouco. Passei um período maravilhoso. Era lindo lá e caminhamos por todo lado e conversamos... ah, do modo como costumávamos. Pode não parecer muito, mas foi muito agradável. E ele é um homem tão bom, tão gentil.

Os olhos de Kate brilharam. Ela não esperava um relatório melhor da amiga. Era óbvio que Cam percorrera um longo caminho para reconquistar seu coração. Talvez tivesse tido êxito.

- E você? - Angela prosseguiu numa voz provocante. - Tive a impressão de ver uma certa cintilação em seus olhos, uma certa cadência em seu andar. O que anda acontecendo aqui?

Para alegria de Angela, Kate corou um pouco. Olhou para trás, para ver se os lacaios com as baús de Angela encontravam-se por perto. Os homens começaram a subir as escadas, a uma distância aparentemente segura, e Kate se aproximou de Angela, dizendo, em tom de confiança:

- Admito que conheci o Sr. Pettigrew um pouco melhor.

- É mesmo?

- Sim. E ele não é o almofadinha que aparenta à primeira vista. Quando não está trabalhando, relaxa e pode ser bastante... charmoso. Ele foi comigo visitar mamãe no meu dia de folga domingo passado, sentou-se à mesa da cozinha conosco e conversou. Contou-lhe uma porção de coisas sobre a América, sobre sua família e tudo mais. Até mesmo riu.

- Não! - Angela demonstrou surpresa. - Não acredito.

- Bem, é verdade - retrucou Kate, rindo. Baixou o olhar encabulada e disse: - E a caminhada ao voltarmos da casa de mamãe também não foi desagradável.

- Kate Harrison... Ai, ai, ai! Se sua mãe soubesse...
- Bem, ela não vai saber, certo? Agora conte sobre sua viagem.

- Encontramos os tios de Cam.

- Tios? De verdade? — Kate parou e fitou-a. - Vocês encontraram a família dele então?

- Sim, e um deles não quis reconhecê-lo e até alegou não conhecer a mãe de Cam. Mas o outro, que mora em Edimburgo, foi extremamente simpático. Fomos visitá-lo antes de voltarmos para casa e ele ficou felicíssimo em conhecer Cam. Os dois conversaram e ele quer voltar a encontrar Cam. Acho que Cam ficou muito emocionado.

Chegaram ao quarto de Angela e entraram. Angela olhou em torno com um suspiro.

- É encantador. Sabe? É tão bom estar em casa. Quero dizer, a viagem foi maravilhosa e Cam não poderia ter sido mais gentil ou demonstrar mais consideração, porém...

- Porém o quê?

- Havia sempre certa tensão entre nós. - Angela se ocupou soltando a touca e tirando-a. - Estou me apaixonando por Cam novamente, Kate, e não sei o que fazer.

- Não vejo isso como um problema.

- Não para uma mulher normal, mas não sou normal.

- Não seja tola.

- É verdade. Realmente nutro sentimentos por ele. Tenho afeto demais por ele. Gosto de estar a seu lado. Às vezes até sinto uma palpitação ao vê-lo vindo em minha direção. Há momentos, quando ri para mim ou toca meu braço, em que sinto um arrepio, o tipo de coisa que costumava sentir. Uma vez, sabe, ele me beijou e eu... - Ela calou-se, corando.

- Milady, não há nada errado nisso.

- Não... é que não posso sentir mais do que isso! Nós não fizemos nada. Chegamos a um determinado ponto e fiquei rígida. -

Uma onda de rubor cobriu-lhe o pescoço e a face. - É tão humilhante falar sobre coisas assim.

- Não se preocupe, milady. A senhora sabe que pode me contar tudo.

- Eu sei. - Angela sorriu. - E lhe agradeço muito. Não há ninguém mais neste mundo para quem eu possa contar essas coisas. Só você pode entender. E Deus sabe que você já me viu enfrentar situações bem mais humilhantes.

- Aquele demônio do Dunstan! - Kate falou, com os punhos contraídos. - Ainda gostaria de colocar as mãos em volta do pescoço dele e apertá-lo até ele morrer pelas coisas que fez com a senhora. Mas não pode permitir que aquele homem perverso arruíne isso também.

Angela suspirou e afundou-se no banco da penteadeira, desabotoando o corpete do vestido. Kate veio por trás e começou a tirar os grampos de seus cabelos.

- Vou esfregar água de lavanda em suas têmporas e a senhora vai deitar e dormir um pouco. Depois vai se sentir melhor.

- Isso é algo que não creio possa ser curado com um cochilo e água de lavanda. Estou destruída, Kate. Mantive a esperança de que algo mudaria, que com Cam seria diferente. Como posso estar me apaixonando por ele e mesmo assim ser tão fria sempre que ele me toma em seus braços?

- Oh, milady... - Kate colocou as mãos nos ombros de Angela e os apertou. O coração estava cheio de pena da mulher. - Talvez com o tempo...

- Como? Já se passaram quatro anos do divórcio. Quanto tempo mais vai demorar? Por quanto tempo posso fazer Cam esperar? E terrível. Eu sinto seu desejo. O ar praticamente vibra com ele. Sei que ele fica magoado quando o rejeito. Ele não vai querer continuar assim pelo resto da vida. Como poderia? Ele vai acabar se cansando. Ficará ressentido comigo. Um dia desses, sei que vai parar de tentar.

- Tenho certeza de que Cam compreende e será paciente.

- Nenhum homem é tão paciente. De qualquer maneira, ele não sabe, você sabe, exatamente como foi meu casamento com Dunstan.

- A senhora não contou?

- Não. - Angela virou-se e segurou Kate pelo pulso, olhando determinada em seus olhos. - E você não vai lhe contar tampouco. Eu a proíbo!

- Mas por que milady? Ele deveria saber. Caso contrário, como poderá entender?

- Não quero que ele saiba - exclamou, angustiada. - É muito terrível, muito humilhante. Eu não suportaria que ele soubesse, pensasse no que eu fiz, no que Dunstan fez, toda vez que me olhasse. A seus olhos eu estaria maculada para sempre.

- Não, não, tenho certeza de que isso não é verdade. A senhora deve lhe contar, dar-lhe uma chance.

- Não. - Ela sacudiu a cabeça com firmeza. - Não posso correr esse risco. Acho que Cam ainda me vê como a garota a quem amava: intocada, pura. É dessa pessoa que ele gosta. Se soubesse o que realmente sou, o que fiz...

- O que fez nunca foi sua culpa! - retrucou Kate. - Foi culpa daquele monstro!

- Eu sei. Mas não posso escapar da vergonha. - Lágrimas brotaram nos olhos de Angela e ela lutou para contê-las. - Sei que sou suja, que se Cam me tocar vou sujá-lo também.

- Estou certa de que Cam não pensa assim.

- Como sabe? - Angela olhou-a, séria. - Sabendo o que aconteceu, como poderia me olhar sem sentir nojo? *Eu* sinto nojo.

- Claro que sente, mas deveria ser de lorde Dunstan, aquele homem diabólico, cruel, não da senhora.

- Eu sei. Mas isso não muda meus sentimentos. Não impede que eu me transforme em pedra sempre que Cam me toma em seus braços. Não consigo parar de pensar em Dunstan e depois... - Calou-se, fechando os olhos.

Kate colocou um braço ao seu redor, recostando a cabeça na de Angela, compreensiva.

- Vai ficar tudo bem, milady. Não sei o que acontecerá, mas, de alguma maneira, tudo vai ficar bem.

Mas o conforto de Kate não ajudou muito. Angela permaneceu desanimada naquela noite e perdeu o sono. Acordada, pensava em Cam do outro lado da porta de conexão. Não estava mais trancada. Sabia que Cam não a atravessaria. Era muito honrado, e por isso sabia que ele estaria deitado do outro lado da porta, sofrendo.

Odiava pensar nisso. Daria qualquer coisa para se sentir diferente. Mas só de pensar em deixá-lo deitar em sua cama, em sentir o peso do corpo pressionando o seu no colchão, prendendo-a, seu corpo inteiro enrijecia. Ela sabia que não podia, nunca seria capaz de permitir, e o desespero a consumia. Pela milésima vez, amaldiçoou o nome de Dunstan e desejou que ele nunca a houvesse corrompido.

Ela estava correndo. As cercas vivas subiam, altas, ao seu redor, bloqueando-lhe a visão. A respiração arranhava-lhe a garganta; os pulmões ardiavam. Sentia o gosto de sangue e sabia que em breve cairia no chão, exausta, incapaz de correr mais e, então, ele a alcançaria. Ela continuava a correr, chegando em lugares sem saída e tendo que voltar e fugir, procurando o caminho certo. Ouvia a risada dele, selvagem e alta, correndo bêbado atrás dela. - Oh, Angie... venha aqui, meu anjinho. Oh, Aaaangie, papai tem uma surpresinha para você. Uma surpresa bem grande. Não quer ver?

Os outros se juntavam a ele rindo, assoviando e gritando palavras de encorajamento para ele ou para ela, como bem lhes aprouvesse. Ela sabia que tinham feito apostas. Não receberia ajuda deles. Já sentira seus beliscões e apertões, ouvira suas risadas e os comentários grosseiros enquanto corria da sala suportando tudo calada. Todos gostariam que ele apegasse, como se ela fosse uma raposa e Dunstan um caçador. Queriam ver o que ele faria com ela ao alcançá-la.

Ela sentia dor por todo o corpo. Tropeçou e caiu, rastejando até conseguir erguer-se de novo, e no momento seguinte continuou

a correr. Ele estava mais perto agora; podia ouvir-lhe a respiração às suas costas. Ela não ousava olhar para trás. Depois viu, com asco, a estátua sobressaindo no centro do labirinto, o satírico sorriso no rosto de pedra, o imenso membro ereto. E atrás dela, ele ria e ria...

- Angela! Angela, acorde!

Ela gemeu. Ele agarrou-lhe o ombro e a sacudia, dizendo seu

- Não! - tentou escapar, debatendo-se, retorcendo-se e contorcendo-se, tentando se afastar dele.

- Angela! Acorde! Sou eu, Cam. Querida, acorde. Você está tendo um pesadelo.

Angela abriu os olhos sem expressão e viu o rosto de Cam. Depois, a identidade dele penetrou o nevoeiro de seu sonho e ela deixou escapar um grito, atirando-se em seus braços.

- Cam! Oh, Cam! - Começou a chorar, tremendo, incapaz de se conter. Envolveu-lhe o pescoço com os braços convulsivamente. - Pensei que ele fosse me pegar. Estava com tanto medo.

Graças a Deus!

- Shhh. Está tudo bem. Ele não vai pegá-la. Ninguém vai pegá-la. - Cam sentou-se na cama a seu lado e a pegou no colo, envolvendo-a com os braços. - Estou aqui. Nada de ruim vai acontecer. Não vou permitir. Ninguém pode pegá-la.

Ela agarrou-se a ele soluçando, enquanto ele a embalava para a frente e para trás, murmurando palavras de conforto e acariciando-lhe os cabelos e as costas. Murmurou as mesmas palavras sem cessar como uma ladainha de conforto e segurança, assegurando-lhe que ninguém a pegaria, pois ele a protegeria. Lentamente, os soluços transformaram-se em tremor e ela repousou no peito dele em silêncio, com o corpo mole e trêmulo.

- Pronto. Está tudo bem. - Cam passou as mãos nos seus cabelos e nas costas. - Pronto, está se sentindo melhor agora?

Angela aquiesceu, sem tirar a cabeça de seu peito. Estava totalmente apática e vazia, numa espécie de choque. Sentira o mesmo tipo de apatia, apenas pior, depois da maioria dos episódios

com Dunstan, como se seu corpo machucado e humilhado flutuasse em outro lugar, olhando os restos lamentáveis de si mesma.

- Você só teve um pesadelo. Nada daquilo era real.

Ela aquiesceu novamente, demonstrando compreender. Era muito reconfortante aninhar-se no corpo quente de Cam, ouvir as batidas compassadas de seu coração. Ela estava gelada, mas os braços dele a envolviam, aquecendo-a.

Depois de um longo tempo acariciando-lhe as costas, Cam perguntou gentilmente:

- Com o que você estava sonhando? O que a perseguia?

- Dunstan - disse através dos lábios exangues, cansada demais e sem força para controlar as palavras.

Ela sentiu-lhe a contração.

- Lorde Dunstan? Seu ex-marido? Ela balançou a cabeça. Fez-se um minuto de silêncio. Depois

Cam disse numa voz cautelosa e extremamente calma:

- Por que ele a perseguia?

- Para me pegar. Eu fui desobediente. Ele ia me... me punir.

- Punir você? - Os braços de Cam a apertaram mais forte. - O que quer dizer com punir?

- Você sabe, me castigar. Por não ter obedecido a ele.

- Angel... Foi só um sonho ou ele realmente fez isso com você?

- Ele fez. - Ela pensou não ter mais lágrimas, mas elas brotaram de novo em seus olhos e rolaram pelo rosto. Afundou a face em seu peito.

- Ele a machucou? - perguntou, e ela estremeceu ao ouvir o tom da voz. - Sinto muito - disse numa voz suave, acariciando-lhe os cabelos. - Não pretendia falar em voz alta. Apenas... Conte-me o que ele fez, querida.

Ela sacudiu negativamente a cabeça, soluçando. Os ombros começaram a sacudir.

- Não posso.

- Sim, pode sim. Você pode me contar qualquer coisa.

- Não posso. Tenho muita vergonha.

- Não há nada de que deva se envergonhar. Você não fez nada errado. Só quero saber o que aquele filho-da-mãe fez com você. - Ele se calou, e quando ela não respondeu, ele prosseguiu:

Ele bateu em você? Angela fez que sim com a cabeça.

- Um soco? Um tapa?

- Os dois. -A voz dela mal passava de um sussurro.

- *Vou* matá-lo - sussurrou entre os dentes. O corpo inteiro, cada lugar em que ele a tocava, era tão retesado quanto a corda de um arco. - Vou descobrir onde está aquele maldito desgraçado e matá-lo.

- Não! -Angela agarrou-se a ele convulsivamente. - Fique comigo. Por favor, não vá. Não faça nada.

- Não vou fazer nada; não agora - respondeu, os dentes trincados. - Conte-me o resto. O que mais ele fez com você?

- Às vezes... - a voz tremeu. Depois, começou a despejar as palavras.

Capítulo Doze

- Às vezes - começou Angela em voz baixa - Dunstan me trancava no quarto de vestir, o quarto pequeno do lado do quarto de dormir dele, e não me deixava sair por um ou dois dias. Ou me atirava da cama no chão e me fazia dormir ali, porque dizia que eu só... eu só merecia dormir com os cachorros. Cam deixou escapar uma enxurrada de pragas. - Ele me espancava. Com a mão ou com uma escova. Uma vez, na frente dos amigos, quando estavam bebendo e jogando cartas no andar de baixo, ele mandou me chamar. Eu estava dormindo, precisei me vestir e não cheguei bastante rápido. Então, ele disse... disse que precisava me punir. E ele... ele me virou de braços em seu colo e levantou minha saia. Ele desceu minhas calças e me bateu... na frente de todos eles. Depois ele... Oh, meu Deus! - Ela levantou as mãos para cobrir o rosto.

- Está tudo bem, querida. Está tudo bem. Ele nunca vai voltar a fazer isso com você. Eu prometo. Ele nunca mais chegará perto de você. Não precisa se preocupar com ele.

- Tenho tanta vergonha. Você deve achar que sou suja.

- Não! Como pode dizer isso? - A voz de Cam demonstrava choque. - Não penso nada de errado a seu respeito. Como poderia? Não foi sua culpa e sim de Dunstan. É ele que é sujo, baixo, um filho-da-mãe nojento. - Respirou fundo e disse suavemente: -- Continue.

- Quando ele terminou de me espancar, ficou excitado. Eu podia sentir, deitada em seu colo. - Ela pressionou ainda mais o rosto em seu peito, as palavras praticamente inaudíveis. Cam precisou inclinar a cabeça para ouvi-la. - Então ele me fez ajoelhar diante dele e... e servi-lo com minha boca. Ali diante de todos os seus amigos. - Começou a soluçar. - Eu estava muito apavorada. Tive que obedecer, e todos olharam, bateram palmas e gritaram coisas.

Cam trincou os dentes para segurar a bile que subia em sua garganta. Demorou um longo tempo antes de poder se controlar. finalmente, disse:

- Por isso você não quer ser tocada. Por isso não quer fazer amor.

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente, infeliz.

- Desculpe, desculpe muito, eu... ai, meu Deus, melhor contar de uma vez toda a história. Doeu desde a primeira vez que ele me possuiu. Em nossa noite de núpcias. Foi tão rápido e tão doloroso, e ele ria e me chamava de "virgenzinha". Uma vez, no jantar, ele contou isso aos amigos, na minha frente, debochando da minha frigidez. Disse que me ensinaria como agradar um homem e me fez ir com ele a uma dessas casas onde as mulheres fazem aquilo por dinheiro. Ele me fez olhar enquanto uma mulher fazia coisas com ele. Ela o tomou na boca, depois ela se inclinou e ele a possuiu por trás. Da outra vez, em casa, ele me obrigou a fazer aquelas coisas, só que eu não era boa o suficiente. Então, ele me esbofeteou. Mais tarde, me levou de novo àquela casa, e dessa vez ele obrigou a mulher e eu a fazermos coisas com ele ao mesmo tempo.

- Jesus!

- Quando estava muito cansado para fazer sexo, ele pegava aquela coisa, aquela coisa que parece com a de um homem, você sabe...

- Sei.

- Ele usou aquilo em mim. O pior era que, às vezes, ele me penetrava, mas no lugar errado, e doía muito... - As lágrimas voltaram a cair, mas ela continuou a falar, as palavras brotando como se não mais tivesse controle sobre elas. Não queria dizê-las, mas de certo modo precisava fazê-lo. - Uma vez ele e os melhores amigos... os três que testemunharam contra mim no divórcio... Ele queria que eu os deixasse me p-p-possuir também, mas não permiti. Então ele me bateu muito, mas continuei chorando e dizendo que não deixaria, então eles... eles me seguraram e cada um deles serviu-se de mim.

- Vou matá-lo - disse Cam numa voz rouca. - Vou encontrá-lo, agarrá-lo e espancá-lo até a morte com minhas próprias mãos.

- Não! Cam... Por favor, prometa que não vai fazer isso. Não pode matar um homem. Você irá para a prisão.

- Não dou a mínima. Apenas quero vê-lo morrer, tão lenta e dolorosamente quanto possível. Depois encontrarei os outros três e acabarei com eles também.

- Cam!

- Você não gostaria que eu o fizesse? Não gostaria de vê-los morrer?

Angela soltou um suspiro trêmulo e limpou as lágrimas do rosto. Sentia-se calma agora e curiosamente aliviada.

- No passado eu quis. Agora só quero nunca mais ter que vê-los de novo.

- Conte-me sobre o pesadelo.

- Isso aconteceu na última noite antes de Kate e eu fugirmos. Ele tinha vários amigos no Gresmere Park... É esse o nome de sua propriedade no campo. Eles estavam todos no andar de baixo, bebendo. Ele me chamou e disse ter tido uma idéia para um esporte e que ele me caçaria no labirinto. Tentei escapar, correr da sala, mas eles continuaram me perseguindo, me agarrando, rasgando minhas roupas. Quando consegui sair da sala, meu corpete estava completamente rasgado e quase toda minha chemise também. Eles me perseguiram, brincando e rindo, me empurrando pelo hall, e me botaram para fora. Eles não me possuíram. Continuaram a me agarrar, rasgando minha saia e minhas anáguas, e me obrigando a correr em direção ao labirinto. Quando lá chegamos, Dunstan me pegou e rasgou o resto de minhas roupas. Fiquei completamente nua na frente deles. Eu continuava a chorar e implorar que parasse. Mas ele apenas bateu no meu traseiro nu e me disse que era melhor eu me apressar.

"Então, corri. Ele me deu uma margem de folga e depois foi atrás de mim, como se participasse de uma caça à raposa. Ele carregava a garrafa de uísque na mão e bebia. Ele esbarrava nas cercas vivas sem parar. É um labirinto horrível. Impossível encontrar a saída. Dunstan a conhecia, mas nunca me ensinou. Continuei correndo apavorada, mas voltava sempre ao centro onde

ele tinha aquela... aquela estátua. Era enorme, gigantesca. A estátua de um sátiro com aquele imenso e ereto... membro. Era horrível, nojenta, grotesca. Por fim, é claro, ele me alcançou. Mas estava muito... muito bêbado para funcionar. Então, finalmente ele me fez pegar aquela coisa... a coisa que parece o membro de um homem... e me fez usá-la em mim na frente de todos eles. Ele me disse que se eu não o fizesse ele deixaria todos me possuírem. Eu estava tão assustada... Fiz o que ele mandou. Ele disse que eu tinha de gostar, que eu tinha de usá-lo até atingir o êxtase. Mas eu nunca tinha tido um, entende, então fingi. Gemi e balancei os quadris como tinha visto as prostitutas fazerem. Fechei os olhos como se tivesse perdido o controle e passei a língua nos lábios.

Angela ficou em silêncio por um momento. Cam a segurou, estreitando-a nos braços, incapaz de falar devido à fúria e à dor que disputavam espaço dentro dele.

Finalmente Angela disse, numa voz exausta:

- Ele me levou de volta para meu quarto e me trancou. Disse que era um jogo tão divertido que repetiríamos na noite seguinte. Mas Kate conseguiu a chave, destrancou a porta e fugimos naquela mesma noite. Não sei como conseguimos chegar a Londres sem que ele nos alcançasse. Foi um milagre. Jeremy me acolheu. Eu lhe contei que Dunstan me batia, mas não pude contar o resto. Era muito terrível. Ele me disse que eu estava a salvo e que não deixaria Dunstan me ver quando viesse à minha procura. Ele foi tão bom, tão gentil comigo.

- Claro que foi. Ele a ama.

- Pedi o divórcio, mas Dunstan virou o jogo e *me* acusou de adultério. Os amigos dele, os homens que haviam me estuprado naquela noite, todos testemunharam ter tido relações carnavais comigo. Era verdade. Eu não podia negar. De qualquer forma, não me importava mais. Nada mais importava exceto livrar-me de Dunstan, não mais pertencer a ele por lei.

- Não me surpreende você ter se recusado a se casar comigo. Você deve odiar os homens.

- Não. Jeremy foi muito bom para mim. E não odeio você.

- Mas deveria. Eu a forcei a se casar comigo. Arruinei sua família e ameacei seu irmão para você ceder a meus desejos. Céus, depois do que ele fez por você... Me surpreende você ter concordado em se casar comigo apesar das ameaças.

- Devo tanto a Jeremy. E sabia que você não era como Dunstan, que não faria as mesmas coisas comigo.

- Nunca - concordou, agitado. - Eu juro. - Ele a apertou ainda mais nos braços. - Não vou machucá-la. E nada parecido jamais voltará a acontecer com você. Farei Dunstan pagar, embora nada possa se equiparar ao que ele fez. - Ele acariciou-lhe as costas. - Eu nunca, nunca irei machucar você. Confie em mim.

- Eu confio. Sei que nunca irá me machucar. Mas me sinto culpada porque não posso... não posso lhe dar o que você quer. Estou destruída. Para sempre. Nunca serei capaz de fazer o que uma mulher normal faz, corresponder como deveria.

- Não há "deveria" nesse caso. Você não pode mudar o que sente. Se houver algum "deveria" nesse caso, é o que *eu* deveria ter feito anos atrás, quando você se sacrificou por mim. Deveria tê-la escutado quando tentou me contar por que se casara. Deveria demonstrar agradecimento e não crueldade. Deveria ter levado você comigo quando fugi para a América. Em vez disso, deixei-a aqui para *sofrer*. - A voz estremeceu ao pronunciar a palavra.

- Não se culpe - murmurou Angela, estendendo a mão para tocar-lhe o rosto. - Como poderia saber? Eles teriam nos impedido, de qualquer modo. Eu era casada com Dunstan, legalmente sua propriedade.

- Você nunca foi propriedade de homem *algum* - sussurrou impetuosamente. - *Nunca*. Está me ouvindo?

Ela meneou a cabeça afirmativamente, recostando-se em seu peito e fechando os olhos. Sentia-se aquecida agora e muito cansada. Sentia-se segura e satisfeita nos braços de Cam.

- Não se preocupe comigo - prosseguiu Cam. - Vou ficar bem. Agora que conheço o motivo de se sentir assim, será mais fácil. Vamos encontrar uma solução. Vamos dar um jeito de sermos

felizes. Não por mim, querida, mas por você. Você merece sentir prazer e vou encontrar um jeito de fazer você ser feliz. Prometo.

Angela não respondeu e Cam inclinou-se para fitá-la. Os olhos dela estavam fechados e ele percebeu que ela adormecera. Sorriu para si mesmo, satisfeito por ela confiar tanto nele a ponto de dormir em seus braços como uma criança. Ele beijou-lhe o topo da cabeça e recostou-se na cabeceira. Manteve-a nos braços a noite toda enquanto ela dormia.

Quando ela acordou, na manhã seguinte, a cabeça doía de tanto chorar na noite anterior, mas sentiu-se confortável e aquecida, aninhada nos braços de Cam. Inconscientemente, aconchegou-se ainda mais e os braços dele a apertaram. Depois seu cérebro começou a funcionar.

Lembrou-se de tudo que lhe confidenciara, no escuro, na noite passada, e foi invadida pela vergonha. Nunca contara a ninguém tudo aquilo, nem mesmo a Kate, a pessoa que mais a conhecia. Angela nunca sonhara ser capaz de revelar tudo a um homem.

Cam tinha sido gentil a noite passada, abraçando-a e alisando-lhe os cabelos, tentando confortá-la. Tinha lhe dado o abrigo dos braços, percebeu agora, ficando sentado a noite inteira para mantê-la nos braços. Mas agora, à luz do dia, as maçãs do rosto queimaram de vergonha. *Como conseguiria fitar Cam nos olhos, sabendo o que ele sabia sobre ela?* Estava certa de que seus sentimentos em relação a ela deviam ter mudado. Depois de ter pensado a respeito, os sentimentos dele seriam diferentes. Quando a olhasse, pensaria no que ela fizera, no que Dunstan fizera com ela. Perceberia como ela era suja, maculada. Ele não mais a desejaria. Talvez nem mais quisesse tê-la por perto.

Os olhos encheram-se de lágrimas diante do pensamento, mas reprimiu-as. *Não ia* se transformar numa chorona. Pelo menos o pouparia de mais lágrimas. Sentou-se, tentando não perturbar Cam e virou a cabeça para fitá-lo. Ele ainda dormia, a cabeça recostada na cabeceira dura. Ela o fitou por um momento, os olhos percorrendo a linha suave dos lábios, o pêlo crescendo no queixo, os cílios escuros formando uma sombra em seu rosto, e a emoção

apertou-lhe o peito. Desejou não ter contado nada. Havia uma certa liberdade, o aperto de tristeza que carregava dentro de si afrouxara, mas nada valeria a pena se perdesse Cam.

Ele pareceu sentir-lhe o olhar, pois estremeceu e abriu os olhos. Olhou para ela sonolento e a apertou contra o peito. Os lábios roçaram o topo de sua cabeça.

- Hmm. - A voz estava rouca de sono. - É bom acordar com você.

- E mesmo? - Angela deixou escapar um sorrisinho tímido.

- E. - Ele esfregou o rosto em seus cabelos. - Como está se sentindo?

- Bem. - Ela acrescentou com um sorrisinho tímido: - Devo estar horrorosa com os olhos vermelhos e inchados e meus cabelos despenteados.

Ele se afastou e fingiu estudar sua fisionomia. Depois se inclinou e beijou-lhe a ponta do nariz.

- Na verdade, você está perfeita. Angela riu, desta vez com mais sinceridade.

- De verdade? Então acho que você precisa de óculos.

- Minha visão é perfeita. - Ele pegou uma mecha de cabelos entre os dedos e brincou com ela, parecendo satisfeito em não fazer nada além de ficar na cama e conversar com ela. - Você sabe como seu cabelo é bonito? Parece uma labareda. Sinto como se pudesse me aquecer nele.

- Como pode falar deste jeito?- perguntou, curiosa.

- Falar de que jeito? - Ele pareceu confuso.

- Tão... tão normal. Ele franziu a testa.

- O que quer dizer? Você acha que estou despreocupado? Que tudo que me contou ontem não foi levado a sério? Eu juro que doeu e mantenho minha palavra. Farei tudo em meu poder para destruir Dunstan, bem como os outros três. Pretendo começar a investigar suas fontes de renda esta manhã. Vou incumbir Jason disso imediatamente.

— Não falava disso. Não acho que esteja despreocupado. Mas como pode suportar olhar para mim? - Sentiu a face corar por discutir o assunto em plena luz do dia, mas precisava saber em que terreno pisava. - Não me acha suja depois do que contei? Achei que você não conseguiria me olhar nos olhos, que iria desviar o olhar e...

- Que pobre espécime você deve me achar.

- Não! Mas acho que você veria as coisas que fiz quando olhasse para mim. Como pode não sentir nojo?

Ele a segurou pelos ombros com firmeza.

- Quando olho para você, só vejo você. Vejo como é linda, como a inteligência brilha em seus olhos, como a alegria e os sorrisos se assentam em seus lábios. As coisas que foram feitas com você me enjoam, mas *voce* nunca poderia me causar nojo. Eu amo você, Angela. Amei você desde a primeira vez em que a vi.

As palavras de Cam lhe tiraram o fôlego. Ela queria dizer as mesmas palavras a ele, mas não podia. Estavam presas em sua garganta. Lágrimas brilharam em seus olhos, mas ela apenas perguntou:

- Quando você me viu pela primeira vez? Mas eu tinha 8 anos.

- Sim, a mais linda criança que eu já tinha visto. Eu não a amei do jeito como a amo agora. Mas amei você. Por que outro motivo eu teria agüentado suas travessuras durante tantos anos?

Ela fez uma careta para ele e Cam gargalhou, aninhando-a em seus braços.

- É estranho - prosseguiu Cam. - Lamento profundamente seu sofrimento. Odeio Dunstan pelo mal que lhe causou. Mas eu... eu sinto uma espécie de alívio, sabendo o que aconteceu. Isso faz sentido? Sempre houve um muro entre nós. Eu o sabia presente, mas não sabia o que era. Agora sei. Finalmente compreendo. A barreira desapareceu. E sei que não sou eu.

- Não! Nunca. Nunca foi você. - Ela o abraçou com força, dizendo: - Você é o melhor homem do mundo.

Ele gargalhou.

- Lembre-se disso da próxima vez que eu a deixar furiosa. - Ele a abraçou e por um longo momento ficaram sentados assim em silêncio, enlaçados num abraço apertado. Depois, como por um silencioso consentimento mútuo, os braços afrouxaram e eles se afastaram um pouco. - Agora - disse Cam num tom de voz prático -, o que gostaria de fazer hoje? Preciso passar a manhã com Jason, discutindo negócios. Prometi a ele, que falou que não podia esperar. Mas esta tarde pensei que podíamos cavalgar. Você gostaria?

- Sim, gostaria. - Angela sorriu, satisfeita por descobrir que não deixariam de passar o tempo juntos agora que haviam retornado a Bridbury.

Ouviu-se uma leve batida na porta e Kate entrou, dizendo animada:

- Bom dia, mila... - Parou abruptamente, a boca aberta, e fitou Angela e Cam. Depois ficou vermelha como um tomate. -Oh! Oh, milady! Sinto muito. Volto depois. É só me chamar.

- Está tudo bem, Kate. Entre. - Cam soltou Angela e se pôs de pé. - Preciso me vestir. - Ele pegou uma das mãos de Angela e a levou aos lábios, dando-lhe um beijo suave. - Vejo você no café-da-manhã, milady.

- Sim. - Angela ficou encabulada novamente devido à presença de Kate e mal sabia para onde olhar.

Quando Cam saiu do quarto e fechou a porta, Kate correu ao encontro de Angela, os olhos brilhantes de curiosidade.

- Milady!

- Calma Kate. Não é o que está pensando.

- Não tenho certeza *do que* pensar.

- Conte sobre Dunstan a noite passada.

- O quê? - Kate a encarou, atônita. Angela aquiesceu.

- Tive um pesadelo... você sabe, aquele com Dunstan. Cam veio me acordar e... eu contei. Tudo.

- Angela! - Toda formalidade foi esquecida quando Kate estendeu as mãos e apertou as da patroa com força. - De verdade?

Angela concordou.

- Sim. Ele foi muito gentil, muito compreensivo. Oh, Kate, ele é um bom homem de verdade.

Kate deu-lhe um abraço entusiasmado.

- Eu sabia que ele era. Isso é maravilhoso.

- Não sei. Não sei o que pode acontecer.

- Não se preocupe com isso. Como está se sentindo agora?

- Estou com dor de cabeça. Meus olhos doem. - Um leve gemido escapou. - E me sinto bastante feliz.

Kate sorriu em resposta.

- Ótimo. Isso é que é importante.

Mais tarde, depois de Kate ter colocado uma compressa gelada nos olhos de Angela para eliminar o inchaço e a vermelhidão, Angela se vestiu e desceu para tomar o café-da-manhã com Cam. Nem a avó nem a mãe estavam presentes, e como Jeremy tinha voltado para Londres, eles puderam compartilhar uma refeição íntima, como todos os recém-casados.

Depois do café-da-manhã, Cam retirou-se para a biblioteca com alguma relutância, para discutir negócios, e Angela se ocupou levando os barulhentos cachorros para um passeio. A tarde, vestiu a roupa de montar e dirigiu-se aos estábulos para encontrar Cam. Para sua surpresa, o cavaleiro puxava uma égua cinza bem cuidada que nunca tinha visto antes. Examinou-a com atenção e voltou-se para Cam.

- O que é isto?

- Acredito ser um cavalo, milady. Você suspeita ser algo diferente?

- Mas onde? Quem? Por quê? Cam gargalhou.

- Esqueceu que eu disse que teríamos que comprar um cavalo melhor para você montar? Bem, Pettigrew e Wicker visitaram

os leilões em York enquanto viajávamos e trouxeram esta égua para casa.

- Oh, Cam, ela é tão linda! - Angela aproximou-se da égua, murmurando palavras suaves de boas-vindas. - Minha nossa, você é muito bonita. Se eu soubesse, teria trazido algo para você.

- Que tal isto? - ofereceu Cam, colocando-lhe uma cenoura na mão.

Angela lhe lançou um sorriso luminoso o suficiente para iluminar um dia cinzento e estendeu a cenoura na palma da mão para a égua.

- Aqui está, garota bonita. Você gostaria de dar uma dentadinha?

Não demorou muito para a égua de olhos cintilantes deixar Angela esfregar-lhe a cabeça em seu lugar preferido e enfiar o focinho em seu peito à procura de mais gostosuras. Angela estava tão contente com o animal que quando partiram quase esqueceu de manter o olho atento em busca de alguém com a intenção de ferir Cameron. A égua tinha vivacidade e velocidade e não demorou muito para Angela testá-la pulando um muro baixo e uma ou duas cercas vivas. O chapéu caiu durante um dos saltos, soltando parte de seus cabelos, mas ela mal notou.

Rindo, o rosto corado de excitação e quase metade dos cabelos soltos, ela parecia incrivelmente com a garota que Cam conhecera. Seu coração se apertou ao olhá-la. Confissões de amor haviam brotado dele naquela manhã. Era algo que não quisera admitir para si mesmo até então. Mas sabia ser verdade. Nunca deixara de amá-la. Nunca existira uma mulher pela qual se interessasse seriamente nos Estados Unidos durante todos os anos em que vivera lá, nenhuma outra mulher com quem realmente pensasse em se casar. Angela tinha sempre sido a mais importante, mesmo quando a odiava.

Naquele época, não sabia de verdade o que era odiar. Ódio verdadeiro foi o que sentiu ao ouvir Angela contar o que Dunstan fizera com ela. Se lorde Dunstan estivesse por perto naquele momento, Cam estava certo de que o teria matado com as mãos nuas - e não sentiria nada além de satisfação ao fazê-lo. Eleja

instruíra Pettigrew para descobrir tudo que pudesse sobre Dunstan e os três homens que testemunharam na audiência do divórcio. Sabia que Dunstan era um homem rico, mas tinha certeza de que encontrariam um jeito de atingi-lo, alguma brecha em sua armadura. O homem pagaria pelo que fizera a Angela.

Mais importante, entretanto, era se assegurar de que Angela se recobrasse dos danos causados por Dunstan. Ela pensava estar morta para o desejo e o amor por obra de seu primeiro marido, mas Cam estava determinado a provar que ela estava errada.

Aquela noite ele foi a seu quarto quando ela se preparava para dormir. Bateu na porta de conexão entre os quartos e não entrou até ela autorizá-lo. Angela lia e se levantou da cadeira sorridente, deixando de lado o livro quando ele atravessou o quarto a seu encontro. A visão fez seu coração perder um compasso. Os cabelos soltos caíam como uma cascata de fogo em seus ombros e desciam pelas costas. Ela usava uma camisola de gola alta, branca, com apenas um babado no pescoço e nas mangas como enfeite, e por cima da camisola, um penhoar, mas apenas a intimidade de seus trajes era demasiado atraente para ele. Precisou se conter para esconder o desejo.

Cam pegou-lhe as mãos nas suas e as levou aos lábios, beijando primeiro uma e depois a outra.

- Vim pedir um favor a você.

- Claro. Qual?

- Não prometa com tanta rapidez. Você pode não querer. - Fez uma pausa e prosseguiu. - Deixe-me dormir com você de novo hoje. - Ele sentiu as mãos se contraírem e prosseguiu rapidamente. — Não quero fazer amor com você. Estou falando apenas em dormirmos juntos. Prometo não machucá-la nem tentar fazer absolutamente nada. Só quero abraçar você, como fiz a noite passada, e acordar a seu lado de manhã.

- Cameron...

- Eu sei. Entendo o motivo de não querer um homem em sua cama. Mas fiquei com você a noite passada e não fiz amor com você, fiz?

- Não.

- Também não farei hoje. Quero estar com você, Angela. Quero que se sinta segura comigo. Quero que deite em meus braços e saiba que não vou magoá-la e que não vou permitir que ninguém o faça, tampouco. Foi bom, não foi, a noite passada... ser abraçada e mimada?

Ela desviou o olhar e voltou a fitá-lo.

- Foi - disse com sinceridade. - Foi bom. Eu gostei e gostei muito de acordar hoje de manhã em seus braços. - *Gostar* não era a palavra, mas não podia descrever a sensação de segurança e calor experimentada ao acordar. - Mas como posso pedir isso a você? Não tenho nada a lhe dar.

- Não estou pedindo nada. Estou oferecendo.

- Mas, Cam, com certeza, isso não pode ser agradável para você. Sem dúvida, você não pode querer só isso.

- Não. Não é tudo que quero. Mas é tudo que posso ter no presente. E é o que posso lhe dar. - Ele passou os nós dos dedos em sua face. - Você só conheceu a dor que um homem pode dar a uma mulher. Deixe-me mostrar a doçura, a felicidade.

O pensamento era relativamente assustador para Angela, mas mesmo assim tentador. Tinha sido tão bom deitar em seus braços a noite passada.

Ela sorriu para ele com um pouco de incerteza.

- Está bem.

Angela apagou o candelabro, tirou o lençol no escuro e subiu para a cama, bem como Cam. Ele colocou o braço sob sua cabeça e deitado de lado, bem juntinho, passou os dois braços ao seu redor. Angela sentiu um momento de pânico e ficou rígida. Era diferente da noite anterior. Deitada daquele jeito, sentia o corpo dele inteiro contra o seu.

Mas ele não fez nenhuma tentativa e os braços estavam frouxos a seu redor. Angela tinha consciência de poder se afastar se assim o desejasse. Gradualmente começou a relaxar e, antes que percebesse, adormeceu.

Cam tinha ido embora na manhã seguinte quando ela acordou. Podia ver pela luz do sol entrando pela fresta das cortinas ser bem mais tarde do que o horário em que costumava acordar. Levantou-se, tomou o café-da-manhã e naquela mesma manhã escreveu um bilhete para o ministro cujo nome e endereço fora fornecido pelo pastor de Carnmore. Explicou que Cam era filho de Grace Stewart e que gostaria de conversar com ele sobre Grace, se o pastor aposentado assim permitisse. Cam dissera que precisava ir a Londres a negócios dentro de poucas semanas e queria que ela o acompanhasse. Não seria difícil parar em Buckinghamshire a caminho e visitar o ministro.

Naquela tarde, Cam encontrou Angela com seus animais no jardim, cortando rosas para colocar no hall de entrada. Cada um dos cachorros achou necessário aproximar-se para inspecioná-lo e esperar, sacudindo o rabo, ser acariciado. Os gatos - é claro - simplesmente levantaram as cabeças para fitá-lo através dos olhos rasgados. O enorme gato persa cinza voltou a dormir, mas Mignon, em seu andar sinuoso, abanou o rabo, lançando um olhar perverso a Cam por perturbar seu sono.

- É possível encontrar você sem esses animais? - perguntou Cam, inclinando-se para pacientemente cocar cada cachorro atrás das orelhas.

Angela deu de ombros, sorrindo.

- Normalmente só Pearl dorme em meu quarto.

- Ela dormiria em sua cama se fosse mais baixa.

- Ela dormia quando era mais nova e podia pular mais alto.

- Vim atrapalhar sua atividade - disse Cam, estendendo a mão para pegar as tesouras e a cesta de rosas. - Consegui escapar de Pettigrew e pensei que podíamos examinar o baú de mamãe agora. Mandei um dos lacaios descê-lo do sótão.

Subiram para o quarto de Cam, onde o pequeno baú tinha sido posto no meio do quarto. Cam agachou-se e inseriu uma chave na fechadura. Angela sentou-se a seu lado no chão enquanto ele destrancava o baú e abria a tampa. No topo uma colcha que Cam retirou e colocou de lado.

- Quando mamãe estava doente, costumava se sentar com esta colcha nos joelhos. Ela sempre sentia tanto frio...

Na camada abaixo, um elegante xale indiano enrolado em torno de um objeto retangular bem pequeno. Ele desenrolou o xale revelando uma adorável caixa de jóias de pau-rosa. Abriu-a com uma minúscula chave. Dentro, um colar e brincos de pérolas, bem como um elegante colar de diamantes e vários outros brincos de azeviche e pedras preciosas e um adorável camafeu de marfim.

- Eles pertencem a você - disse Cam a Angela, entregando-lhe a caixa aberta. - Mamãe gostaria que fossem de minha esposa.

- São lindos. - Angela respirou fundo, pegando a caixa. -Mas, de verdade, não me sentiria bem se os aceitasse. São de sua mãe.

Ele deu de ombros.

- Não é assim com as jóias? Não são passadas de geração a geração? Garanto que sua mãe e sua avó possuem algumas peças que pertenceram a outras pessoas. Além disso, o que mais eu deveria fazer com elas? Deixá-las nesta caixa por toda a eternidade?

- Não, claro que não. Você tem razão. Dito desta maneira, soa como uma tolice. É que não posso me desvencilhar da idéia de que *eu* não sou a noiva que sua mãe gostaria que tivesse.

- Absurdo. Mamãe gostava de você. Uma vez me disse que você era uma garota bonita e de bom coração também. Só tinha medo por mim. - Virou-se e deu-lhe um olhar direto. - Mas ela também queria que eu fosse feliz.

- E você é? - retrucou Angela. - Sendo empurrado de trens e baleado? Tendo uma mulher que não divide sua cama? Essas coisas o fazem feliz?

Um sorriso desenhou-se no canto de sua boca.

- Bem, essas coisas exatamente não. Mas dividi sua cama a noite passada.

- Você sabe o que quis dizer.

- Tenho você como esposa e é isso o que sempre quis.

- Conseguir o que quer nem sempre nos faz feliz.

- Não. Mas também descobri que a felicidade é uma coisa relativa. Estou contente com o que tenho.

Angela o olhou incrédula. Havia linhas de cansaço em torno de seus olhos e o rosto estava mais fino, os olhos manchados e com olheiras. Angela sabia que por semanas Cam enfrentava dificuldade para dormir, mantido acordado pela frustração sexual. As duas últimas noites, tinha certeza, não ajudaram em nada - deitado na cama com ela, abraçando-a, mas sem fazer amor. Ela sabia que não era por falta de desejo; sentira a rígida evidência de sua carência contra ela quando despertara uma vez no meio da noite. Ele exercia um tremendo controle - e o custo era alto.

Cam voltou-se para o baú, deixando de lado o assunto. Pegou outra caixa contendo várias lembranças: uma única luva branca com uma mancha escura em um dos dedos, uma flor seca, um broche barato, alguns cartões e um programa de uma ópera em Nova York. As reminiscências o fizeram sorrir e tocar o programa com o dedo.

- Foi sua primeira ópera - disse. - Ficou tão impressionada, tão animada quanto uma menina. Mas, você entende, a maioria destas coisas são de tempos recentes, exceto talvez a luva. Não sei o motivo de ter guardado uma luva manchada. Mas nada disso nos leva a meu pai.

Ele continuou a retirar os objetos do baú: um lenço de renda, um dedal prateado e outras miudezas. O último item era uma grande Bíblia antiga. Abriu-a na primeira página, onde havia anotações de acontecimentos importantes, como nascimentos, falecimentos e casamentos. A data de nascimento dele estava meticulosamente anotada numa caligrafia rebuscada com tinta preta, só a linha com o nome da mãe preenchida. A linha referente ao nome do pai estava visivelmente em branco, como todas as linhas acima.

- Olhei muitas vezes antes. Cheguei a desejar que ela tivesse preenchido pouco antes de morrer. Mas, obviamente, de nada valeu. - Ele suspirou e colocou a Bíblia de volta no baú e depois começou a guardar o restante. - Receio que nunca possamos descobrir o nome de meu pai. Talvez deva aceitar. Afinal, vivi muito

bem sem saber quem ele era por 34 anos. Posso viver o resto de minha vida assim.

- Ainda há o pastor - comentou Angela. - Escrevi para ele hoje de manhã. Podíamos parar para vê-lo a caminho de Londres. Não seria muito longe de nosso destino.

Cam deu de ombros ao fechar o baú.

- Está bem. Se você quiser. - Sorriu e inclinou-se para dar-lhe um beijo de leve nos lábios. - Você sabe que sou uma marionete em suas mãos.

Angela fez uma careta para ele e se levantou, sacudindo a saia.

- Por falar nisso - disse Cam -, ouvi dizer que a esposa de Mayfield, o nobre rural, está dando um baile este final de semana. Jason me disse ter aceitado o convite recebido enquanto viajávamos.

Angela suspirou.

- Sei. Precisamos ir. Eles são extremamente aborrecidos, mas não seria conveniente ofender a esposa do grande senhor de terras.

- Vai ter dança?

- Sim, e jogos de cartas.

- Ótimo. Gostaria de dançar com minha esposa. - Ele fez uma pausa e acrescentou, descontraído: - Foi bom então eu ter mandado hoje de manhã um dos cavaleiros buscar aquele pacote grande que chegou para nós na aldeia.

- O quê? - Angela virou-se para ele, surpresa.

- Recebi uma mensagem de que havia um pacote esperando por nós. Só posso presumir ter vindo de York e conter algumas roupas.

O rosto de Angela se iluminou.

- Cam! Meus vestidos? Por que não me contou antes? Os olhos dele dançaram.

- Porque, do contrário, você teria que esperar ansiosa até o cavaleiro voltar com o pacote. Mas, pelo barulho vindo do hall, diria que você não vai ter que controlar a impaciência agora.

Angela correu e escancarou a porta. Cam tinha razão. Dois dos lacaios carregavam um grande baú para seu quarto. Kate estava logo atrás deles, quase dançando de impaciência.

- Milady! São seus vestidos! Venha olhar!

Kate e Angela passaram o resto da tarde tirando as roupas do baú e as experimentando. Angela escolheu o vestido de cetim azul-pavão para o baile dos Mayfield no sábado. Ela não percebeu que pela primeira vez em anos ansiava por comparecer a uma festa e alegrava-se com um lindo vestido novo.

Como previra, no sábado à noite, o vestido novo causou uma forte impressão ao descer as escadas ao encontro de Cam. Os olhos escuros se iluminaram e, sem se dar conta, ele deu um passo à frente. Angela sorriu, embora não necessitasse da reação dele para saber que estava bonita. Quando examinou seu reflexo no espelho naquela noite, antes de descer as escadas, assemelhava-se à menina que no passado morara naquele quarto.

Sentiu-se excitada e nervosa, apesar de dizer a si mesma ser ridículo seu comportamento por algo tão comum quanto uma das festas dos Mayfield. Mas aquela noite era diferente. Pela primeira vez dançaria com o marido.

Angela sabia estar sendo indelicada em ir para o salão de danças tantas vezes com Cam. Seria cortês dançar mais com os outros cavalheiros da cidade, mas só aceitou os convites do anfitrião e de seu filho e de um ou dois dos amigos de seu avô. Foi glorioso rodopiar nos braços de Cam.

Mais tarde naquela noite, corada de excitação e do exercício, foi passear no jardim com Cam. O ar noturno refrescava deliciosamente a pele superaquecida. Afastaram-se das luzes e do barulho da casa até os fundos do jardim, onde uma fonte espirrava água continuamente da jarra de um querubim.

Angela virou-se e olhou para a casa através dos arrumados canteiros de flores, sebes baixas e trilhas. Estavam longe demais para ouvir a música ou os risos, mas a luz através das portas abertas para o jardim formava um belo quadro. Cam veio por trás dela e passou os braços em torno de sua cintura, puxando-lhe as costas contra ele. Repousou o rosto em seu cabelo.

Ficaram silenciosos e parados por um bom tempo. Angela podia sentir a respiração de Cam fazendo esvoaçar seu cabelo. O corpo quente, encostado em suas costas. Depois ele inclinou a cabeça e beijou-lhe a lateral do pescoço desnudo.

Capítulo Treze

Um arrepio percorreu-a e, por instinto, ela inclinou um pouco mais a cabeça para o lado, dando-lhe maior acesso ao pescoço. Cam esfregou o nariz em seu pescoço, a boca subindo da base até o lóbulo da orelha.

Angela ouviu a respiração mais arfante do que o normal e sentiu o toque aveludado dos lábios no lóbulo da orelha. Suavemente, ele prendeu um pedaço de carne entre os lábios. Um som baixinho escapou de Angela; o toque de sua boca a deixou fraca e trêmula. Uma das mãos subiu da cintura para suavemente segurar-lhe o seio. Os mamilos enrijeceram ao toque. Com a ponta da língua contornou as curvas da orelha e depois, devagar, prendeu o lóbulo entre os dentes. Ao fazê-lo, a mão acariciou-lhe o seio.

Ela recostou-se nele, fraca e apreensiva, apesar de ansiosa. A própria respiração mudara. O coração ressoava em seus ouvidos. Os dedos de Cam passearam pelo pequeno botão do mamilo sobre o vestido e moveram-se com infinita lentidão e suavidade. Subiu a mão até o decote do vestido e enfiou-a acariciando a carne quente. Ele pegou o mamilo entre o dedo indicador e o polegar e suavemente o manipulou, deixando-o inchado e duro. Angela soltou um gemido. Sentiu o surgimento inexplicável de uma umidade entre as pernas.

- Deixe-me amá-la - sussurrou Cam, agitado. - Não sou ele, não vou machucá-la. Só quero satisfazê-la, mostrar como pode ser entre um homem e uma mulher. - Ele deslizou os lábios pelo seu pescoço, despertando mais sensações arrebatadoras. - Por favor, Angela, deixe-me lhe dar prazer.

O desejo na voz dele a excitou quase tanto quanto a suave carícia dos dedos. As sensações assustaram, mas também intrigaram-na. Gostaria de sentir mais: gostaria que as sensações vindo à tona dentro dela pudessem crescer e continuar, mas temia que isso não acontecesse.

Quando ela não respondeu, Cam murmurou:

- Você não gosta? Não está gostoso? - Ele pressionou os lábios em seu pescoço; os dedos acariciaram o botão duro de carne.

Ela fez que sim com a cabeça.

- Sim, mas e se... e se não for bom depois? - Houve outras vezes em que experimentara o mesmo tipo de prazer, mas momentos depois eles desapareceram.

- Eu paro, prometo. Só precisa pedir e eu paro.

Com base em sua experiência, Angela achou difícil acreditar que um homem iria - ou até poderia - parar depois de certo ponto. Mas Cam era diferente.

- Está bem.

O calor agitou-se em espasmos ao ouvir as palavras. Gostaria de deitá-la ali mesmo na grama, mas obviamente isso estava fora de questão. Ele colocou as mãos em seus ombros e a moveu para fitá-lo.

- Quando podemos ir embora? - perguntou com voz rouca. Angela sorriu ao ouvir as palavras.

- Quando você quiser. Normalmente vamos embora cedo. Ele se inclinou e a beijou - um beijo longo, penetrante. Quando finalmente se afastou, ambos respiravam com dificuldade.

- Então vamos chamar sua mãe e sua avó para irmos embora. Angela lembrou-se mais uma vez de quão rapidamente Cameron Monroe podia agir num momento de decisão. Em minutos ele encontrara sua mãe e sua avó e as convidara a entrar na carruagem, tudo sem parecer estar apressando-as. Contudo, o percurso até a casa, sentados diante das duas mulheres numa conversa educada sobre a festa, pareceu interminável.

Quando afinal chegaram em casa, Cam seguiu Angela até seu quarto, fechando a porta e dizendo:

- Não chame Kate. Vou ser sua criada hoje à noite.

Ele cumpriu a promessa soltando as inúmeras presilhas e colchetes que desciam pelas costas do vestido. O vestido de Angela escorregou entre suas mãos, expondo-lhe as costas alvas. Cam inclinou-se e pousou um beijo no início da espinha dorsal,

descendo-a numa trilha de beijos. Um arrepio percorreu Angela. Nunca sentira nada parecido antes. Nenhum homem jamais lhe beijara as costas, quanto mais com tanta ternura, tanto desejo.

O vestido, desabotoado, caiu ao chão, e Cam desfez os nós de suas anáguas, deixando-as escorregar ao encontro do vestido de cetim. Quando finalmente chegara à chemise, pegou-a no colo e carregou-a para a cama, sentando-a e ajoelhando-se diante dela para desabotoar e descalçar os sapatos. Os olhos fixos nos seus, com imenso ardor, deslizou a mão por baixo da chemise e removeu-lhe as ligas. Lenta, carinhosamente, ele retirou cada uma das meias deslizando-as pelas pernas e pelos pés. Quando ele as colocou de lado, Angela resfolegava.

Ele se levantou e começou a se despir.

Angela olhou enquanto Cam tirava o casaco e o jogava numa cadeira, retirando a seguir as abotoaduras e desabotoando a camisa. Ela não estava preparada para aquilo, percebeu, quando ele tirou a camisa, revelando o peito largo. O corpo, embora magro, era poderoso, e os ombros, largos e musculosos. *Ele parecia maior sem roupa*, pensou, e inconscientemente retrocedeu um pouco na cama, enrascando as pernas.

Cam parou, notando o recuo. Afastou-se da cama e sentou-se numa cadeira para tirar os sapatos.

- Você quer que eu pare? - perguntou.

- Não. - Angela não tinha certeza, mas a voz soou o mais firme possível.

Ele sorriu e aproximou-se para unir-se a ela na cama, sem tirar o resto das roupas. Esticou-se a fitá-la e Angela se deitou, copiando-lhe a posição. Cam acariciou-lhe a face, depois desenhou o contorno de sua boca com os dedos, a linha do maxilar. O dedo desceu pelo pescoço até alcançar o monte formado pelo seio. Ele a provocou enfiando a mão por baixo da barra da chemise até chegar finalmente ao laço de fita. Puxou uma das tiras e o laço se desfez. Lentamente, a fita deslizou pelo cóis afrouxando a chemise.

Cam começou a beijá-la. Passava os lábios lenta e quase preguiçosamente, a boca e a língua tocando suavemente as suas.

Gradualmente, Angela começou a relaxar, tomada pelo calor. Ele a beijou por muito, muito tempo, deixando a boca e começando a beijar a face, os olhos, as orelhas, o pescoço, mas sempre retornando aos lábios.

Angela parecia ter virado cera quente. Quando a mão dele finalmente entrou por baixo da chemise e segurou-lhe o seio, ela gemeu. Os dedos pareciam em chamas em contato com sua pele. Ela queria de repente senti-los por todo o corpo. Como se adivinhasse seus pensamentos, a mão deslizou e tocou-lhe a pele do estômago até atingir o cós de seus *pantalets*. Enfiou a mão dentro e Angela entrou em devaneio devido à sensação dele contra a pele de seu abdômen.

Imediatamente Cam retirou a mão. Levantou a cabeça, olhando para ela. O rosto estava corado e os olhos brilhantes, o desejo latente em seus traços. Angela tocou a língua nos lábios inchados dos beijos, mas gostou da sensação. Os olhos dele se escureceram enquanto olhava sua boca.

- Você é tão linda. - A voz grave demonstrava paixão. Ele queria tanto estar dentro dela que mal conseguia raciocinar. Queria mergulhar em sua suavidade, penetrá-la fundo.

Ele tirou-lhe a chemise, expondo os suaves globos brancos dos seios. Olhou os seios nus, os mamilos rosados intumescidos no centro e se sentiu compelido a explodir de desejo. As longas semanas de frustração avolumavam-se dentro dele, transformando-se num desejo incontrolável. Engoliu em seco e inclinou-se para depositar um beijo suave num dos mamilos. Um gemido escapou da garganta e ele tomou o pequeno botão de carne na boca, lambendo-o e chupando-o. Cravou os dedos no colchão, agarrando-se como se representasse sua única esperança de manter controle sobre o crescente desejo. Ele sugou, transformando o mamilo num intumescido e ardente botão.

A mão desceu-lhe entre as pernas, acariciando-a por cima do tecido. Podia sentir a umidade ensopando o pano e gemeu, quase anulando o autocontrole pela prova do desejo de Angela por ele. Cam rolou por cima, a boca capturando novamente a de Angela. Ao

sentir o peso do corpo, Angela se retesou, aturdida. O medo infiltrou-se no desejo, dispersando-o como o sol no nevoeiro. Cam, perdido na paixão, não sentiu o súbito enrijecer do corpo sob o seu. As mãos seguraram os *pantalets*, descendo-os, e ele se curvou para banquetear-se novamente no seio.

Angela podia sentir a masculinidade pulsando contra si, enorme e dura. O corpo pressionou o seu no colchão. A respiração dele era alta e ofegante. De repente, Cam pareceu um estranho.

- Não! -As mãos de Angela se ergueram e ela empurrou-lhe o peito. - Não. Por favor, Cameron, não!

Demorou um segundo até as palavras penetrarem em seu cérebro, e durante aquele instante aterrorizador Angela achou que ele não pararia, que lhe abriria as pernas e a penetraria até atingir a satisfação. Ele ficou imóvel. Um instante depois, saiu de cima e deitou a seu lado.

- O que foi? - Ele olhou-a, e embora o rosto estivesse corado e ávido, sinal de uma fome animal, Angela viu que os olhos não eram ferozes, mas racionais e familiares. O alívio a percorreu.

- Não posso. Oh, Cam, sinto muito, mas simplesmente não consigo.

Cam deixou escapar um gemido e deitou-se de costas, cobrindo os olhos com o braço. Angela virou-se para ele ansiosa, os olhos molhados de lágrimas. A culpa a invadiu. Por que não podia deixá-lo fazer o que queria? Seria tão mais fácil. Ela sabia que não sentiria o tipo de dor sentida com Dunstan. Cam faria todo o esforço para não machucá-la. Tentou falar, dizer que continuasse, mas não conseguia. As palavras, presas em sua garganta, sufocavam-na.

- Sinto muito. Começou a chorar baixinho.

- Não. Não, Angela, não chore. - Cam se sentou e estendeu a mão para tocar-lhe o rosto. - Não chore. Eu disse que pararia se você quisesse. Não é sua culpa.

Mas Angela sabia que o magoara, não apenas fisicamente, mas também ao não demonstrar confiança nele. Podia ver, numa desastrosa visão do futuro, ela afastando-o cada vez mais devido à

sua repulsa por sexo. Um dia ele a odiaria. Um dia a deixaria. Ainda assim, não podia lhe dizer que prosseguisse.

- Não se preocupe com isso - tranqüilizou-a. - Está tudo bem. Vou voltar para meu quarto.

Ele deu-lhe um beijo de leve na testa como se nada estivesse errado, mas Angela sentia a tensão, a exalação de calor. Ela o viu deixar a cama e o quarto. A porta se fechou e ela se enroscou como uma bola na cama, entregando-se a lágrimas de desespero.

Angela não podia encarar Cam no dia seguinte. Permaneceu no quarto a manhã toda, e quando afinal desceu, à tarde, ficou aliviada em saber que ele tinha ido até a aldeia. Ficou se perguntando se ele tentava evitá-la também, o que foi um pensamento destruidor. Calçou as botas de caminhada, pegou os cachorros e o bloco de desenho e subiu rumo aos pântanos. Não desenhava nada desde o retorno da Escócia e a vegetação mudara ligeiramente. Passou o resto da tarde fora e, em consequência, não precisou se encontrar com Cam até o jantar.

Quando chegou na sala de estar, antes do jantar, e o viu, o rosto ruborizou-se de vergonha. Mas Cam simplesmente a fitou e a cumprimentou como de hábito, embora talvez com um pouco mais de formalidade. Com a mãe e a avó presentes, bem como o pastor e a esposa, convidados para o jantar, não havia necessidade de conversar diretamente com o marido, a não ser trocar alguns comentários banais.

Após o jantar, enquanto os homens deliciavam-se com charutos e conhaque no escritório, Angela pediu desculpas às senhoras, alegando dor de cabeça, e subiu. Ao deixar o aposento, ouviu a esposa do pastor dizer num cochicho à avó, acenando em direção a ela:

- Será isso a indicação de um estado interessante?

Queria dizer, é claro, em seu jeito recatado, que talvez Angela estivesse grávida. Angela pensou ser a última coisa possível e fechou a porta, fingindo não ter ouvido. Decerto a avó poria fim às insinuações da mulher com um único olhar.

Angela subiu e chamou Kate para ajudá-la a se despir. Um demorado banho quente conseguiu aliviar parcialmente sua ansiedade. Vestiu a camisola e o quimono e sentou-se para ler. Mas a mente vagava e fez pouco progresso na leitura. Ouviu a porta de Cam sendo fechada e depois alguns ruídos no quarto: o som da porta do armário fechando, um passo, o tinir do balde na lateral da banheira, o que a fez deduzir que ele, também, devia estar tomando banho.

Percebeu que aguçava os ouvidos, atenta a qualquer ruído do quarto de Cam, e forçou-se a se concentrar no livro, sem êxito. Não demorou muito para prestar atenção aos criados entrando novamente no quarto dele para remover a água da banheira. Angela suspirou e pôs o livro de lado. Inútil tentar ler, mesmo sabendo que se fosse para a cama não conseguiria dormir. Parada, indecisa, ouviu uma educada batida na porta de ligação.

Virou-se, surpresa. Não esperava que Cam fosse a seu quarto naquela noite. Foi invadida pelo mal-estar. Talvez ele viesse dizer ter chegado à conclusão de que o acordo entre eles era insustentável.

- Entre - disse, muito baixinho para ser ouvida, e precisou pigarrear e tentar novamente. - Pode entrar.

Cam abriu a porta e entrou. Usava apenas calça e uma camisa para fora da calça, aberta no peito. Os cabelos ainda estavam molhados do banho. *Ele parecia, pensou Angela, incrivelmente bonito,* e descobriu estar com vontade de chorar.

- Olá, Cam.

- Angela. - Ele deu outro passo. - Poderia vir até o meu quarto? Gostaria de conversar com você. - Estendeu a mão para ela.

Por um momento, Angela simplesmente o fitou. Devia estar certa. Ele queria lhe dizer que a única opção era a separação. Ou talvez fosse dizer que estava cansado daqueles joguinhos e insistir para que ela cumprisse com seus deveres matrimoniais.

Angela engoliu em seco e pegou-lhe a mão, deixando-se conduzir ao quarto dele. Disse a si mesma que não seria tão tola hoje à noite. Deixaria que ele a possuísse e lhe daria o conforto que

seu corpo pudesse fornecer. De alguma forma, esconderia a própria obstinação e relutância. Era loucura continuar a afastá-lo assim; ele ficaria cansado e a mandaria embora. A odiaria. E ela não desejava isso.

Angela tentou sorrir quando Cam fechou a porta e a conduziu até a cama dele. A imponente cama erguia-se, larga e pesada, com seus quatro maciços pilares prendendo o dossel de brocado verde. Angela manteve os olhos afastados da cama.

Cam sentou-se na lateral da cama e bateu num ponto a seu lado, encorajando-a:

- Venha. Sente-se comigo.

Angela ficou involuntariamente tensa, maldizendo-se por trair seu estado de desconforto. Não fora capaz de manter sua resolução nem por um momento.

Ele sorriu.

- Não se preocupe. Só quero conversar.

- Você deve me achar uma tola. - Angela subiu na cama e sentou-se a seu lado, sem fitá-lo, agudamente consciente do poderoso corpo a seu lado e dos poucos centímetros entre eles.

- Claro que não. Acho você uma jovem corajosa e disposta a sacrifícios por ter se casado comigo para salvar sua família.

Ela balançou a cabeça, mas não pôde pensar numa resposta. Cam continuou:

- Eu nunca a machucaria, Angie. Espero que saiba.

- Sim - respondeu, ofegante. - Sei que você é um homem gentil, Cam. Sempre soube. Mas não posso... simplesmente não posso evitar ficar tensa. Não é minha intenção. Eu não queria.

- Eu sei. - Ele cobriu com a sua as mãos contraídas, tranqüilizando-a. - E porque ele a assustou terrivelmente. Você não pode evitar ter medo de algo que a aterrorizou antes.

Lágrimas brotaram nos olhos de Angela.

- Tenho certeza de que você se arrepende de ter se casado comigo. Não tem jeito, estou devastada. Eu deveria ter lhe contado. Não deveria tê-lo deixado se prender a mim.

- Sshhh. - A voz era suave, mas firme. - *Você* não fez nada errado. Foram os outros que agiram errado com você. Inclusive eu.

- Não! Você não. Você foi tão gentil comigo, tão bom. Eu...

- Não. Eu a forcei ao casamento. Foi uma atitude egoísta e inescrupulosa. Só posso alegar em minha defesa não saber, na época, o quanto isso a assustava.

- Claro que não.

- Mesmo assim a forcei, assim como *ele* a forçou.

- Você não é como ele! -replicou Angela num ímpeto. -Em nada.

- Não sou. Pelo menos, não daquele jeito. Posso ser grosseiro e cruel, eu sei. Mas nunca a machucaria. O problema é que a desejo, entende? Mesmo sabendo como você foi maltratada, não posso apagar meu desejo por você.

- Eu sei - disse Angela, desesperada. - Não quero fazê-lo infeliz. Decidi que quero que você faça o que quiser. Eu... Eu estou perfeitamente de acordo...

- Não! Não quero forçá-la a nada, fazê-la suportar algo que odeia e teme. Quero fazer amor com você. Quero que sinta prazer, também, que me deseje como eu a desejo.

- Não posso! Eu lamento, lamento tanto, Cam, mas, de verdade, não posso. Eu queria sentir. Queria fazer desaparecer esses sentimentos detestáveis. Não quero ser frígida, mas não posso me controlar!

- Entretanto, por vezes, quando a beijei... toquei... - Ele pegou uma de suas mãos e segurou-a na dele, acariciando-a com os dedos. - Pensei ter percebido uma sombra de desejo em você. Um tremor, um beijo, um momento de entrega em que me pareceu demonstrar algum desejo por mim.

Angela desviou o olhar, corando.

- Sim. E verdade. Algumas vezes... eu quis que você continuasse me beijando, me tocando. Mas depois, não sei como, eu começava a me contrair; ficava assustada.

- Foi o que pensei hoje. Você sente desejo, mas depois, num determinado ponto, você congela. Acho que o motivo é porque bem no fundo você não confia em mim de verdade.

- Eu *confio* em você, Cam. Eu o admiro e respeito, e sei que você jamais...

- Palavras, Angel. Isso é a sua mente falando. Mas me refiro ao que o seu coração diz, o que seu corpo diz sempre que você sente uma faísca de paixão. Ele diz que você não pode confiar em mim, não importa o que a mente lhe diga. Seu corpo não acredita nas palavras, só conhece as ações, as coisas que aconteceram no passado. Palavras não podem apagar isso.

- O que está dizendo? - perguntou Angela, exausta. Tinha razão: o fim se aproximava. Ele estava dizendo ser inútil. Diria querer anular o casamento. Tinha todo o direito. Ela não poderia negar que o casamento não fora consumado. A culpa lhe pesou, o coração apertou diante da idéia de perdê-lo. - Você... você planeja me pôr de lado?

- Pôr você de lado? - Ele parecia atônito. - Claro que não. De onde tirou tal idéia?

- Mas pensei... que como não posso sentir o que deveria...

- Não se preocupe com o que deveria ou não deveria fazer. Não se trata disso. Trata-se de como fazê-la confiar em mim. Se você pudesse ter certeza de que eu não a machucaria, se pudesse se convencer da sinceridade de minhas palavras, então você relaxaria. Poderia se permitir experimentar as sensações, o prazer, sem se preocupar todo o tempo com o momento em que eu a atacaria como um cão raivoso. Você não acha possível?

Ela o olhou em dúvida, mas sacudiu a cabeça.

- Eu... eu imagino que sim.

- Foi por isso que fui até a aldeia e comprei isso. - Ele virou-se e pegou algo dourado e macio debaixo do travesseiro. Estendeu os objetos e Angela viu que ele segurava cordas entrelaçadas, estreitas e douradas, bastante macias e flexíveis, com franjas

enfeitando as pontas. Contudo, embora elegantes e atraentes, eram uma espécie de corda. Angela se encolheu, horrorizada.

Cam segurou-lhe o pulso para mantê-la na cama.

- Não, espere. Não se afaste. Não se assuste.

- Você pretende me amarrar? Você não precisa - garantiu-lhe sem fôlego, ainda olhando as cordas com medo. - Não tentarei fugir.

- Não! Claro que não vou amarrá-la. Isso arruinaria meu objetivo. Angela... estou tentando tranquilizá-la, não assustá-la ainda mais. As cordas são para mim. Quero dizer, são para você. Veja. - Ele colocou as cordas de seda em sua mão. - São para *you me* amarrar.

Atônita demais para dizer algo, ela simplesmente o fitou com olhos arregalados. Ele meneou a cabeça, encorajando-a. - Você amarra minhas mãos nos pilares e então saberá que não posso machucá-la. Você pode fazer o que quiser, o que gosta, e pronto. Você terá certeza absoluta de que, quando parar, não poderei fazer mais nada. Entende? Você não precisará confiar em mim. Saberá que será impossível eu forçá-la.

Angela o encarou, mal acreditando no que ouvia.

- Mas... mas não vai machucar você?

Um sorriso iluminou-lhe o rosto, aquecendo os olhos escuros.

- Você pode perceber que fui bastante cuidadoso em comprar cordas *macias*.

Ela não pôde evitar retribuir o sorriso, mas rapidamente ficou séria.

- Mas eu...

- Sim? - perguntou quando ela hesitou. - Você o quê?

- E o que acontecerá quando eu soltar as cordas? Vai chegar uma hora em que terei que soltá-las.

- O que quer dizer? Não estou entendendo.

- Bem, quero dizer, aí você estará livre e... - Ela calou-se e afastou o olhar, constrangida.

- Oh! Você quer dizer que então eu poderei machucá-la. - O coração dele se contraiu ao perceber o tipo de dor e medo oculto nas palavras. O pensamento nunca lhe ocorrera; era indicativo do que lhe tinha sido feito, do que poderia lhe ocorrer.

Ela balançou a cabeça, infeliz.

- Sinto muito. Sei que não deveria. Você é um bom homem. Mas eu... Eu não posso evitar pensar nisso.

Ele notou a preocupação em seus olhos, o medo de tê-lo ofendido e irritado. Queria tomá-la nos braços, confortá-la e garantir-lhe não estar zangado, que não a machucaria mesmo que estivesse. Mas sabia que seu abraço seria a última coisa que a deixaria segura. Era lastimável que com seu poder, com tudo que ele poderia fazer para protegê-la do mundo, era *ele* quem ela temia.

- Você tem razão. Eu jamais faria isso, mas não vou lhe pedir para confiar em minhas palavras. Esse é o objetivo da minha proposta: demonstrar que você não precisa confiar em mim. Só existe uma solução: não me desamarre. Meu valete o fará quando chegar.

- Amanhã de manhã? - Ela parecia chocada. - Ah, não, seria terrivelmente desconfortável ficar amarrado a noite inteira! Além disso, bem, seria constrangedor.

Ele notou que ela não dissera as palavras como uma conjectura, mas como uma constatação. Sabia o constrangimento e a dor de tal situação. Não pela primeira vez, Cam desejou ter o pescoço de Dunstan entre as mãos. Cuidadosamente dissimulou a raiva, temeroso de assustar Angela. Sorriu brincalhão e disse:

- Imagino que sim.

- Não. Não poderia fazer isso com você. - Ela sorriu. - Embora seja incrivelmente gentil de sua parte sugerir.

- Bem, então, por que não desamarra uma de minhas mãos e sai? Posso soltar a outra, mas até eu terminar você terá tempo suficiente para voltar ao quarto e trancar a porta.

- Oh! Sim, isso funcionaria. Está bem. - Ela corou. - Você deve me achar tola.

- Não. Apenas muito maltratada.

Ela continuou com o olhar baixo, fitando as cordas em sua mão, e depois de um instante Cam a incentivou:

- E então? O que acha? Está disposta a tentar?

Ela ergueu o olhar por um momento, os olhos azul-claros fitando, sem piscar, os olhos escuros de Cam. Depois concordou.

- Sim. - A voz não passava de um sussurro. - Vou tentar.

- Está bem, então. - Ele se moveu até estar sentado com as costas apoiadas na cabeceira e abriu os braços.

Angela o seguiu e, incapaz de encará-lo, pegou um dos braços pelo punho e começou a prendê-lo com a corda dourada.

- Certifique-se de estar bem apertada - instruiu-a.

- Mas não deve estar apertada - protestou. - Vai machucar.

- Não tão apertada que prenda minha circulação, mas quero que esteja segura de que não posso soltar minha mão.

Ela concordou, dando um nó cuidadoso e o testando. Depois, pegou a outra extremidade da corda e a prendeu no grosso pilar da cama. Debruçando-se sobre ele, prendeu a segunda corda em seu outro pulso e se esticou ao máximo para amarrar a extremidade no pilar da cama. Estava esticada em cima dele, o torso quase tocando o dele, e seu perfume inebriava-lhe as narinas. Cam molhou os lábios e considerou o fato de que aquela noite se submeteria a uma longa sessão de tortura.

Angela recuou e o olhou, seu rosto demonstrando uma ponta de insegurança. Os braços de Cam estavam abertos e ele parecia ao mesmo tempo vulnerável e em sofrimento.

- Você... tem certeza de estar confortável?

- Estou bem. - Não era desconfortável, longe disso! Mas ele não diria. Não quando cada parte dele ansiava para prosseguir com o experimento.

Angela o observou. O coração batia mais rápido no peito. A visão a fez sentir-se estranha, quente e um pouco confusa.

- Eu... O que devo fazer?

- O que quiser - respondeu com voz rouca. - Você tem total controle.

Angela baixou os olhos. Sentia-se nervosa, ofegante. Todo tipo de idéias estranhas começava a povoar-lhe a mente. Ela não sabia por que só de olhá-lo sentia um frio na barriga e aquela sensação de inquietação e comichão entre as pernas.

- Por que não chega mais perto de mim? - sugeriu. Obediente, aproximou-se até estar agachada ao lado dos quadris dele. Uma mecha de cabelo caíra na sua testa e ela estendeu a mão e afastou-a. Cam fechou os olhos e recostou a cabeça na cabeceira. Sem os olhos pousados nela, tomou coragem e passou as mãos em seu cabelo e repetiu o gesto, dessa vez enfiando os dedos as mechas grossas e lisas. Gostou da sensação e os dedos brincaram em seus cabelos, enrolando as mechas, alisando-as e esfregando as pontas no couro cabeludo. A respiração dele acelerou e o som fez algo estremecer dentro dela.

Ela mudou de posição. Era um pouco desconfortável sentar ao seu lado daquele jeito e se inclinar, esticando-se para tocar-lhe os cabelos. Quando voltou a se mover, ele sugeriu, com suavidade:

- Por que não se senta em meu colo? - Ela hesitou e ele acrescentou: - Monte em mim.

Normalmente, ela nunca teria feito algo tão sugestivo, mas sentia-se segura por saber que embora ele desse sugestões não poderia passar disso. Então levantou a saia e passou uma perna sobre ele, sentando-se em seu colo de frente para ele. Era muito mais fácil tocá-lo desse jeito, mas tinha plena consciência do calor que brotava do corpo dele ao se sentar, bem como da rigidez a latejar de encontro à sua carne macia. Mas, de novo, lembrou-se de que ele não poderia fazer nada para que ela se arrependesse de seus gestos, e só para se certificar, moveu-se novamente em seu colo, ajeitando-se.

Um gemido escapou-lhe dos lábios e seus braços retesaram-se nas cordas, mas sem poder se mover nem mais um centímetro além. Isso a fez se sentir um pouco culpada, mesmo quando teve início uma inegável e agradável sensação de poder dentro de si. Perguntou, ligeiramente ansiosa:

- Você está bem? Devo parar?

- Não! Céus, não, não pare. Faça o que quiser. E isso que quero de você.

- Está bem. - Ela olhou o rosto dele, que estava na mesma altura do dela, e segurou-o entre as mãos. Gentilmente esfregou os polegares por sua testa, alisando as linhas. Depois os moveu para as sobrancelhas e repetiu o movimento. As pontas dos dedos alisaram seus olhos fechados e as maçãs do rosto, ao longo da firme linha do maxilar e do queixo. A sensação da carne dele, macia mas rija, sobre o rosto anguloso proeminente era excitante. Maravilhou-se por nunca ter percebido o delicado contraste antes, a vulnerabilidade e a resistência.

Com o polegar, delineou o lábio superior, depois o inferior e a junção entre os dois. Ao fazê-lo, ele beijou-lhe o polegar, surpreendendo-a. Ela afastou a mão e ele abriu os olhos.

- Não, não pare. Desculpe. Prefere que eu não a beije? - Ele deu um sorriso apagado. - Esbofetei-me se eu sair da linha.

- Cam! Como pode dizer isso? Eu não o faria. De qualquer modo, eu... eu não me importo. - Ficara surpresa, mas a sensação fora tudo, menos desagradável. E agora ela podia deixar aquelas agradáveis sensações correrem soltas, percebeu. Não precisava se preocupar com o que viria a seguir. - Eu gosto - admitiu, um pouco encabulada, e colocou o indicador no lugar do polegar na junção de seus lábios.

Encorajado por sua afirmativa, ele entreabriu os lábios e os pressionou em seu dedo. Ele passou a língua ao longo de seu dedo e ela deixou escapar um gemido, mas não retirou o dedo. Ele o beijou e acariciou, brincando com ele com a língua. A boca era o único modo de tocá-la agora, o único meio de persuasão à sua disposição, e ele o usou ao máximo.

A expressão do rosto de Angela era de lascívia. Moveu os quadris sensualmente contra ele, dando início a um bombardeio de desejo. Ela afastou a mão, colocando novamente as duas em seu rosto e pressionou a boca contra a sua. Um arrepio o percorreu. Cam não desejava nada tanto quanto se apossar daquela boca, faminto. Mas se conteve, forçando-se a deixar que ela mantivesse o controle e o beijasse em vez de receber seu beijo.

Os lábios moveram-se nos seus. Depois a língua entrou em sua boca. Cam engoliu um gemido. Era a mais agradável tortura beijá-la assim, sentir-lhe a língua inexperiente explorar sua boca, enviando chamadas de desejo, e ainda assim ser incapaz de envolvê-la com os braços como ansiava e puxá-la contra ele. A língua deslizava na sua, enviando um longo tremor de paixão que se propagava pelo corpo. Ele respondeu com a própria língua, tomando cuidado para não ser muito arrojado e sim corresponder com os mesmos movimentos suaves e inseguros dela.

Foi recompensado com a respiração ofegante e com o modo como o calor incendiou a pele de Angela. A língua moveu-se mais atrevida e os lábios pressionaram os seus. Ela o beijou como se pudesse passar toda a noite beijando-o, experimentando diferentes ângulos, pressões e movimentos, aumentando-lhe cada vez mais o desejo até ele achar que explodiria. Ele não podia conter os gemidos que saíam de sua garganta ou evitar que os braços tentassem se livrar das cordas, sem sequer notar a dor das cordas apertando seus pulsos.

Finalmente, Angela parou de beijá-lo e o olhou fixamente. O rosto estava corado, os olhos exultantes, a boca molhada e ligeiramente inchada do ardor dos beijos. Era o rosto de uma mulher despertada para o prazer, e a visão excitou Cam ainda mais. Nada mais desejava no mundo a não ser a liberdade das mãos para poder tocá-la. Ainda assim, sabia que só teria esse prazer sem tocá-la.

- Nunca havia notado que você ficava... Quero dizer, em momentos assim - ela disse. A mão segurou-lhe o rosto e ela passou o polegar nos lábios machucados de paixão dele. - Diga-me o que mais fazer. Eu não sei como. Ah, espere! - Ela se lembrou de algo que Cam fizera com ela que incendiara seu corpo inteiro, quando eram jovens. Ela até sentira um arrepio de prazer quando ele o fizera depois do casamento, antes que a frieza se instalasse e afastasse o desejo.

Ela se inclinou e deu um beijo suave como pluma no lóbulo de sua orelha. Depois, gentilmente, tomou o lóbulo entre os lábios. Ele estremeceu e deixou escapar um gemido baixo. Angela sorriu,

consciente de que gemera, mas não de dor. Imitando com exatidão o que ele fizera, ela lambeu a carne com a ponta da língua e brincou com ela prendendo-a entre os dentes. Podia sentir o corpo inteiro dele incendiar-se e sabia que seus esforços eram bem-sucedidos. Moveu-se para a outra orelha e tentou o mesmo. Depois começou a beijar-lhe o pescoço, encantada com a suavidade da pele. A boca desceu por todo o pescoço, fascinada com a textura e com o calor. O côncavo de seu pescoço a intrigava e ela passou a língua nele. Ouviu a respiração presa em sua garganta e o som a excitou ainda mais.

Angela voltou a se afastar e a contemplá-lo e lhe ocorreu a vontade de ver-lhe o peito e os braços. Esticou as mãos e desabotoou-lhe a camisa. Afastou o tecido, mas a camisa ficou presa nos braços devido às mãos amarradas e aos braços esticados. Ela franziu as sobrancelhas.

Cam disse num tom de voz rouco:

- Corte-a.

- O quê? Sua camisa? Mas isso seria um desperdício. Ele deu de ombros.

- Se é o que quer, não hesite.

A idéia a intrigou e ela saiu da cama. Em poucos momentos voltou do quarto com uma pequenina tesoura de costura na mão. Cortou a frente da camisa, a manga, encantada com a própria ousadia. Como a minúscula tesoura não era muito afiada, assim que fez o primeiro corte pegou os dois lados do tecido nas mãos e rasgou a manga até o punho. Fez o mesmo com a outra manga, apreciando a sensação percorrendo-a do torso ao abdômen ao ouvir o barulho do tecido sendo rasgado. Deixou os trapos pendurados em seus pulsos e recuou, observando o peito e os ombros nus. Hoje, se deu conta, tinha liberdade para observá-lo, sem se preocupar com o que aconteceria. Poderia observá-lo tão detida e cuidadosamente como quisesse, sem se inquietar com o que ele pensaria ou faria.

Cam era magro mas forte, os músculos salientes devido à posição dos braços. A pele era morena e o peito levemente coberto por pêlo escuro descendo num triângulo invertido e desaparecendo

na calça. Os olhos moveram-se pelos ombros descendo até o peito, parando nos mamilos masculinos lisos.

Num impulso, repousou as palmas das mãos logo acima do peito dele e desceu-as devagar, rodeando o peito másculo e o estômago liso. Sentiu a curva do músculo, a aspereza dos pêlos, os firmes sulcos das costelas sob a pele.

Involuntariamente, ele se moveu inquieto ao toque, fechando os olhos. A respiração saía ofegante, fazendo o peito subir e descer. Enquanto ela examinava o rosto dele intensamente, buscando sinais evidentes de excitação, seus dedos voltaram aos botões de carne dos mamilos. Ela excitou os pequeninos botões, acariciando, comprimindo, apertando, vendo o rosto transformar-se numa máscara lasciva, ardente de desejo. A visão acendeu um pequeno fogo em seu próprio estômago ao constatar o prazer no rosto dele e saber que tinha poder para fazê-lo se contorcer, gemer e ansiar por ela.

Sorrindo quase maldosamente, Angela estendeu as mãos e começou a desabotoar-lhe a calça.

Capítulo Catorze

Uma luz brilhou nos olhos de Cam e ele respirou fundo. Angela o fitou, mas bastou olhar seu rosto - vendo a cor tomar-lhe a face e o brilho em seus olhos - para intuir que não precisava perguntar se ele preferia que ela parasse. Rapidamente ela segurou o cós da calça e a desceu. Ele ergueu os quadris da cama para ajudá-la e ela desceu a roupa pelas suas pernas, jogando-as na beirada da cama.

Virou-se e o fitou, cravando os olhos nele, da cabeça até a ponta dos dedos dos pés, em cada centímetro da carne nua. Quanto mais o olhava, mais a masculinidade vibrava e dilatava-se. Quando tinha completado o exame, ela percebeu que não bastava olhá-lo. Pousou as mãos em seu peito e começou a exploração com as pontas dos dedos. As mãos desciam e subiam pelos braços, depois em seu peito, dedicando atenção especial aos pequeninos botões que endureciam e inchavam ao seu toque. Ela penteou os pêlos, alisando-os num V, e arranhou-lhe o abdômen com as unhas.

As mãos se separaram e moveram-se devagar pelas pernas. Ao atingir seus pés, as mãos voltaram a subir pela parte interna das pernas, afastando-lhe com firmeza as coxas até finalmente parar no pesado volume entre elas. A respiração dele agora parecia um trem de carga, e a pele brilhava de suor. A masculinidade estava dura e intumescida, a pele acetinada e retesada. Hesitante, Angela estendeu a mão e tocou-o com as pontas dos dedos.

Cam sacudiu-se e gemeu, e ela afastou a mão.

- Não - implorou. - Está bem. Faça o que quiser. Não se preocupe comigo.

Ainda envergonhada, ela estendeu a mão e passou as pontas dos dedos pelo membro. Ele se moveu descontrolado, emitindo um barulho profundo na garganta, mas dessa vez Angela não se afastou. Pelo contrário, curvou a mão devagar em volta do bem provido e latejante membro. Cam moveu os lábios, investindo para cima contra sua mão, e ela compreendeu que ele queria ser acariciado. A idéia a deixou curiosa e ela o acariciou, esfregando a mão fechada por todo o caminho até a parte inferior do membro.

Ela já segurara o membro de Dunstan antes, é claro, e movera a mão nele quando obrigada, mas não era a mesma coisa. Não havia prazer, só medo. Era diferente com Cam. Havia algo excitante em tocá-lo e ver sua reação. Queria repetir. As pontas dos dedos deslizaram por trás do membro, explorando as diferentes texturas, e encontrou os testículos. Segurou-os e acariciou-os devagar. Ele gemeu, puxando os braços, o rosto contorcido como se estivesse sendo torturado.

Angela o soltou e limpou-lhe o suor da fronte e dos lábios.

- Lamento machucá-lo - sussurrou, curvando-se para beijar-lhe o lábio superior e em seguida o inferior.

- Não lamente - assegurou-lhe. - Você está me matando, mas é o paraíso.

Angela sorriu. Num impulso, inclinou-se e beijou o mamilo masculino. Depois, curiosa, circundou o pequenino botão com a língua. Começou a lambar e a chupar, prendendo o mamilo entre os lábios e manipulando-o. Em segundos, Cam estava se contorcendo devido a suas carícias. Ela montou mais uma vez nele, pensando como era intrigante sentir-lhe o membro pulsando contra seu mais íntimo ponto e desejou não estar vestida para poder senti-lo na pele nua. Mas não tinha tempo para isso agora. Anotou mentalmente para não se esquecer disso amanhã. No momento, seu único interesse era se sentar em seu colo e devotar tempo e atenção ao outro mamilo. As mãos moveram-se para cima e para baixo dos quadris, acariciando e apertando, enquanto a boca provocava os dois pequeninos botões.

Cam repuxava as cordas blasfemando. Moveu os quadris debaixo dela, buscando libertar a paixão que pulsava dentro de si. Nunca sentira tanto prazer como agora com a exploração ingênua e faminta de seu corpo, mas também nunca sentira tamanha frustração. Ansiava por estar dentro dela, senti-la apertá-lo, investir sem parar, até encontrar alívio.

O calor aflorou entre as pernas de Angela. Podia sentir as batidas pulsantes de paixão dentro de si e queria mais, queria... algo.

Não sabia exatamente o que desejava, mas o próprio querer era excitante. Pensou em chegar à conclusão natural: de deixá-lo penetrá-la.

Mas a simples idéia a fez se contrair por dentro, o prazer e a expectativa desaparecendo. Melhor parar por aqui, raciocinou. Afinal, ela *não precisava* prosseguir. Olhou o rosto de Cam. Ele estava no ápice da paixão e ela sabia que ele não gostaria que parasse. Sentiu um ligeiro calafrio de medo de finalmente se defrontar com a raiva dele e logo a seguir veio a culpa por deixá-lo frustrado ao se negar a ele. Recordou que Cam dissera que poderia parar quando quisesse. Ele dissera que ela *deveria* parar ao atingir os limites de seu desejo.

- Eu... eu vou parar agora - disse, hesitante.

Ela o viu debater-se nas cordas e um gemido escapou-lhe dos lábios.

- Sinto muito.

- Não. - Ele sacudiu a cabeça, olhando-a fixamente. - Eu disse a verdade. Só o que você quiser fazer. Não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

Angela saiu da cama e foi até a pilastra onde a mão direita estava amarrada. Desfez o nó quase por completo, bastando apenas um puxão para desfazer o resto do nó. Depois recuou rapidamente e, virando-se, correu para o quarto. - Na porta, parou e voltou o olhar para Cam. Ele usava a mão para soltar a outra corda e parou para fitá-la ao sentir-lhe o olhar. Sorriu e prosseguiu em sua tarefa. Angela foi para o quarto sentindo-se leve e com vertigens. Fechou a porta.

Quando acordou na manhã seguinte, Angela mal podia acreditar nos acontecimentos da noite anterior. Tudo parecia um sonho bizarro, fantástico. Recordou-se do ocorrido para se convencer de que realmente ocorrera e sentiu de novo um estranho calor entre as pernas. Os mamilos ficaram pesados e duros e se surpreendeu ao constatar que o corpo podia reagir daquele jeito.

Kate apareceu alegre naquele exato momento, abriu as cortinas e pegou roupas de Angela, que pouca atenção prestou ao

que ela dizia, enquanto mecanicamente saía da cama e deixava Kate ajudá-la a se vestir.

Angela se perguntava como poderia encarar Cam novamente e o que diria ao vê-lo. Seu comportamento fora tão estranho, tão diferente do habitual. O que ele pensaria a seu respeito agora? Estava certa de que ele deveria se arrepender do que lhe oferecera na noite anterior. Devia ter sido uma experiência insatisfatória e frustrante para ele e, de acordo com sua experiência, os homens não lidavam bem com frustrações. Hoje, com certeza, ele lhe diria que o joguinho terminara. A punhalada de arrependimento sentida a surpreendeu.

Quando estava completamente vestida e os cabelos presos num coque frouxo no topo, com pequenos fiapos escapando nas laterais, Kate deu um passo atrás e a examinou com satisfação.

- Bem, agora, milady, a senhora está perfeita, posso lhe garantir. E bom ver esta luz de volta em seu rosto. Já fazia tempo demais. - Kate sorriu abertamente. - Imagino que tenha a ver com Cam, não é?

Angela corou até a raiz dos cabelos com as palavras de Kate, o que fez Kate gargalhar.

- Ah, meu Deus, atingi um nervo, não foi? Talvez esteja na hora de deixar esta porta entre os quartos aberta. O que me diz?

- Kate, quieta! - Angela saltou e saiu às pressas do quarto.

Desceu correndo as escadas e entrou na sala de jantar, rezando do fundo do coração para Cam não estar ali. Suas preces não foram atendidas. Assim que entrou, os olhos o encontraram, sentado placidamente tomando o café-da-manhã. Para tornar as coisas piores do que imaginara, entretanto,, viu que justo naquela manhã a avó e a mãe haviam decidido descer para o desjejum. Mesmo o madrugador Sr. Pettigrew tinha aparentemente se atrasado, pois também estava à mesa. Angela só podia agradecer por pelo menos Jeremy ter voltado para Londres.

- Bom dia, minha querida - disse Cam, levantando-se e sorrindo ao vê-la.

Novamente Angela não pôde deixar de corar, embora grata desta vez pelo rubor surgir apenas em seu rosto.

- Como você está adorável esta manhã - prosseguiu, puxando a cadeira a seu lado para que ela se sentasse. - Obviamente, você deve ter tido uma noite reparadora.

Os olhos de Angela se abriram um pouco diante do comentário e ela olhou rapidamente para a avó.

Mas lady Bridbury apenas acenou, dizendo, em sua voz rouca:

- Ele tem razão, Angela. Você está absolutamente divina esta manhã. Não está, Laura?

- Sim, minha querida - garantiu a mãe, dando um vago olhar na direção da filha. - Positivamente adorável. Mas, afinal, ela sempre o foi.

A avó soltou um deselegante muxoxo.

- Ah, Laura, não banque a tola. Angela tinha a aparência apagada há anos.

- O quê? Ah, não. Não acho. Angela nunca fica doente, a senhora sabe.

Lady Bridbury revirou os olhos. Angela sentou-se às pressas na cadeira e um lacaio serviu-lhe café.

Cam continuou, com um incontrolável piscar de olhos:

- Também tive uma noite ótima. Sonhos muito interessantes. Você teve sonhos interessantes, minha querida?

- Sim, obrigada - disse Angela, lançando-lhe um olhar destinado a parar com seus vãos de gracinhas.

Lady Bridbury entrou na conversa.

- Sabe, isso me faz lembrar que também sonhei a noite passada. Não é impressionante todos nós sonharmos assim? Deve ser a lua.

- Sim, provavelmente - respondeu Angela, tentando ignorar o sorrisinho de Cam.

O restante da refeição transcorreu no mesmo clima: Cam fazia comentários carregados de duplos sentidos, sorrindo e a

provocando com os olhos. A avó e a mãe respondiam - no caso da mãe, normalmente com respostas que fugiam totalmente aos comentários formulados -, até Angela não poder conter o riso.

Finalmente Cam pediu licença às senhoras e se retirou para o escritório com Pettigrew. Angela percebeu que devia se sentir aliviada, mas, ao contrário, a manhã pareceu ter se tornado de repente sem graça. Como conseguiria atravessar o dia?

Pegou os cachorros para uma caminhada, mas não ajudou em nada. Começou três desenhos e estragou todos. Tentou ler, depois tentou bordar e, finalmente, passou uma hora tricotando, até se dar conta de que teria que desmanchar tudo e recomeçar, diante dos óbvios erros cometidos.

Sua mente não se fixava em nada... exceto nas coisas que fizera com Cam na noite anterior. Parecia não conseguir *parar* de pensar naquilo. Devia ser alguma perversão bem enraizada que a fazia continuar a insistir nos acontecimentos da noite anterior, alguma licenciosidade que nunca suspeitara antes existir. *O que Cam havia despertado nela?*

O nervosismo piorou durante o dia até, finalmente, na hora de mudar a roupa à noite e se preparar para dormir, estar tão agitada que se via incapaz de ficar parada. Andou de um lado para o outro no quarto, indo da janela para o armário, do armário para a porta, para voltar e retomar os passos, brincando com a faixa do penhoar. Continuava a acreditar que Cam não ia querer repetir a experiência da noite passada. Ainda assim, não conseguia reprimir a esperança de que ele quisesse. Quando, por fim, ouviu uma batida na porta, pulou e se voltou, o coração palpitando como se prestes a saltar-lhe do peito. Atravessou o quarto devagar e abriu a porta.

Cam estava parado do outro lado, vestido como na noite anterior, usando apenas calça e uma camisa branca. A camisa aberta no peito, expondo uma fatia de pele desnuda. Numa das mãos, casualmente, segurava as cordas entrelaçadas. Os olhos de Angela foram direto para as cordas. Sem nada dizer, Cam as estendeu, oferecendo-as, as sobrancelhas arqueadas interrogativamente. O coração de Angela batia tão selvagemmente

que ela ficou feliz por não precisar falar. Tão silenciosa quanto ele, estendeu a mão e pegou as cordas.

Cam virou-se e voltou para o quarto. Tirou a camisa, dizendo: - Se não se importa, acho que vou tirá-la primeiro... para salvar algumas peças do meu guarda-roupa.

Angela teria feito algum comentário inteligente, se pudesse imaginar algum, mas estava muito ocupada fitando a pele lisa das costas musculosas. Cam encaminhou-se para a cama, mas ela estendeu a mão e tocou-lhe as costas e ele parou imediatamente.

- Espere. Eu... poderia fazer diferente? - perguntou em voz baixa. Estava vermelha de vergonha, mas foi em frente.

- Claro. - Ele não se movera um centímetro, parado de pé, esperando passivo, mas ela podia ver a tensão em cada músculo das costas. Cam não estava indiferente. - Como preferir.

- Eu... eu não tinha visto suas costas - explicou Angela agitada, contente por ele não ver o rubor que lhe inundava o rosto.

Ouviu a respiração agitada dele. Cam ficou em silêncio durante uma batida do coração e ao falar, a voz estava rouca.

- Ah... por que não fico de pé? - Ele se virou, estendendo as mãos para ela, com os pulsos unidos. - Você pode prendê-los na pilastra da cama.

Ao recuar, olhou-o. Os olhos negros queimavam com um fogo profano e, como resposta, ela sentiu uma chama espalhar-se por seu abdômen.

Um pouco insegura, moveu-se atrás dele. As costas eram lindas; nunca antes sonhara que pudesse estremecer apenas ao observar as linhas esculpidas dos músculos. Colocou as mãos em seus ombros e desceu-as lentamente pelas costas, passando-as pelos músculos saltados. Com o indicador, traçou a linha de sua espinha dorsal. Podia ouvir a respiração de Cam saindo arfante da garganta, ver as costas tensas, cada músculo contraído. Olhou para as mãos dele e viu que seguravam a pilastra da cama com força.

Angela chegou mais perto e passou os braços em torno dele, os dedos indo para o cós da calça para desabotoá-la. Ele engoliu um gemido. Depois que ela desabotoou-lhe a calça, enfiou a mão na

parte traseira, descendo-as até as nádegas. A calça caiu no chão e ele a chutou. Angela deu um passo atrás, admirando as curvas das nádegas e as pernas. Ele era ainda mais bonito assim, cada linha acompanhando naturalmente a outra. Ela não podia resistir à tentação de tocá-lo.

As mãos alisaram-lhe os quadris e as pernas. Gostou de sentir as diferentes texturas: o macio e carnudo traseiro, o pêlo áspero das pernas. Lentamente, percorreu as laterais das pernas com as palmas das mãos. As mãos curvaram-se em torno das panturrilhas e subiram pela parte interna das pernas. Ele não conseguiu conter o gemido dessa vez e agarrou-se com tanta força à pilastra da cama que os nós dos dedos estavam brancos. Moveu as pernas, afastando-as, dando-lhe livre acesso.

Angela brincou com ele, movendo as mãos por todas as costas, num momento, rapidamente, no outro, devagar, subindo como uma pluma por sobre suas pernas, depois apertando com firmeza os montes carnudos do traseiro, antes de excitar os testículos. Quando se cansou da brincadeira, recomeçou com a boca, explorando-lhe a espinha com a língua. Gotas de suor brilharam na pele; o gosto era salgado e delicioso. Enquanto se banqueteava nele, as mãos o envolveram e acariciaram-lhe o peito e o abdômen, cegamente encontrando os mamilos enrijecidos e excitando-os ainda mais.

Percebeu que queria sentir a pele nua contra a sua. Rapidamente recuou e tirou o penhoar e a camisola. Nua, pressionou o corpo contra as suas costas. Os mamilos roçaram-lhe as costas enquanto se movia para cima e para baixo e as mãos ocupavam-se com a parte da frente. A masculinidade dele estava dura e intumescida e encheu-lhe totalmente a mão. Ele moveu os quadris involuntariamente, excitado e tremendo com o toque.

Havia um tremendo calor entre as pernas de Angela; suas entranhas pareciam cera derretida. Tinha consciência de um crescente desejo dentro de si, uma ânsia de ser preenchida, de sentir a poderosa masculinidade dentro dela, abrindo-a, penetrando-a bem fundo. Pensando nisso, ela mordiscou-lhe as costas. Ele contorceu-se convulsivamente.

- Por favor - murmurou. - Me beije, Angela.

Num segundo ela estava na cama, ajoelhando-se para fitá-lo, os braços rodeando-lhe o pescoço. Ela o beijou demorada e apaixonadamente, consumindo-o, e ele retribuiu o beijo com a mesma avidez.

- Quero estar dentro de você - sussurrou. - Céus, Angela, coloque-me dentro de você.

Ela se afastou e o encarou. Os olhos brilhavam selvagens; o rosto transtornado pelo desejo. Ela queria fazer o que ele pedira, mas um último vestígio de medo não lhe permitia atender a seu pedido. Ela balançou a cabeça.

- Sinto muito.

Ele gemeu, descansando a cabeça entre as mãos, mas não protestou. Simplesmente a olhou faminto, os olhos examinando-lhe o corpo nu. Angela percebeu com alguma surpresa que não queria se desvencilhar daquele olhar. Gostava dos olhos nela; a fome em seu rosto causou-lhe um arrepio. *Ainda assim*, pensou, para o bem dele, *deveria parar com o que fazia*. Devia ser uma tortura para Cam.

- Eu devo ir.

- Não. Não vá. Não quero que pare.

- Mas receio magoá-lo.

- Você está me matando - respondeu ele com simplicidade, a respiração arfante. Ele sorriu. - Mas morrerei feliz.

Angela moveu-se inquieta na cama. Queria mais; algo dentro dela ansiava por satisfação. Ainda assim, não conseguia permitir que ele a penetrasse, dominando-a, assumindo o controle. Ele viu-lhe a indecisão e deve ter adivinhado o motivo, pois disse mansamente:

- Por que não me deixa mostrar-lhe algo?

- O quê?

- Eu posso ajudá-la. Posso lhe dar prazer sem penetrá-la.

- De verdade? - Os olhos se arregalaram duvidosos. Ela não compreendia como, mas afinal, nunca sentira nenhum prazer

sexual antes, raciocinou. Devia haver muitas coisas que desconhecia. - Como?

Ele molhou os lábios, o desejo avassalador atingindo-o ao ver seu olhar ardente.

- Vou mostrar. Você precisa soltar uma de minhas mãos.

Ela o olhou, desconfiada. Soltar-lhe uma das mãos, significaria tirá-lo da pilastra da cama e soltar ambas por alguns momentos. E ele estava pulsando de desejo; os olhos selvagens de prazer; a pele em fogo.

Ele respirou calmamente, a mente funcionando a todo valor.

- Está bem. Olhe, pegue a outra corda, a que você não usou, e prenda um pulso na pilastra antes de soltar a corda que prende ambos os pulsos. Depois pode desfazer o outro e se afastar de mim na cama tão longe quanto possível, para um lugar onde eu não possa tocá-la. Então não poderei machucá-la. Você pode fugir de mim num instante.

Angela hesitou mais um instante e depois disse:

- Está bem.

Rapidamente, ela seguiu suas instruções, prendendo um pulso na pilastra e depois desfazendo a corda que prendia os dois pulsos juntos. Ela afastou-se dele na cama. Ele estendeu a mão para ela, esticou-a o máximo possível e, por cautela, ela se moveu até ele poder tocá-la. Ele esfregou as pontas dos dedos em seu estômago e deslizou-os gentilmente entre suas pernas.

Ela fugiu para longe de seu alcance, atônita. Cam nada fez. Apenas esperou pacientemente, e ela retornou. Ele deixou escapar um gemido baixo, os dentes mordendo o lábio inferior, os olhos fechados.

- Oh, céus, você está pronta para mim. - Ele acariciou as pregas escorregadias de carne suavemente. - Tão molhada.

- Você... você não se importa? Ele riu.

- Não. É bom. É assim mesmo.

Os dedos trabalhavam com habilidade, separando as dobras, acariciando e roçando, atijando as chamas da paixão.

Angela deixou escapar um gemido suave. Nunca imaginara que um homem pudesse tocá-la assim, que ela pudesse sentir o calor se apossar de seu corpo. O dedo entrou dentro dela, surpreendendo-a, mas ela não se importou. Os mamilos ficaram intumescidos e doídos e ela imaginou como seria bom ter a boca dele em seus mamilos naquele momento. Depois o dedo acariciante encontrou a pequena saliência de carne no órgão de sua feminilidade e ela se esqueceu de tudo mais. Gemendo, moveu os quadris, perdida na sensação, mal sabendo o que fazia.

Cam a observou com olhos faiscantes quando ela jogou a cabeça para trás, com rosto lascivo, preso nas garras do desejo. A própria paixão dele pulsava, aumentada pela sua. Continuou a afagá-la, o dedo pressionando o clitóris endurecido. Angela contorceu-se, um baixo e choroso grito escapando dos lábios, e se moveu contra a mão, até finalmente desmoronar na cama.

Ficou deitada enroscada por um longo momento, muito abalada para se mover. Nunca sentira, nunca sequer imaginara nada semelhante. A paixão crescera até algo parecer explodir dentro dela, enviando ondas de puro prazer físico pulsando em seu corpo. Agora se sentiu incapaz de se mover, sem forças e totalmente satisfeita. Arriscou um olhar na direção de Cam através dos cílios semicerrados. Ele estava parado, a testa contra o pilar da cama, ambas as mãos segurando a madeira. O corpo coberto com uma fina camada de suor; a masculinidade enorme, magnificamente ereta. Ela sabia que ele lutava por se controlar. Uma onda de tristeza a varreu. Agora compreendia o que ele queria. Sentira a liberação que lhe negara.

- Sinto muito.

Ele ergueu o rosto para ela, um leve sorriso nos lábios.

- Sente muito? Esta não era a reação que eu esperava.

- Não estou dizendo que sinto muito pelo que acabou de acontecer. - Ela se espreguiçou languidamente, apertando com as pernas o agradável e débil pulsar que ainda permanecia ali. Os olhos dele acompanharam-lhe o movimento, chamas emergindo

das profundezas, e ela não pôde evitar um toque de satisfação ao constatar como a visão de seu corpo nu podia excitá-lo.

- Lamento provocá-lo.

- Como está fazendo agora? - perguntou, ironicamente, começando a soltar o nó com a mão livre.

- Sim. Devo ter uma tendência à crueldade. - Ela deslizou na cama e se ajoelhou, passando os braços em torno dele e pressionando os lábios no ombro nu. - Sou cruel por deixá-lo neste estado toda noite. Talvez eu não devesse.

- Um dia você não me deixará insatisfeito - disse, a voz levemente trêmula. - E esse dia compensará os demais. Além disso, se você descobriu ter tendência à crueldade, descobri que me inclino ao masoquismo. Deliciei-me a cada segundo com o que fez comigo nas últimas duas noites. Esperei 13 anos por isto. Posso esperar mais algumas noites.

Angela beijou-o na boca. O braço livre dele a envolveu, puxando-a contra o corpo por um momento para soltá-la a seguir. Ela sussurrou-lhe ao ouvido:

- É sempre isto que se sente?

Ele sussurrou em resposta: - Às vezes é ainda melhor.

Ela sorriu e beijou-lhe o rosto, depois saiu da cama e voltou para seu quarto. Ele a viu sair e quando a porta se fechou soltou um profundo gemido e recostou-se pesadamente na pilastra. Ele não mentira ao dizer como havia gostado de ter o corpo explorado. Tinha sido sua mais agradável experiência. Mas começava a se perguntar se conseguiria sobreviver ao prazer.

Por dois dias não pensara em nada além de Angela e nas coisas deliciosas e frustrantes que ela fizera com ele. Seus nervos estavam corroídos, prestes a se romper, e ele quase não dormia desde que deram início ao experimento. Começava a se perguntar se sobreviveria para assistir ao final da cena.

Angela sentou-se ao lado de Cam na mesa do desjejum, resplandecente num de seus vestidos novos, um modelo de musselina amarelo que realçava seus cabelos ruivos. Os olhos pareciam mais azuis e brilhantes naquela manhã, a boca mais

macia, a pele mais semelhante à porcelana. Cam sentiu-se excitado só de olhá-la e estava em dúvida se desejava xingá-la ou beijá-la. Toda vez que a via, a desejava mais. Não tinha certeza se agüentaria por muito mais tempo.

Lançando um olhar de esguelha para Cam, Angela viu a boca contraída, as olheiras, a pele repuxada sobre os ossos do rosto e os olhos brilhantes. Ele segurou o garfo com força. Parecia a imagem de um homem equilibrando-se no precipício do desejo.

Angela se aproximou, colocando a mão em sua perna, e Cam mexeu-se convulsivamente. Ele a olhou; os rostos a apenas poucos centímetros de distância. Ela podia ver as chamas ardendo nas profundezas de seus olhos.

Chegou os lábios perto de sua orelha e sussurrou:

- Nosso experimento é só à noite? Ou podemos realizá-lo durante o dia?

O garfo caiu da mão dele, que engoliu em seco, incapaz de pronunciar uma palavra. Angela continuou:

- Não quero esperar até a noite.

Ela se afastou, observando-o. Teria sido muito ousada? Talvez ele não gostasse. Mas, desde que levantara de manhã, fora incapaz de pensar em nada a não ser no que experimentara na noite anterior. Queria senti-lo de novo, e logo.

- Você não precisa esperar. - A voz dele parecia embaraçada. Ele se levantou abruptamente, empurrando a cadeira para trás e segurando a cadeira de Angela.

Ela sorriu e se levantou, repousando formalmente a mão em seu braço e o deixou conduzi-la para fora da sala de jantar e pelas escadas. Quanto mais se aproximava do quarto, mais rápido ele andava. Ao alcançarem a porta do quarto, Angela quase precisava correr para seguir-lhe os passos. Cam bateu a porta e trancou-a, e começou a despir-se. Estava completamente nu antes que Angela tivesse conseguido desabotoar os inúmeros botões do vestido.

. Cam pegou as duas cordas da gaveta da cômoda e as estendeu. Angela podia notar seu estado de alta excitação. Ele

sentou-se na cama e ela prendeu-lhe os pulsos nos pilares da cama. Depois, ela saiu da cama e começou a despir o restante das roupas.

Podia sentir os olhos ardendo enquanto se despia e percebeu que retardava o ato de se despir, apreciando o calor dos olhos. Enfatizou cada movimento, tirando as meias com as duas mãos, acariciando as pernas ao fazê-lo e tirando a chemise lentamente por sobre os seios, deixando a carne macia roçar ligeiramente o tecido, expondo os mamilos escuros. O súbito e audível arfar da respiração dele demonstrou o quanto a revelação provocante o afetara.

Ela o encarou. Os olhos dele estavam em chamas; ela quase podia sentir-lhes o calor. Angela tirou a última peça do vestuário e subiu na cama. Plantou um beijo na palma da mão dele, depois beijou os braços até chegar ao ombro. Enfiou os dedos em seus cabelos e, segurando-lhe a cabeça com firmeza entre as mãos, beijou-lhe todo o rosto, pescoço e orelhas. Os lábios o tocavam por todo lado, exceto na boca, aumentando-lhe a ansiedade a um ponto de alucinação. Depois, finalmente, os lábios encontraram os seus. Ele soltou um gemido e a beijou desesperadamente.

Angela posicionou-se e sentou-se lentamente em seu colo. A masculinidade intumescida pressionou-a intimamente, nenhuma roupa entre eles. Ela desceu o corpo para poder refestelar-se nos mamilos duros. Seus próprios mamilos estavam inchados e doídos e ela percebeu o quanto queria sentir a boca de Cam neles. Então, ergueu-se nos joelhos, esticando-se e descendo-lhe a cabeça para sedutoramente esfregar o mamilo em seus lábios.

Ele sorriu, a língua circulando o botão áspero. Suavemente ele o acariciou, provocou, depois o prendeu na boca e chupou. Toda a paixão e desejo por Angela estavam concentrados em sua boca, sua única conexão, sua única chance de sedução. Ele a amou com os lábios, dentes e língua, movendo-se de um seio ao outro, num momento gentil, no seguinte provocador e, num outro, sedutor. Ele queria tocá-la, ansiava por colocar a mão entre suas pernas como fizera na noite anterior, sentir o orvalho da paixão dela em sua pele enquanto se banqueteara em seus seios. Ele retesou os braços, os músculos saltando.

Angela fechou os olhos sob o assalto de prazer. Leves gemidos escaparam. A cada mordida, a cada lambida, a sensação corria direto para seu abdômen, como se sob o controle de uma corda. A carne macia entre as pernas estava inchada e latejante, ensopada. Suas entranhas ardiam e havia um vazio no centro de seu ser. Ela moveu os quadris sugestivamente, sem perceber o que fazia. Imaginou-o dentro de si, preenchendo o vazio, e pela primeira vez a idéia não pareceu assustadora, mas convidativa.

Ela retraiu-se. Cam gemeu diante da perda, seguindo-a, buscando-lhe o seio. Mas ela se movera para onde ele não podia alcançá-la, não importa o quanto ele esticasse os braços presos às cordas.

- Não - implorou. - Não vá. Solte minha mão e deixe-me lhe dar prazer novamente.

Angela balançou a cabeça.

- Não. Eu quero... quero fazer de verdade.

Cam ficou imóvel. A paixão o devorou com tanta força que ele ficou ligeiramente tonto. Incapaz de pronunciar uma palavra, apenas o óbvio desejo em seu rosto falou.

- Podemos? Está bem assim?

Cam concordou. Ela estava sentada com as pernas abertas. Só precisava se mover para a frente e descer em seu membro rígido. Só de pensar ele ficava ainda mais excitado. Se as mãos estivessem livres, agarraria os quadris dela e a guiaria.

Angela se moveu à frente e segurou-lhe o membro de leve entre as mãos. Devagar se abaixou, guiando a masculinidade túrgida até o portão de sua feminilidade. Parou, a ponta do membro pulsando contra a carne escorregadia. Cameron fitou-a no fundo dos olhos enquanto ela lentamente descia, recebendo-o.

Os olhos de Angela arregalaram-se ao sentir o corpo distender-se para acomodá-lo. Quando lentamente se sentou e ele a preencheu progressivamente, até a base de seu membro, ela deixou escapar um som baixo, gutural, os olhos fechando-se de pura satisfação física. Nunca sentira nada assim, nunca recebera um

homem dentro de si sem dor, nunca sentira a pura satisfação e prazer de ser ocupada ao máximo.

Ela arrepiou-se. Cam lutou por controle; não poderia despejar sua seiva como resposta ao prazer vaginal estampado no rosto de Angela. Ele contraiu os punhos, louco por enfiar os dedos na carne firme do traseiro dela, para movê-la em seu membro túmido, para arremeter os quadris contra ela uma, duas vezes, até atingirem o clímax.

No exato momento em que conseguiu assumir o controle do desejo, como se a ele se agarrasse com as pontas dos dedos, Angela começou a se mover, enviando ondas de prazer por todo seu corpo. Ela se sentou, quase até a base de sua masculinidade, e depois desceu até o fim. Solto um suspiro estranho e entrecortado e começou a rebolar, apreciando as diferentes sensações. Passou a mão por trás da cabeça de Cam e agarrou a cabeceira, cravando as unhas à medida que se movia cada vez mais rápido, cavalcando rumo ao prazer, quase insuportavelmente fora de seu alcance. Cam arquejou, puxando as amarras com toda a força, quase ensandecido de desejo, lutando por reter um último pequenino resquício de controle.

Depois ele lhe escapou, e a escuridão o envolveu. Solto um grito rouco ao descer por uma espiral selvagem. Os quadris remexiam-se descontrolados debaixo dela, e de repente o músculo selvagem dentro de Angela que o prendia relaxou. Ele solto um grito alto e cortante, tão selvagem quanto a sensação dentro dela.

Angela desmoronou em cima dele, tentando recuperar o fôlego, e os braços apertaram-lhe o pescoço com força.

- Cam, oh, Cam...

Cam sussurrou seu nome em resposta, esfregando o rosto em seus cabelos.

- Solte-me. Preciso abraçá-la.

Ela não queria retirar as mãos dele nem por um instante; porem queria os braços dele em volta dela tanto quanto ele o desejava, então Angela solto os nós. Os dedos tremiam tanto que ela mal conseguia completar a tarefa, mas finalmente os pulsos

ficaram livres e os braços dele a envolveram, apertando-a contra si. Cam mergulhou o rosto em seus cabelos, incapaz de fazer nada além de respirar e a segurar. Seu mundo inteiro, sua vida, tinham sido reduzidos àquele momento, um breve instante, e parecia que jamais poderia desejar alguma coisa além daquilo.

- Eu amo você, Cam - sussurrou Angela. - Eu amo você.

- Eu amo você.

Nada mais precisava ser dito.

Capítulo Quinze

Angela recostou a cabeça na janela do trem, acompanhando a paisagem o mais longe que a vista conseguia alcançar.

- Chegamos, Cam - disse, a animação evidente na voz. - Beckford-Hollings.

No assento à frente, Cam retribuiu o sorriso. A animação dela era mais prazerosa do que a própria. Haviam recebido uma carta da filha do pastor aposentado duas semanas atrás, agradecendo a Angela pelo gentil interesse em seu pai e respondendo que o pai realmente se lembrava de Grace Stewart e ficaria contente em recebê-los. Angela tinha esperança de que o ministro fosse capaz de contar a respeito do pai de Cam e das circunstâncias do nascimento de seu marido. Cam, entretanto, não tinha tanta certeza. Havia se frustrado tantas vezes na busca por sua origem que achava mais seguro e mais fácil assumir que também dessa vez nada descobriria.

Apesar disso, alterou os planos da viagem de negócios a Londres e partiram de Bridbury um dia antes. Dessa vez o Sr. Pettigrew e Kate os acompanharam, pois um assistente para os negócios e uma criada para ajudar Angela a se vestir em Londres eram essenciais. Jason Pettigrew parecia animado durante todo o percurso diante da possibilidade de voltar à civilização, e a face de Kate estava rosada de prazer por mudar de cenário.

No passado, ao refletir sobre um retorno a Londres, os únicos pensamentos que vinham à cabeça de Angela eram a humilhante experiência do divórcio, o subsequente exílio da sociedade e, pior ainda, a assustadora probabilidade de encontrar lorde Dunstan. Dessa vez, entretanto, nem sequer pensara na última possibilidade. As únicas coisas que considerara eram Cam e o que fariam em Londres.

Não se hospedariam na Bridbury House com Jeremy. Cam havia tomado providências para alugar uma casa só para eles no moderno bairro de Mayfair. Angela sempre considerara as agradáveis possibilidades de fazer amor em sua própria residência.

Durante as últimas semanas, as sessões de amor ocupavam a mente de Angela. Na noite anterior, ela e Cam finalmente haviam consumado o casamento. Cam trouxera as cordas de seda, mas Angela as jogou de lado, dizendo que naquela noite queria sentir suas mãos. Desde então, se entregaram a uma verdadeira orgia para celebrar a bem-aventurada união conjugai. Fizeram amor no tapete diante da lareira e numa colcha debaixo das árvores perto do lago. Experimentaram a cama de Angela e a espaçosa poltrona do quarto de Cam, bem como a escrivaninha do escritório, tarde da noite. Cam moveu-se lentamente com ela, nunca a forçando a nada que a fizesse se sentir pouco à vontade. Gradualmente, cada uma das barreiras foi derrubada. Cada um dos medos cedera diante de sua sensual persistência.

A princípio, ela se mostrara relutante em tentar outra posição a não ser a de quando fizeram amor pela primeira vez. Contudo, uma noite, enquanto rolavam na cama, Cam subiu por cima dela e fizeram amor assim. Não existia nenhum dos sentimentos opressores experimentados, nenhum desamparo ou medo. Confiante de que Cam sairia se lhe pedisse, ela não precisava escapar. Ele a introduzira a novas posições, novas práticas, mas, com ele, nenhuma delas parecia assustadora ou dolorosa, e seu desejo por vivenciar novos prazeres era tão grande quanto o dele.

Angela observou Cam e soube pelo olhar anuviado que ele tinha consciência dos lugares por onde andava sua mente. Ele sorriu como se lhe fizesse uma promessa: *Em breve*. Um delicioso arrepio de expectativa percorreu-lhe a espinha.

O trem parou na cidade de Beckford-Hollings e Cam e Angela desembarcaram. Pettigrew e Kate viajariam para Londres com a maior parte da bagagem. Cam e Angela pegariam o trem no final da noite, depois da conversa com o pastor aposentado.

Caminharam da estação, parando para pedir indicações no centro da cidade. Levaram apenas alguns minutos para encontrar o pequeno chalé onde o reverendo Cunningham morava com a filha. Uma mulher baixa e de aparência risonha atendeu a porta, e quando Cam lhe disse quem era, ela sorriu, encantada.

- Entrem, entrem - disse, conduzindo-os para o interior da casa. - Ele ficará muito feliz em vê-los. Tem esperado sua visita com enorme ansiedade.

Ela os conduziu pela casa, dizendo:

- Não há nada que mais goste do que conversar sobre o passado e as pessoas que moravam na cidade onde trabalhou por tanto tempo.

Ela os introduziu numa confortável sala de estar, onde um homem idoso lia diante de uma janela. Tinha os cabelos brancos e uma aparência miúda, bastante frágil, mas quando os fitou Angela pôde perceber a agudez e vivacidade dos olhos.

- Papai, chegaram suas visitas - disse a mulher em voz alta. Vieram conversar com o senhor sobre Carnmore. O senhor se lembra? Os Monroe. Você recebeu uma carta deles. - Ela saiu da sala, fazendo algum comentário sobre chá.

As sobrancelhas do homem idoso se ergueram e ele sorriu. - Sim, é claro. Bem, que prazer. - Ele apoiou as mãos nos braços da poltrona e se levantou, e ao ficar de pé cambaleou antes de apertar a mão de Cam.

- Como vai, senhor? Sou Cam Monroe e esta é minha esposa. O homem idoso sorriu.

- Oh, não precisa gritar. Isso é mania de Betsy. Ela pensa que precisa falar alto e devagar com todos os idosos. Nos faz nos sentirmos como uma criatura lerda de 4 anos de idade. É um prazer conhecê-lo. - Inclinou-se elegantemente ao apertar a mão de Angela. - E madame. É um raro prazer para estes velhos olhos ver uma dama tão encantadora quanto a senhora.

- Puxa, obrigada, senhor. - Angela sorriu para o idoso cavalheiro, pensando que ele devia ter sido um bocado popular com seus paroquianos... com as mulheres, pelo menos!

- Por favor, sentem-se. - Ele indicou as cadeiras e voltou à poltrona, deixando de lado o livro que lia. - Agora, se bem me recordo, você queria saber sobre Grace Stewart.

- Sim. Ela era minha mãe e morou em sua paróquia há cerca de 35 anos. A carta de sua filha informava que o senhor se lembra

dela.

- Ah, claro, conhecia os Stewart. O pai dela era um homem muito rígido, bastante religioso, mas com pouca compaixão. E, é claro, prestei alguns serviços a Grace depois que ela saiu da casa do pai.

Cam se inclinou, esperançoso.

- É mesmo? O senhor me batizou? Eu estava procurando os registros em Carnmore e não os encontrei. Tinham sido roubados.

- Roubados? Não entendo. Como aconteceu?

- Uma página inteira foi arrancada do livro de registros da paróquia - explicou Angela.

- Que horror! - O ancião parecia aflito como se ainda fosse sua paróquia. - Como algo assim pôde ocorrer?

- Não temos certeza. Por isso viemos aqui. O atual pastor disse que foi antes de ele chegar e nos deu seu endereço. Achei que o senhor pudesse me dizer se ela me batizou lá.

- Ah, não, sinto muito. Lamento que tenha vindo até aqui para nada. Não celebrei seu batismo. Eles já tinham se mudado na ocasião. Não quiseram permanecer em Carnmore muito tempo. Bem, é compreensível, suponho. Era uma cidade muito pequena e acabariam sempre encontrando a família dela. Não, presumo que ela o tenha batizado, bem, para onde eles se mudaram. Receio não me lembrar do nome do lugar.

- Eles? - perguntou Cam. - O que quer dizer com "para onde *eles* se mudaram"?

- Bem, sua mãe e o marido. Foi esse os serviço que prestei a Grace Stewart. Celebrei a cerimônia de casamento de seus pais. Ah, ela era uma noiva linda e jovem, tão radiante... - Ele recostou-se, sorrindo diante da lembrança.

Angela e Cam o fitaram, surpresos com as palavras.

- Meus pais... meus pais eram casados?

- Sim, é claro. - O pastor lançou a Cam um olhar intrigado.
— Você achou que não eram? Que você fosse...

- Ilegítimo. Sim, achei que era ilegítimo até este momento.

- Mas sua mãe e seu pai nunca lhe contaram? Quero dizer...

- Não conheci meu pai. Minha mãe nunca falou dele. Se eu fizesse uma pergunta sequer a respeito, ela ficava terrivelmente aborrecida e logo aprendi a não perguntar. Por isso, presumi que ele não a tivesse desposado, que eu tivesse nascido fora dos laços do matrimônio. E quando minha tia me contou que o pai de minha mãe a expulsou de casa, apenas confirmou o que eu sempre suspeitara.

- Ah, não, eles se casaram. - O reverendo o fitou. - Presumo que seu nome fosse Monroe.

- Não, quero dizer, não sei. Minha mãe usou o nome Monroe, mas suspeitamos que tenha sido inventado. Havia uma família chamada Monroe dona da loja na frente da deles.

- Ah, sim, Alistair Monroe, o da loja de tabaco. Não, não era ninguém da família dele. O noivo era um jovem que eu não conhecia. Era um estrangeiro.

- Estrangeiro?

O cavalheiro idoso sorriu.

- Desculpe, isso faz parte de uma de minhas arrogâncias. Ele era de fora. Não era da cidade. Isso o tornava um estrangeiro aos olhos de Carnmore. Bem, quando minha filha se casou e se mudou, todo mundo a julgou uma traidora. Não, aquele jovem era de outro lugar. Não sei como conheceu Grace. Ah, agora me lembro... ele não era nem escocês. Vinha da Inglaterra.

- Mas e o nome dele? - pressionou Angela. O reverendo Cunningham franziu a testa.

- Ah, querida, tenho certeza de que já soube. Afinal, eu os casei. Mas faz tanto tempo... Não tenho certeza se teria me lembrado do nome de Grace se não me tivessem dito.

- O senhor se lembra de como ele era? - perguntou Cam. - Qualquer coisa.

- Bem, que eu me lembre, era bastante alto, como você. Cabelos louros, talvez castanho-claros. Receio não fazer idéia da cor

de seus olhos. Bem-vestido, bem-educado. Lembro-me de ter pensado que Grace tinha se casado com um cavalheiro.

Permaneceram com o antigo ministro mais um pouco, tomando chá e os bolos trazidos pela filha e ouvindo suas reminiscências sobre Carnmore e as pessoas que lá conhecera. Era o mínimo que podiam fazer por ele, depois das novidades que lhes contara. Finalmente, partiram para pegar o trem noturno para Londres.

- Então ele fez a coisa certa - disse Cam enquanto atravessavam a cidade. - Ele se casou com ela. E difícil de acreditar.

- O quê? Que seu pai era um homem honrado? Que não era um patife, um libertino?

- Foi bom descobrir que ele não era, mas todos esses anos eu tinha absoluta certeza de que era. Que havia seduzido e abandonado mamãe. Depois de conversarmos com a Sra. Stewart, fiquei ainda mais convencido. Agora descobri que ele a desposou... principalmente sendo ele um cavalheiro de classe.

- Sua mãe era uma mulher muito bonita. Dava para perceber mesmo com a idade. E ela merecia um cavalheiro.

- Mas não em linhagem. Quero dizer, sua família era bem conceituada, mas eram artesãos, comerciantes, não proprietários de terra.

- Ele devia amá-la - disse Angela baixinho. - É uma história muito romântica.

- Sim, mas o que aconteceu com ele? Por que ele não fazia parte de nossas vidas? Não me lembro de um homem conosco. Desde minhas primeiras lembranças, éramos só eu e minha mãe. Ele a abandonou depois de se casar com ela?

- Talvez tenha morrido - sugeriu Angela.

- Claro, é possível. A Sra. Harrison disse quando nos mudamos para Bridbury? Acho que eu tinha 3 anos. Talvez tenha sido logo depois de ele morrer... ou o que quer que tenha acontecido. Mas uma jovem viúva sozinha? Por que ela não

permaneceu onde moravam? Ele não a teria levado para viver com sua família? Ela não teria continuado a morar com eles?

- Talvez ele não tivesse família. -Angela hesitou, mas prosseguiu: - Ou talvez seja possível que eles não tenham aprovado o casamento.

- Claro. Você tem razão. A família dele deve ter provavelmente ficado horrorizada com o fato de ele casar com alguém de posição inferior. Nesse caso, minha mãe certamente não teria recorrido a eles pedindo ajuda depois de sua morte. Droga! Se pelo menos eu tivesse uma idéia de onde moravam! Por que ela nunca me contou nada sobre ele ou sobre o que aconteceu entre os dois? Estou sem saída, perdido.

- Ela deve ter guardado a certidão de casamento.

- O quê?

- Quando se casou com seu pai, deve ter guardado a certidão. Esse não é o tipo de objeto que você joga fora ou deixa para trás. Especialmente quando há uma criança, e você pode precisar provar que ela é legítima.

- Mas era como se ela preferisse que eu fosse ilegítimo. Ou seja, ela fez praticamente tudo para eu acreditar ter nascido de uma relação pecaminosa. E às outras pessoas também. Lembra-se de que a mãe de Kate tinha a clara impressão de que eu nascera fora do casamento? Por que alguém esconderia o fato de ter sido casada com alguém?

- É peculiar - admitiu Angela. - Entretanto, mesmo que sua mãe quisesse que todos pensassem que você era ilegítimo, ainda acho que teria dificuldade em destruir a certidão de casamento. Ela a teria valorizado, pelo menos no início, pois era a prova de que ele realmente a amava, de que ela não fora uma tola em se entregar a ele, que ele a havia honrado, respeitado e amado. Quero dizer, pense nisso. O pai a expulsou de casa, chamou-a de vagabunda. Tenho certeza de que ele deve ter dito que ela estava arruinada, que o homem jamais se casaria com ela. Ainda assim, ele se casou. Ela devia ter orgulho desse fato. Devia ter se sentido vingada.

- Sim. Sem dúvida, a princípio, ela deve ter valorizado o casamento.

- Depois, mais tarde, seja lá o que tiver ocorrido, mesmo que fosse uma lembrança muito dolorosa sobre a qual não quisesse falar, acho que ela a teria guardado. Deve tê-la escondido em algum lugar seguro, talvez num lugar onde nunca mais a tenha olhado. Não obstante, ainda com ela. Você simplesmente não joga fora algo que teve muita importância para você.

- Mas não estava nas coisas delas. Nós procuramos.

- Eu sei. Talvez tenha deixado em algum lugar em sua casa nos Estados Unidos. Não necessariamente nas coisas dela. Ou talvez não tenhamos procurado com bastante atenção nas coisas no baú. Uma certidão de casamento não é grande. Pode ter sido dobrada e enfiada em qualquer parte. Costurada no forro de um vestido ou presa com um alfinete num bolso. Amarrada num lenço. Colocada entre as páginas de um livro.

Angela pegou-lhe as mãos e o olhou fixamente.

- Precisamos procurar de novo ao retornarmos a Bridbury. Se pudéssemos achar a certidão, descobriríamos o nome dele. E se soubéssemos o nome não apenas saberíamos quem ele realmente era, mas seríamos capazes de encontrar sua família. Descobrir onde você nasceu, onde viveu.

- Está certo. - Cam sorriu carinhosamente e curvou-se para dar-lhe um beijo na testa. - Vamos olhar de novo as coisas de mamãe quando retornarmos ao castelo. E vou escrever para a governanta em Nova York e pedir que procure no quarto de mamãe e no resto da casa também.

Retomaram a caminhada e por um tempo ficaram em silêncio. Finalmente, Cam disse, baixinho:

- Mas, você sabe, não estou inteiramente seguro de querer descobrir a verdade.

- O quê? Por que não?

- A princípio pensei que sim. Era melhor do que não saber, do que estar sempre me questionando. Mesmo que fosse ruim, pelo menos ficaria definido. Mas agora... Quero dizer, se não sou

ilegítimo, algo realmente terrível deve ter ocorrido para ela fingir que eu era. Quem sabe a verdade sobre meu pai ou sua família seja tão terrível que por esse motivo ela preferiu escondê-la de mim? Para me proteger. E se eu descobrir quem ele é e onde viveram e formos lá? E se descobrir que ele ainda está vivo? E se minha curiosidade me conduzir a um diabólico filho-da-mãe que eu preferiria não saber ser meu pai?

- Não, Cam. Você não tem certeza. Ele foi honrado o suficiente, ou a amou o suficiente, para se casar com ela. Talvez tenha sido o que sugeri muito tempo atrás: ele morreu e ela não falava nele por não gostar de se lembrar disso.

- Mais provável ele ter se cansado de brincar de casinha depois de um tempo e a ter deixado por conta própria.

Angela suspirou.

- Talvez, mas não necessariamente. - Ela enfiou a mão na dele e a apertou gentilmente.

- Você é a mais gentil das mulheres, sabia? Você nem conhece o homem e mesmo assim tenta encontrar um motivo para desculpá-lo.

- Não é pelo bem dele, e sim pelo seu. Sei o quanto lhe dói pensar que seu pai foi um homem cruel.

- Um pouco. - Ele suspirou. - Ainda assim, acho que preferia saber a verdade. - Ele ergueu-lhe a mão até os lábios e a beijou.

- Algo ainda vai surgir - garantiu-lhe Angela. - Talvez em Londres.

- Aposto que você está certa. - Cam sorriu para ela. Parou e se voltou, a mão segurando-lhe o rosto. - E se não surgir, não importa... desde que você esteja comigo. É só isso que me importa.

Kate olhou para Jason com um pouco de timidez. Durante as últimas semanas ele caminhava com ela até o chalé de sua mãe todo domingo à tarde e dava toda a impressão de um homem cortejando uma mulher. Haviam conversado longamente e ela começara a achar que o conhecia bem. Entretanto, agora, sentada sozinha com ele, sentiu-se terrivelmente encabulada.

Imaginou que eram as circunstâncias: o fato de Cam e Angela estarem juntos com eles na cabine até saltarem em Beckford-Hollings para encontrar o ministro aposentado. Com a partida, ela e Jason ficaram sozinhos na pequena cabine, trancados longe do mundo.

Kate cruzou as mãos e lançou um olhar sub-reptício para Jason. Ele a fitava. Quando seu olhar repousou nele, ele desviou o olhar. Kate notou que as mãos dele também estavam unidas no colo.

Ficaram em silêncio. O trem se movia barulhentemente. Jason pigarreou.

- Kate...
- Sim? - Aflita, ela o fitou.
- Eu... quero falar com você.
- Está bem.

Ele ajeitou a gravata e depois arrumou o colete. Finalmente, respirando fundo, declarou:

- Você deve conhecer meus sentimentos por você.
- Devo?

Ele pareceu ligeiramente confuso, como se ela o tivesse tirado do prumo, mas continuou, heroicamente:

- Sim, é claro. Eu... tenho você em alta conta. Você é uma mulher de grande inteligência, caráter e beleza e não posso pensar em nada melhor do que passar o resto de minha vida com você.

Kate o encarou. As palavras formais se assemelhavam a uma proposta de casamento. *Com certeza, não!* Mas seu coração perdeu o compasso.

- O que está dizendo?
- Srta. Harrison. - Ele a surpreendeu ainda mais ao escorregar do assento e colocar um joelho no chão diante dela. Ela engoliu em seco quando ele tomou-lhe a mão na sua. - Você me daria a honra de se tornar minha esposa?

Ela pensou por um instante que o coração, sem dúvida, parará de bater. Os pulmões pareciam incapazes de respirar ou sua mente de pensar. Ele a olhava fixamente e uma leve ruga de preocupação começou a se formar na testa.

- Sou um homem de futuro relativamente promissor. O Sr. Monroe valoriza meu trabalho e me paga bem. E poupei uma respeitável soma de dinheiro, o suficiente para comprar para nós uma casa confortável.

Ele mexeu no bolso e tirou uma pequenina caixa, abrindo-a e a estendendo para ela, surpreendendo-a com um anel de brilhante numa almofada de veludo.

- Você ficou louco? - perguntou Kate, finalmente recuperando a voz.

- O quê? - Ele sentou nos calcanhares. - Kate... o que quer dizer?

- Está pedindo para eu me casar com você?

- Sim. Estou pedindo que se case comigo. Por que não? Com certeza, você não vai dizer que já não esperava por isso.

- Eu... não esperava nada.

- Depois de todas essas semanas em que agi como um tolo à sua volta? O que você achava que estava errado comigo?

- Eu... sabia que você estava interessado em mim.

- Interessado? Fiz de tudo, exceto esculpir nossas iniciais nas árvores.

- Mas, Jason, isso é impossível. Não podemos nos casar. Ele a fitou boquiaberto.

- Mas eu achei que você... me tinha afeição. Está dizendo que jamais gostou de mim?

- Ah, não! - gritou, angustiada. - Não é isso. Sinto muito mais que afeição por você. Mas, querido, não entende? - Ela segurou-lhe a mão, apertando-a forte. - Nunca funcionaria. Nós não combinaríamos.

- Achei que combinaríamos admiravelmente bem - respondeu, tenso. Ele olhou para si mesmo, como se percebesse

pela primeira vez estar ajoelhado na cabine de um trem. - Bem... devo parecer um perfeito idiota. Imagino que isso não mudou.

Ele colocou-se de pé e Kate levantou-se também, aflita com a evidente angústia em seus traços.

- Jason, por favor, não me odeie.

- Claro que não. Não poderia odiá-la.

- Simplesmente interpretei mal sua... sua amizade.

- Não, não interpretou. - Kate não podia suportar a idéia de que ele achasse que ela não o amava. - Não é isso. Por favor, acredite em mim.

- Então, o que é? O que torna nosso casamento tão impossível?

- Você sabe o quê. São as diferenças de nossas classes sociais. Não sou adequada para ser sua esposa.

- Você voltou a esse assunto?

- Jason, não é algo que desapareça ou mude. Você é quem você é e eu sou quem eu sou.

- Você é uma tola, isso sim.

Kate levantou uma sobrancelha e virou-se, dizendo friamente:

- Bem, se é assim que vai me tratar...

- De que outro modo espera que eu reaja? - gritou. - Você se recusa a se casar comigo e diz que é por causa de meu nascimento? Meu bom Deus, que diferença faz isso? Você não pode se casar comigo porque meu pai é dono de uma loja?

- Sua família nunca trabalhou como criado.

Ele deixou escapar um som de exasperação e agarrou os cabelos com ambas as mãos.

- Sim, em resposta à sua pergunta, acho que estou louco. E você é a responsável.

- Estou sendo perfeitamente razoável. E você quem está agindo de modo estranho.

- Pedir a mulher que amo em casamento é agir de modo estranho?

- Você sabe o que quero dizer. Você está passando por cima das convenções.

- Para o diabo com as convenções. Elas não me mantêm aquecido à noite.

- Sua mãe ficaria consternada se você me apresentasse como esposa.

- Como sabe? Você ainda nem conheceu minha mãe.

- Conheço as pessoas. Conheço o mundo.

- O mundo *não*. Você conhece a Inglaterra. Conhece a nobreza. Mas, com certeza, não conhece nada de mim. - Ele virou-se e escancarou a porta da cabine. Gelidamente, disse: - Passarei o resto da viagem no vagão de jogos. Sem dúvida, você prefere ficar sozinha.

- Sim, prefiro. - Kate mentiu, com um nó na garganta.

As narinas de Jason alargaram-se e ele saiu para o corredor, batendo a porta às suas costas. Kate se sentou abruptamente, as pernas impossibilitadas de a manterem em pé. Lágrimas escorreram por seu rosto.

Angela jamais gostara tanto de Londres quanto durante essa viagem. A casa branca, estilo Queen Anne, era bem mais agradável que a enorme e triste Bridbury House ou a residência em Londres de lorde Dunstan, elegante e formal Havercomb. Exceto por poucas visitas quando jovem, a maior parte do tempo passado em Londres fora durante seu casamento com Dunstan, e suas lembranças básicas eram de medo e raiva. Fosse qual fosse o prazer obtido nas festas, era assombrado pelo medo de que o marido se sentisse ofendido com algo que ela dissesse ou fizesse e que ela tivesse de pagar por sua transgressão ao chegarem em casa.

Mas agora a vida era doce. Ela não compareceu a nenhum dos bailes ou festas aos quais comparecera como lady Dunstan, já que tanto ela quanto Cam eram considerados párias pela sociedade, mas não sentia a menor falta. Visitaram museus, galerias de arte, foram ao teatro e à ópera. Cam insistira que Angela se ocupasse em

reduzir a fortuna dele comprando mobília para a nova casa e um novo guarda-roupa para si mesma, bem como qualquer adereço que pudesse atraí-la.

- Mas, Cam, já tenho um guarda-roupa novinho - protestou.

- Aquelas eram apenas umas poucas coisas para cobri-la - argumentou. - Até você poder chegar a Londres e comprar um enxoval apropriado. Minha querida menina, estamos em Londres. Você não pode sair usando vestidos feitos em York. - Ele segurou-lhe o queixo entre o indicador e o polegar, sorridente. - Você acha que vai me arruinar? Não se preocupe. Pareço não conseguir parar de multiplicar meu dinheiro. Jason não cessa de encontrar novos investimentos na Inglaterra e ele tem um toque de Midas.

Então Angela parou de protestar e se entregou às delícias das modistas e chapeleiras de Londres. Acompanhada de Kate, passou horas fazendo compras e experimentando roupas, embora sua alegria tenha sido, de certa forma, destruída pelo fato de Kate parecer com freqüência distraída e arredia, sem participar da diversão de gastar dinheiro com ostentação, como normalmente fazia.

Uma noite na ópera, Cam saiu para comprar refrescos. Angela, entretanto, permaneceu no camarote. Receava se aventurar no corredor e se ver, muito provavelmente, face a face com algum conhecido. Muito embora não se importasse com a aprovação da sociedade, não gostava da possibilidade de ser rejeitada.

A porta abriu um instante após Cam sair e Angela se virou sorrindo, pensando que o marido já estivesse de volta.

- Nossa, foi tão... -As palavras morreram na garganta.

Dunstan, parado na entrada, sorria, os olhos a examiná-la, e entrou no camarote, fechando a porta.

Capítulo Dezesseis

Angela olhou-o fixamente, incapaz de mover-se ou falar. Ele retribuiu o olhar, plenamente cômico do efeito obtido sobre ela.

- Ora, não vai ao menos me cumprimentar, minha querida? perguntou, alargando o sorriso à medida que se aproximava. Angela saiu do assento imediatamente, porém o camarote era pequeno e Dunstan se encontrava entre ela e a porta. Ela logo se encontrou no canto mais escuro. Logo percebeu seu erro. Se ao menos tivesse permanecido na parte da frente do camarote, todos no teatro poderiam vê-los e isso impediria Dunstan de fazer algo contra ela. Ali, ninguém poderia vê-los.

Ela engoliu em seco e o encarou com firmeza, pois jamais deixaria que percebesse seu receio. As mãos estavam juntas e à frente do corpo.

- Fora - disse com determinação, odiando o som trêmulo de sua voz.

- Isto são modos de falar com um convidado? - Ele então fez deslizar o dedo pelo seu rosto.

- Você não é meu convidado - respondeu, empurrando a mão dele para longe.

Ele, por sua vez, a segurou pela cintura e a apertou:

- É verdade, sou seu marido.

- Não mais.

- *Sempre* serei seu marido. Esse camponês com quem se casou só ficou com o resto, e ele bem sabe disso. Você me pertence, e quando ele se for, será minha novamente. - Ele levantou a outra mão e com desprezo desceu o dedo por seu peito até o alto do seio, à mostra pelo decote baixo do vestido.

Apalpou-a por cima do vestido e Angela agarrou-lhe a mão, tentando retirá-la, porém ele era muito mais forte e rapidamente a imobilizou com apenas uma das mãos, deixando-a indefesa e incapaz de repeli-lo. Fitando-a diretamente nos olhos, como para demonstrar superioridade, vagarosamente enfiou a mão dentro do vestido e beliscou-lhe o mamilo com força.

- Solte-me ou gritarei! - sibilou Angela, tremendo de raiva e medo.

- E chamar a atenção para você? Fazer todos suspeitarem que seu marido é corno? Acho que não faria isso.

- Cam voltará a qualquer momento e se o encontrar aqui vai matá-lo.

- Não tenho medo de seu cavaliço - desdenhou Dunstan. Entretanto, retirou a mão de dentro do vestido.

- Ele é duas vezes mais homem que você.

- Sério? Então deve estar duplamente insatisfeito com uma ordinária fria como você.

- Eu não sou fria nos braços *dele* - rebateu Angela.

Uma raiva paralisante irrompeu nos pálidos olhos verdes de Dunstan, fazendo-o levantar a mão para esbofeteá-la. Ela se encolheu e, nesse exato momento, Cam abriu a porta e entrou.

Deixou cair as bebidas que segurava e voou através do pequeno espaço, com um baixo e feroz rosnado, ainda mais assustador devido ao som baixo. Agarrou Dunstan e o rodopiou, arremessando-o contra a parede. A cabeça de Dunstan tombou para trás quando o rosto atingiu a parede e ele soltou um uivo, apertando o nariz ensangüentado. Cam virou-o e deu-lhe um soco no estômago. Ele então se curvou, quase sem ar. Com o outro punho, Cam acertou em cheio o queixo de Dunstan, que desabou.

Cam se abaixou, agarrando-o pelas lapelas e levantou alguns centímetros sua cabeça. Dunstan estava com a boca e o nariz sangrando e os olhos pareciam perdidos.

- Ouça aqui, seu lixo, sei o que você fez com Angela e, acredite, você e seus amigos vão pagar por isso. Angela me convenceu a não matar você. Disse que não valia a pena cometer um crime por sua causa, e tinha razão. Porém, isso não significa que deixarei vocês escaparem. Toda vez que algo de ruim acontecer a um de vocês, pensem em mim, pois pode ter certeza de que serei o causador. E se ousar tocar em Angela novamente, juro que *mato* você. Eu juro.

Cam o soltou com uma expressão de desprezo estampada no rosto e a cabeça de Dunstan atingiu o solo com um sonoro baque. Cam se voltou para Angela.

- Você está bem? - Ela acenou que sim com o olhar assustado e ele a tomou pela mão. - Vamos embora para casa. Acho que já tive o suficiente da cultura britânica por uma noite.

Seu braço a envolveu assim que saíram do edifício e, dentro da carruagem, ele a puxou para mais perto, mantendo-a assim por todo o trajeto para casa, mentalmente amaldiçoando lorde Dunstan. Angela fora muito longe e superara em muito seu medo. Se Dunstan a tivesse feito voltar a se fechar, Cam poderia procurá-lo e distribuir mais alguns socos. Pensando melhor, devia ter batido mais no canalha, mas quisera acabar com tudo rapidamente, por Angela. Se bem que o breve enterevo não houvesse dissipado toda a raiva que sentia. A carruagem parou em frente à casa deles e Cam levou Angela rapidamente para dentro. Ele então se voltou para ela a fim de tranquilizá-la, confortá-la, porém ela tomou sua mão e o puxou em direção às escadas. Ele a seguiu, confuso, enquanto ela o conduzia apressadamente escadas acima e para dentro do quarto.

- O que foi? - perguntou, enquanto ela fechava a porta. Em resposta, os braços o rodearam pelo pescoço e Angela pressionou os lábios com fervor contra os seus. Cam ficou tão surpreso que por um momento não reagiu, mas então seus braços envolveram-na também e os lábios se fundiram. Ele ficou mais surpreso ainda quando as mãos dela foram em direção à calça, desabotoando-a enquanto se beijavam. Imediatamente uma forte excitação o dominou.

Ele levantou a cabeça, fitando Angela em êxtase. Os olhos dela brilhavam, o rosto enrubesceu. Ela começou a andar de costas em direção à cama, puxando Cam enquanto continuava a desabotoar-lhe a calça. Ao alcançar a beira da cama, ela parou, removendo a calça dele com tanta vontade que caiu no chão. Rapidamente, ele a chutou para o lado, esperando que Angela começasse a desabotoar seu vestido. Em vez disso, retirou as sapatilhas, suspendeu a saía para desamarrar as anáguas e os *pantalets*, jogando-os pelo chão numa cascata de renda e algodão.

Estava completamente despida por baixo da saia, exceto pela excitante presença de meias e ligas. O sexo de Cam ficou rígido ao vislumbrar a pele antes que a saia lhe cobrisse as pernas novamente.

- Me possua - sussurrou Angela, deslizando as mãos por baixo de sua camisa e suavemente sobre seu peito. - Por favor, rápido. - Ela beijou sua orelha e mordiscou o lóbulo. - Quero você dentro de mim agora.

Ele a teria possuído gentil e lentamente, como de costume, porém entendeu que ela queria algo rápido, urgente, queria sentir seu poder. Não tinha medo dele, apesar da visita de Dunstan. Queria, sim, apagar Dunstan da memória ao fazer amor com Cam.

Ele não precisou de um segundo pedido. Ergueu-a pelas nádegas e a atirou na cama. Ela sorriu, convidativamente, abrindo os braços para ele, enquanto Cam levantava-lhe a saia para expor o corpo nu. Ele passou as mãos então sobre suas meias até as coxas desnudas. Não havia imaginado poder ficar mais endurecido do que estava, porém sua masculinidade continuou a crescer e latejar. Deslizou os dedos até a junção das pernas e descobriu que ela já estava úmida e aquecida, pronta para ele.

Cam gemeu e se posicionou entre as pernas de Angela, penetrando-a profundamente, como se pudesse perfurar-lhe a alma com sua ferramenta. Ela gemeu, as pernas o apertando, os quadris começando a se mexer insistentemente. Ele se moveu para trás e mergulhou fundo novamente, empurrando bem forte, atacando, cada vez mais rápido. Angela cravou as unhas nas nádegas de Cam, incitando-o, e juntos cavalgaram até o clímax do desejo, até uma explosão se dar dentro deles, projetando-os no vazio de prazer e felicidade.

Angela observou a criada enquanto passeavam pelo parque. Kate estava estranha ultimamente. Apesar dos prazeres de Londres, parecia mergulhada em tristeza desde a chegada. Adotando um tom casual, Angela perguntou: - Como vai passando o estimado Sr. Pettigrew?

- O quê? - Kate desviou o olhar da calçada onde sua atenção se encontrava.

Angela repetiu a pergunta.

- Ah! - O cenho de Kate se contraiu, preocupado. - Acho que vai bem.

- Você acha? Está me dizendo que vocês não conversam?

- Recentemente não.

Angela ficou surpresa ao ver lágrimas aparecerem nos olhos de sua criada.

- Kate! Minha nossa, qual o problema? - Conduziu Kate a um dos bancos e sentaram lado a lado. - Agora - disse com firmeza - conte-me o que está acontecendo. Por acaso o Sr. Pettigrew foi indelicado com você? Caso isso tenha acontecido, se ele estiver brincando com seus sentimentos, me certificarei de que Cam tome satisfações com ele.

- Não, não! - Kate pareceu consternada, se esticando para alcançar o braço de Angela. - Sinceramente, milady, ele não fez nada de mal. Pelo... pelo contrário, na verdade. Ele quer se casar comigo! - Lágrimas começaram a rolar intensamente em seu rosto e ela, atrapalhada, buscou um lenço no bolso.

Angela a encarou, pasma.

- Casamento? - repetiu. - Ele a pediu em casamento? Kate acenou positivamente.

- Sim, e foi tão doce... ele se ajoelhou e me deu um anel. Foi tão lindo, nunca possuí nada que valesse nem a metade.

- Então, por que está tão triste?

- Não posso me casar com ele! Ele é, bem, ele é um cavalheiro e sou apenas uma criada. Ele diz não entender. Não consigo fazê-lo ver que não daria certo. Ele diz que não quero ficar com ele e, desde então, tem se mantido frio e distante, como se mal me conhecesse. Isso parte meu coração!

- Compreendo. Nossa, que dilema! - Angela ficou pensativa. Ela entendia, ao contrário do Sr. Pettigrew, a rígida estrutura de classes da sociedade britânica. Jason, embora não pertencesse à nobreza, era de uma classe social muito acima da de Kate - em termos de berço, educação e ocupação.

- Ele diz que isso não importa, mas é claro que sim. Sua família e seus amigos vão pensar que sou uma ignorante e... e...

- Pare com isso! Você não é ignorante e é boa o suficiente para ele - disse Angela em tom enérgico. - Quem se importa de você ser uma criada? Deixará de ser ao se casar com ele. Você será a Sra. Jason Pettigrew, não precisará mais trabalhar.

Kate começou a chorar mais forte ainda.

- Por favor, milady, não deboche de mim.

- Não estou! Por que não se casa com ele? Olhe para *mim*. Eu me casei com Cam e ele também fazia parte da criadagem. Estou tremendamente feliz e pouco me importa se as pessoas falam de nós.

- Si-sim, mas não voltei milionária da América, como Cam. Não tenho nada a oferecer ao Jason.

- Tem você mesma, e é tudo que o Sr. Pettigrew deseja. Vejo nele um indivíduo muito perceptivo.

- Ele é maravilhoso! - Kate ergueu os olhos brilhantes e as lágrimas diminuía à medida que considerava as admiráveis qualidades do amado. - Ele é tão gentil e tão... tão cavalheiro. Ele nunca sequer tentou nada além de me beijar. Ele nunca se aproveitaria de mim! E ele diz que sou linda. Até me acha inteligente. Ele disse.

- Eu disse que ele era um homem muito perceptivo.

- Porém, desde que viemos para Londres, tem sido tão frio comigo! Ele olha para mim como se... Ai! Gostaria que jamais tivesse me pedido em casamento! Por que as coisas não podiam continuar como eram?

- Olhe... - Angela tomou as mãos de Kate e a fitou direto nos olhos. - As coisas não podem continuar iguais. Talvez ele esteja certo. Talvez na América *seja* diferente. De qualquer forma, por que se importar com o que alguém vai pensar, uma vez que Jason a considera a mulher perfeita para ele? Kate Harrison, você está apenas com medo, e nunca pensei que chegasse o dia em que diria isso, mas é a verdade. Você está apenas se escondendo atrás de toda

essa conversa de categorias e posições porque tem medo de acreditar nele. Acredite nele, Kate. Ele a ama. Case-se, seja feliz e esqueça todo o resto. Só o amor entre vocês importa.

- Tenho medo de que ele se arrependa - disse Kate, fungando e esfregando os olhos.

- Tenho certeza de que ele não se arrependerá. O Sr. Pettigrew não me parece o tipo de homem que muda de opinião com facilidade. Creio que encontrou a mulher perfeita, e se você não o aceitar como marido, ele provavelmente passará o resto da vida em profunda tristeza.

Kate pareceu muito abalada com a idéia.

- A senhora realmente acredita?

- Tenho certeza.

Kate continuou a observá-la por um instante, franzindo as sobrancelhas, pensativa. Então, abrindo seu sorriso travesso, abraçou Angela.

- Tem razão milady, estou sendo covarde. Nós nos amamos e só estou fazendo ambos sofrerem. Muito obrigada, milady. Obrigada.

Em seguida, se pôs de pé num salto e quase saiu correndo pelo parque. Angela a observou, sorrindo.

- Já está pronta, meu amor? - perguntou Cam, achando graça, com os braços cruzados e observando a esposa pôr um par de brincos. - Acho que já é o terceiro par de brincos que você põe desde que estou aqui... isso sem contar as três vezes em que trocou de vestido.

Angela lançou-lhe um olhar significativo, então se examinou no espelho, virando a cabeça de um lado para o outro de modo a capturar cada detalhe dos brincos de esmeralda.

- Você não acha que são grandes demais?

- Claro que são. Você despertará a inveja de todas as mulheres presentes. Agora, se não nos apressarmos, o baile de Jeremy já terá terminado quando chegarmos.

- Que nada, as festas de Rosemary nunca terminam antes das 3 ou 4h. Ela é famosa por isso. - Angela se levantou, ajeitou a saia e se virou, séria, para Cam: - Você tem certeza de que deseja ir?

- Como? Você realmente consideraria perder a festa de seu próprio irmão?

Ela concordou balançando a cabeça.

- Apesar de ser a irmã do anfitrião, provavelmente seremos rejeitados por uma multidão, além de que todos ficarão olhando e mexericando.

- Eu não ligo. Quero apenas que todos vejam como você é bonita e quão elegante e maravilhosa está nesse vestido e com esses brincos. E quero dançar com minha linda esposa. - Ele calou-se por um momento. - Você prefere ficar em casa? Não quero que vá, se não se sentir à vontade.

Angela sorriu e, na ponta dos pés, beijou-lhe os lábios.

- Não. Também quero dançar com você. Isso compensará, por certo. Não ligo se me olharem e cochicharem. Estou muito feliz e quero atirar-lhes isso na cara.

- Sorte sua. - Ele lhe ofereceu o braço e caminharam até a carruagem. - A propósito, devo agradecer pelo milagre realizado em Kate. Jason parece um novo homem. Ele se comportava como um homem à beira da morte desde que viemos para Londres.

Angela riu.

- Kate também. Graças a Deus ela mudou de idéia.

Eles chegaram à festa bem tarde, porém ainda havia muitas pessoas nas escadas conduzindo à recepção. Quando Cam e Angela entraram, houve uma explosão de burburinhos e sussurros. Em meio à multidão, Angela viu o irmão e a delicada esposa loura recepcionando os convidados. Distinguiu muitos rostos conhecidos, porém todos evitavam encará-la, ou, mais ostensivamente, fingiram não vê-la, como se não a conhecessem. Ela ergueu o queixo e ignorou todos.

Sentiu a mão de Cam firme sobre seu braço, proporcionando conforto. Ele se inclinou próximo ao seu ouvido e sussurrou:

- Você quer ir embora? Podemos ir.

- Agora? - Ela o olhou, horrorizada. - Nunca. Eles pensariam que me venceram.

Então entraram na fila, muito embora, após um instante, Jeremy os tenha notado, deixando a fila de cumprimentos para recebê-los.

- Angela! Cameron! Que prazer em vê-los, não sabia ao certo se viriam. Deixe-me apresentar Cameron a Rosemary.

Ele os tirou da fila e após uma breve conversa com a condessa puderam escapar para o salão. Era maravilhoso poder dançar com Cam novamente.

- Iremos a Nova York em breve — prometeu Cam. — E lá será recebida com todo o tipo de bailes. As senhoras de Nova York pensarão ter alcançado o céu ao ter a chance de entreter a irmã de um conde.

- Estranho imaginar que serei mais bem recebida por desconhecidos e estrangeiros do que por aqueles que me conhecem.

- Só um tolo não a receberia bem.

Bastava saber que Cam a amava e sentir-lhe os braços em volta do corpo ao ter início uma elegante valsa.

Permaneceram por mais uma hora dançando, antes de deixar a pista para descansar e beber algo. Quando caminhavam em direção à sala onde as bebidas estavam sendo servidas, foram parados por uma voz muito familiar:

- Sr. Monroe!

Eles se viraram e depararam com um homem corpulento e sorridente mancando visivelmente ao se aproximar deles e reconheceram seu salvador do trem na Escócia. Cam sorriu.

- Major Dorton, que surpresa agradável!

O major os alcançou e cordialmente apertaram as mãos, tendo ele se curvado com mais entusiasmo do que elegância ao cumprimentar Angela.

- Que surpresa encontrá-los aqui - exclamou, com um largo sorriso. - Eu mesmo não aprecio este tipo de festa. Trouxe minha avó, entende? - Passou os olhos pela sala, distraído, como se procurasse a senhora, e disse: - Gostaria de apresentá-los, mas suponho que tenha voltado a uma das outras salas para um jogo de cartas. Foi para isso que veio. Ela e suas companheiras se encontram para jogar uíste valendo dinheiro.

- Pena não a termos encontrado. Ele concordou.

- Sim, ela é fascinante; milady vai adorá-la.

Eles permaneceram nessa conversa educada por mais alguns minutos, até o major sugerir, animado:

- Ora, por que vocês não vêm à Dorton House? Minha avó não tem saído muito e adora companhia. Venham jantar conosco. Isso lhe dará motivos para ocupar o mordomo. Ela adora receber, porém não possui mais a disposição de outrora.

O bom humor do major era contagiante, e Cam e Angela concordaram em comparecer ao jantar oferecido pelo major e pela avó na noite seguinte, antes de se despedirem e seguirem rumo à sala dos drinques.

Eles se sentaram a uma mesinha para beber ponche. Após um instante, Angela reparou num grupo de senhoras sentadas atrás deles. Um enorme vaso de plantas os separava das mulheres e, ao mesmo tempo, os encobria tão bem que sua presença não era percebida.

Um nome familiar de repente invadiu a mente de Angela.

- ... para a Mansão Falton. Bem, ele não tem escolha. Duvido que alguém o receba novamente - dizia uma das mulheres.

Angela ficou atenta, pois Sterling Falton era o nome de um dos três homens que haviam testemunhado contra ela no processo de divórcio e que ajudara Dunstan a estuprá-la. A Mansão Falton era sua casa de campo. Ela congelou, inclinando-se para ouvir melhor a conversa.

- Sinto pena é da mãe dele - acrescentou outra mulher. - Ela não tem coragem de deixar sua casa há dias.

- Por quê? O que ele fez? - perguntou a terceira mulher, intrigada.

- Maressa, quer dizer que não soube?

- Não. O que houve? - A terceira mulher assumiu então um tom contrito. - Você sabe que odeio mexericos.

Ao ouvir esta observação, a mais ruidosa das mulheres produziu um bufar expressando sua opinião.

- Não é apenas mexerico. Bucky me disse ter saído também nos jornais.

- O que saiu nos jornais? - questionou a terceira mulher. - Vocês podem, por favor, me contar o que está acontecendo?

- Bem, Sterling Falton é o fiduciário da filha de Westrey. O tolo do pai o deixou como único encarregado e qualquer um, com o mínimo de bom senso, teria percebido que Sterling é incapaz até mesmo de gerir uma pequena fortuna como a dela. Ele a arruinou.

- O quê? Não!

- Sim! Não sei como veio à tona. A mãe da menina reclamava há anos que ele as fazia passar necessidade, mas ninguém nunca realmente lhe deu atenção. Você sabe como Cora Westrey sempre reclama de tudo. Mas acho que alguém resolveu acreditar nela e começou a investigar os arquivos. Ele não era nem esperto o suficiente para esconder direito o que fazia. Então, agora todos sabem que ele tem desviado dinheiro dela nos últimos quatro anos. Pobre garota, ele gastou metade de tudo. Ouvi dizer que pode até mesmo haver um processo criminal.

- Não!

- Sim! Ela contratou um advogado e ouvi dizer que ele foi chamado a depor.

- Que escândalo!

Angela virou-se e, surpresa, fitou Cam com os olhos arregalados.

- Cam! - murmurou. - Foi você? Como conseguiu? Ele sorriu.

- Essa caiu do céu. - Ele se levantou, segurou a mão de Angela e saíram de perto do grupo de mulheres. - Eu disse que

descobriria algo, e com Falton foi fácil. Assim que meu investigador iniciou o trabalho, chegou às alegações da viúva e não demorou muito para provar o que ele havia feito. Não disseram que ele não é inteligente o suficiente para cobrir bem seus rastros?

Deixaram a casa de Jeremy e voltaram para casa. Haviam decidido caminhar por ser pequena a distância. Ao chegarem à festa havia tanta gente que enviaram a carruagem de volta. No caminho, Angela bombardeou Cam com perguntas.

- Mas... ele será processado? O que acontecerá àquela pobre garota?

- Ela tem poucas chances de recuperar o dinheiro, mesmo se o processar. Segundo averiguamos, Falton está mal das pernas... financeiramente falando. Ele vem pedindo dinheiro emprestado a todos os conhecidos há anos. O advogado, porém, fará o melhor por ela. Eu o conheço.

- Ele é seu advogado, não é? Ele deu de ombros.

- E os outros? Está atrás deles também? - Angela ainda achava difícil acreditar que ele cumpriria a promessa de punir os homens que a haviam molestado.

- Claro. Tem dúvidas? - Ele parou, virando-se para ela. - Não poderia deixá-los escapar depois do que fizeram. Ninguém mais lhe fará mal. Nunca mais. - Os olhos eram frios e duros como vidro.

Ele pegou-lhe o braço e retomaram a caminhada.

- Um deles fez diversos péssimos investimentos e acho que pode ser induzido a fazer mais. Posso demorar um pouco mais com o terceiro, Waltrip, porém levantarei algo. O que mais me frustra é Dunstan, já que seus bens são sólidos. É um homem rico. Sua mãe trouxe grande fortuna para a família e quaisquer excessos que ele tenha cometido, e tenho certeza de serem vários, ele os cobriu bem, mas esse é o ponto fra...

As palavras foram interrompidas quando uma forma escura saltou de trás de uma construção. Com um movimento quase imperceptível, um braço segurando uma brilhante e enorme lâmina se ergueu e desceu na direção de Cam.

Angela gritou e Cam conseguiu segurar o pulso do oponente. A lâmina chegou perigosamente perto do peito de Cam, mas ele repeliu o ataque com ambas as mãos. O agressor investiu novamente contra Cam; o golpe dessa vez passando perto do ombro, mas Cam já estava preparado e empurrou a mão que empunhava a faca. O homem levantou a outra mão em seguida, na tentativa de tirar as mãos de Cam de sua arma. Cambalearam numa dança macabra, sem que nenhum dos dois conseguisse afastar a faca mais de poucos centímetros.

Angela, despertando da paralisia momentânea, circulou em volta do homem e bateu em suas costas com toda a força. O agressor perdeu o equilíbrio, oportunidade em que ela enganchou o braço no queixo dele, forçando sua cabeça para cima e para trás. Ele tossiu e grunhiu, tentando prender Angela. Cam aproveitou a chance para girar o agressor e bater com força a mão dele na parede da construção. O homem deixou escapar um grito quando a faca atingiu o solo. Lançou os braços para trás e acabou desestabilizando Angela e a projetando para o chão. Ao fazer isso, porém, deixou a frente desprotegida e Cam lhe acertou um potente soco no estômago, fazendo-o cambalear para trás e tropeçar em Angela, que estava se levantando. Ambos caíram. Cam partiu em auxílio de Angela, momento em que o atacante se reergueu com dificuldade e desapareceu correndo rua abaixo. Cam levantou Angela e a puxou de encontro ao peito.

- Você está bem? - A voz estava ofegante, mais pelo susto que pelo esforço.

Angela acenou que sim, buscando fôlego. Ficou sem ar quando o agressor caiu sobre ela. Cam a segurou de leve até ela recuperar o fôlego e parar de tremer.

Calmamente, disse:

- Bem, você é uma companhia e tanto para se ter por perto numa briga de rua, milady.

- Nunca se esqueça disso - respondeu no mesmo tom. Então se atirou em seus braços e o apertou com força.

Voltaram para casa a passos largos. Cam manteve o braço em volta de seus ombros, os olhos em constante alerta. Só voltaram a

falar do incidente quando já se encontravam em casa, na intimidade do quarto de Angela.

- O incidente teve relação com os outros atentados, certo? - perguntou, soltando os cabelos com os dedos ainda trêmulos. Ela havia dispensado Kate tão logo esta terminara de ajudar com o pesado vestido de baile, de modo a poder conversar com Cam em particular.

- Suponho que possa ter sido uma coincidência - comentou Cam, enquanto pegava a escova de prata para pentear os cabelos dela. Era uma tarefa que freqüentemente executava, pois adorava sentir os cabelos sedosos de Angela entre as mãos.

Angela disparou um olhar intrigado pelo espelho e ele sorriu para ela.

- Tudo bem, talvez seja uma série de coincidências. Essa é a terceira vez em que tentam tirar minha vida e não temos a menor idéia de quem esteja por trás disso nem do motivo.

- Você acha que o mandante sabia que iríamos à festa hoje à noite?

Cam deu de ombros.

- Não seria algo muito difícil de imaginar. Grande parte do círculo social londrino soube da festa. Você mesma disse que as festas de lady Bridbury são famosas.

- É verdade. E era previsível que seria uma das poucas festas a que nós compareceríamos, já que meu irmão e minha cunhada eram os anfitriões.

- Porém poderiam ter tentado mesmo sem saber onde estaríamos. Qualquer um poderia ter contratado o bandido para nos seguir até surgir uma boa oportunidade de ataque. Ele pode vir nos seguindo há vários dias e hoje, em nossa caminhada para casa, foi a ocasião ideal.

Angela silenciou por um momento, dizendo a seguir:

- O major Dorton estava nas proximidades por ocasião dos dois atentados.

As sobrelhas de Cam se levantaram e ele deixou escapar uma curta risada.

- Está sugerindo que *Anthony* tentou me matar? Mas ele salvou minha vida... e você também, aquela vez no trem. Além disso, nunca o tínhamos encontrado antes. Que razão teria para querer me assassinar?

- Nenhuma. - Angela balançou a cabeça. - Foi um pensamento tolo. Estava só conjeturando. - Suspirou. - Não queria ver o óbvio... estávamos saindo da casa de Jeremy hoje à noite.

Cam a olhou atentamente, então baixou a escova, se ajoelhou ao lado dela e olhando-a nos olhos perguntou suavemente:

- Você realmente acha que foi ele? Lágrimas brotaram dos olhos de Angela.

- Oh, Cam, não posso acreditar nisso! Jeremy é o mais gentil dos homens e ele me ama, de verdade. Hoje mesmo me disse o quão radiante eu parecia e ainda disse que sabia que eu devia ser feliz no casamento e que estava muito contente por mim. Não posso crer que pudesse dizer aquelas coisas e, ao mesmo tempo, planejar matar meu marido!

- Parece improvável - concordou, levantando-se e segurando-a pelas mãos para que também ficasse de pé. - Se ele sabe que você está feliz comigo, tem poucos motivos para querer se livrar de mim.

- Parece ainda menos provável que tenha sido minha mãe ou minha avó - concluiu Angela.

- Por mais que eu preferisse culpar um Stanhope - disse Cam sorrindo maldosamente -, acho difícil que algum dos três o tenha feito. Deve ser um outro inimigo, alguém que tenha me seguido dos Estados Unidos. Eu e Jason temos pensado muito, tentando descobrir quem possa me odiar a ponto de se dar ao trabalho de me seguir, cruzar o oceano para tentar me matar.

- Talvez ele imaginasse que ninguém jamais suspeitaria dele aqui.

- Mas quem? É estranho ser tão odiado sem sequer suspeitar. Angela tremeu.

- Eu sei. Deve ser uma mente transtornada. - Ela se aconchegou em seu peito, envolvendo-o com os braços. - Oh, Cam, estou tão assustada! Não suportaria perdê-lo de novo!

- Você não vai me perder! - assegurou, apertando-a.

- Prometo que nunca a deixarei de novo... por nenhum motivo.

A casa do major Anthony Dorton fazia parte de um grande conjunto de casas de pedra em St. James, um endereço antigo, porém excelente. Um laçao os conduziu à sala de estar, onde o major se encontrava sentado com uma senhora idosa, trajada luxuosamente toda de púrpura - desde o laquê nos cabelos grisalhos até os calçados. Anthony deu um salto quando os viu, saudando em seu estilo amigável e estendendo a mão a Cam.

- Sr. e Sra. Monroe! Vocês chegaram! Prazer em vê-los. Permita-me apresentá-los à minha avó, lady Wincomb.

Lady Wincomb acenou graciosamente, estendendo-lhes a mão. Não era uma mulher atraente e Angela duvidou que o tivesse sido.

Ela possuía a mesma compleição física avantajada de Anthony. Embora fosse difícil dizer, por estar sentada, Angela imaginou que fosse alta, bem mais do que ela. Tinha ombros largos e cabeça grande, e quando sorria mostrava um incrível conjunto de dentes grandes numa mandíbula projetada, saliente. Entretanto, possuía sutileza e um certo charme que fazia com que, rapidamente, a aparência estranha fosse desconsiderada. Ela ofereceu a Angela o assento ao seu lado e em cinco minutos conhecia a posição ocupada por Angela no nicho da sociedade.

- Anthony! - exclamou. - Por que não me disse que a Sra. Monroe era filha de Hamilton Stanhope?

Anthony apenas sorriu placidamente ante a reprimenda da avó.

- Porque não sabia, minha avó. Não sou como a senhora, que conhece os nomes e famílias de cada membro da sociedade.

- Ah, todos não - objetou lady Wincomb, exibindo aquele grande sorriso que fazia Angela pensar em um cavalo. - Apenas uns dois terços - disse, dando um tapinha na mão de Angela. - Infelizmente, já não circulo mais como costumava e não conheço vocês jovens tão bem. Agora, há uns quarenta anos... Não havia um rumor que desconhecesse. Tampouco haveria alguém que não conhecesse... incluindo o título e a propriedade, pode ter certeza.

No correr da noite, à medida que lady Wincomb os entretinha com histórias de sua vida como uma das mais importantes anfitriãs da sociedade londrina, Angela se convenceu de que a mulher falava a pura verdade. Uma idéia começou a aflorar na mente de Angela, e durante uma pequena pausa na conversa no jantar, disse:

- Lady Wincomb, suponho que a senhora tenha conhecido todos os endereços e mesmo os campos de caça ou casas de veraneio na Escócia.

Angela sentiu o olhar afiado de Cam sobre ela. Ergueu a cabeça e sorriu para ele. Lady Wincomb, na extremidade da mesa, acenou que sim, balançando suas plumas púrpuras.

- Ah, claro - concordou. - Hoje em dia não, é claro, mas antes de você ter nascido, sim.

- A senhora por acaso se lembra de quem possuía chalés na Escócia?

- Oh, muitas pessoas. Presumo que não esteja falando dos próprios escoceses cujas propriedades se localizam na Escócia.

- Não, estava pensando em uma família inglesa que ia de vez em quando, pela paisagem ou para pescar.

- Bem, não era o tipo de coisa de que eu gostava, fique certa. Em minha opinião, a Escócia é agradável apenas no verão, e não apreciava sair daqui na alta temporada para ir à floresta pescar. Agora, lembro que lorde Marsden costumava ir lá com frequência. Ele era um excelente pescador e a família nunca o acompanhava. Parece que seu chalé era um tanto rústico. Mas de que família você está falando?

- Não sei ao certo. Estou tentando descobrir o nome.

- Ah, entendo. Só ouviu falar sobre o chalé? Onde se localizava?

- Hmm... Não estou bem certa, na área de Carnmore, Dunblane ou Glynmouthe.

- Nenhum desses lugares me soa familiar. Sabe, quem viajava muito à Escócia era lorde Freestone. O pai, William, quero dizer. Não creio que o atual Freestone ligue muito para isso, pois é caseiro e dificilmente se afasta de Kent. Eles possuíam uma casa perto de... qual era mesmo o nome do lugar? Era perto de Falkirk... Emburn, acho que era isso.

Angela se ajeitou no assento. Ela se ocupara estudando o mapa da Escócia nas últimas semanas, examinando a área entre Glasgow e Edimburgo, onde Carnmore se localizava. Falkirk era um nome que reconhecia.

- Claro, os Blasenstock sempre viajavam para a Escócia, mas acredito que era bem mais para o norte. - Lady Wincomb continuou: - O conde de Whitford também possuía uma casa lá. Ia sempre no final do verão, depois que se instalou aqui. Ele não passava uma temporada sem contrair dívidas. Isso me lembra do velho Hamerhill. Lembra-se dele, Anthony?

Ela já embarcara em outra história. Angela sorriu e ouviu polidamente, porém por dentro ardia de impaciência por chegar em casa e checar o mapa. Quando finalmente foram embora, a carruagem parecia terrivelmente lenta, e assim que chegaram, ela subiu em disparada pelas escadas para buscar o mapa. Cam a seguiu mais devagar, chegou ao quarto no instante em que ela se virava com ar triunfante, os olhos brilhando e o mapa na mão.

- Cam, eu sabia... Falkirk é perto de Carnmore. E aquele outro nome que ela mencionou... a aldeia de Emburn? Fica a uns 25 quilômetros de Carnmore.

Cam deu um sorrisinho e a beijou de leve nos lábios.

- A euforia da caçada... Sabe, meu amor, isso não significa que Freestone seja meu pai. Existem várias outras cidades e casas, a pouca distância a cavalo de Carnmore.

- Pode ser, mas quantas abrigaram cavalheiros ingleses?

- Outro detalhe... Caso se lembre, minha tia contou que minha mãe se apaixonou por um jovem *visitante* de uma família dona de uma casa na região. Não por um membro da própria família. Mesmo se achássemos a família certa, seria improvável que se lembrasse qual dos visitantes em determinado ano poderia ter se envolvido num romance secreto com uma garota da cidade.

- É mais do que tínhamos até agora - afirmou Angela, com certa razão. - Não sabemos ao certo se foi uma visita. Talvez o homem tenha inventado, na tentativa de esconder sua identidade.

- Quando pretendia casar com ela? Ele deve ter se revelado em algum momento.

- Ou talvez ela tenha contado a sua tia, pelo mesmo motivo: Afinal, poderia rezear que Janet contasse quem era seu amante à família de sua mãe. Ela podia não ser totalmente confiável. De qualquer modo, mesmo que não seja lorde Freestone, ele poderia se lembrar de quem o visitou naquele verão. Pode inclusive ter tomado conhecimento do romance. Afinal, quem estaria em melhores condições de nos dizer que outras famílias inglesas poderiam ter uma casa na mesma região?

- Bem, nisso você tem razão. Então sugere que visitemos lorde Freestone?

- Sim.

- Então, assim será. - Ele a beijou de novo, dessa vez com mais intensidade, e Angela jogou o mapa de lado.

- Você estava tão bonita hoje à noite - sussurrou ele, começando a desabotoar-lhe o vestido.

Despiram um ao outro lentamente, se beijando e se acariciando suavemente, fazendo arder as brasas da paixão. Cam colocou Angela na cama, então sorriu e se afastou em direção ao armário. Ao retornar, brincava com as conhecidas cordas douradas entre os dedos. Angela se derreteu ao vê-las, e um calor profundo foi despertando em seu ser.

Ela olhou para Cam e viu refletida a mesma expressão em seu rosto. Os lábios estavam mais macios e seus olhos negros cintilavam. Ela acenou com a cabeça, já umedecendo os lábios. Cam

sorriu, deixando sair uma profunda, deliciosa e significativa risada. Pegou a franja da corda entre os dedos e lentamente desceu-a até o rosto de Angela, provocando arrepios por seu corpo e abdômen. Ela podia sentir a umidade involuntária surgindo entre as pernas.

- Desta vez - murmurou ele, no mesmo tom intenso e sensual - eu amarrarei você.

Capítulo Dezessete

Angela permaneceu imóvel, os olhos alertas fixos em Cam. Ele sorriu de modo tranqüilizador e acrescentou:

- A menos que você não queira. - Beijou-lhe o lábio superior, em seguida o inferior, demorando-se docemente em cada um. - A escolha é sua. Se confiar em mim.

Angela se deu conta do que isso significava para ele. Se estivesse preparada para se colocar em suas mãos, dando-lhe total controle sobre seu corpo, isso provaria sua total confiança e fé. Cam saberia ter apagado todos os vestígios da maldade de Dunstan de sua mente.

Sorriu suavemente:

- Confio em você.

Os olhos dele se iluminaram em resposta e ele se sentou na cama ao seu lado, mas não a amarrou logo. Em vez disso, passou a franja sobre seus lábios, descendo até o queixo e o pescoço. Ele deslizou então os delicados fios sobre sua pele, provocando-a com o toque de pluma, enrascando a corda em torno de cada seio, movendo-a em espiral até chegar ao topo. Passou a franja sobre o mamilo, que desabrochou duro, intumescido. Angela inalou ante a deliciosa sensação e o abundante líquido do desejo continuou a brotar-lhe entre as pernas. Com a mesma intencional lentidão, Cam rodopiou a ponta da corda no outro seio, deixando os pequeninos fios dançarem delicadamente sobre sua pele. Angela soltou um gemido baixinho de prazer, movendo-se irrequieta na cama.

- Está pronta?

Ela assentiu apaixonadamente, todos os vestígios de dúvida postos de lado pela paixão despertada por Cam. Ele sorriu e se inclinou para beijá-la. Amarrou então a corda em volta de seu pulso, certificando-se de que não a machucaria, e atou a outra extremidade no pilar da cama. Subiu por cima dela, pegando-lhe o outro pulso e amarrando-o da mesma maneira. Angela fitou a figura dominadora por entre os cílios pesados. Tinha plena consciência de sua força e masculinidade, porém não sentia medo e sim desejo. Ela

queria experimentar o poder de Cam, senti-lo penetrá-la e levá-la aos cumes da paixão.

Ao terminar de amarrar a corda, sentou-se e fitou-a novamente. Angela sabia que na posição em que se encontrava os seios projetavam-se de uma maneira diferente e excitante. Podia ver a luxúria dominando o olhar de Cam. Sorriu sensual, apreciando o efeito que provocava.

Ele se abaixou e cobriu-lhe os seios com as mãos, arrastando-as depois, lentamente, pelo abdômen até as pernas, acariciando cada centímetro de pele, sem preocupação com o tempo. Levantou-lhe a perna e beijou-lhe o tornozelo, ao mesmo tempo em que a outra mão deslizava lentamente pela batata da perna e pela coxa até atingir a quente e úmida junção das pernas.

- Hmmmm. - Sorriu, deixando os dedos correrem sobre a pele sedosa suada de desejo. - Parece que você já está pronta para mim.

Angela concordou, ainda sem fôlego. Porém, ele sacudiu a cabeça sorrindo:

- Ainda não. Temos um longo caminho a percorrer antes. - Acomodou-se entre suas pernas, começando a excitar-lhe os seios.

Beijou a pele macia, provocando-a com a língua, lambendo e sugando cada mamilo até deixá-lo num tom framboesa. Angela arfou e gemeu, movendo os quadris e tentando, inutilmente, desvencilhar-se dos nós que lhe amarravam os pulsos. Havia algo de delicioso, descobrira, na frustração sexual, em não ser capaz de retribuir as carícias de Cam. Não podia excitá-lo usando as mãos e se descobriu utilizando mais o próprio corpo, arqueando os quadris para se esfregar no corpo dele.

Seu riso de prazer era baixo e intenso.

- Sua louca, você não vai me apressar ou desviar de meus planos. Pretendo fazer isto muito, muito devagar.

E ele o fez, movendo-se pelo seu corpo num ritmo lento, agonizante. A língua traçou a curva dos seios. Depois, foi beijando o caminho entre sua barriga e seu umbigo, onde se deteve para uma exploração mais detida. Angela se contorceu, afundando os

calcanhares na cama à medida que a língua de Cam se movia por sobre seu liso abdômen. Ele separou-lhe as pernas e desceu o corpo, começando a beijar a parte interna de uma das coxas. Foi subindo até chegar próximo ao incandescente núcleo do desejo. Angela ofegou, quase soluçando ante a força da paixão. Ele dedicou-se então à outra perna, beijando e fazendo desenhos na sua pele com a língua, até ela achar que fosse enlouquecer.

- Por favor, por favor, Cam, penetre em mim - implorou. Ele parou, fechando os olhos, lutando por retomar o controle que as palavras ardentes quase o fizeram perder.

- Não, ainda não, meu anjo. Ainda não - finalmente murmurou.

Em seguida, abaixou a cabeça e encarou a fonte de seu êxtase. Angela sentiu a boca cobri-la e se mexeu, atônita, deixando escapar um grito abafado. Cam então escorregou as mãos por baixo de suas nádegas, levantando-as e deixando-a totalmente aberta para ele. Angela gemia, enquanto a língua de Cam a descobria e acariciava. Ela nunca sentira algo parecido, nunca sonhara que tal coisa existisse. Estremecia a cada toque, a cada nova sensação.

Ele a satisfiz, sem pressa, excitando-lhe a pequena saliência entre os lábios até ela perder o juízo e se contorcer em êxtase. Levou-a quase ao clímax repetidas vezes e então diminuía o ritmo e esperava um pouco antes de recomeçar. Finalmente ele a conduziu ao explosivo momento de glória e ela gritou, debatendo-se contra as cordas que a prendiam. Porém ainda não era o suficiente para Cam. Logo após, começou a provocá-la com a língua, despertando-lhe o desejo novamente. Ela custou a crer que pudesse ficar estimulada de novo tão rapidamente, mas em seguida já estava enlouquecida outra vez, gemendo e gritando o nome dele.

Cam desatou os laços de seda que a detinham, sorrindo de modo sensual. Angela sorriu e abriu os braços para ele e só então foi penetrada, pondo fim ao sofrimento. Ele estava enorme e duro dentro dela, quase atingindo o ápice. Cam copulava vigorosamente, saciando sua vontade, e Angela permanecia unida a ele, maravilhada em sentir a paixão brotar novamente. Ele a penetrou repetidas vezes, gritando-lhe o nome. Angela estremeceu quando

finalmente despencarem juntos no precipício da satisfação e da entrega.

No outro dia, Angela e Cam partiram para Silverhill, a propriedade de lorde Freestone, em Kent. Não era uma longa viagem, apenas um dia na luxuosa carruagem.

Quando chegaram à mansão, Cam ajudou Angela a descer do veículo. Viraram-se e observaram a casa por um momento. Por fim, Cam pronunciou:

- É um sentimento estranho saber que posso encontrar meu pai em instantes. Não estou totalmente certo se quero conhecer a verdade.

Angela olhou para ele.

- Quer ir embora? O rosto contraiu-se.

- Não. Ficaria transtornado se nunca soubesse. Preciso descobrir.

Subiram os degraus e bateram à porta. Momentos depois, foram atendidos por uma sardenta e sorridente jovem criada, que fez uma medida e levou-os à sala de estar. Logo em seguida, um homem na casa dos 60 anos entrou, com um sorriso tão amplo quanto o da jovem empregada. Estendeu a mão a Cam, dizendo:

- Lorde Freestone, ao seu dispor.

Era um homem de excelente aparência, altura mediana, calvo no topo da cabeça. O que restava do cabelo, uma mistura homogênea de louro claro e grisalho, na altura das orelhas, usado para esconder a calvície. Os olhos eram suaves, de cor azul-clara. *Ele parecia, pensou Angela, um homem muito gentil e ligeiramente distraído. Poderia esse homem ser do tipo que se casa e abandona a mulher e o filho?* Descobriu-se nutrindo esperança de que ele não fosse assim.

Cam apresentou-se e a Angela, agradecendo lorde Freestone por concordar em encontrá-los. O anfitrião retribuiu distraído e gesticulou convidando-os a se sentarem.

- Não se preocupem - disse com sinceridade. - Sentem-se, por favor, Fico sempre grato por ter uma chance de conversar. Não gosto muito de viajar, entendem? Mas é cansativo ver os mesmos

velhos rostos todo o tempo - disse, encerrando a frase com um gargalhar.

- Apesar disso, foi muito gentil de sua parte concordar em conversar conosco - afirmou Angela, sorrindo graças ao simples bom humor do homem.

- Mas o que era mesmo que desejavam saber? Procurei hoje de manhã a carta que me enviaram, mas não consegui encontrá-la. Desde a morte de Mary não tenho tido êxito em organizar as coisas.

- Mary era sua esposa?

- O quê? Ha, ha, ha! - Deixou escapar a mesma gargalhada.

- Oh, não, Mary era a governanta. Sempre tomou conta de tudo. Uma mulher maravilhosa. - Seu rosto se fechou por um momento.

- Como uma mãe para mim. Minha esposa morreu há cerca de trinta anos e nunca voltei a me casar. Nunca tive muito sucesso com as mulheres. - Sorriu desculpando-se para Angela.

Angela retribuiu o sorriso.

- Ora essa, não posso acreditar.

- Obrigado, cara senhora, mas lamento ser a triste verdade.

- Ergueu a cabeça. -A senhora não disse que era americana? Seu sotaque não condiz.

... - Não, meu marido é americano. Sou inglesa. Meu pai era Hamilton Stanhope.

- Hamilton Stanhope... - O rosto se iluminou. - Nossa, o velho Ham. Eu o conheci. Estudamos juntos por um ano em Oxford, mas ainda me lembro dele. Um distinto cavalheiro. Pena ter morrido tão jovem.

- É verdade. Mas meu marido, o Sr. Monroe, foi criado na América - continuou Angela, repetindo a história inventada para explicar o interesse deles. - Ele está pesquisando a respeito de seus ancestrais. Eles vieram da Escócia, entende, e quando conversávamos com lady Wincomb outro dia, ela nos disse que o senhor poderia nos ajudar. Ela mencionou que sua família veraneava na Escócia.

- Lady Wincomb? A assustadora dama que sempre veste púrpura?

Angela aquiesceu.

- Meu Deus do céu! Ela conheceu minha mãe. Sempre me apavorava quando vinha nos visitar.

Angela escondeu um sorriso enquanto o anfitrião continuou:

- Sim, possuíamos uma casa na Escócia. Um local tedioso, mas meu pai adorava. Vendi a casa após sua morte, pois nunca me importei em ir lá. - Fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas. - Assim sendo, não vejo como posso ajudá-los. Nunca conheci nenhum dos moradores locais.

- Minha mãe era Grace Stewart - disse Cam, observando com atenção a reação do velho senhor.

Porém lorde Freestone não esboçou reação, a não ser um leve e enigmático franzir de sobrancelhas.

- Grace Stewart - repetiu. - Não... Bem, não sei. Soa ligeiramente familiar.

Cam olhou de soslaio para Angela. A reação de Freestone não parecia a de um culpado. Ou ele era um excelente ator ou o nome da mãe de Cam não significava basicamente nada para o homem. Cam também achou difícil acreditar que um homem tão simpático fosse capaz de seduzir uma jovem, casar-se com ela e depois abandoná-la. A sensação era de terem chegado a um beco sem saída.

- Quando foi isso? - perguntou Freestone.

- Bem, provavelmente há cerca de 34 anos.

- Faz muito tempo. É difícil lembrar. Isso aconteceu antes de meu casamento com Millicent. - Ele parou e então soltou a bomba: - Bem, talvez fosse aquela moça de quem Arthur tanto gostava. - Cam e Angela congelaram. Após conhecer Freestone ambos haviam perdido a esperança de obter alguma informação pertinente do homem, que parecia inocente e distraído demais para ser quem procuravam e para se lembrar de qualquer coisa sobre alguém que tivesse conhecido.

- Arthur?

- Sim, ele apareceu com Herbie Layton certo verão. Foi provavelmente nessa época: 33 ou 34 anos atrás. Não conhecia Arthur muito bem. Ele era mais velho do que eu, e, bem, eu não pertencia a seu *círculo*. Nossa família é boa, mas não do mesmo nível social ao qual ele pertencia, especialmente após seu casamento. Mas ele tinha alguma relação com a família de Herbie, creio, e esteve envolvido em alguma confusão. De qualquer maneira, meu pai gostou da presença dele e sempre tínhamos muitos convidados quando íamos para lá. Ajudava a passar o tempo. Arthur estava muito interessado nessa garota da região. Ela não era de Emburn. Ele e Herbie a encontraram certa vez e quando foram para... Qual era mesmo o nome daquela aldeia?

- Carnmore? Freestone animou-se.

- Sim, deve ser isso Um nome bem parecido, acredito. Sua mãe era dessa cidade?

- Sim. Sim, era.

- Bem, deve ser isso então! - Freestone pareceu satisfeito consigo mesmo. Depois o rosto entristeceu. - Porém eu nunca conheci a garota. Foi Herbie quem me contou a respeito.

- E esse Arthur que o senhor mencionou? Talvez ele possa nos ajudar com alguma informação - sugeriu Angela, com uma quase dolorosa expectativa crescendo no peito, uma mistura de dor e temor.

- Não, acho que faleceu, nossa, faz tantos anos. Levou uma queda do cavalo, se não me engano, e quebrou o pescoço.

Os olhos de Angela se arregalaram e, de imediato, ela empalideceu.

- Ele o quê? Quem... Quem era ele?

Os olhos de Cam, confusos, buscaram os de Angela, mas o senhor nada percebeu. Repetiu animadamente:

- Caiu do cavalo. Um ou dois anos após ter recebido o título. Arthur Asquith era seu nome. Lorde Dunstan, o pai do atual. - Calou-se, pensativo, o cenho franzido. - Espere. Ele não tem algum parentesco com sua família?

- Não. Não temos parentesco - disse Angela através dos lábios já descorados.

- Angela... - Cam se levantou de imediato e foi na direção dela. - Você está bem? - Inclinou-se preocupado e em seguida olhou para lorde Freestone. - Peço desculpas, milorde. Temo que minha esposa não esteja se sentindo bem. O senhor foi extremamente gentil conosco, mas precisamos partir.

- Nossa, querida jovem, espero que não seja nada sério - disse lorde Freestone, olhando-a ansioso.

- Não se preocupe. Ficarei bem. Só preciso... deitar e descansar.

- Ah. Claro, sem dúvida assim se recuperará. — Sorrindo, os acompanhou até a saída. - Foi um prazer conversar com vocês - disse à porta. - Espero tê-los ajudado.

- Sim, o senhor foi de grande ajuda.

- Ótimo. Ótimo. - Ele acenou e sorriu quando Cam levou Angela para fora da casa, para a carruagem.

A carruagem partiu. Cam envolveu Angela em seus braços, puxando-a para perto.

- Tudo bem?

- Sim, sim, estou bem. Foi tamanho o choque que me causou vertigem. - Angela girou e olhou Cam fixamente. - Cam...

- Sim, eu sei. Meu pai é o mesmo de Dunstan. Sou *irmão* daquele louco com quem você se casou. - Uma forte emoção ardeu em seus olhos. - O sangue deles corre em minhas veias!

- Cam, não sabemos ao certo se ele é mesmo o homem por quem sua mãe se apaixonou.

- Tudo encaixa: um cavalheiro inglês, numa casa de veraneio nas proximidades. A casa de lorde Freestone não era distante de Carnmore e ele acredita que Arthur, o futuro lorde Dunstan, estava interessado numa garota daquela cidade, uma garota cujo nome ele acredita ser Grace Stewart. De que evidências mais precisamos? E se precisamos mais, que tal isso? Obviamente, herdei minha cor da família de minha mãe, mas não minha altura. Você pôde, por certo,

observar que meus dois tios são de baixa estatura, porém lorde Dunstan tem quase a mesma altura que eu.

- Sim - concordou Angela, relutante, cravando os olhos em Cam. Ela nunca havia pensado nisso antes, mas sua compleição era mesmo similar à de Dunstan, apenas um pouco mais musculoso.

- Procurávamos por um canalha, um homem que seduziria uma mulher e depois a abandonaria juntamente com o filho. Não tenho dúvida de que o velho lorde Dunstan se encaixaria nesse perfil, dada a perversidade do filho. Dizem que a maçã nunca cai longe da árvore. - A voz estava carregada de amargura.

- Mas isso não se aplica a você - disse Angela de modo gentil, pondo-lhe a mão no braço. Os músculos estavam contraídos e duros como ferro sob seus dedos.

- Por que não? Também sou filho dele. Céus, Angela, como pode suportar sequer sentar ao meu lado sabendo que sou irmão de Dunstan?

- Você é somente meio-irmão dele. Você teve mãe também, não apenas pai, e foi ela quem o criou. Você não sofreu influência de seu pai todos os dias de sua vida, como Dunstan. Sua mãe o ensinou a ser bom e decente, e você é. Você não é o mesmo tipo de homem que eles só porque o mesmo sangue corre em suas veias.

- Desejaria nunca ter descoberto quem foi meu pai. Deveria ter deixado isso de lado. Obviamente, minha mãe possuía uma boa razão para esconder a verdade de mim. Supunha que ele não fosse um bom homem, mas disse a mim mesmo que não importava. Precisava saber quem ele era, quem *eu* era. Mas agora... Calculo não ser tudo o que desejava. Eu quis, imagino, descobrir que poderia ter havido algum engano. Que ele não fosse mau, que houvesse amado minha mãe, me amado. Tive esperança de que você tivesse razão, que ele teria morrido ou que tivessem sido separados por algum motivo. Quando o pastor contou que ele se casara com ela, comecei a imaginar que talvez suas suposições fossem verdadeiras, que ele a amara o bastante para se casar, e era um homem honrado. Mas, obviamente, me enganei. Ele já era casado com a mãe de Dunstan e usou minha mãe de modo abominável, fingindo ter se casado com ela, fazendo-a acreditar que ela era sua esposa legítima. Não me

surpreende ela não possuir certidão de casamento. Deve ter descoberto que de nada valia. Preferia ser filho de qualquer outra pessoa.

- Nenhum de nós escolhe seus pais. Não é sua culpa.

— Talvez não, mas tampouco é algo de que possa me orgulhar - suspirou. - E se essas tendências estiverem em mim, esperando para se manifestarem? Não fui bom nem cortês quando a forcei a se casar comigo. Não foi perdão cristão que senti por seu avô. Eu queria vingança, e a tive, mas atingindo você e seu irmão. E se essas atitudes forem um indicativo de quem realmente sou?

- São indicativos de que você é humano - replicou Angela, se aproximando o máximo possível e dando-lhe o braço. Encostou a cabeça em seu braço. - Eu amo você, Cam, e sei que é um homem bom. Nem sempre foi gentil, mas estava magoado e não conhecia os verdadeiros fatos.

- Não tenho certeza se é uma desculpa justificável.

- Meu querido e amado tolo, acredite em mim. Conheço você e Dunstan também, e vocês dois em nada se parecem, exceto pela altura. Jamais ocorreu a Dunstan refletir sobre alguma perversidade cometida. O mal nada significa para ele. Só se importa em obter o que deseja, mesmo que para tal o sofrimento alheio seja o preço a pagar. Assim são os seres humanos verdadeiramente malvados. Eles nem mesmo se dão conta da existência da bondade. Se a percebem, riem ou tentam destruí-la. Você não é esse tipo de homem, e não vejo motivo para achar que vai mudar de repente apenas por ter descoberto que seu pai era um homem mau.

- Eu sei. Mesmo assim, é difícil aceitar em meu coração. Permaneceram em silêncio por um longo período. Angela voltou-se para encarar Cam e disse, calmamente:

- Dunstan é quem vem tentando matar você. Ele concordou.

- Estava pensando nisso.

- Suspeitei dele antes, mas achei estar enganada, pois ele não tinha motivo para querer assassinar você, exceto por minha causa. Não achei ser o suficiente, mesmo para Dunstan. Porém, ele

me disse algo estranho naquela noite, na ópera. Foi algo como: - Quando seu marido se for, você será minha novamente*

- Nunca. - Ele a abraçou de imediato, num gesto de proteção.

- Soou estranho na hora, mas agora faz sentido. Ele pretendia se livrar de você. Estava tentando matá-lo.

- Ele deve saber quem eu sou. O pai, provavelmente, lhe contou sobre seu outro casamento e sobre o fruto da união. Sem dúvida, receia que eu já conheça a verdadeira história ou a descubra, ou, pior, que conte a todo mundo que o pai era bígamo.

- Seria um grande escândalo - concordou Angela. - Principalmente depois de a família ter enfrentado a vergonha do divórcio. Ele foi bem menos afetado do que eu, mas isso seria um escândalo impossível de ser superado, e Dunstan dá muito valor à posição social. Acho até que o que mais o enfureceu, quando o abandonei, foi o escândalo.

- Ele é um imbecil. Como se eu fosse espalhar para todo mundo que sou filho ilegítimo e que meu pai era um traidor mentiroso, enganador.

- Nem sempre Dunstan é lógico.

- Nem sempre Dunstan é são.

Angela deu uma risadinha e olhou o marido, surpresa.

- Minha nossa! A coisa mais incrível acabou de acontecer.

- O quê?

- Você me fez rir de Dunstan. Nunca imaginei que um dia eu pudesse rir ou até mesmo sorrir de qualquer coisa relacionada a ele.

- Ela lhe deu um sorriso deslumbrante e o abraçou.

- Cam, eu amo você. Amo você mais do que tudo no mundo!

Capítulo Dezoito

A caminho de casa, Angela e Cam discutiram exaustivamente o assunto. Concordaram que a única forma de deter Dunstan era Cam encontrá-lo e explicar que caso ele e Angela não fossem perturbados ele nada contaria sobre o pai bígamo. Entretanto, Cam também diria que uma carta seria enviada a seu advogado explicando toda a história com instruções de abri-la caso lhes acontecesse algo, acidental ou intencionalmente. Naquela noite, Cam se sentou assim que chegaram e redigiu um bilhete conciso, explicando querer se encontrar com Dunstan e sugerindo hora e lugar. Nada mais adiantara, acreditando na curiosidade de Dunstan e em seu interesse no encontro.

Angela deixou Cam em casa na manhã seguinte à espera de notícias de Dunstan e ocupado com vários assuntos profissionais com o Sr. Pettigrew, enquanto ela foi fazer compras com Kate. Desta feita, estavam encarregadas da deliciosa tarefa de encomendar um vestido de noiva e enxoval para Kate. Ela concordara em se casar com Pettigrew, agora sorrindo o tempo todo. Cam insistira em entrar na igreja com a noiva e encarregara Angela de se certificar de que Kate tivesse roupas e acessórios apropriados.

Kate protestara por ele estar fazendo demais por ela, mas Angela não aceitou os protestos. Sabia que Cam não estava apenas presenteando um velho amigo ou fazendo isso para beneficiar seu querido assistente. Ele sentia uma enorme dívida em relação a Kate por ter ajudado Angela a escapar de Dunstan, e embora julgasse nunca ser capaz de pagá-la por sua coragem e gentileza, sentia como se ela pertencesse à família por tudo que fizera.

Uma vez superadas as objeções e protestos de Kate, as duas dedicaram-se a uma deliciosa sessão de compras. Ao voltarem para casa no meio da tarde, estavam exaustas, mas bastante satisfeitas com o progresso. O vestido de noiva tinha sido encomendado - escolhidos o tecido e o modelo - e haviam começado a fazer o enxoval.

Um lacaios abriu-lhes a porta e, para sua surpresa, deixou escapar um som estranho, entre o engolir em seco e a exclamação, e ficou parado fitando-as como se transformado em pedra. Angela levantou a sobrancelha e passou por ele entrando no hall.

Kate, menos reticente, disse:

- Ei, qual o motivo deste olhar idiota?

- Milady! - finalmente murmurou. - Mas como? Aonde? Pensávamos que estivesse morta!

- Desculpe? - Angela o fitou atônita. - Henry, você andou bebendo?

- Não, madame, juro. Oh, meu Deus! Espere aqui, milady, por favor.

Angela e Kate trocaram olhares desconfiados quando o lacaios saiu às pressas. Em poucos segundos estava de volta, o distinto mordomo o seguindo com surpreendente velocidade. Ele também parou e olhou as duas mulheres, pasmo.

- Milady! Abençoada seja! - gritou. - Mas, meu Deus, o que devemos fazer? Agora que a senhora chegou, o patrão partiu!

- Chesworth - disse Angela em tom seco, contemplando a possibilidade de esbofetear o homem para trazê-lo de volta a si. - Poderia por gentileza parar de resmungar desse jeito e me dizer o que está acontecendo? Como assim, o patrão partiu? Onde está o Sr. Monroe?

- Não sei - gemeu. - Oh, milady, algo muito errado está acontecendo.

Um frio invadiu o coração de Angela, extinguindo a irritação. Deu um passo à frente e pegou o braço do mordomo, apertando-o com força. Os olhos faiscavam.

- *O que* está errado? O que aconteceu com o Sr. Monroe? Diga imediatamente ou ponho você para fora agora mesmo, sem carta de recomendação. Agora controle-se e me diga o que está acontecendo.

- Sim, milady. - Ele empertigou-se. - O Sr. Monroe foi informado há mais ou menos uma hora de que a senhora tinha sido

ferida. Atropelada por uma carruagem. O garoto que veio aqui avisar disse que mostraria a ele aonde ocorrera o acidente e os dois partiram. Mas o Sr. Pettigrew ouviu e, naturalmente, preocupado com a Srta. Kate, correu atrás deles. Estava prestes a alcançá-los quando o Sr. Monroe e o garoto chegaram ao Hyde Park. De repente, dois bandidos pularam e atacaram o Sr. Monroe!

Kate deixou escapar um grito. Angela nada disse, mas ficou pálida como a morte.

- O Sr. Pettigrew gritou e começou a correr na direção deles, mas não conseguiu alcançá-los a tempo. Eles cobriram o Sr. Monroe com um grande pano negro e o atiraram dentro da carruagem. Eles também entraram e o veículo saiu em disparada. Quando o Sr. Pettigrew chegou ao local, já estavam a meio quarteirão de distância, O Sr. Pettigrew dirigiu-se às autoridades. Ele estava fora de si de preocupação a respeito da Srta. Kate bem como do patrão.

- Nada nos aconteceu. Não houve acidente. Foi uma armadilha.

Por um momento, Angela foi tomada pelo terror. Não podia pensar em mais nada, exceto no fato de Cam ter desaparecido. Queria gritar e se deixar levar pela histeria, mas bastou um olhar para o rosto abatido do mordomo e soube que não poderia. Era a única pessoa capaz de lidar com a situação; a única com esperança de salvar a vida de Cam.

Voltou-se para Kate.

- Dunstan o pegou. Tenho certeza. Quando Cam lhe enviou aquele bilhete solicitando um encontro, ele deve ter ficado assustado e tentou uma última desesperada tentativa. Vão levá-lo para a propriedade dele. Fica a apenas duas horas de Londres, mas lhe garantirá a privacidade de fazer o que lhe passar pela cabeça. Na casa de

Londres seria muito arriscado. Alguém poderia vê-lo ou ouvi-lo.

A não ser, é claro, que ele o tivesse levado para outro lugar do qual Angela não tivesse conhecimento... Decidida, afastou o pensamento da mente. Não, ela conhecia Dunstan e ele preferia

fazer seu trabalho sujo na casa no campo, em sua vasta propriedade, com criados leais. Era o lugar em que ele se sentia mais confortável, mais senhor da situação.

- Chesworth, mande um dos cavaleiros selar meu cavalo. Vou atrás deles.

- Milady! - Ele pareceu terrivelmente chocado, mas depois de um olhar fulminante de Angela cessou de argumentar e simplesmente meneou a cabeça, dizendo: - Sim, milady. - Virou-se para o empregado e emitiu uma ordem.

- Vou com você - disse Kate com firmeza.

- Não. Você não pode. Apenas me atrasaria. Além disso, você deve conduzir os outros, Pettigrew e as autoridades, até a propriedade de Dunstan. E o major Dorton! - Os olhos se iluminaram. - É ele quem deve ser procurado. Kate, vá até a casa dele o mais rápido possível e explique o que aconteceu. Ele é um homem de ação e já nos ajudou antes. Diga que imploro que a acompanhe até Gresmere Park. Será preciso alguém como ele para fazer as autoridades darem uma busca na propriedade de um nobre. E caso eles se recusem, bem, ele é a melhor pessoa na qual posso pensar para ter ao lado numa luta. Vá para a propriedade de Dunstan o mais rápido possível com ele e Pettigrew. Explique a Jason o que aconteceu.

Kate meneou a cabeça. Pegou a mão da patroa e a apertou.

- Cuide-se, milady.

Kate saiu às pressas da casa em busca de uma condução que a levasse à casa do major, Angela voltou-se para o confuso Chesworth.

- Onde está a arma?

O mordomo revirou os olhos. Angela estalou os dedos, impaciente.

- Ande logo, homem. A vida de Cam depende de nós. Preciso de uma arma: uma pistola e munição.

Ele piscou.

- Ah! Existe uma caixa trancada com uma arma no escritório.

Angela correu ao escritório e abriu a gaveta superior da escrivaninha, procurando a chave. Encontrou-a e destrancou a caixa, preparada para quebrar o vidro se a chave não funcionasse. Apressada, pegou a pistola e uma caixa de munição e colocou-as no espaçoso bolso do vestido. Voltou-se e saiu apressada rumo à porta da frente. O cavaliariço cumprira sem demora a ordem do lacaio e já trazia sua égua das estrebarias. Angela sabia que ficaria ridícula em seu vestido diurno e touca, em vez de usar uma roupa de montaria, mas não tinha tempo para mudar de roupa. Saiu correndo de casa e deixou o cavaliariço ajudá-la a montar. Depois cutucou o animal nos flancos e saiu em disparada.

Angela recusou-se a pensar no que a esperava. Não pensaria em Dunstan ou na casa para a qual se dirigia, a casa da qual escapara há três anos, aterrorizada, jurando nunca mais voltar. Em vez disso, concentrou-se em obter a maior velocidade de sua ligeira égua sem exauri-la. Ela chegaria em menos tempo do que numa carruagem, tinha certeza, especialmente quando se aproximasse da casa e pudesse usar atalhos através de campos e saltando cercas, em vez de usar o caminho da estrada, mais demorado. E se bem conhecia Dunstan, ele não se apressaria, deliciando-se em torturar Cam antes de matá-lo. Nada lhe agradava mais do que ter alguém sob seu poder, e *Cam*, pensou, *devia ser o homem a quem ele mais odiava no mundo inteiro* - o homem que era dono do coração de sua esposa e que poderia, além disso, levá-lo à ruína social. Não, Dunstan ia querer se divertir com ele primeiro. Por mais terrível que fosse o pensamento, maior a possibilidade de Cam ainda estar vivo.

Ao se aproximarem do vilarejo de Gresmere, ela deixou a estrada, cortando caminho entre os campos. A égua, apesar de cansada, ainda tinha muita disposição e saltou o baixo muro de pedra sem dificuldade. Angela atravessou a campina e cruzou o estreito riacho localizado do outro lado. Em seguida, embrenhou-se na longa e estreita fileira de árvores que rodeava Gresmere Park ao leste. Quando ela surgiu entre as árvores, pôde ver a casa à sua frente.

Puxou as rédeas, forçando a égua a parar. Um comprido e extenso gramado separava-a da casa situada no alto de uma pequena colina, exibindo num dos lados as cercas vivas altas e verdes do labirinto. A casa em si era uma graciosa estrutura de pedra, com séculos de idade, cujas janelas com painéis, rodeadas de heras, brilhavam à luz do sol. Um pequeno jardim convencional, pontilhado de flores, localizava-se ao lado da casa. Tudo parecia tranqüilo e acolhedor.

Aos olhos de Angela, lembrava o inferno. Ela não conseguia olhá-la sem se sentir enjoada. Ficou parada um longo momento, incapaz de se mover. O medo gélido brotou em sua barriga e espalhou-se. Começou a tremer. *Não podia se aproximar daquele lugar. Não podia.* Ainda assim, sabia que deveria.

Forçou as pernas dormentes a se moverem e desceu da sela, amarrando a égua entre as árvores. Não havia esconderijo mais perto da casa. A égua chamaria a atenção de qualquer um que olhasse pela janela e alguém sairia para investigar. É óbvio que estaria perdida, se alguém olhasse enquanto atravessava o gramado, mas tentou não pensar nisso.

Carregou a arma com dedos trêmulos, depois a enfiou no bolso. Deslocou-se através da grama, apressando-se em direção ao alto muro do labirinto, planejando esconder-se atrás, antes de se aproximar mais da casa. Era a atitude mais prática a tomar. Entretanto, enquanto se aproximava, o coração acelerava abalado pelo medo e ela precisou engolir a bile que lhe subia pela garganta. Alcançou a parede verde e caiu sentada na terra, recuperando o fôlego.

- Tola!

Estava uma pilha de nervos. Olhou à volta. Ninguém, mas continuou a ouvir o murmúrio de vozes, embora não pudesse entender o que diziam. Percebeu que a conversa devia vir de dentro do labirinto. Ela se virou e tentou enxergar através dos arbustos cerrados e escuros. Seria possível que Dunstan tivesse prendido Cam dentro do labirinto?

Colou o ouvido contra a cerca viva, na tentativa de ouvir. Nenhuma das vozes era de Cam. Ouviu uma voz baixa masculina e, depois, com nitidez, Dunstan dizer:

- ... demorando tanto! -As palavras seguintes soaram indistintas e a seguir escutou um berro: - Diabos! Não precisa bater nele com tanta força! Quanto tempo mais vou ter que esperar?

O alívio tomou conta de Angela. Dunstan só podia estar falando sobre Cam e as palavras deviam significar que Cam ainda estava vivo. Ela ficou de pé, as energias renovadas. Conhecia o caminho para entrar no labirinto e nele penetrar através de uma entrada no meio da sebe. Quando acabava de dobrar a curva da sebe, entretanto, dois homens surgiram da entrada. Angela escondeu-se atrás da sebe, o coração disparado. Os homens não a tinham visto, pois continuaram a caminhar no sentido oposto, provavelmente contentes por se afastarem da língua ferina de Dunstan.

Ela esperou alguns minutos, dando-lhes tempo de sumir de vista e depois, cautelosamente, espiou. Nenhum sinal de vida. Ela correu na ponta dos pés ao longo da sebe e entrou escondida. Ficou estática, uma onda de náusea a invadindo. As folhas macias cresciam de cada lado dela, bloqueando a maior parte do sol e deixando o estreito corredor frio. Havia um leve cheiro de terra, grama e folhas, horrivelmente familiar. Ela cerrou os punhos. Era como penetrar em seu pesadelo. Por um instante, pensou não ter forças para tal.

Entretanto, pensou em Cam, e as pernas começaram a se mover. Apressou-se através das primeiras curvas do labirinto que lhe eram familiares. Depois pegou um caminho errado e esbarrou numa parede de sebe sem saída. Voltou-se e escolheu outro caminho, penetrando cada vez mais no labirinto. De vez em quando, ouvia a voz de Dunstan. Caminhou cautelosa, silenciosamente, receosa de a qualquer momento se denunciar fazendo um barulho ou virar uma curva e dar de cara com Dunstan.

- Finalmente... - A voz de Dunstan parecia estar do lado de seu ouvido e Angela quase arfou.

Ele devia estar do outro lado da sebe. Ela se virou e espiou entre as folhas. Viu um lampejo de movimento, nada mais. Mas a voz era dolorosamente audível.

- Pensei que nunca fosse acordar.

Ouviu-se uma pancada e a seguir um gemido baixo. Angela recuou. Tinha a impressão de Dunstan ter chutado Cam, apenas para encorajá-lo a voltar a si.

- Onde está Angela? - Era a voz de Cam, rouca e um pouco hesitante. Estava vivo. Lágrimas brotaram dos olhos de Angela. - Você a pegou também? - Ele não conseguia esconder a nota de pânico na voz.

- Ah, querida Angela... - Angela podia imaginar o sorriso debochado de Dunstan. - Ah! Infelizmente receio não saber o paradeiro de sua adorável esposa. Eu deveria provavelmente deixá-lo pensar que a tenho em minha cama neste exato momento, à minha espera para me servir. Provavelmente, seria divertido ver você pensar isso. Mas sou um homem incrivelmente honesto e preciso admitir que a informação dada pelo garoto não passava de uma armadilha. Não faço idéia de onde Angela esteja. Só sei que ela e aquela impertinente criada deixaram sua casa pela manhã. Talvez eu deva voltar a procurá-la quando ficar viúva. Talvez seja divertido verificar se suas habilidades sofreram alguma alteração.

A gargalhada fez Angela se arrepiar. Ela levantou-se lentamente.

Do outro lado da sebe, Dunstan continuou:

- Mas agora somos só eu e você. E vou me divertir um pouco antes de matá-lo. - Ouviu-se o sibilar da faca sendo retirada da bainha. - Achei que poderia ser divertido usar uma faca, especialmente uma antiga como esta. Não foi isso que o conde ameaçou dizer que você tinha roubado do castelo de Bridbury? Uma faca antiga?

- Nunca roubei nada. Dunstan estalou a língua.

- Que rapaz honesto. Fui eu quem sugeri aquele plano ao velho, sabia? Ele não conseguia acreditar que eu ainda desejasse me casar com Angela, considerando que sabia sobre seu caso com o

garoto dos estábulos. Fui eu quem o informei do caso, também. Ele era um velho idiota. Nunca teria percebido se eu não o tivesse alertado. - Ouviu-se um movimento do outro lado da sebe e Dunstan disse: - Ah, um homem estóico, não é? Bem, você pode trincar os dentes e agüentar por enquanto, mas antes que eu acabe com você vai estar grunhindo como um porco no abate.

Angela percebeu com horror que Dunstan devia ter cortado Cam. Andou na ponta dos pés rapidamente até um canto da sebe e deu um passo à frente, apontando a pistola. Tudo que viu foi um curto corredor verde. *Outro caminho sem saída.* Cam e Dunstan estavam bem do outro lado da sebe, mas ela precisava encontrar o caminho para chegar a eles. Virou-se e silenciosamente retornou por onde viera.

- Está louco? - dizia Cam. - Você honestamente planeja me matar aqui? Acha que ninguém vai perceber? Como diabos planeja explicar isso como um acidente... um assassinato em seu próprio terreno?

- Por isso estamos aqui; para que os criados não falem. Eles sabem que não devem vir ao labirinto se quiserem permanecer a meu serviço. De qualquer modo, sempre prefiro o ar livre. Não faz tanta sujeira. A terra absorve o sangue, e depois apenas ordenarei a Wilson que jogue você na carroça, o carregue para outro lugar, bem longe daqui, e deixe seu corpo para ser encontrado. Ninguém suspeitará que estou envolvido. Afinal, por que deveriam?

- Talvez por causa da carta que meu advogado tem em mãos - respondeu Cam, com calma. - Eu a enviei tão logo descobri a verdade.

Dunstan bufou.

- Você honestamente espera que eu acredite nisso?

- É a verdade. - Angela podia ouvir as vozes enquanto se movia pelo corredor e tomava outro caminho, caminhando com toda precaução. - A princípio eu não sabia quem era meu pai. Mas quando nos encontramos com lorde Freestone, nos demos conta da identidade dele. Não tenciono contar a ninguém, desde que você deixe a mim e Angela em paz. Foi por isso que lhe enviei aquele bilhete, solicitando um encontro. Para dizer que não revelarei ser

filho de seu pai a não ser que você insista em tentar me matar. Não tenho nenhum desejo de me vangloriar de ser filho de um bígamo. Francamente, eu adoraria que ele não fosse meu pai. Nem você seria alguém que escolheria como irmão. Com certeza, não vou alardear o fato.

- Claro — respondeu Dunstan com indiferença. - Sem dúvida, você não alimenta nenhum desejo de ser lorde Dunstan, tampouco.

Fez-se um pesado silêncio. Angela rodeou outra curva e arrastou-se no chão até o final da passagem. Sentiu-se extremamente confusa e parecia impossível que o corredor pudesse desembocar no local de onde ouvira as vozes. De repente, Dunstan riu, uma risada ruidosa.

- Ai, meu Deus, não me diga que não sabe! Você achou que o casamento de sua mãe era falso? Você achou que eu ia me dar a tanto trabalho apenas para esconder o fato de meu pai ter um filho bastardo? Céus, homem, você não entende? *Ele se casou com sua mãe primeiro!*

Angela parou, boquiaberta. De repente, tudo fazia mais sentido. Não era de estranhar que Dunstan estivesse tão decidido a matar Cam!

O pai se casara com a mãe de Cam primeiro. Era seu casamento legal, portanto, e Cam o legítimo primogênito. *Dunstan era o filho ilegítimo. E Cam deveria ser lorde Dunstan.*

- Jesus - suspirou Cam. - Você quer dizer... quer dizer que minha mãe era a esposa legítima dele? Que monstro ele devia ser para ela preferir ser uma costureira desconhecida, levando uma vida miserável, em vez de ficar com ele e ter o título de lady Dunstan.

Dunstan esbravejou:

- Ela nunca seria uma lady! Não passava de uma criada! Uma... uma ninguém!

De repente ouviu-se um estalo contra a cerca viva e Cam deixou escapar um som involuntário. Foi o suficiente para tirar

Angela da paralisia. Ela espiou pelo canto. Ali estavam Cam e Dunstan, e a proximidade era chocante.

Cam estava sentado no chão, as costas contra a cerca viva, com um olho inchado e um corte na face. A camisa tinha sido rasgada na frente e exibia cortes em dois pontos. Dunstan, inclinando-se com a faca na mão, passava lentamente a ponta no peito de Cam. O sangue escorria. Cam franziu o rosto, segurando uma exclamação de dor.

- Pare! - gritou Angela.

Os dois se sobressaltaram e voltaram os olhos para ela.

- Angela! - Cam rolou, afastando-se de Dunstan, e começou a tentar se levantar sem sucesso, pois suas mãos e pés estavam amarrados.

Dunstan a encarou, atônito, o rosto estampando a luxúria. Depois voltou ao normal e sorriu diabolicamente.

- Angela. Quanta gentileza em vir a nosso encontro. Eu acabava de contar a seu marido, o bem-sucedido cavaleiro, que era uma pena você não estar conosco. Sua presença vai animar nosso encontro. Será muito mais prazeroso possuir você diante dele.

- Você parece estar se esquecendo de algo, Dunstan - rebateu. - Sou eu que estou segurando uma pistola.

- Você pode segurá-la, mas jamais a usará. - Ele a olhou, sorrindo daquele jeito que ela tão bem conhecia e começou a andar lentamente em sua direção. - Você jamais poderia atirar em mim, Angela. Não teria coragem.

- Dunstan, pare! - A pistola tremia em sua mão.

A voz dele a envolveu como laços familiares. As verdes cercas vivas se agigantavam, sufocantemente próximas, e o cheiro do labirinto invadia-lhe as narinas. O estômago contorceu-se e a pele cobriu-se de suor.

Ele estendeu a mão. Os olhos penetrantes, a representação do mal.

- Me dê a arma, Angela. Você sabe que não pode usá-la contra mim. *Eu* tenho o poder. Você é uma coisinha fraca, chorona,

e se continuar a me desafiar, eu a farei pagar.

- Pare! - A voz soava histérica.

Ele estava a poucos passos de distância, tentando pegar a pistola.

Angela apertou o gatilho.

O sangue brotou do peito de Dunstan. Ele parou com expressão surpresa e caiu pesadamente. Angela o fitou sem expressão; depois, deixou cair a arma e correu para Cam, atirando-se ao chão. Envolveu-o num abraço, indiferente às manchas de sangue em seu peito.

- Oh, Cam, Cam - sussurrou, alternadamente enchendo-lhe o rosto de beijos e apertando-o contra ela. - Oh, meu amor, você está salvo.

- Graças a você — murmurou, beijando-a. - Você foi magnífica.

De algum lugar de dentro do labirinto, ouviu-se um berro. - Monroe' Droga, aonde diabos este negócio vai dar? Era a voz amigável do major Dorton. Angela começou a chorar e a rir ao mesmo tempo.

- Major! Estamos aqui!

- Milady? Cameron? - Era o Sr. Pettigrew. O resgate havia *chegado, embora um pouco tarde.*

- *Ouvimos um tiro, madame.* - *disse uma voz estranha.* - Os senhores estão bem? - Sim, estamos - gritou Angela em resposta, voltando a beijar o marido.

Você deve me soltar - sugeriu Cam docemente. Angela afastou a cabeça e fingiu estudá-lo.

- Hmm. Você sabe, eu prefiro você assim. Isso me faz lembrar de... uma época interessante.

Ela inclinou-se e o beijou.

- Eu amo você.

- Eu também amo você.

Ignorando os gritos do major, voltaram a se beijar.

Epílogo

Cameron inclinou-se no berço branco, deitando o bebê suavemente. O menino o olhou sem piscar, chutando os pés sob a longa roupa branca de batismo.

- Ele é uma coisinha mal-humorada, não é? n- perguntou Cam, orgulhoso.

Angela, sorrindo indulgente, caminhou para ficar a seu lado e baixou o olhar para o primogênito. Tinham se passado dez meses desde que ela e Cam enfrentaram lorde Dunstan, tempo suficiente para as amargas memórias se desvanecerem. A sociedade tinha ficado abalada com o escândalo de sua morte. Embora ela e Cam nunca tivessem revelado que Dunstan não era o verdadeiro herdeiro, as notícias de suas tentativas de assassinar tanto Cam quanto Angela foram suficientes para deixar Londres em alvoroço. Um primo distante havia assumido o título e Cam e Angela não contestaram. Não conseguiam imaginar uma maneira de provar ser Cam o verdadeiro herdeiro e não valia a pena provocar um escândalo sem provas. Haviam retomado sua vida normal, parte na casa em Londres e parte na propriedade de Bridbury. Planejavam viajar para Nova York para passar alguns meses resolvendo assuntos profissionais, mas a gravidez de Angela os fizera decidir permanecer na Inglaterra. Cam enviara Jason Pettigrew, recém-casado com Kate, em seu lugar, e embora Angela sentisse falta da amiga, tinha certeza de que era bem mais fácil para Kate começar sua nova vida matrimonial longe dos preconceitos sociais da Inglaterra.

Mais tarde, no andar de baixo, Cam decidiu registrar o nascimento e o batismo do filho na velha Bíblia que pertencera à mãe. Quando ele escreveu o nome do filho, a data de nascimento e a de batismo na frente, fechou o livro e se reclinou, passando a mão pela capa de couro.

- Mamãe costumava dizer que todas as respostas estavam aqui - lembrou-se, acariciando a impressão dourada desbotada.

As sobrancelhas de Angela se arquearam.

- Quando ela disse isso? Ele ergueu os ombros.

- Não sei. Com frequência. Ela lia a Bíblia quase toda noite. Lembro-me de ela dizer isso para mim quando estava à morte.

- Cam... - O interesse de Angela tornou-se mais aguçado e ela pegou a Bíblia, começando a folhear as páginas. - E se não falasse isso apenas no sentido religioso? E se, quando estava morrendo, quisesse que você soubesse aonde encontrar as respostas?

Ele a fitou.

- Bem, suponho que faça algum sentido... exceto que já olhamos a Bíblia e nada encontramos. Nada preso entre as páginas ou escrito nas contracapas.

Angela folheou as páginas devagar e até levantou o pesado livro e o sacudiu, depois apalpou a capa, esperando que um papel pudesse ter sido colocado e colado dentro. Mas não havia a menor saliência. Ela suspirou, derrotada. Em seguida, num lampejo, pegou a Bíblia e espiou dentro da lombada.

Ficou imóvel. A capa não estava totalmente colada à lombada do livro. Cuidadosamente, enfiou o dedo.

- Acho que tem algo aqui.

- O quê? - Cam pegou o livro dela e sentiu dentro da lombada um retângulo, como um pedaço de papel dobrado. - Você não está pensando... - Ele olhou a esposa.

Angela saiu às pressas do quarto e voltou com uma pinça. Cuidadosamente, a enfiou na lombada até alcançar o retângulo e puxou-o, finalmente retirando um comprido e estreito pedaço de papel dobrado. O peito apertou de excitação quando o entregou a Cam. Ele a fitou, quase receoso de pegá-lo.

- Não posso acreditar - murmurou. - Estava aqui todo esse tempo? Bem debaixo do meu nariz?

Ele pegou o papel e o desdobrou. Havia, de fato, várias folhas de papel, dobradas juntas. Ele as colocou na mesa e as esticou. A primeira era um documento com aparência oficial com um selo.

- É a certidão de casamento - disse baixinho, mal acreditando ser capaz de falar. Nela constava o nome da mãe e a data do casamento. Na linha correspondente ao outro cônjuge, uma assinatura legível rabiscada: Arthur Asquith. Cam a fitou por um longo instante. - É *ele*.

Angela espiou o certificado por baixo de seu braço.

- Veja a data: quatro meses antes de os pais de Dunstan se casarem.

Ele suspendeu a certidão de casamento. Debaixo, a certidão de nascimento dele. Finalmente, folhas de papel de carta com letra rebuscada.

- É a letra de mamãe - disse Cam, a garganta apertada. Ele pegou as folhas e começou a ler.

Querido Cam,

Tentei muitas vezes contar a você sobre seu nascimento, mas nunca tive coragem. Preocupava-me tê-lo privado de sua verdadeira herança e ainda tenho dúvidas, tantos anos depois, de ter feito a escolha certa. Finalmente decidi que a única maneira de poder contar era escrever e deixar num lugar onde você a encontraria e leria após minha morte.

Cam levantou a cabeça e sorriu irônico.

- Obviamente, ela superestimou minha capacidade. - Voltou à leitura.

Muitos anos atrás, num verão, conheci um homem. Ele era bonito, sofisticado, bem-educado - um membro da nobreza da Inglaterra. Eu me encantei, me apaixonei perdidamente por ele. Tão perdidamente que desafiei minha religião, minha família, tudo em que acreditava. Como outras garotas tolas antes de mim, engravidei. Tive medo de ele jamais considerar se casar comigo, devido às suas origens. Contei a meu pai e ele, sendo um homem extremamente religioso, expulsou-me de casa, dizendo que a partir daquele momento eu deixara de ser sua filha. Então, procurei o homem amado, trêmula e apavorada, e, para minha surpresa, ele se casou comigo. Ele me amava, dizia. Nos mudamos para a cidade e por um curto espaço de tempo fui muito feliz. Ah, havia arranhões

no quadro perfeito - às vezes ele bebia muito, e quando o fazia, costumava se zangar. Uma ou duas vezes chegou a me bater, mas eu acreditava ser minha culpa por não compreender os hábitos da nobreza e ter feito algo errado.

Depois, naquele outono, ele me disse que precisava voltar à Inglaterra para cuidar dos negócios da família por um tempo. Fiquei confusa. Não compreendi por que ele não me levava com ele. Parecia ser a ocasião perfeita para apresentar a esposa à família. Entretanto, nada disse para evitar aborrecê-lo, pois seu temperamento estava ficando cada vez mais ruim. Ele partiu por quase três meses. Eu sentia terrivelmente sua falta e chorava com frequência. Ele só voltou pouco tempo antes do parto. Mas me beijou e disse palavras doces, e fiquei feliz por um tempo.

Depois que você nasceu, ele nos levou para Londres, onde nos instalou numa casinha agradável. Ele a considerava pequena e sentia falta de criados, mas eu a achei maravilhosa e fiquei feliz - ou, pelo menos, teria ficado se ele não tivesse continuado a passar uma ou duas semanas conosco e depois se ausentar durante um ou dois meses. Eu chorava toda noite antes de dormir. Parecia muito estranho Arthur não ter me apresentado à família, mesmo depois de termos nos mudado para a Inglaterra, principalmente quando descobri que a propriedade da família estava localizada perto de Londres! Eu o confrontei sobre o fato uma vez, quando voltou de uma de suas viagens, e ele ficou furioso e me bateu. Já fizera isso antes, mas nunca com tamanha fúria e animosidade, e nunca tantas vezes. Não pude sair de casa por dias, pois temia que os vizinhos vissem as manchas roxas.

Arthur bebia cada vez mais, e se enfurecia com facilidade. Ficava colérico por estar sempre a seus pés ou por fazer algum comentário que ele qualificava como "digno de uma camponesa". Tornei-me desesperadamente infeliz. Depois descobri o pior. Descobri não ser sua única esposa.

Naquela primeira viagem sozinho, ele se casara com outra mulher, uma herdeira a quem detestava. Entretanto, sua família insistira no casamento a fim de salvá-los financeiramente. Para ela era natural ele fazer aquelas viagens misteriosas. Enraiveci-me.

Chorei, implorei e tentei argumentar. Até mesmo ameacei dizer à outra que ela não era sua esposa legalmente, revelar a bigamia ao mundo. Foi então que ele teve uma explosão de raiva e me atacou com selvageria. Temi por minha vida. Você era apenas um bebê. Lembro-me de você parado em pé no berço, agarrado às barras e chorando porque o ataque dele o acordara e você podia ouvir meus gritos enquanto ele me batia. Seu choro o irritou e Arthur deu um tapa em você.

Depois saiu furioso de casa voltando, imagino, para seu outro lar. Eu sabia que precisava deixá-lo. Não queria mais conviver com ele e receava que se ficasse ele poderia nos machucar. Então recolhi algumas coisas e peguei o pouco dinheiro que havia na casa e fugi com você. Achei que ele presumiria que eu tinha voltado para a Escócia, então não ousei retornar para lá. Mas queria me afastar de Londres e de sua outra casa no sul, então fugi para Yorkshire. Assumi um sobrenome diferente e trabalhei em tarefas subalternas, pois presumi que ele não me imaginaria fazendo aquele tipo de serviço. Até hoje não sei se ele nos procurou ou simplesmente ficou contente de ter se livrado do peso. Foi um alívio saber, anos depois, que ele morrera e que o filho com a outra esposa havia se tornado lorde Dunstan.

Preocupe-me, entretanto, por ter negado a você sua verdadeira herança. Pensei que talvez tivesse sido melhor continuar com ele e revelar ser você o verdadeiro herdeiro, para que pudesse ter tido o tipo de vida para a qual nasceu. Chorei muitas vezes ao vê-lo faminto ou maltrapilho, ou trabalhando nos estábulos - para pessoas que na verdade eram seus pares! Você pode imaginar meu desespero e arrependimento quando a mulher que você amava se casou com lorde Dunstan.

Talvez você queira recuperar seu nome e título. Então, estou lhe oferecendo a prova de que necessita para mostrar que você é o verdadeiro herdeiro ao título e às terras de Dunstan. Por favor, me perdoe se o enganei e acredite que tudo o que fiz foi por amor. Seu pai era um homem fraco e a bebida o tornou cruel, mas ele me amou e amou a você também... do jeito dele. Espero que não me odeie depois de saber a verdade.

Com amor, Mamãe

Cam afastou os olhos da carta com lágrimas nos olhos. Angela estendeu a mão e a repousou em seu braço.

- Você está bem?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Sim. Pobre mulher. Carregar esse peso por tanto tempo. Gostaria que tivesse me contado.

- Tenho certeza de que ela se amargurou, corroída pela dúvida, por toda a vida.

Ele suspirou, dobrando cuidadosamente a carta e a guardando no bolso do casaco.

- O que vai fazer agora? - perguntou Angela.

Ele ficou parado por um longo momento, examinando os dois documentos legais. Finalmente disse:

- Acho que Dunstan é um nome amaldiçoado. Não quero carregá-lo. E não preciso de sua casa e terras.

- Mas Cam... e quanto ao título? Quando você voltou, queria fazer parte da nobreza, receber o respeito que nunca tivera.

Ele a fitou e balançou a cabeça.

- Não. O que queria era você. - Ele hesitou, franzindo a testa.

- Mas talvez eu deva obter o título para nosso filho para que ele cresça sendo mais do que simplesmente o filho de Cam Monroe.

E você teria direito a assumir seu lugar na sociedade. Não haveria mais comentários maldosos por você ter se casado com o "rapaz dos estábulos".

- Não posso imaginar nada melhor para nosso filho do que ser filho de Cam Monroe - respondeu Angela. - E não me importo com a sociedade. Tenho tudo que quero ou preciso aqui. - Ela levantou a mão dele e a segurou docemente contra o peito.

Cam sorriu e curvou-se para beijá-la. Depois, pegou as certidões de casamento e de nascimento, virou-se e atirou-as na lareira.

FIM

Candance Camp nasceu em Amando, Texas, em uma família ligada à imprensa. Ainda criança, começou a demonstrar talento para escrever histórias, aptidão que cultivou como seu principal hobby. Após o lançamento de seu primeiro romance, sob o pseudônimo de Lisa Gregory, resolveu abrir mão da carreira de advogada para se tornar escritora em tempo integral. Atualmente, Candace é reconhecida como uma das autoras de romances históricos de maior sucesso, e seus livros são publicados em diversos países.

Digitalização: Pam

Revisão: Cynthia

^[1] *A pedra da lua* - livro escrito por Wilkie Collins e considerado o primeiro romance policial de língua inglesa. (N. da T.)